

MESTRADO

UNIVERSIDADE ESTACIO DE SÁ

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA MARQUES PASSINHO

**EDUCAÇÃO “FORA DO AR”.
UMA ANÁLISE DA TVE MARANHENSE NAS
REMINISCÊNCIAS DOS SEUS PARTICIPANTES**

Rio de Janeiro
2008



Secretaria de Mestrado
Av Presidente Vargas n. 642 ,22 andar – Centro
20071-001 – Rio de Janeiro – RJ
Tels.: (21) 2206-9741

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA MARQUES PASSINHO

**EDUCAÇÃO “FORA DO AR”.
UMA ANÁLISE DA TVE MARANHENSE NAS
REMINISCÊNCIAS DOS SEUS PARTICIPANTES**

Rio de Janeiro
2008

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA MARQUES PASSINHO

**EDUCAÇÃO “FORA DO AR”.
UMA ANÁLISE DA TVE MARANHENSE NAS
REMINISCÊNCIAS DOS SEUS PARTICIPANTES**

Dissertação apresentada à Universidade Estácio de Sá
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação.

Orientadora. Prof.^a Dr.^a Mônica Rabello de Castro

Rio de Janeiro
2008

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA MARQUES PASSINHO

EDUCAÇÃO “FORA DO AR”.
UMA ANÁLISE DA TVE MARANHENSE NAS
REMINISCÊNCIAS DOS SEUS PARTICIPANTES

Dissertação apresentada à Universidade Estácio de Sá
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação.
Orientadora. Prof.^a Dr.^a Mônica Rabello de Castro

Aprovado em:...../...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica Rabello de Castro (Orientadora)
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ - UNESA

Prof.^a Dr.^a Lina Cardoso
UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ - UNESA

Prof.^a Dr.^a Ligia Costa Leite
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

*Para meus pais
e meus filhos,
Caroline e Jorge Segundo.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu pai eterno, fonte da vida.

À meus pais, Rosarine Rabelo e Walter Brasil Marques, que sempre foram exemplos de coragem, amor, determinação, retidão e perseverança, que fizeram, fazem e sempre farão parte de minha história.

À minha família, pela minha formação, credibilidade e o apoio de sempre. São pessoas que representaram a união nos momentos importantes.

À meus filhos, Caroline e Jorge Segundo, pela essência que existe no amor que é a razão da minha energia, persistência e luta.

À Jorge Passinho, meu marido, pelo amor e companheirismo.

À minhas amigas e amigos pela atenção, carinho e espera durante mais um empreendimento. Em especial a Maria José Penha Aragão, exemplo de pessoa, com uma forma toda especial de ser e incentivar, mesmo distante.

À Professora Rosilda Marinho Lago, pela contribuição na coleta de documentos junto à TVE/MA, fonte constante de conhecimento e reflexão.

Aos queridos amigos do Curso de Mestrado na linha de pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação nos Processos Educacionais da UNESA, Francisco de Moura Preto, Alexandre Rosado, Mayrton Bahia, Estela Oliveira e Anderson Vieira por todos os momentos vividos juntos e em especial, à querida Fernanda Caraline Carvalhal, o meu muito obrigada pela acolhida, por juntas compartilharmos em todos os momentos as incertezas, os questionamentos e por contar com o apoio amigo durante toda essa jornada.

À professora Monica Rabello de Castro, pelo apoio, segurança, carinho e confiança na orientação e nos momentos difíceis e de indecisões na elaboração desta pesquisa e pelo incentivo constante, para que eu prosseguisse e chegasse aonde cheguei.

Aos professores do Curso de Mestrado em Educação da UNESA que compartilharam conosco suas experiências e seus questionamentos. Em especial a Prof.^a Dr.^a Lucia Vilarinho, por sua valorosa contribuição no roteiro para as entrevistas.

A Ana Paula, funcionária da UNESA, do Curso de Mestrado em Educação, pelo apoio recebido nas horas precisas.

À equipe da TVE/RJ, em especial a Liana Milanez, que nos presenteou com o seu livro História da TVE e da Rádio MEC, contribuindo, assim, para consubstanciar nossa pesquisa.

À FAPEMA, pelo apoio financeiro recebido durante estes dois anos de curso.

Aos Orientadores de Aprendizagem, alunos e Supervisores, pela valiosa colaboração para a realização desta pesquisa.

A televisão não traz consigo apenas um maior investimento econômico e uma maior complexidade de organização industrial, mas também um refinamento qualitativo dos dispositivos ideológicos. Imagem plena da democratização desenvolvimentista, a televisão “realiza-se” na unificação da demanda, que é a única maneira pela qual pode conseguir a expansão do mercado hegemônico sem que os subalternos se ressintam dessa agressão.

Martín-Barbero

EDUCAÇÃO “FORA DO AR”. UMA ANÁLISE DA TVE MARANHENSE NAS REMINISCÊNCIAS DOS SEUS PARTICIPANTES

Resumo

Este estudo teve por objetivo investigar: (a) as reminiscências de sujeitos participantes dos 36 anos da experiência da TVE Maranhão, indicando a formação de uma cultura favorável, ou desfavorável, ao uso da televisão em sala de aula; e (b) em que medida tal cultura interferiu no encerramento da experiência. Optou-se pela História Oral, resgatando o conceito de memória, de Marieta de Moraes Ferreira, como um método que registra a memória viva, trazendo à tona uma história esquecida, visando a construção de uma imagem do passado abrangente e dinâmica. Para a triangulação dos dados, utilizou-se a análise documental. Foram realizadas 22 entrevistas gravadas com sujeitos que participaram da experiência entre alunos, funcionários e orientadores educacionais. A análise das entrevistas foi feita segundo o Modelo da Estratégia Argumentativa, baseado na Teoria da Argumentação, desenvolvida por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Os depoentes apontaram dois períodos distintos no funcionamento da TVE Maranhão. No primeiro, entre 1969 e 1986, teria havido grande investimento, com material para todos os alunos, orientadores de aprendizagem formados de acordo com a proposta pedagógica e suporte tecnológico para as telessalas, considerado um período de ascensão e de formação de uma cultura favorável à TV em sala de aula. No segundo período (1986 e 2005), coincidindo com a mudança na filiação administrativa, do Estado do Maranhão para o Governo Federal, teria havido diminuição gradativa dos recursos e ingresso de professores da rede pública sem nenhuma formação para o uso da TV em sala de aula e, por isso, com outra prática pedagógica, o que teria ocasionado a decadência. Os resultados mostraram grande distância entre as concepções dos professores que ingressaram tardiamente no sistema e os demais depoentes, tanto sobre o funcionamento, quanto sobre os motivos de encerramento da TVE Maranhão. Os primeiros conceberam as telessalas como salas de uma escola convencional e o encerramento devido a dois fatores: falta de interesse político e o fato de a televisão ter perdido o status de novidade. Os demais consideraram o sistema uma proposta totalmente inovadora e atribuíram o encerramento, além da falta de recursos materiais, à mudança de expectativa quanto ao trabalho realizado nas telessalas, desprestigiado, tanto internamente, na medida em que os antigos orientadores e supervisores

desacreditam no trabalho dos próprios colegas, como por parte da comunidade, que começa a preferir colocar seus filhos na rede convencional.

Palavras-chave: Televisão Educativa do Maranhão. Uso da TV em sala de aula. Educação e mídia.

Abstract

This study aimed to investigate: (a) the citizens' reminiscences of participants of the 36 years experience of TVE Maranhão, indicating the formation of a culture favourable or unfavourable, the use of television in the classroom, and (b) where measurable such culture it intervened with the closing of the experience. It was opted to Oral History, rescuing the memory concept of Marieta de Moraes Ferreira, as a method that registers living memory, emerging a forgotten history, the image construction wide-ranging and dynamic past. For the triangulation of data, it was used documentary analysis. 22 recorded interviews were made with citizens who had taken part of the experience including students, employees and educational staff. The analyses of the interviews was made following the Strategy Argumentation Strategy model, based on the Argumentation Theory, developed by Chaim Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca. The deponents had pointed two distinct periods in the functioning of the TVE Maranhão. In the first one, between 1969 and 1986, would have great investments, with material for all students, learning guides trained under the proposed educational and technological support for teleroom, considering a period of rising and training of a culture favorable to TV in the classroom. In the second period, from 1986 to 2005, coinciding with the change in the administrative joining, of the Maranhão State to Federal Government, there would have been gradual reduction of resources and ingression of teachers to the public network without any training in the use of TV in the classroom and, hence, with another pedagogical practice, which would have caused the decline. The results had shown great distance between the teacher's conceptions, those who entered lately in the system, and the others, both on the operation as on the reasons for the closure of TVE Maranhão. The first teachers have conceived the telerooms as rooms of a conventional school, and the closing due to two factors: lack of political interest and the fact of the television had lost the newness status. The other teachers considered the system a completely innovative proposal and attributed the closure, in addition to the lack of material resources, to changing expectations about the work done in the telerooms; the system was discredited, internally, as the former mentors and supervisors discredit the work done by the colleagues, as the community, which begun to prefer putting their children in conventional network.

Keywords: Educational Television of Maranhão. Use of TV in the classroom. Education and media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 1 - Demonstrativo da matrícula inicial de 1997 - 2006 nas escolas públicas usuárias da TVE/MA.....	21
TABELA 2 - Demonstrativo do nº de escolas e telessalas das Unidades Escolares da Capital, Interior da lha e Interior do Estado do Maranhão, atendidas pela TVE – Matrícula inicial /2002.....	50
FIGURA 1 Mapa do Estado do Maranhão com os respectivos Municípios atingidos pelo sinal do Canal 2 - TVE/ MA.....	50
TABELA 3 – Programação da TVE/MA – CANAL 2.....	52
TABELA 4 – Esquema de passos a seguir num Ciclo de Aprendizagem.....	56
TABELA 5 - Relação dos sujeitos entrevistados.....	64
TABELA 6 - Discussão dos resultados - Grupo 1 - subgrupo A - OAs -CEMA	135
TABELA 7 - Discussão dos resultados - Grupo 1 - subgrupo B - OAs -ESTADO.....	138
TABELA 8 - Discussão dos resultados - Grupo 2 - Alunos.....	141
TABELA 9 - Discussão dos resultados - Grupo 3 - Supervisoras.....	143

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Entrevistas do Grupo 1 - subgrupo A.....	156
ANEXO B - Entrevistas do Grupo 1 - subgrupo B.....	164
ANEXO C - Entrevistas do Grupo 2.....	169
ANEXO D - Entrevistas do Grupo 3.....	175
ANEXO E - Lei de criação do CEMA/TVE/MA.....	185
ANEXO F - Plano Pedagógico do CEMA/TVE/MA.....	187
ANEXO G - Carta de Cessão de Direitos sobre depoimento oral.....	197

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	14
1.1 APRESENTAÇÃO	14
1.2 INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	27
2.1 TV EDUCATIVA NA SALA DE AULA	27
2.2 CULTURA DE MASSA E CULTURA TELEVISIVA	34
2.3 REMINISCÊNCIAS E HISTÓRIA ORAL	41
2.4 ARGUMENTAÇÃO NAS REMINISCÊNCIAS SOBRE A TVE MARANHÃO	45
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
3.1 O CAMPO DA PESQUISA - A TVE DO MARANHÃO	48
3.2 PROCEDIMENTOS	59
3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA	62
3.4 PROCEDIMENTOS E FERRAMENTAS – MEA	65
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS.....	69
4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DO GRUPO 1	69
4.1.1 Análise das entrevistas do subgrupo A.....	69
4.1.2 Análise das entrevistas do subgrupo B.....	87
4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DO GRUPO 2	98
4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DO GRUPO 3	117
4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	134
5 CONCLUSÃO.....	145
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE	153
ANEXOS	155

CAPÍTULO I

1.1 APRESENTAÇÃO

O Mestrado em Educação já fazia parte dos meus planos para 2006. Em julho de 2005, meu marido foi selecionado para cursar o Doutorado na PUC-Rio. Aproveitando a oportunidade que ele veio junto com nosso filho, fiz a inscrição e participei do processo seletivo na linha de pesquisa Tecnologias da Informação e Comunicação nos Processos Educacionais da Universidade Estácio de Sá, sendo aprovada. Linha de pesquisa que, no Maranhão, não existe.

Sou maranhense, formada em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e especialização em Informática na Educação pelo EDUTEK/UFMA. Desempenho minhas funções profissionais na rede pública estadual e municipal. No Município, desde 2003, estou como especialista na educação. Trabalho com formação continuada para professores da educação básica infantil. No Estado, desde 1997 como professora, assumi a Vice-Diretoria de uma escola, onde permaneci até março de 2000. Em seguida, fiquei como técnica em educação e, depois, a partir de 2005, como coordenadora pedagógica no setor de Tecnologias Educacionais.

Entre abril de 2000 a abril de 2004, exerci a função de técnica em educação na Gerência Metropolitana de São Luís – estrutura organizada pela mudança administrativa adotada no final de 1998 – vinculada à Gerência de Desenvolvimento Humano (GDH), encarregada de estabelecer políticas, fomentá-las e articulá-las ao sistema educacional através de ações de melhoria do ensino público no Estado do Maranhão. Lá, tive a oportunidade de acompanhar o trabalho pedagógico desenvolvido pelas escolas, inclusive do Sistema de Televisão Educativa – TVE/ MA – que, em 2000, atuava com 48 escolas, 655 telessalas e 26.655 alunos, na Capital e interior da Ilha, nos municípios da Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar. Entrava nessa contagem, também, o município de Alcântara, por estar localizado próximo à Ilha de São Luís. Neste mesmo período, no interior do Maranhão, a TVE contava com 69 escolas e 21.322 alunos em 630 telessalas.

Fazíamos um assessoramento junto às instituições nos mais diversos aspectos pedagógico, administrativo, financeiro, de recursos humanos, entre outros. Acompanhei todo

o processo de decadência gradativa da TVE, que, em 2004, encontrava-se na região metropolitana com 44 escolas, porém com redução no número de telessalas para 498 e uma significativa diminuição de alunos, chegando a 17.890. No interior do estado, diminuiu para 20 escolas, 7.766 alunos em 275 telessalas.

Em 1969, a utilização da televisão em sala de aula no Estado do Maranhão ainda era novidade. A grande maioria não tinha conhecimento dessa tecnologia que estava chegando ao mercado. Além de utilizar a televisão como recurso pedagógico, o sistema da TVE maranhense implantou uma série de inovações, tanto na estrutura curricular, quanto no processo didático, no relacionamento professor/aluno, na organização da sala de aula e na avaliação em geral. Era um sistema que tinha seis disciplinas obrigatórias em sua grade curricular: Português, Matemática, Geografia, Ciências, História e Educação Moral e Cívica. Incluía, também, Inglês, Desenho, Organização Política Social Brasileira e Iniciação para o Trabalho – esta última criada para instrumentalizar o aluno com habilidades, técnicas e conhecimentos capazes de fazê-lo ingressar no mercado de trabalho.

A TVE/MA possuía um currículo de caráter polivalente, com a existência das Feiras de Ciências, Festival de Artes, Exposição de Artes Práticas e Olimpíadas, que funcionavam como elementos catalisadores do processo formativo prático dos adolescentes (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p. 87). O sistema marcou a política educacional do Estado e deixou muitas saudades na sua comunidade local.

Vivenciei de perto o problema, as reclamações de alunos, Orientadores de Aprendizagem e Diretores, que acreditavam na proposta do sistema. Era uma iniciativa inovadora e tipicamente brasileira. Supria a carência de professores, reforçando o sistema formal de ensino, direcionado ao público adolescente carente, para cursar da quinta a oitava série do Ensino Fundamental. A educação escolar chegava onde não havia professores com as qualificações necessárias e a utilização da televisão tornou-se o principal recurso no processo de aprendizagem.

Havia um Orientador de Aprendizagem na sala de aula para esclarecer dúvidas, intermediar a transmissão e o material impresso. As dúvidas e angústias da comunidade educacional são alguns dos motivos que suscitaram o interesse para a realização desta pesquisa, que remonta ao tempo que vivenciei o trabalho e a experiência de cinco anos em que atuei na Assessoria do Ensino Fundamental da Gerência Metropolitana de São Luís do Maranhão.

1.2 INTRODUÇÃO

O uso da TV em sala de aula deve ser encarado como um projeto, de preferência coletivo, compartilhado entre diversos profissionais de um estabelecimento escolar. O poder e a influência da TV só podem ser revertidos em conhecimento escolar na medida em que o uso da TV em sala de aula seja a consequência de um conjunto de atividades e reflexões compartilhadas (o que não invalida as eventuais iniciativas individuais). (NAPOLITANO, 2002, p. 25).

O processo de aprendizagem, conforme Napolitano (*op.cit.*), não acontece somente nas instituições educativas, mas também no interior do mundo audiovisual. Utilizar o material televisivo, que tanto fascina em casa, ou mesmo em sala de aula, proporciona crescimento intelectual. Pesquisas feitas pela McCann-Erickson¹ no segundo semestre de 1995, com crianças da classe média de São Paulo, constataram que elas costumam ficar entre três a quatro horas em frente da televisão, sendo que 63% tem TV no próprio quarto (MAGALHÃES, 2001).

Não se pode negar a importância da TV para a população, do ponto de vista da socialização e das diversas informações e do lazer:

[...] a televisão deve ser considerada como uma oportunidade para a democratização do conhecimento e da cultura, para a ampliação dos sentidos, para a potenciação da aprendizagem. A televisão representa a cultura da opulência e da diversidade, a cultura da liberdade, das opções múltiplas. (FÉRRES, 1996, p. 26)

A presença da mídia na vida cotidiana, no entanto, é marcada por uma visão que atribui mais malefícios do que benefícios. Barros Filho (1995, p.25) afirma que “a televisão é o principal manancial de referenciais cognitivos dos alunos, e muitos professores têm um preconceito tão grande que se tornam incapazes de sequer reconhecer esses mananciais.”

Apesar de ser considerado um recurso privilegiado à educação, motivando projetos e programas para sua utilização, ao mesmo tempo gera desconfiança de outros (CARVALHO, 2005). Muitas têm sido as críticas sobre a influência da televisão na formação de crianças e jovens, despertando o interesse de pesquisadores para o tema.

Pfromm Netto (2001), em suas pesquisas sobre a problemática dos efeitos produzidos nas crianças causados pelo uso demasiado da televisão, reclama da pouca atenção

¹ A McCann WorldGroup foi criada em 1996 para atender às necessidades de comunicação. É uma rede de comunicação interligada que engloba serviços de planejamento e execução para propaganda, promoções, internet, relações públicas, marketing social, marketing de relacionamento e consultoria de marca / design. A McCann está no Brasil desde 1935 e possui quatro escritórios: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Brasília. Disponível em: <http://www.mccann.com.br>. Último acesso em 26 de janeiro de 2008.

que tem sido dada, no domínio da psicologia, à exposição potencialmente perigosa das crianças à violência e a outros comportamentos indesejáveis exibidos. O autor recorre às conclusões de Singer (*apud* Ffromm Netto, 2001, p. 118) para sustentar seu argumento.

Visto como as provas derivadas de pesquisas continuam a demonstrar uma associação de possível natureza causal entre ver muita televisão ou exposição regular a conteúdos de programas violentos e comportamento agressivo manifesto em crianças, a televisão tem a ver com problemas de saúde mental pública e problemas de que trata a psicologia clínica. Se as crianças consomem quatro a cinco horas por dia diante do televisor após a escola, é menos provável que possam dedicar tempo à leitura e as tarefas escolares para casa. Ficam, portanto, claras as implicações para a psicologia educacional.

O autor acrescenta que cabe aos psicólogos a orientação para a utilização da televisão para diversos segmentos.

Os psicólogos devem atuar no sentido de influenciar os pais para que monitorizem o que seus filhos assistem ou o tempo que consomem frente à televisão. Devem orientar os professores sobre os usos construtivos da televisão na sala de aula. Devem procurar aconselhar os representantes da indústria a respeito das possibilidades de fornecimento de programação mais útil para a educação das crianças assim como para sua recreação, programação que também possa reduzir o impacto potencial negativo nas crianças do excesso de consumo da televisão. (SINGER *apud* PFROMM NETTO, 2001 p. 121).

A falta de investigação sobre outros efeitos imediatos ou duradouros da exposição à televisão e, também, a mensagens publicitárias para verificar em que extensão estão “seduzindo os inocentes” também são discutidas, como por exemplo, as campanhas relacionadas ao fumo e às bebidas, que dão ênfase à boa vida, a lugares bonitos e aventuras.

Em 1976, Pfromm Netto (2001) realizou pesquisa com adolescentes sobre a presença da televisão no lar. Concluiu que o uso da TV indiscriminadamente tem reduzido, cada vez mais, o tempo que, antes, era destinado a estudos e brincadeiras. As meninas informaram que iam ao cinema, liam jornais, livros e revistas, ouviam rádio e passeavam, nesta ordem. Quanto aos meninos houve uma diferença na prioridade das ações. Em primeiro lugar ouviam rádio; em seguida ficou a leitura de livros e de jornais, ida aos cinemas, leitura de revistas e passeios. Todos indicaram que sentiriam muita falta da televisão, caso hoje não existisse mais.

As posições dos pesquisadores sobre o problema da exposição de crianças à televisão, no entanto, não é coesa. Duarte (2006, p.1), por exemplo, questiona as preocupações dos pesquisadores com relação às influências que a TV pode causar às crianças.

Alguns milhões desses espectadores mirins têm pouco ou nenhum acesso a outros bens culturais, a atividades esportivas e mesmo a uma educação de qualidade e, por essa razão, têm na tevê sua principal fonte de informação e de lazer. Sendo assim, é compreensível que os meios educacionais se preocupem com o considerável poder de penetração da televisão e, acima de tudo, com a influência que ela pode exercer sobre opiniões, crenças, valores e visões de mundo daqueles que com ela se relacionam mais intensamente, isto é, crianças em idade escolar. Mas parece haver muito exagero nessas preocupações.

Para ela, as preocupações que encontrou nas diversas pesquisas que levantou em 2007 são exageradas. Referindo-se aos temas pesquisados permeando a mídia-educação e seu papel na socialização de crianças e jovens, especificamente no Brasil, ela considera que a área de estudo ainda é muito restrita.

Os pesquisadores se dedicam a pensar, descrever e compreender os mecanismos de caráter especificamente educativo das mídias, tomando como objeto de estudo os produtos midiáticos, no sentido de avaliar o impacto social destes na vida, nos hábitos e visões de mundo de seus distintos usuários, assim como o uso que é feito dos mesmos, assim como de suas tecnologias de suporte, em contexto educativo (formal e informal). (DUARTE, 2007, p.27).

Em sua visão, apesar de serem diversos os temas quanto à utilização das mídias educativas, seus efeitos são mais práticos do que teóricos.

Bucci (2001, p. 18) considera o uso da TV no contexto social muito importante para a educação. Para ele, “saber ver criticamente a televisão é condição básica para o exercício da cidadania”. Dentro desta perspectiva positiva, Ferrés (1996, p.7) afirma que “uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa”. Sua preocupação se concentra em torno da maneira como o cidadão produz uma interpretação para o que vê. Neste sentido, a escola teria por obrigação preparar o aluno para assistir a programação, visto que têm uma dedicação muito grande à televisão. Afirma, ainda, que “a televisão tornou-se o instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização” (*op.cit.*). Desse modo, a escola deveria proporcionar ao aluno uma leitura crítica da cultura audiovisual. Essa perspectiva será aprofundada no capítulo seguinte.

Para compreendermos o uso positivo da televisão na educação, é preciso, ainda, resgatar o seu surgimento. Em 1964, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) organizou reunião com educadores dando início à elaboração de um projeto para a criação, sob forma de Fundação, do Centro Brasileiro de TV Educativa (FCBTVE), que se realizou em 1967, conforme a Lei nº 5.198, gozando de autonomia administrativa e financeira, supervisionado pelo Departamento de Ensino Supletivo (MEC), sediada na cidade do Rio de Janeiro (ALMEIDA, 1973).

A FCBTVE realizou diversas produções caracterizando-se como um centro de produção, aquisição e distribuição de material audiovisual destinado à radiodifusão educativa, contribuindo de forma direta e indireta para a expansão e o aperfeiçoamento da televisão educativa no país (ALMEIDA, 1973)².

No Brasil, o sistema de Televisão Educativa foi sendo implantado gradativamente. Entre 1967 e 1974, surgiram diversas emissoras. Foram, precisamente, nove com razão social e vinculações bem diversas. A produção realizada pelas televisões educativas no Brasil, em geral, é destinada a séries informativas e culturais.

No Maranhão, a experiência da televisão educativa, por iniciativa do Governo, foi diferente das demais. Surgiu da necessidade apontada por uma pesquisa realizada em 1968 sobre as condições sócio-educacionais, sendo encontrado acentuado *déficit* na escolarização do Ensino Fundamental, antigo curso Ginásial (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p. 69). Diante dos resultados, foi ampliado o sistema vigente – tradicional presencial – com a implantação do sistema de televisão escolar, que foi feito, segundo Almeida (1973), com grande sucesso e repercussão nacional, permanecendo na estrutura político-educacional maranhense durante 36 anos. Apesar desse sucesso, a experiência está, hoje, “fora do ar”, intrigando e entristecendo os que a conheceram.

A Televisão Educativa no Maranhão foi criada em 1º de dezembro de 1969 e se tornou referência nacional, principalmente por ser experiência pioneira no Brasil. Foi um

² Dentre outros, a autora destaca 17 projetos: o Curso Supletivo “João da Silva”, pela dramatização de uma telenovela, eram ensinamentos do antigo primário para adultos (supletivo); Reforma do Ensino, Didático-informativa, com objetivo de divulgação da Lei 5.692/71 acelerando sua implementação; Português II – “Brasil através dos textos”, Didático-cultural direcionado aos adolescentes e adultos; Flashes, Programas informativos, educativos e culturais para o público em geral, com informações de utilidade pública, orientação sobre direitos e deveres, higiene individual e coletiva e outros; Universidade Popular, Recreativo, educativo e cultural, abordando problemas brasileiros, curiosidades científicas, progresso tecnológico, variedades sobre artes e outros, para a população em geral; Documentários, Didático, cultural, informativo, divulgando eventos significativos da vida histórica, econômica e cultural; Entrevistas Educacionais, Informativo, educativo, cultural, enfocando interesses individuais e comunitários; Recital TVE, Recreativo, cultural, divulgando músicas e danças; Pequena Antologia da Música Popular Brasileira, Recreativo, cultural, divulgação e apreciação da música popular brasileira e Teatrinho Peteleco, Educativo, recreativo, para o público infantil de 7 a 12 anos, estimulando a comunicação e expressão (ALMEIDA, 1973).

projeto pedagógico inovador, com ações estudantis durante o ano letivo, tais como feiras de ciências, festival de artes, olimpíadas e exposição de artes plásticas, que motivaram e complementaram a aprendizagem das matérias (ALMEIDA, 1973). O projeto servia à formação dos adolescentes pelo modelo de inclusão e atuação dos professores, como docentes e comunicadores, e pelos bons resultados pedagógicos e sociais que vinha apresentando.

A TVE no Maranhão surgiu como uma resposta ao quadro insustentável de educação no Estado, na tentativa de resolver os graves problemas diagnosticados que deixavam à margem uma demanda de 95,2% da população escolarizada de primeiro grau. Com essa motivação, começaram a emitir programas, em circuito fechado, para alunos da quinta à oitava série (ALMEIDA, 1973).

O uso educativo da televisão não era apenas para transmitir ensino, mas para incentivar a classe popular a exercitar seus questionamentos e estimular o espírito crítico objetivando uma participação democrática. Era mediado por um Orientador de Aprendizagem, que, ao final das programações veiculadas, levantava um problema ou uma questão para discussão. Nesse ambiente, os alunos dispunham de um manual que permitia realizar pesquisas e aprofundar os conteúdos trabalhados.

Neste cenário favorável ao uso do sistema televisivo na educação maranhense, cabe perguntar: quais impactos eram esperados da TVE/MA com a sua implantação? O que aconteceu ao longo de seu 36 anos de funcionamento? Da sua proposta inicial, o que mudou para que atualmente chegasse à situação que chegou, ou seja, ficar “fora do ar”? Seu funcionamento produziu uma cultura favorável ao uso da televisão em sala de aula? O encerramento de suas atividades ocasionou uma possível cultura não favorável ao uso da TV educativa?

Alvo dessa investigação, o sistema foi um programa de repercussão nacional, com muitos projetos realizados, histórias interessantes e relevantes suficientes para permitir uma análise concreta e específica. Foi investigado o seu funcionamento, sobretudo no período observado, que aponta um declínio considerável em sua estrutura, a partir de 2002, conforme tabela a seguir.

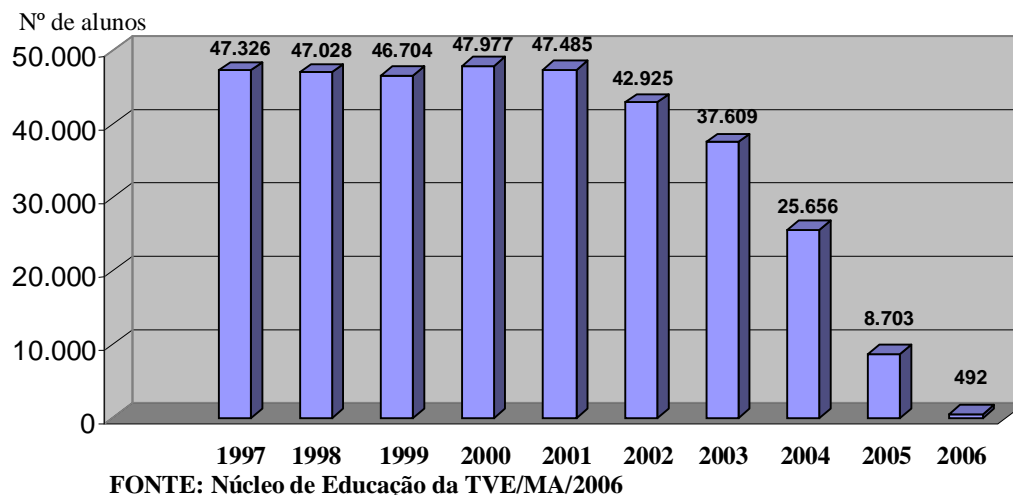


TABELA 1 - DEMONSTRATIVO DA MATRÍCULA INICIAL DE 1997 - 2006 NAS ESCOLAS PÚBLICAS USUÁRIAS DA TVE/MA

Um número de alunos, cada vez menor, indica que a TVE do Maranhão vinha sofrendo processo de decadência e desestruturação em seu funcionamento. Alguns fatores relevantes foram apontados, na tentativa de justificar essas mudanças, tais como a falta de capacitação ao corpo docente, técnico e administrativo; falta de livros e cadernos para atividades de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia; não aquisição de equipamentos e peças de reprodução para o Centro de Produção da TVE e insuficiência de aparelhos televisivos, antenas externas e internas para televisores (SILVA, 1987). Observa-se que os motivos apontados referem-se a investimentos políticos.

Durante o seu percurso educacional, a TVE/MA sofreu transformações institucionais transitando entre fundações e autarquias estaduais. De 1969 a 1980 era do Governo Estadual, chamada Fundação Maranhense de Televisão Educativa – FMTVE. Em 1980, com a Lei nº 4.242, foi transformada em autarquia, adquirindo a razão social Instituto Maranhense de Tecnologia Educacional – IMTEC-TVE. Em 1986, passou para o Governo Federal, como Diretoria da Fundação Roquette-Pinto ligada à TVE do Rio de Janeiro, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura. Em 31 de dezembro de 1997, foi extinta e, paralelamente, criada a Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (ACERP). Em

2006, a TVE/Maranhão cancelou o contrato existente e a ACERP fechou suas portas finalizando seus trabalhos educacionais por falta de estrutura e recursos financeiros.

Almeida (1973, p. 71) realizou pesquisa com os telealunos da sexta série do ensino de primeiro grau do Centro Educacional do Maranhão (CEMA) da TVE Maranhão, envolvendo, também, alunos de Teresina, no Estado do Piauí (ensino tradicional), com o objetivo de verificar o rendimento escolar atingido das duas cidades. A pesquisadora verificou que:

a diferença de rendimento escolar entre os telealunos do sistema de televisão escolar de São Luis do Maranhão e os alunos do ensino tradicional de Teresina, capital do Estado do Piauí, medido através de provas de Português, Matemática, Geografia, História e Ciências. A diferença de rendimento evidenciada resultou favorável ao sistema de televisão escolar do Centro Educacional do Maranhão

Três recomendações foram feitas em sua pesquisa:

1. Necessidade de se fazer uma experiência piloto, totalmente controlada, para detectar o nível de rendimento atingido e as mudanças de comportamento provocadas pelo sistema;
2. Necessidade de se fazer um estudo detalhado de todo o complexo metodológico do sistema para possibilitar a identificação dos fatores causativos de rendimento;
3. Necessidade de uma avaliação permanente, série a série, a ser desenvolvida, por órgãos ou entidades de pesquisa, (além da avaliação realizada pela Fundação Maranhense de Televisão Educativa), antes de se expandir ou extrapolar a experiência (*op. cit.*, 1973, p.72).

O trabalho pedagógico realizado pelo sistema de televisão educativa no Maranhão, portanto, foi considerado satisfatório e positivo, alcançando, assim, seus objetivos. Com programação especificamente instrucional, a TVE/MA divergia das demais emissoras, que possuem programações culturais e de entretenimento. Também se diferenciava da televisão comercial brasileira, cuja preocupação central gira em torno da rentabilidade de seus produtos comerciais e programas de auditório (CARVALHO, 2005).

Stone (1988), ao avaliar dois sistemas brasileiros de televisão educativa nos estados do Maranhão e do Ceará, focalizou os resultados numa perspectiva histórica, incluindo custos, aprendizagem cognitiva, resultados sociais, entre outros. Em suas conclusões, informa que os projetos foram implantados para criar oportunidades educacionais onde não havia professores plenamente qualificados e que os objetivos foram alcançados.

A Televisão Educativa, muitas das vezes, é acusada de tornar os alunos passivos embora a mesma acusação possa ser feita contra livros, considerando que ambos são meios através dos quais os alunos recebem informações. A TVE, por sua natureza, é também centralizada: todas as escolas recebem os mesmos programas – a TV fala com os alunos, mas os alunos não falam com ela. Um sistema de TVE, portanto, pareceria ser rígido, centralizado e autoritário. As experiências do Maranhão e do Ceará têm demonstrado que isto não é necessariamente a verdade. (...) No sistema maranhense, pelo menos no início, os alunos participaram no funcionamento da escola através de processos que foram muito mais democráticos que aqueles praticados na sociedade naquela época. É importante registrar que a TV não foi apenas uma justaposição ou emenda a uma filosofia educacional progressista; a TV facilitou a operacionalização de tal filosofia (p.90).

A pesquisa apontou, ainda, que avaliar sistemas de televisão educativa, “alvos em movimento” com suas épocas áureas, seus períodos de decadência e recuperação, sendo avaliados num determinado momento, é tirar uma fotografia da situação daquele momento, fornecendo uma visão incompleta, ficando excessivamente otimista ou excessivamente pessimista.

Silva (1987) propôs uma pesquisa com os Orientadores de Aprendizagem e alunos sobre a sistemática de trabalho da TVE para verificar como a práxis educativa se realizava na telessala, evidenciando, como pano de fundo, o Plano Pedagógico do sistema. O intuito foi compreender a filosofia adotada e identificar as distorções encontradas entre o que foi proposto, quando da implantação deste sistema, e sua realidade naquele momento.

Para justificar a manutenção desse sistema de ensino é necessário resgatar a “Filosofia de Trabalho” implantada no Sistema Maranhense de TVE com alguns ajustes que se fazem necessários à realidade atual. Assim, temos a TVE Maranhão, não apenas como uma modernização do sistema de ensino com novos métodos e técnicas, mas, sobretudo, como uma forma de contribuir na efetividade de uma proposta educacional que dê oportunidade aos educandos de libertarem-se da condição de meros receptores passivos a tornarem-se seres capazes de reflexão e atuação em sua realidade próxima concreta. (*op.cit.*, p.123)

Ficou evidente que a preferência por essa modalidade de ensino está diretamente relacionada à filosofia de trabalho proposta, quando da implantação do sistema, e não pelas possibilidades que este recurso audiovisual pode oferecer ao ensino.

O sistema de Televisão Educativa do Maranhão destinava-se a uma produção exclusivamente instrucional, utilizando o ensino à distância e presencial concomitantemente, diversificação e abrangência das atividades curriculares, utilização de princípios inovadores de aprendizagem, em que o aluno tornava-se o sujeito construtor do próprio conhecimento.

Foi um sistema de televisão que se utilizou de recepção organizada, com alunos matriculados em classes regulares, controle de frequência e acompanhamento de seu desempenho nas áreas curriculares, materiais utilizados, avaliação e promoção.

Destinado à população de baixa renda impossibilitada de frequentar escolas, uma vez que a maioria das instituições do ensino fundamental pertencia à rede particular, o sistema maranhense da TVE possibilitava melhorar o padrão sócio-econômico e cultural dessa margem de excluídos (ALMEIDA, 1973). Os índices nos revelam, hoje, que a situação ainda se encontra em níveis preocupantes.

O Maranhão, apesar de ter um solo rico, é um dos mais pobres do país. Seus indicadores sociais são os piores no âmbito nacional. Lemos (2005) revela a situação crítica em que se encontra o Estado. Em sua pesquisa, foi criado o Índice de Exclusão Social (IES), que expressa o grau de privações enfrentado pelas pessoas em termos de renda, água tratada, saneamento, coleta de lixo e escolaridade, elaborado a partir das dificuldades que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mostrava para aferir padrões de bem-estar ou mal-estar de uma comunidade. Constatou-se que o Maranhão é o Estado com o maior percentual de excluídos, uma vez que nele se encontram os municípios com maior IES (município de Fernando Falcão), e com a menor renda média do chefe da família (município de Cantanhede).

O percentual de excluídos chegou a 50,3% na pesquisa. A população não tem acesso à água encanada, esgoto sanitário ou até mesmo fossa séptica. Não existe coleta de lixo, tampouco a seletiva. Constatou, ainda, que a maior parte das crianças com 10 anos de idade é analfabeta e as famílias vivem, apenas, com renda entre zero a dois salários mínimos.

A situação não é diferente das pesquisas direcionadas à educação. No ato de criação da TVE no Estado, em 1968, foi promovido estudo para fundamentar a ampliação do sistema tradicional para implantação do sistema de televisão educativa. Os resultados revelaram que:

No ano de 1958, apenas 22,2% da população na faixa etária de 7 a 11 anos frequentava a escola primária, e até 1968 este percentual tinha atingido não mais que 34,3%. Observou-se que, no ano de 1968, apenas 1,3% da população na faixa etária de 11 a 21 anos frequentava a escola primária e somente 4,8% no ano de 1968 no ensino fundamental (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p. 78).

Com estes resultados, a implantação da TVE Maranhão foi realizada com vistas a ampliar as oportunidades de atendimento e oportunizar ensino de qualidade a alunos de

diversas localizações no estado. Os seus 36 anos de produtividade educacional foram um bom tempo para o desenvolvimento de uma cultura televisiva no sistema educacional maranhense.

Diante do quadro descrito, esta pesquisa visa investigar as reminiscências de sujeitos participantes da experiência da TVE Maranhão, sobretudo em seus últimos dez anos, determinando se foi criada uma cultura favorável ou desfavorável ao uso da televisão em sala de aula e em que medida tal cultura interferiu no encerramento dessa experiência.

Com o propósito de verificar o objetivo desta pesquisa, elaboramos alguns objetivos específicos:

- a. Levantar as lembranças mais frequentes sobre a TVE do Maranhão.
- b. Analisar os argumentos prós e contras à utilização da TV em sala de aula.
- c. Estabelecer os motivos pelos quais o uso da televisão educativa na rede estadual maranhense foi diminuindo ao longo do tempo.
- d. Caracterizar o que ficou esquecido nos projetos.
- e. Confrontar reminiscências e dados encontrados na documentação disponível sobre a TVE do Maranhão.

Esta dissertação foi organizada em quatro capítulos. No Capítulo I, uma breve apresentação explícita a motivação para desenvolver essa pesquisa. Na introdução, relatamos, ainda que brevemente, o funcionamento da TVE/MA nos seus 36 anos de existência, desde sua criação até sua decadência; apontamos o estado da arte das pesquisas no que diz respeito ao tema TVE Maranhão, onde encontramos poucos trabalhos; problematizamos a questão da formação de uma cultura favorável à utilização da TV em sala de aula; desenvolvemos a problemática deste estudo, elencamos os objetivos (geral e específicos); apresentamos o conteúdo dos capítulos seguintes.

O Capítulo II trata do referencial teórico-metodológico que respalda esta pesquisa sobre a TV Educativa na sala de aula. Iniciamos com a televisão educativa sendo utilizada na sala de aula e seus impactos na cultura da sociedade de massa. Sobre cultura de massa e cultura televisiva contrapomos a visão de Theodor Adorno, sobre a indústria cultural, com a de Jesús Martín-Barbero, que defende a idéia de que as demandas sociais interferem na recepção, constituindo uma mediação mais importante que o meio na compreensão do fenômeno social da TV. Apresentamos nossa opção pela metodologia da História Oral, implantada no Brasil em 1975 (FERREIRA 2005), respaldada teoricamente em Verena Alberti, Marieta de Moraes Ferreira e José Carlos Sebe Bom Meihy, resgatando, historicamente, o conceito de memória na visão de Marieta de Moraes Ferreira. Discutimos sua evolução e sua importância, articulando ao conceito da Teoria da Argumentação e o de

reminiscências, no intuito de discutir o processo de construção da memória social e individual nas reminiscências dos participantes da TVE Maranhão.

No Capítulo III, apresentamos os procedimentos metodológicos, o Campo da Pesquisa – a TVE Maranhão – onde descrevemos a criação do CEMA, no contexto da TVE/MA, e sua importância nos seus 36 anos de existência, com os respectivos municípios atingidos pela transmissão; seu projeto pedagógico, citando a estrutura organizacional dos programas de TV, material impresso utilizado e atuação do Orientador de Aprendizagem. Os sujeitos da Pesquisa são apresentados, os critérios de sua escolha, onde foi, de que forma se deu a sua participação no processo, sua colocação atual e outros. Descrevemos a técnica de coleta de dados, a entrevista, transcrição dos depoimentos, carta de cessão de direitos e a técnica de análise dos dados: o Modelo da Estratégia Argumentativa.

No Capítulo IV, apresentamos os depoimentos dos sujeitos nas entrevistas colhidas, com as respectivas análises, cruzamentos dos dados, resultados obtidos e as conclusões.

Vale ressaltar que foi inserido no título deste trabalho o uso da metáfora “fora do ar”, com o intuito de chamar atenção ao objeto deste estudo: possíveis relações entre o encerramento das atividades da TVE Maranhão e uma cultura favorável ou desfavorável ao uso da televisão em sala de aula.

CAPÍTULO II – REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 TV EDUCATIVA NA SALA DE AULA

Há 58 anos a televisão brasileira iniciou suas transmissões baseando-se no modelo norte-americano. Surgiu sob forte influência de interesses econômicos, servindo à indústria, ao comércio e à publicidade. Empresários forneciam os recursos necessários para sua expansão, visando torná-la mais atrativa e mostrar seus produtos para, conseqüentemente, serem mais consumidos em busca de um lucro maior.

Esses canais exclusivamente comerciais surgiram a partir da década de 1950, nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. No dia 18 de setembro de 1950, foi instalada a primeira emissora de televisão, a TV Tupi, sendo a primeira, também, da América do Sul. Nos anos seguintes surgiram a TV Paulista, a TV Rio e a TV Record.

Em 1952, no Rio de Janeiro, ainda Distrito Federal, o presidente da República, Getúlio Vargas, concedeu outorga a canais de televisão educativa e, com essa oportunidade, um grupo de empreendedores liderados por Edgar Roquette-Pinto³ conseguiram a concessão da Televisão Educativa no canal 2, conforme Decreto 30.832, de 10 de maio de 1952, que continha apenas um artigo:

Fica outorgada concessão à Prefeitura do Distrito Federal, nos termos do artigo 4º parágrafo 2º do decreto n. 29.783, de 19 de junho de 1951, para estabelecer, a título precário, por intermédio da Rádio Emissora Roquette-Pinto sem direito de exclusividade, uma estação radiotelevisão na cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal) de acordo com as cláusulas que este baixam, assinadas pelo ministro de Estado dos Negócios da Viação e Obras Públicas. (MILANEZ, 2007, p. 13)

O Decreto foi publicado no Diário Oficial de 14 de maio de 1952 e mesmo a

³ Médico legista, professor, antropólogo, etnólogo e ensaísta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 25 de setembro de 1884, e faleceu na mesma cidade em 18 de outubro de 1954. Pioneiro da radiofonia no Brasil com o objetivo de difundir a cultura. Professor de História Natural na Escola Normal do Distrito Federal (1916) e de Fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai (1920). Fundou, em 1923, na Academia Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha fins exclusivamente educacionais e culturais e que, em 1936, passou a pertencer ao Ministério da Educação. Diretor do Museu Nacional de 1926 a 1937, realizou a maior coleção de filmes científicos no Brasil, sendo considerado um dos pioneiros no cinema educativo no país. Em 1932, fundou a Revista Nacional de Educação; fundou e dirigiu, a partir de 1937, no Ministério da Educação, o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), onde ficou até se aposentar, em 1947 (CARVALHAL, 2008).

concessão do canal 2 acontecendo em um tempo recorde, por desinteresse político, o projeto foi engavetado.

As primeiras experiências com o sistema de televisão educativa baseavam-se em produções autodidatas, com improvisos e criatividade, ocorrendo entre as décadas de 1960 e 1970. Na década de 1960, surgiram algumas experiências como a TV Escolar, em São Paulo, a Fundação João Batista do Amaral e a Universidade da Cultura Popular do Rio de Janeiro. Porém, encontramos registros de que, desde 1958, a estação de TV Educativa da Universidade de Santa Maria (RS) já produzia alguns programas de educação⁴. Efetivamente a primeira emissora de Televisão Educativa a entrar em operação foi a TV Universitária de Pernambuco, em 1967 (MILANEZ, 2007). A partir daí, foram surgindo outras⁵.

Inicialmente, a televisão surgiu de uma proposta comercial, de publicidade, por ser um meio de comunicação que atinge a massa – a grande maioria da população – e foi se expandindo por ter mostrado seu poder de manipulação. Com expressivo potencial, os educadores interessaram-se e propuseram seu uso na educação, visando um resultado positivo no processo ensino-aprendizagem, que contribuísse para o desenvolvimento educacional e cultural do país. Logo, em 1969, um dos usos propostos foi a teleducação ou educação a distância, concebida como um instrumento especial de instrução.

De acordo com Pfromm Neto (2001, p. 50),

Educação a distância supõe basicamente o emprego de uma, duas ou mais formas de tecnologia educacional, para fins de apresentação de informação, realização de exercícios, avaliação e orientação geral da aprendizagem do estudante. Os sistemas de educação a distância podem, em diferentes graus, que variam do máximo ao mínimo ou nulo, ser acoplado a (ou interagir com) sistemas de educação presencial, que dependem da atuação “ao vivo”, direta de um professor, treinador ou animador junto ao aprendiz. A distância pode ser espacial, temporal ou espaço-temporal, como ocorre quando uma série de gravações em áudio ou audiovisuais e os livretos que as acompanham, produzidos em certo local, passam a ser usados em localidades distantes, meses ou anos após sua produção, para fins de ensino ou treinamento.

⁴ Mais informações ver: MILANEZ (2007).

⁵ TVE do Amazonas – Fundação Pública vinculação Estadual com a Secretaria de Comunicação; TVE do Ceará – Fundação Pública vinculação Estadual com a Secretaria de Educação; TVE do Espírito Santo – Fundação Pública vinculação Estadual com a Secretaria de Educação; TVE do Maranhão – Fundação Pública vinculação Estadual com a Secretaria de Educação (nosso campo de pesquisa); TVE de Pernambuco – Universidade vinculação Federal com o Ministério da Educação (primeira emissora educativa a entrar no ar em 1967); TVE do Rio de Janeiro – Fundação Pública vinculação Federal com o Ministério da Educação; TVE do Rio Grande do Norte – Universidade vinculação Federal com o Ministério da Educação; TVE do Rio Grande do Sul – Administração Direta vinculação Estadual com a Secretaria de Educação e TVE Cultura de São Paulo – Fundação Privada vinculação Estadual com a Secretaria de Cultura. Na década de 80, surgiram, ainda, a TVE da Bahia, a TVE de Minas Gerais e outras.

O primeiro sistema educativo que incorporou o uso da televisão na sala de aula difere do tradicional, pois possuía metodologia própria. Convém analisar a complexidade dessa incorporação, tanto em relação aos seus níveis de produção, de circulação e recepção como também e, principalmente, nos seus diversos conteúdos. Perante o problema, dominaram diferentes visões sobre a forma como é concebido o uso da televisão na educação: de aceitação otimista da recepção, como a de Marshal McLuhan, de “demonização” na produção, como a de Theodor Adorno, e uma postura que defende a indiferença na circulação, como a de Umberto Eco.

A relação entre televisão e escola tem sido vista sob diferentes aspectos relativos ao seu conteúdo: como forma de mercadoria, em que existem telespectadores que são consumidores e compram; como forma de sociabilidade, em que é compartilhada entre telespectadores, que são os cidadãos consumidores; como forma de comunicação, em que telespectadores recebem mensagens decodificando-as; como forma de cultura, desfrutada por telespectadores que são também fruidores. São eixos que compõem o uso social da televisão, indicam o grau de mediabilidade no nosso dia-a-dia, na nossa vida (NAPOLITANO, 2002). São categorias de conteúdos que uma mesma pessoa pode vir a se relacionar numa única situação.

Os que estão envolvidos com a televisão enquanto cidadãos consomem os produtos apresentados, decodificam as mensagens emitidas e são fruidores de uma cultura na qual estão inseridos. A relevância dada a uma dessas categorias depende do indivíduo, do grupo ou classe social em que se encontram. Levam-se em consideração alguns fatores importantes nesse contexto relativos à relação entre razão e emoção: quanto à razão, no sentido de estabelecer relações lógicas para conhecer e, conhecendo, compreender e, conseqüentemente, raciocinar; quanto à emoção, a reação a uma imagem inesperada, agradável ou desagradável, a alienação ou participação, o sonho ou realidade, o lazer ou trabalho, o tédio ou fascinação, fatores que podem denunciar o tipo de influência que a TV exerce sobre seus consumidores. Esses fatores, considerados primordiais para se compreender o uso da televisão na sala de aula, são as visões dos teóricos sobre o uso.

Para McLuhan (2000, p. 158), a televisão surgiu como indicativo de uma nova era na comunicação e na vida cultural, marcada por uma nova oralidade, fruto da articulação entre o oral, o auditivo e o visual entre os seres humanos. Essa nova era substituiria o livro e a palavra escrita como meio privilegiado para a transmissão de mensagens e conhecimento.

Desde o aparecimento da TV, as crianças costumam ler com os olhos a

apenas 15 centímetros em média, da página - independentemente das condições de suas vidas. Procuram levar para a página impressa os imperativos da total envolvimento sensorial da imagem da TV. Com uma perfeita habilidade psicomimética, executam as ordens da imagem televisada. Prestam atenção, investigam, aquietam-se e envolvem-se em profundidade. É o que aprendem a fazer na fria iconografia do meio das histórias em quadrinhos. A TV levou o processo bem mais adiante. E de repente as crianças se vêem transportadas para o meio quente da palavra impressa, com seus padrões uniformes e rápido movimento linear. Inutilmente tentam ler em profundidade. Lançam na palavra impressa todos os seus sentidos - e ela os rejeita. A imprensa exige a faculdade visual nua e isolada, não a sensorialidade unificada. (MACLUHAN, 2002, p. 346).

Nesta perspectiva, destaca os aspectos de conteúdo relativos à comunicação, sobretudo os que fazem apelo à emoção, considerando a importância da televisão dentro da sala de aula: “A TV pode ilustrar a inter-relação dos processos e o crescimento das formas de todos os tipos como nenhum outro meio pode.” (*idem*, p. 373). Porém, outros estudiosos o criticaram, pelo excesso de otimismo em relação aos efeitos ocorridos na educação. Uma das críticas apontou que não houve a substituição do livro, como afirmou.

A Escola de Frankfurt, representada por Theodor W. Adorno, afirma que a televisão, como uma das formas de se fazer comunicação, gera uma cultura de massa que consolida fatores que proporcionam o desestímulo ao aprendizado da palavra escrita, do pensamento abstrato e, conseqüentemente, do aprendizado escolar.

Contrapondo-se à visão frankfurtiana, Umberto Eco (2006, p. 350) afirma que a televisão apenas faz “desviar leitores superficiais de uma série de leituras superficiais” e, portanto, não é fato consumado que venha a ser o fator determinante na crise da palavra escrita. Ele conclui que

A TV pode oferecer efetivas possibilidades de “cultura”, entendida esta como relação crítica com o ambiente. A TV será elemento de cultura para o cidadão das áreas subdesenvolvidas, levando-o ao conhecimento da realidade nacional e da dimensão “mundo”, e será elemento de cultura para o homem médio de uma zona industrial, agindo como elemento de “provocação” face a suas tendências passivas. (p.351)

É uma qualidade específica da televisão que entre outros tipos de instrumentos existentes para disseminar a comunicação de massa, há um público muito vasto e indiferenciado, dirigindo-se a todos, inclusive aos que não sabem ler.

Napolitano (2002, p. 20), preocupado com a socialização de diversos conteúdos veiculados pela televisão e absorvidos na escola, enfatiza um lado positivo da questão:

[...] se a TV não é “culpada” pela crise da palavra escrita, obviamente ela se apresenta como um meio onde o domínio dos códigos escritos não é fundamental para a recepção básica das mensagens veiculadas. Esta característica da TV (e do rádio) possibilitou que inúmeros segmentos sociais, semi-alfabetizados ou mesmo analfabetos, tomassem contato com conteúdos diversos que antes só seriam possíveis por meio da palavra escrita.

Entre o grupo dos otimistas, ele coloca a televisão como um veículo de comunicação de massa em que os diversos conteúdos são repassados sem se preocupar com a decodificação da linguagem, visto que a mensagem chega a diversos lugares, atingindo diversos segmentos sociais da mesma forma.

Reportando o tema para a realidade do sistema TVE/MA, o uso da televisão na sala de aula foi pensado para organizar o conteúdo sob forma de comunicação, com proposta *sui generis*⁶ de ensino considerando o aspecto cultural, com conteúdos transmitidos através de programações planejadas pedagogicamente, estruturadas de acordo com a realidade maranhense, privilegiando-a como o foco principal, ou seja, a televisão como professor, disseminadora de conteúdos, com imagens audiovisuais específicas para a educação e abordagem interdisciplinar.

Os programas do sistema maranhense eram produzidos no Centro de Produções de Múltiplos Meios por uma equipe de profissionais da área pedagógica, de produção e administração, oriundos do próprio estado. O Centro de Produção de Múltiplos Meios desenvolveu atividades de ensino e formação na TVE, dentro de uma sistemática que levou em conta as necessidades e possibilidades locais. Para a elaboração das aulas, foram obedecidas três etapas: o planejamento didático, a elaboração de roteiros e a elaboração de textos complementares. As aulas audiovisuais foram realizadas pelos mesmos professores que elaboraram os roteiros, aprovados pela Diretoria Pedagógica, existindo uma preocupação permanente na qualidade dos conteúdos abordados, de que forma seriam repassados, transformados em mensagens audiovisuais, ou seja, como seriam veiculados.

Sobre essa qualidade, Pfromm Neto (2001, p. 17) ressalta que a importância dada ao uso da televisão na sala de aula encontra-se basicamente no visual, em que o aluno está diante de uma imagem ou de um conjunto de imagens, atento com o seu olhar. Segundo ele,

O ponto essencial é que se trata sempre de uma experiência visual em que o aprendiz detecta, esquadrinha e interpreta uma ou muitas organizações

⁶ Sua proposta está baseada em uma produção de natureza especificamente instrucional, as demais emissoras educativas brasileiras, predominam programas culturais e informativos.

deliberadas de estímulos presentes na tela e retira desta experiência algum tipo de ensinamento, que gera uma mudança mais ou menos duradoura em seu sistema nervoso, traduzida por expressões segundo as quais ele passa a “saber”, “conhecer”, “entender”, “lembrar”.

Nesta visão, a televisão aparece como um recurso pedagógico riquíssimo para a sala de aula, produzindo um efeito pedagógico significativo no processo de ensino-aprendizagem para os alunos, quando bem utilizado. O autor afirma ainda que, “as telas ensinam em virtude do que se põe nelas e pode ser observado, analisado, compreendido e retido.” (*idem*, p.17). A qualidade das programações, dos conteúdos, das imagens é de suma importância, quando se trata de aprendizagem e ensino, pois o efeito visual é fascinante, atraente e envolvente. Isso acarreta que o professor deva, em primeiro momento, entender que existe um poder de sedução e, com base nisso, aproveitar as perspectivas existentes para a educação, sabendo utilizá-las pedagogicamente como um instrumento de criação.

Segundo Carvalho (2005, p.10), o uso da televisão em sala de aula é uma questão de escolha. É o objetivo que faz com que o professor estimule a criatividade nos seus alunos.

Na sala de aula, pode-se supor que a televisão acarrete uma certa passividade por parte do aluno, no entanto, como explora muitos recursos - imagem, som e texto - oferece também a possibilidade de desenvolver ambientes que favoreçam a interatividade desses alunos com diversos contextos. Dependendo do que for proposta para a aula, o professor pode utilizar este recurso para promover debates e outras formas de participação do aluno.

Promover debates, discussões e pesquisas são ações pedagógicas que o professor, com a utilização da televisão, pode motivar o lado criativo que existe em cada aluno. Esta é uma forma positiva de ver o uso da TV em sala de aula, em que o professor tem a televisão como uma ferramenta que auxiliará sua prática pedagógica, um instrumento renovador para o processo ensino-aprendizagem, que lhe fornece meios para o planejamento de diversas situações e atividades criativas e simples, visando resultados significativos na avaliação do seu trabalho, como também, de seus alunos. No entanto, o uso positivo da TV em sala de aula deve relevar, necessariamente, todos os aspectos relativos ao conteúdo, seja como sociabilidade, comunicação e cultura, não esquecendo que implica fruição, ou até mesmo como mercadoria, já que as relações de trabalho e serviços no interior de uma sociedade se organizam em torno de mercados.

O uso da televisão na sala de aula e de outros recursos tecnológicos surgiu como possibilidade de uma sistematização do processo ensino-aprendizagem e de organização educacional, em que o professor pode ser um agente transformador que através de sua prática

pedagógica em seus planejamentos promova projetos direcionados aos interesses de seus alunos, de acordo com a realidade de sua turma.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a televisão aparece como um entre outros recursos tecnológicos – meios eletrônicos – utilizados na Educação.

A Televisão é o meio de comunicação, utilizado pela maioria das pessoas com finalidades diversas: informar-se sobre o que acontece no mundo, distrair-se, aprender sobre determinados assuntos. Oferece uma variedade de informações e em muita quantidade, utilizando basicamente imagens e sons, o que a faz não depender necessariamente da cultura letrada. Desempenha importante papel na sociedade como socializadora de informações, formas lingüísticas, modos de vida, opiniões, valores, crenças, que não pode ser desconsiderado pela instituição escolar. A televisão é também um meio de transmissão de programas com finalidades educacionais, dirigidos tanto a alunos como a professores — entrevistas, debates, e até aulas em vídeo —, oferecendo informações diversas e sugestões de atividades e experiências que podem ser realizadas. Essas programações são encontradas nos canais convencionais e em canais que têm a programação voltada para a Educação, como TV Educativa (BRASIL, 1998, p.135).

O texto dos PCNs traz motivação para o uso da TV em aula, ao mesmo tempo em que deixa transparecer uma dificuldade histórica dos educadores com o meio, na medida em que, após listar uma série de possibilidades oferecidas, afirma, meramente, que seu papel não deva ser desconsiderado pela escola, optando por fazer a indicação para seu uso de maneira implícita. Há também, nos PCNs, uma preocupação quanto aos conteúdos veiculados pelos programas de televisão, que são estruturados de modo distante do contexto real de ensino e aprendizagem, destinados a uma grande massa de espectadores. Além disso, para que os alunos não sejam meros receptores passivos, é necessário que os professores tenham uma atuação direcionada para contextualizar a programação, desenvolver propostas que privilegiem experiências concretas, discussão, questionamento e prática democrática, pela utilização pedagógica da televisão na sala de aula, levando em consideração as necessidades, os interesses e as condições de aprendizagem de seus alunos.

Na Televisão Educativa, os conteúdos apresentados nas programações são direcionados especificamente para a educação, mas é quase consensual que não prescindem do professor atuante no sentido de, junto com seus alunos, refletir sobre o que está sendo apresentado. O professor deve usar a televisão como instrumento para incentivar os seus alunos a exercitar o questionamento, o espírito crítico e a participação de maneira democrática dentro do processo ensino-aprendizagem. Existe, portanto, uma positividade apontada pela

literatura para o uso da TV em sala de aula e que procuraremos resgatar articulando os conceitos de cultura de massa e cultura televisiva.

2.2 CULTURA DE MASSA E CULTURA TELEVISIVA

Cultura de massa refere-se a uma manifestação cultural produzida para uma grande quantidade populacional, para uma maioria da população em geral, sendo divulgada pelos meios de comunicação de massa, ou seja, os meios de comunicação que são capazes de atingir um grande número de espectadores, como no caso da televisão e do rádio, por exemplo. É alimentada por diversos produtos culturais, sendo transmitida em escala industrial, através de tecnologias de comunicação.

Segundo Penteadó (2000), a cultura de massa não está restrita a um determinado estrato da pirâmide social. É produzida de maneira industrial e direcionada ao grande público, que comporta diferenciações sociais entre si. Surge na sociedade capitalista, que tenta atingir indiscriminadamente diferentes camadas, independente de sua origem social. “Massa” refere-se tanto a uma qualidade do produto cultural que está sendo aplicado, como também à população que o consome e produz cultura.

A crença de que a televisão é um meio de comunicação que dissemina a cultura de massa não é uma visão harmoniosa para todos os estudiosos do tema. Neste âmbito, existem diversas opiniões, como a da Escola de Frankfurt, que surgiu em 1924, tendo em Adorno um dos seus principais representantes. Ao discutir cultura de massa, denominada por ele “indústria cultural”, afirma que esta cria necessidades para o consumidor, que deve se contentar com o que lhe é oferecido. Para ele, a consciência das massas é tolhida, obscurecida, uma vez que a mecanização exerce poder sobre o homem, criando-se, assim, condições mais favoráveis para o consumo existir, um consumo “enganoso”.

A televisão tende a uma síntese do rádio e do cinema, retardada enquanto os interessados ainda não tenham negociado um acordo satisfatório, mas cujas possibilidades ilimitadas prometem intensificar a tal ponto o empobrecimento dos materiais estéticos que a identidade apenas ligeiramente mascarada de todos os produtos da indústria cultural já amanhã poderá triunfar abertamente. (ADORNO, 2002, p.12)

Percebe-se, nesta visão, que a televisão tenta, de uma forma ou de outra, de acordo com a ideologia, inculcar nas pessoas uma falsa consciência, mascarando a realidade. Isso acontece pelas suas normas, pelos seus conteúdos e valores, tidos como únicos formadores da consciência do sujeito. Adorno (1995, p. 76), ao destacar a televisão como o principal meio de comunicação para que o espectador construa a sua realidade, afirma que

é possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades formativas semelhantes. Por outro lado, porém, existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão.

Ao afirmar a existência de uma função deformativa, como um veículo de informação com divulgações ideológicas, no intuito de causar equívocos à consciência dos telespectadores, nega a possibilidade de uma função formativa, o grande potencial da televisão quando veicula diversos tipos de informações culturais, entretenimento, esclarecimentos e outros, mesmo quando se trata de TV educativa. Para ele, as programações servem para confundir a cabeça dos telespectadores. Isto acarreta ver o telespectador como totalmente passivo, incapaz de rejeitar um produto, um sujeito que consome o que não necessita por não ter alternativa.

Dos meios de comunicação de massa que existem, a televisão merece destaque por possuir grande audiência, atingindo diversas classes sociais, levando programas produzidos pela “indústria cultural”, que propaga a ideologia dominante. Ao mesmo tempo, porém, também é um bem cultural da classe trabalhadora, que consome essa cultura, pois é o meio de comunicação mais presente em seu dia-a-dia, espaço onde se cria uma cultura televisiva, dando-lhes acesso a diversas informações, de diversos lugares, em programações artísticas, culturais, informativas e, também, educacionais.

Contra-pondo-se à visão da Escola de Frankfurt, Martin-Barbero (2006, p.54) defende a indústria cultural como um novo processo de produção e circulação da cultura, que permeia as inovações tecnológicas, fazendo emergir novas sensibilidades e outras formas de apropriação do saber. Diz ele:

O que a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas sim, um novo modo de relação entre os processos simbólicos – o que constituem o cultural – e as

formas de produção e distribuição dos bens e serviços: um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta.

Neste contexto da revolução tecnológica, existe um espaço entre a produção e a recepção, permeado por muitas variáveis, que não é estático. Existe um novo modo de produzir e realizar a circulação da cultura, com inovações tecnológicas e novas formas de apropriação. Isto é, em certo sentido, a identificação da “indústria cultural”, que tenta vender seus produtos com os meios de comunicação de massa, que serão analisados e consumidos conforme suas necessidades. Embora existam mecanismos de manipulação, existe, também, uma interação que permeia a dialética da produção dos bens culturais e o consumo das massas. Significa uma compreensão da realidade do sujeito que a produz, a partir de suas leituras realizadas através das mídias, em que as tecnologias surgem como um novo horizonte na estrutura social, com o surgimento de novas classes. Esta forma de conceber a influência das mídias difere da visão “demoníaca” dos frankfurtianos, com duas divisões de classes sociais: dominantes x dominados (subalternos), que sofrem um efeito dos meios de comunicação sobre suas reais situações, mascarando-as.

As leituras realizadas pelos sujeitos, através das mídias, constituem sua participação nesse mercado cultural, aproveitando essa conjuntura, esse contexto globalizado, que além de ser uma modernização, é, também, uma forma de exploração das diferenças existentes no mercado.

Para Pfromm Netto (1972, p. 26), o consumo ocasionado pela televisão é seletivo e se processa de acordo com as experiências de vida do consumidor, ou seja, sua vida social, o convívio nos grupos sociais que se identifica e através dos quais tem uma orientação do que selecionar. Sobre este aspecto ele pontua:

O público que consome comunicação de massa não é anônimo, atomizado, desorganizado e facilmente manipulável, e a comunicação de massa pode produzir grande diversidade de efeitos que dependem tanto de características de personalidade do indivíduo como da posição do comunicador e do membro da audiência na estrutura da sociedade, e das relações deste último com outras pessoas e grupos: famílias, amigos, grupos de trabalho, etc.

Percebe-se, assim, que na participação do indivíduo nos grupos sociais é que acontece a troca de idéias, de informações recebidas pela televisão, cada um com seus pontos de vista. Nessa troca, ele elabora sua própria imagem. Podemos dizer que “o ato de consumir TV começa antes dele próprio, na vida social do sujeito, e acaba depois dele, na mesma vida

social.” (PENTEADO, 2000, p. 49).

A televisão é um meio de comunicação que atinge a grande massa, que surgiu de uma proposta comercial e, posteriormente, por envolver uma grande audiência, foi direcionada também para a educação. Porém, segundo Carvalho (2005), no momento atual, ainda não há uma cultura de consumo de programas educacionais, existe uma cultura de consumo em relação às novelas, aos programas de auditórios, a programas com interatividade⁷, e para existir o consumo de uma cultura televisiva na educação seria necessário criar um hábito na educação formal.

Para entender melhor como funciona a cultura de consumo em relação aos programas ditos *shows* de entretenimentos, Penteado (2000, p. 54-56) cita o exemplo de um programa chamado “O Povo na TV”, que foi ao ar durante um período de 19/08/1981 a 21/10/1983, voltado para as camadas populares. Na época, alcançou um índice de audiência significativo, revelando, assim, seu amplo consumo. Vários são os motivos apontados para seu êxito como, por exemplo, o programa ter disponibilizado serviços à população que dele necessitasse, colocado no ar os telespectadores que dele se serviam, ser um programa em que acontecia certa interação com seu público, uma parte estava no auditório e a outra se encontrava presente através de ligações telefônicas que eram estabelecidas durante o programa. Ela exemplifica melhor, quando cita que no dia 31/05/1983 o programa apresentou doze quadros⁸ diferentes no *show*, que tinha uma seqüência de apresentação ao longo de toda a programação, identificada com a ideologia dominante. A seqüência estabelecida durante o *show* foi a seguinte: no primeiro quadro havia informações legais e religiosas, valores urbanos que estavam sendo colocados para a garota em confronto com os da mãe – informações tradicionais; nos quadros em que aconteciam as entrevistas de autoridades prevaleciam informações político-administrativas; no quadro dos comissários de bordo, as informações profissionais. Ofereciam, também, orientações contra os “contos-do-vigário e os mau-caráteres”.

⁷ O termo Interatividade aqui apresentado é defendido por Machado (1989) que a reconhece como reatividade, uma vez que nada mais resta aos espectadores senão reagir aos estímulos a partir das alternativas que lhe são oferecidas (apud SALLES, 2005).

⁸ 1) garota seduzida casa-se e é abandonada pelo “suposto” marido; 2) soldado responsável pelo policiamento de trânsito é elevado à posição de assessor imediato do diretor de Trânsito do Rio de Janeiro; 3) discurso do apresentador sobre as dificuldades enfrentadas pelo presidente da República na administração de um país como o nosso; 4) apresentador entrevista o presidente da CONERJ; 5) o personagem de TV Sérgio Malandro apresenta figura exótica denominada “rei do tá-tá-tá”; 6) senhora ludibriada na confecção de uma moldura de retrato do pai; 7) uma avó idosa que busca auxílio para sua sobrevivência, emprego para uma filha contadora e roupa para uma netinha ser dama de honra num casamento; 8) apresentador entrevista o secretário de Obras do Rio de Janeiro; 9) apresentação de um ladrão de ferro-velho; 10) apresentador entrevista três comissários de bordo em homenagem ao dia do comissário; 11) uma senhora acompanhada de sua filha pede a volta do marido e 12) mãe solteira procura uma solução para seu caso, pois não pode trabalhar com o bebê (PENTEADO, 2000, p. 55).

No quadro do soldado são notáveis as informações de honra, destaque e reconhecimento, que poderiam ser oferecidas a qualquer um que faça a “coisa certa”; no quadro da avó, solicitando uma roupa para a neta ser dama de honra no casamento da filha, existem informações que ofereciam bens materiais aos que tinham desejos além da sua condição e recorressem o programa como forma de sanar suas necessidades; no quadro da senhora separada do marido que buscava reconciliação, era oferecido tratamento médico; no quadro da mãe solteira com um bebê, oferecia emprego e acolhida. Enfim, a cada caso existia uma solução, que se buscava fora do âmbito da vida de quem estava apresentando. O apresentador tornava-se um guardião das leis e normas e a televisão a solução, pois todos que a procuravam tinham um direcionamento específico ou, quando não, ela própria resolvia. Penteado (2000, p. 57) finaliza dizendo que

A TV cumpre outras funções, além de incentivar o consumo, todas reificantes, como: narcotizantes, dando ênfase ao divertimento, camuflando realidades intoleráveis, oferecendo oportunidades de escapismo; de reforço das normas estabelecidas; a de simplificar os produtos que apresenta de modo a suscitar uma atitude passiva do consumidor; de assumir uma atitude paternalista, dirigindo o consumo; de promover a deturpação do gosto popular.

É notável a cultura de consumo no programa “O Povo na TV”, que deixa o telespectador numa situação mediada entre a imagem oferecida pela TV e sua real situação.

Diferindo da Televisão Educativa, segundo Coutinho (2006, p. 25),

A televisão comercial está intimamente ligada ao entretenimento e à formação de consumidores. A referência é a TV aberta, que entra em 98% dos lares brasileiros (IBGE, 2004). A televisão aberta ou *broadcast* reina absoluta por mais de 40 anos. A briga pela audiência leva ao vale-tudo, produzem-se programas apelativos e sensacionalistas para atrair grandes massas de telespectadores, que interessam potencialmente aos anunciantes que patrocinam esses programas.

É uma televisão especificamente voltada para negócios comerciais com fins lucrativos, organizadas por instituições privadas, defendendo seus interesses. Quando Pfromm Netto (2001, p.124) reporta-se à televisão comercial diz que

A televisão comercial, como regra geral, dá mais ênfase à fórmula “dê ao público o que o público quer” e é diretamente dependente de grandes audiências e de seus patrocinadores. Sua contribuição para o progresso cultural e educacional da audiência é limitada. Muitos dos seus críticos encaram a televisão comercial como um meio que trivializa tudo,

estereotipado, simplista, epidérmico, sensacionalista e escapista (2001, p.124)

Visando lucro a todo custo, a televisão comercial permeia uma cultura televisiva tipicamente consumista que difere da televisão educativa.

As programações são discutidas por Coutinho (2006), em sua pesquisa, com certa preocupação à criação de uma cultura televisiva em que, segundo ele, os conteúdos ditos populares são vistos com uma certa frequência como violência, sexo e “baixaria”, veiculando uma linguagem ao menor nível, para que, assim, ocorra uma assimilação independente do grau de instrução do telespectador. Para o autor, é suposta uma oposição entre televisão e educação: “o educativo como negação do entretenimento, e a televisão como exigência de entretenimento”. A televisão deveria servir, principalmente, ao entretenimento, à informação e à educação, que tem forte influência na formação do desenvolvimento do indivíduo, ou seja, do telespectador, do ouvinte.

Retomando Martín-Barbero (2006, p.289) sobre o fenômeno televisivo, que vê um ponto fundamental no receptor dotado de valores que não são necessariamente corrompidos pela experiência da TV, “não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor”. Esse receptor elege, recusa ou ainda aceita o que é emitido pela televisão diante das mensagens e, nessa postura de intermediação, adota uma função de escolha e seletividade, atuando, nesse sentido, como um veículo do diálogo, dando continuidade ao meio social. São diversos motivos, várias idéias, inúmeros argumentos e imagens que vão se acumulando para serem divulgados, debatidos posteriormente entre ambientes familiares, amigos ou no trabalho.

Resta considerar, ainda, que a televisão proporciona a seus usuários uma prática cultural e recreativa, com telespectadores diversos e dinâmicos, favorecendo a gratificação sensorial, visual e auditiva, potencializando o pensamento visual, intuitivo e global. Através da imagem, há um envolvimento emocional com os símbolos e, para que essa imagem seja gratificante, é necessária, apenas, “a sua contemplação e, no máximo, um esforço de compreensão e interpretação dos símbolos” (FÉRRES, 1996 p.21). A imagem passa a ser uma referência da sua realidade.

A televisão torna-se atraente, constituindo-se em um instrumento para uma inserção cultural, proporcionando o aprendizado de conhecimentos e comportamentos.

No caso da Televisão Educativa do Maranhão a expressividade cultural encontra-se estruturada de acordo com a sua filosofia, sendo um canal de televisão com programações

especificamente educacionais, caracterizado pela utilização de uma recepção organizada, com alunos matriculados regularmente, ocupando salas de aula presenciais, em que são acompanhados em sua frequência e seu desempenho, com materiais impressos utilizados, havendo avaliação e promoção dos alunos, mediados por um Orientador de Aprendizagem.

Nessa estrutura de aulas veiculadas, existe uma participação ativa dos alunos, que interagem tanto no interior do grupo, ou seja, na sua sala de aula com seus colegas e seu mediador, no caso da TVE/MA o Orientador de Aprendizagem, como fora dele, no seu convívio social. Neste caso, embora os produtos sejam feitos em escala industrial para uma massa de alunos, o contexto de recepção acaba por singularizar a leitura pela ação dos diversos instrumentos pedagógicos disponibilizados pela proposta.

Para Carvalho (2005, p.21), a televisão educativa “teria o objetivo de conscientização e responsabilidade na formação da cidadania e seriam alocadas classes de aula pública, dedicadas à educação, informação, cultura e entretenimento”. Sobre a sua programação, afirma que, no início, se prendiam apenas aos “modelos aula pela TV” e, com o tempo, isso foi mudando ocorrendo, hoje, a transmissão de diversos programas com formatos diferentes, não perdendo o caráter educacional.

A experiência da TVE/MA, que durante 36 anos manteve uma estrutura de programas exclusivamente instrucionais, frente a um universo concreto de objetos e realidades exibidos nas imagens, afastou-se da tendência geral das televisões educativas, produzindo formato próprio para a programação. Pode-se dizer que não se identifica nem com as comerciais nem com as educativas e não pode, portanto, ser analisada do ponto de vista das primeiras experiências do modelo "aula pela TV".

A TVE-MA teve uma experiência de programação que já se encerrou. É uma experiência ímpar, pois seu formato e conteúdo foram direcionados para a educação escolar. É direcionada para uma massa, mas uma massa específica, professores e alunos, com uma finalidade também específica, a escolarização. Isto lhe confere características diferentes tanto para a emissão quanto para a recepção de tal programação.

Foi uma experiência pioneira, exclusivamente voltada para a educação, utilizando a televisão como recurso, chamado por todos de “professor” no processo ensino-aprendizagem. Um sistema educativo direcionado para um público carente, uma população pobre, envolvendo uma comunidade escolar, com a participação de orientadores que intermediavam o processo ensino-aprendizagem. As reminiscências dessa experiência devem comportar elementos da formação de uma cultura televisiva a serviço da educação. Por isso, buscamos nos depoimentos essas lembranças construídas durante sua existência, enquanto

havia uma qualidade em sua estrutura organizacional, quando a proposta era educar *na* televisão e *com* a televisão. Segundo Férres (1996, p.93),

Educar *na* televisão significa transformar o meio em matéria ou objeto de estudo, educar na linguagem audiovisual, ensinar os mecanismos técnicos, econômicos de funcionamento do meio, oferecer orientação e recursos para análise crítica dos programas. (...) Concluindo: realizar uma abordagem do meio partindo de todas as perspectivas: técnica, expressiva, ideológica, social, econômica, ética, cultural. (...) Educar *com* a televisão, é incorporá-la à sala de aula, em todas as áreas e níveis do ensino, não para aumentar ainda mais o seu consumo, mas, para otimizar o processo de ensino-aprendizagem

Buscando essa otimização do processo ensino-aprendizagem, a TVE/MA, durante seus 36 anos de existência, cultivou uma cultura televisiva, que hoje procuramos resgatar nas reminiscências dos participantes vistos como receptores ativos, através de entrevistas.

2.3 REMINISCÊNCIAS E HISTÓRIA ORAL

Já que toda a natureza é similar e a alma aprendeu de tudo, nada impede que recorde qualquer coisa (que é, aliás, o que se chama “aprender”), encontre em si todo o restante se tem valor e não cansa na busca já que buscar e aprender não são mais que reminiscência. (MENON, 80 e 81-E).

Reminiscências são “passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes” (THOMSON, 1997, p.57). O fato de recordar, ou seja, o processo em si é a forma principal de haver uma identificação própria quando narramos uma história. As histórias lembradas possuem aspectos do passado que ao serem ditas são moldadas e ajustadas às nossas identidades e aspirações atuais. Nesse sentido, Thomson⁹ (1997, p.56) acrescenta: “podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido”. Segundo o autor, existem várias maneiras com que as nossas reminiscências podem tumultuar e colocar em xeque a nossa identidade. Nesse aspecto, tem

⁹ O australiano Alistair Thomson é professor na Universidade de Sussex (Inglaterra). Durante seu curso de graduação, participara de experiências envolvendo entrevistas. Na época, interessara-se por uma narrativa de imenso impacto entre os compatriotas: a dos *anzacs* (*soldados australianos da Grande Guerra*). Entrevistara 25 veteranos da Guerra de 1914-1918, interessado que estava em descobrir o quanto as recordações pessoais se enquadravam na lenda.

que haver uma harmonia entre elas, porque relevam, através dos depoimentos, a maneira como a pessoa compôs seu passado, existindo significados ocultos que podem revelar experiências e sentimentos que estavam guardados e não se enquadravam às normas usuais ou à própria identidade da pessoa.

Compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente. Composição é um termo adequadamente ambíguo para descrever o passado de “construção” de reminiscência. De certa forma, nós as compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura. (THOMSON, 1997, p.57)

Quando você lembra, você não lembra exatamente o que viu, o grau de importância que damos aos fatos muda com o tempo e, com isso, as lembranças mudam também. Lembrar não é trazer para o presente o que se viveu no passado, mas reler esse passado à luz do que se viveu pelo caminho. Por isso, quando lidamos com reminiscências, não estamos lidando com testemunhos do que aconteceu, mas com essas releituras que são trazidas à tona pelas lembranças requisitadas pela memória.

A História Oral tem seus propósitos através da coleta de dados feita oralmente, valorizando as memórias de indivíduos e, através de suas análises, buscando a visão e a versão de diversas experiências resgatadas por atores sociais (FERREIRA, 2005). Memória como informação, recordações evocadas a cada vez que são solicitadas. Para a autora, memória é a presença do passado.

Halbwachs (citado por FERREIRA, 2005, p.94) diz que toda memória é por definição “coletiva”. Memória sendo uma reconstrução psíquica e intelectual do passado onde o indivíduo não está só, mas se encontra inserido num contexto familiar, social, nacional. Na História Oral, ao situarem a memória,

simultaneamente como fonte de alternativas e resistências vernaculares ao poder estabelecido e como objeto de manipulação ideológica hegemônica por parte das estruturas do poder cultural e político, os historiadores fizeram muito mais do que simplesmente incorporar a memória à sua coleção de ferramentas, fontes, métodos e abordagens (FERREIRA, p.77).

A memória, para os historiadores, tem sido entendida como uma dimensão da história que pode ser estudada e explorada. Nessa dimensão, história e memória se entrelaçam, não basta entender as dimensões da memória coletiva no contexto da história, mas sim, entender como lembramos o passado e sua relação com a vida e a cultura contemporânea (FERREIRA, 2005).

Reminiscências são lembranças guardadas na mente que sofrem releituras quando estimuladas. A História Oral é um método de pesquisa que resulta em fontes de consultas através de entrevistas (utilizando gravador e bloco de anotações) com pessoas envolvidas no campo de estudo, para testemunharem o modo de vida, os acontecimentos, sobre a instituição e demais aspectos. Os termos encontram-se imbricados, já que a História Oral se constitui na busca das reminiscências dos sujeitos envolvidos.

Na década de 1970 no Brasil, deu-se início às pesquisas desenvolvidas através da História Oral como metodologia. Porém, somente no ano de 1990, houve uma expansão, com a multiplicação de seminários e também a incorporação de programas de pós-graduação em cursos de história. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), ano em que se realizou o II Encontro Nacional de História Oral no Rio de Janeiro, quando foram apresentados 60 *papers* com a participação de 250 pesquisadores organizados em grupos temáticos: questões metodológicas, tradição oral e etnicidade, instituições, elites e militares, gênero, trabalho e trabalhadores e constituição de acervos. A partir daí, novos pesquisadores desenvolveram novos temas.

Hoje, existe maior aceitação da proposta de História Oral no Brasil, que já se consagrou como parte integrante dos procedimentos técnico-metodológicos de diversos pesquisadores, profissionais de história e de outras disciplinas sociais. Percebe-se que a ação da História Oral já não se restringe apenas aos domínios dos historiadores, nem dos cientistas sociais. Existem diversos trabalhos, desenvolvidos por grupos sociais, que querem deixar registradas as suas histórias. São trabalhos que consolidaram a História Oral, adquirindo validade e competência, mostrando sua riqueza, sua potência, suas dúvidas, seus problemas, seus desafios e seus resultados (FERREIRA, 2005).

A história oral é empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou, ainda, como técnica de reprodução e tratamento de depoimentos gravados (ALBERTI, 2005).

A visão que se tem da História Oral como método não é apenas a depuração técnica da entrevista gravada, nem pretende exclusivamente formar arquivos orais. Não se trata, tampouco, de apenas organizar um roteiro para delinear o processo detalhado e preciso de transcrição do material coletado oralmente, assim como não abandona a análise à iniciativa dos historiadores do futuro. Sendo assim, é mais do que uma decisão técnica ou de procedimento. Mas um campo que tem influências interdisciplinares, em escalas e níveis

locais e regionais, buscando versões de fenômenos e eventos que, pelos depoimentos orais, proporcionam análises importantes dentro de processos histórico-sociais. Nesse sentido, a História Oral conta com métodos e técnicas precisas, visto que a constituição das fontes e dos arquivos obtidos oralmente é fundamental (FERREIRA, 2005). Durante um bom tempo, a oralidade foi campo específico da antropologia, ultrapassou muros e chegou à História Oral, permitindo obter, através de fontes novas ou inéditas, conhecimentos novos para as análises históricas.

O trabalho utilizando o método constitui-se das reminiscências presentes na história e na cultura do povo. Para Meihy (1996, p.15) a história oral é:

um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Para esta pesquisa, entende-se a História Oral como método que registra a memória viva de emoções e sentimentos dos entrevistados, trazendo à tona versões que se encontram escondidas. Através do esforço de pesquisa e da constante utilização de registros de depoimentos, é que se constrói uma imagem do passado muito mais abrangente e dinâmica.

Outra especificidade é possibilitar aos entrevistados pertencentes a categorias sociais, muitas das vezes excluídas no seu próprio meio, de serem ouvidos, deixando um registro que favorecerá análise futura de sua visão e do grupo a que pertencem, propiciando, assim, uma redescoberta de costumes e hábitos, recriação de ambientes diversos (ALBERTI, 2005). É o registro da memória viva que permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos sobre acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas e outros, através de depoimentos colhidos de pessoas que deles vivenciaram ou testemunharam.

Pautados nesses argumentos, definiu-se a necessidade de realizar a presente pesquisa, utilizando a História Oral como método para alcançar os nossos objetivos, através das reminiscências dos participantes envolvidos no processo da TVE do Maranhão. A História Oral possibilita o registro de relatos de indivíduos pertencentes à categoria dos que se tornaram excluídos da história oficial, que podem prestar depoimentos que servirão para análises futuras, deixando registrados sua visão de mundo e a do grupo ao qual pertencem.

Uma história cujo objetivo é esclarecer trajetórias individuais que, às vezes, não podem ser entendidas de uma outra forma, no intuito de resgatar e valorizar a história das diversas minorias, realizando, assim, a história dos excluídos. Neste sentido, por intermédio dos relatos orais, a História reconheceria as vidas e as contribuições culturais, político-sociais, servindo de meio para reconstruir a história/memória daqueles que haviam sido ignorados, no passado, pela historiografia tradicional/oficial.

A História Oral tem contribuído muito ao levantar elementos inusitados para um melhor entendimento de problemáticas surgidas nas pesquisas. Muitas dessas memórias são chamadas de subterrâneas, porque ficam à margem da versão oficial. É o que aconteceu com nosso grupo de depoentes. A história da televisão educativa tem poucos registros, o que se encontra mais são documentos da sua criação, como o da Proposta Pedagógica, do Caderno Maranhense de teleducação e pouquíssimas pesquisas desenvolvidas sobre o tema. Como se trata de uma história recente, contamos com muitos depoentes disponíveis para a coleta de depoimentos, que servirão para compor a história da Televisão Educativa do Maranhão.

2.4 ARGUMENTAÇÃO NAS REMINISCÊNCIAS SOBRE A TVE MARANHÃO

Argumentamos com o intuito de persuadir alguém que, acreditamos, pensa de forma contrária às nossas concepções. Durante o processo de argumentação, uma controvérsia se estabelece ao se expor os enunciados de forma favorável ou desfavorável no diálogo (MAZZOTTI, 2002). O objeto da controvérsia no processo de discussão precisa ter sentido em meio aos conhecimentos já constituídos.

Na argumentação, o intuito é produzir efeitos sobre os participantes, não se preocupando necessariamente com a adesão intelectual, a argumentação pode incitar, também, à ação (CASTRO, 1997).

Reboul (2004, p. 92) define argumentação como “uma proposição destinada a levar à admissão de outra”. Informa, ainda, que a argumentação consiste numa totalidade que só poderá ser entendida com a identificação da controvérsia que lhe deu origem. Na argumentação, algumas questões devem ser levadas em conta: primeiramente, quando se está argumentando: o orador dirige-se a algum auditório, ou seja, sempre se argumenta diante de alguém. Auditório aqui pode se relacionar a um indivíduo, a um grupo ou uma multidão. Esse

auditório é que dá a qualidade na argumentação; segundo, a argumentação se expressa em uma língua natural, considera o que é familiar. Nesse aspecto, chama atenção a importância do tipo de argumentação, ou seja, se será oral ou escrita. Quando oral deve-se preocupar com a desatenção e o esquecimento; terceiro, na argumentação as premissas são verossímeis, respeitando-as como inerentes ao objeto, não tendo pretensões ao cientificismo; quarto, na argumentação a sua progressão depende do orador. Há casos em que depende do auditório, pois o orador que dispõe seus argumentos depende da reação, que percebe ou que imagina, de seus ouvintes; quinto, na argumentação as suas conclusões são sempre contestáveis, expressando um acordo entre os interlocutores.

O sentido de um argumento baseia-se na compreensão de ambigüidades. Portanto, quando se destaca um esquema argumentativo é necessário que se preencha os espaços vazios que ficaram implicitamente pressupostos ou subtendidos no interior da fala (CASTRO, 1997). Existindo várias hipóteses a considerar, é possível conceber diversas formas na estrutura de um argumento, pois em um mesmo argumento podem coexistir deferentes pontos de vista adotados.

Em uma situação de entrevista, o depoente é exposto a questões que ele não sabe exatamente a origem, uma vez que não participa da elaboração do projeto de pesquisa. As perguntas são conhecidas, de maneira geral, no momento da entrevista. O entrevistador evita dar opiniões, mas sua reação às respostas do depoente pode provocar a sensação de que não se tem acordo sobre algum ponto de vista. Por este motivo, o depoente pode antecipar possíveis controvérsias com seu interlocutor, no caso o entrevistador, ou mesmo com um auditório mais amplo, se ele leva em conta que seu depoimento será lido por mais pessoas.

As lembranças, quando evocadas em situação de entrevista, podem comportar esquemas argumentativos para temas que o depoente acredita que sejam polêmicos. Neste caso, ele tenderá a defender seus pontos de vista, mesmo quando a controvérsia não é explicitada no diálogo com seu interlocutor. Isto significa que é possível analisar depoimentos do ponto de vista argumentativo, considerando as controvérsias a partir da identificação dos momentos em que há defesa de pontos de vista.

Na fala do entrevistado, a argumentação se expressa como uma necessidade de convencer o outro. O depoente usa argumentos no intuito de que haja uma adesão do auditório, utilizando argumentos que o atraiam e o seduzam. Nas entrevistas sobre a televisão educativa do Maranhão, procuramos evidenciar, nos argumentos apresentados, as motivações explícitas e implícitas, permitindo-nos confrontar os discursos, identificar quais crenças se apresentam como acordos e quais se apresentam como controvérsias. Temos argumentações

de supervisores analisando o trabalho realizado pelos orientadores educacionais e vice-versa. Temos, ainda, argumentos na fala dos alunos sobre a prática pedagógica desses orientadores, que argumentam sobre o desenvolvimento dos alunos na sala de aula. A fala dos entrevistados nos permitiu evidenciar sua visão sobre a qualidade da proposta pedagógica da TVE/MA, assim como sua decadência.

Através das entrevistas realizadas, os depoentes falaram do seu ambiente de trabalho. Os Orientadores de Aprendizagem, por exemplo, descreveram a forma como desempenhavam a sua função como mediador na sala de aula, utilizando a televisão como meio no processo ensino-aprendizagem. Desses depoimentos, obtivemos duas abordagens: os que fizeram concursos para ingressarem no sistema de televisão educativa e os que eram professores da rede estadual, que foram designados para as telessalas.

Os supervisores descreveram seu ambiente de trabalho e citaram as diversas escolas em que realizaram suas supervisões. Dos alunos, tivemos depoimentos delineando suas atividades pedagógicas, desempenho e participação dentro do ciclo de aprendizagem que mediava todo o processo pedagógico da TVE/MA. Dos ex-professores, temos depoimento sobre a estrutura pedagógica da TVE/MA sob o prisma de uma Assessora Educacional. São argumentos que percebemos a defesa de pontos de vista nas suas práticas profissionais.

Os argumentos expostos evidenciam práticas pedagógicas baseadas na cultura televisiva criada pelo funcionamento da proposta durante certo tempo, por profissionais concursados e preparados para utilizar a televisão, de acordo com a filosofia contida na proposta pedagógica maranhense. Através do jogo argumentativo instalado nas entrevistas, analisamos as concepções de uma cultura televisiva favorável ou não ao uso da televisão na sala de aula e suas implicações para o seu encerramento do programa.

Caracterizamos nosso campo de investigação como situações de entrevista, em que os depoentes defendem seus pontos de vista, antecipando possíveis controvérsias às suas crenças. Nesse sentido, o material coletado nas entrevistas foi organizado levando em conta seu poder argumentativo.

CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 O CAMPO DA PESQUISA - A TVE DO MARANHÃO

A TVE do Maranhão, criada em 1969, conforme Lei nº 3016, foi pioneira no Brasil a utilizar um Sistema de Televisão Educativa no Ensino Fundamental de quinta a oitava séries. Surgiu no Governo Sarney (1966-1969), com o objetivo de minimizar situações como deficiências na qualidade de ensino, redução na quantidade de vagas reclamadas e urgência em atender à demanda (SILVA, 1987, p. 16).

Lei nº 3.016, de 1 de dezembro de 1969.

Autoriza o Poder Executivo a Instituir a FUNDAÇÃO MARANHENSE DE TELEVISÃO EDUCATIVA e dá outras providências.

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a instituir a Fundação Maranhense de Televisão Educativa, com sede e foro nesta capital e jurisdição em todo o Estado.

Art.2º - A Fundação terá autonomia administrativa e financeira e adquirirá personalidade jurídica a partir da inscrição, no Registro Civil das Pessoas Jurídicas do seu ato constitutivo com o qual serão apresentados o Estatuto e o Decreto que o aprovou.

§ 1º - O prazo de duração da Fundação será indeterminado.

§ 2º - Para efeito de coordenação e controle, a Fundação será vinculada à Secretaria de Educação e Cultura.

A Fundação Maranhense de Televisão Educativa (FMTVE) necessitou de um centro que envolvesse todo o seu acervo. Em 1968, havia sido iniciada a elaboração do Plano Pedagógico para a criação do Centro Educacional do Maranhão (CEMA), sede para o funcionamento da TVE/MA, que foi também regulamentada pela referida Lei. No seu art.18, consta: “Integrará a Fundação o Centro Educacional do Maranhão, com sede nesta capital, com todo o seu acervo e seu pessoal”.

No Plano Pedagógico de criação do CEMA, consta nos escritos II – Pressupostos, item 3: “Dado fundamental a ser considerado na organização do Centro Educacional do Maranhão é o emprego da televisão por circuito interno fechado” (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p.17), estando inicialmente como um projeto piloto, funcionando em uma escola com 1.304 alunos matriculados na quinta série. Em 1970, passou a ter emissões de circuito aberto, através do canal 2, expandindo-o na capital e na

periferia urbana, chegando, em 1972, até a oitava série com 12.169. Sendo assim, o CEMA foi o nome designado às escolas que desenvolviam o sistema de educação através da televisão educativa com a presença de um professor polivalente, o orientador de aprendizagem (O.A.), como eram chamados, que orientavam as atividades desenvolvidas em cada aula veiculada.

O sistema TVE do Maranhão surgiu como uma forma de educação à distância com metodologias próprias, usando a televisão como um veículo transmissor de conteúdos, com atividades direcionadas, com manuais de orientação e material para alunos. O Artigo 3º da Lei estabeleceu as finalidades e atribuições da Fundação.

Art 3º - A Fundação terá por finalidade a difusão do ensino através da televisão e outros meios de comunicação, segundo os modernos princípios da pedagogia, de modo a integrar a juventude no processo de desenvolvimento do Estado competindo-lhe especificamente:

I – Ministrar o ensino médio, através de cursos regulares ou de madureza, ou, ainda, de programas especiais que atendam às exigências legais e aos interesses das comunidades;

II - Ministrar o ensino primário complementar, em apoio ao sistema educacional do Estado;

III – Promover cursos e atividades que concorram para a formação da juventude;

IV – Treinar pessoal docente destinado ao emprego dos métodos de ensino adaptados aos modernos recursos técnicos;

V – Promover o interesse pela pesquisa e o estudo, visando a preparação da juventude para o trabalho, através de técnicas adequadas;

VI – Desenvolver atividades auxiliares do ensino, em apoio aos seus programas de trabalho. (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p.7)

A Fundação foi se expandindo gradativamente e, em 36 anos de existência, chegou a abranger um total de 27 municípios, vizinhos e próximos da capital São Luís. São eles:

- Na Capital (Ilha de São Luis) com 39 Unidades do CEMA;
- No interior da Ilha de São Luis com 12 Unidades do CEMA: Município de Paço do Lumiar, da Raposa e de São José de Ribamar;
- No interior do Estado do Maranhão com 69 Unidades do CEMA: Municípios de Alcântara, Anajatuba, Bacabeira, Bequimão, Cajapió, Carema, Cedral, Guimarães, Icatu, Itapecuru-mirim, Matinha, Mirinzal, Monção, Morros, Palmeirândia, Penalva, Peri-Mirim, Rosário, Santa Rita, São Bento, São João Batista, Santa Inês, São Vicente de Ferrer e Viana.

Atingiu apenas 12,4% da totalidade dos 217 municípios existentes no Maranhão, dado bem reduzido, porém significativo pelo número de escolas e telessalas que aderiram ao sistema TVE. Podemos observar esses dados quantitativos na Tabela 2 abaixo:

LOCAL	N. DE ESCOLAS	N. DE TELESSALAS POR SÉRIE				TOTAL
		5ª SÉRIE	6ª SÉRIE	7ª SÉRIE	8ª SÉRIE	
CAPITAL	38	109	114	130	125	478
INTERIOR DA ILHA	12	32	29	32	33	126
TOTAL	50	141	143	162	158	604
INTERIOR DO ESTADO	58	173	176	146	125	620
TOTAL	108	314	319	308	283	1.224

Fonte: NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA TVE/MA

TABELA 2 - Demonstrativo do nº de escolas e telessalas das Unidades Escolares da Capital, Interior da Ilha e Interior do Estado do Maranhão, atendidas pela TVE – Matrícula inicial/2002

Os dados apresentados têm grande importância, visto que foi o ano em que aconteceu uma redução gradativa do número de alunos matriculados no sistema TVE, quando havia 42.925 alunos, número que oscilou pouco nos anos anteriores, obtendo seu ápice em 2000, chegando a atingir um total de 47.977 alunos (ver tabela 1) envolvidos com o sistema de televisão educativa.

A distribuição das telessalas dentro do Estado do Maranhão parece ter obedecido ao critério de densidade demográfica e infra-estrutura, uma vez que se concentraram em municípios próximos ao litoral, vizinhos e próximos da Capital São Luís, onde conseguia ser emitido o sinal da TVE. O mapa a seguir mostra essa distribuição.

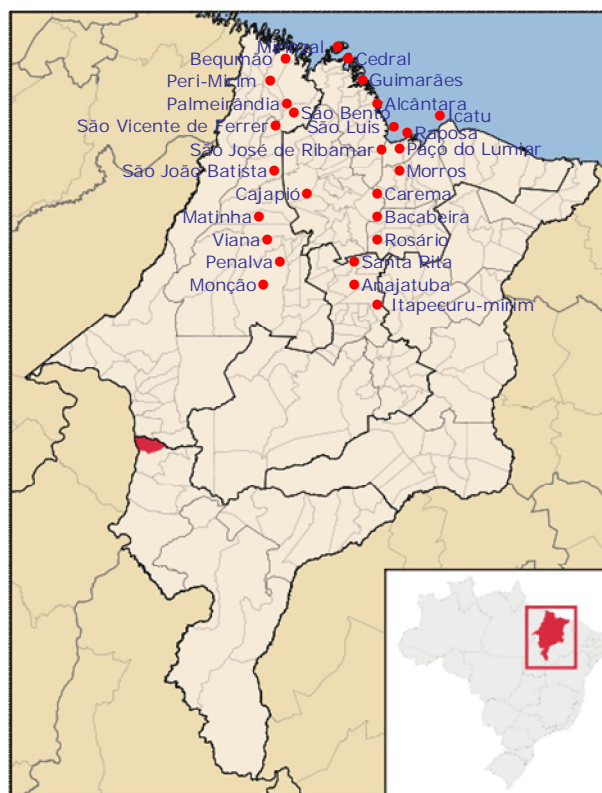


FIGURA 1– MAPA DO ESTADO DO MARANHÃO COM OS RESPECTIVOS MUNICÍPIOS ATINGIDOS PELO SINAL DO CANAL 2 - TVE/ MA

A utilização da Televisão Educativa no Sistema Estadual de Educação do Maranhão tornou-se pioneira na educação à distância. Era dirigida ao público infanto-juvenil de quinta a oitava série do ensino fundamental, na faixa etária entre 11 a 15 anos, clientela que não tem autonomia de uso e nem de manipulação do material, que não define seu ritmo de trabalho e tampouco quando e onde usá-lo, existindo, por esse motivo, um orientador de aprendizagem em sua estrutura, orientando e coordenando a recepção dos programas e dos trabalhos estruturados pela televisão e pelo material impresso.

A estrutura organizacional da TVE do Maranhão compõe-se por três elementos fundamentais: programas de TV, impressos e Orientador de Aprendizagem.

Programas de TV

Elaborados especificamente a partir dos conteúdos das disciplinas constantes na grade curricular do Estado, com explicações claras, facilitando a compreensão do aluno através de atividades coordenadas pelos orientadores de aprendizagem.

A estética dos programas foi proposta da seguinte forma: eram apresentados por pessoas, na sua grande maioria mulheres, com bom desempenho televisivo, simpáticas, fala clara, pausada e bem pronunciada, que explica conteúdos em um cenário composto por imagens ao fundo, relacionadas aos assuntos em questão. Existem, também, programas em que não aparecem as apresentadoras, mas imagens de arquivos, outros com encenação teatralizada, voltada aos conteúdos abordados. As imagens eram simples e a existência de esquemas para ilustrar e explicar os conteúdos responde à necessidade do roteiro, que reflete o texto concebido para as aulas.

A tabela a seguir mostra um exemplo de como funcionava a grade da TVE Maranhão – Canal 2, onde está inserida a grade do Sistema Educativo.

Hora	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	Hora			
06:00						Palavra viva		06:25			
06:30								06:30			
06:55						Palavra viva	Salto Quântico	06:40			
07:00	Palavra Viva					Reencontro			06:45		
07:30	Globo Ciências	Globo Ecologia	Universo P. Nacional	Telecurso	Telecurso	Documentário	O despertar de um mundo melhor	07:15			
08:00	SISTEMA TVE/MA					Palavras de vida		08:00			
08:30						Santa Missa					
09:00											
09:30											
10:00											
10:30						Campo e Cidade	Está Escrito	10:00			
11:00	X - Tudo					Canal Saúde	Espaço Zico	10:30			
11:30	O Mundo da LUA					ESTADIUM		11:30			
12:00						Por Acaso					
12:25	Caminhos e parcerias	Expedições	Homem Natureza	Tipos e Trilhos	Repórter Eco			12:25			
12:30	Jornal Visual							12:30			
12:45								12:45			
13:00	Pensando em Você					Encontro com a Saúde		13:00			
13:30	Documentário					Domingo com Atitude		13:30			
14:00	SISTEMA TVE/MA							14:00			
14:30											
15:00											
15:30											
16:00											
16:30						Estação Senac	Sem Censura	16:00			
17:00	Sem Censura					Brasil Urgente a Verdade			16:30		
17:30								17:00			
18:00								17:30			
18:30	TVE Notícias					Rio eu gosto de você	Primeiro time	18:00			
19:00	Documentário							18:30			
19:30	Salto para o Futuro					Revista do Cinema Brasileiro	Por Acaso	19:00			
20:00											
20:30	Plugado					Observatório da Imprensa	Bola na mesa	20:00			
21:00	A vida é um Show					Expedições		20:30			
21:30								21:00			
22:00	Edição Nacional					Documentário	Ataque	21:30			
22:30								22:00			
23:00	Expedições	A verdade	Primeiro Time	Direito em Debate	Conexão Roberto D'Avila	Caderno de Cinema	A vida é um show	22:30			
00:00	Roda Viva	Observatório da Imprensa									23:30
00:30								00:00			
01:00								00:30			
01:30	Olhar 2001							01:00			
01:30	Gema Brasil							01:30			

Fonte: NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA TVE/MA/2001

TABELA 3 – Programação da TVE/MA – CANAL 2

Impressos

Existem três tipos de material impresso: cadernos de conteúdos, cadernos de atividades e manuais dos Orientadores de Aprendizagem, que eram organizados da seguinte forma:

- **Cadernos de conteúdos:** livros didáticos utilizados em sala de aula, com textos explicativos contendo imagens e esquemas, com exemplos e citações de outros textos.
- **Cadernos de atividades:** exercícios propostos baseados nos cadernos de conteúdos.
- **Manuais dos Orientadores de Aprendizagem:** orientações metodológicas para utilização dos materiais impressos, com os programas exibidos e as atividades a serem realizadas em sala de aula, para usos e discussões a partir dos programas e também na sua execução, orientando-os de acordo com os programas apresentados, fazendo um elo entre ambos.

Esses materiais duraram de três a cinco anos. Foram elaborados por especialistas que estruturaram os programas de TVE e também o material impresso, visando garantir unidade e coerência entre si.

Orientador de Aprendizagem

O Orientador de Aprendizagem era responsável pelo funcionamento da telessala, sala de aula do sistema TVE, proporcionando ao aluno um ambiente em que pudesse encontrar condições favoráveis para atender suas necessidades.

De acordo com o Plano Pedagógico da TVE/ MA, as atribuições do Orientador de Aprendizagem estão enumeradas abaixo.

7. Serão atribuições principais do O. A.:

7.1 Elaborar Plano de Atividade Diárias, baseando-se no horário e no Plano de Emissão previamente distribuídos;

7.2 Estimular e coordenar as atividades de exploração das emissões lançadas no dia e das práticas educativas, bem como, desenvolver o processo de recuperação dos alunos, valendo-se sempre da dinâmica de grupo.

7.3 Fazer a avaliação da aprendizagem e o controle da frequência dos alunos, preenchendo os modelos devidos.

7.4 Promover as relações com a família, cumprindo planejamento da coordenação respectiva.

7.5 Levar os alunos de sua turma a encontrarem soluções para problemas como:

- a) Conservação e limpeza da telessala;
- b) Aquisição e distribuição das apostilas;
- c) Realização das Práticas Educativas e promoções escolares;
- d) Organização e funcionamento de Biblioteca de Classe, estante de Ciências, Oficinas de Serviços, Jornal de Classe, etc. "... (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971 p. 30-31)

No próprio nome, Orientador de Aprendizagem, sua função já vem explícita: orientar o aluno no processo de aprendizagem, desenvolvendo diversas atividades pedagógicas na telessala.

As telessalas foram organizadas padronizadamente, de acordo com as normas descritas no Plano Pedagógico da TVE/MA a seguir.

No sistema maranhense de TVE, a telessala recebe organização *sui-generis*, dotada de autonomia e dinamismo e funciona como verdadeira miniescola. Assim, conduz-se por si mesma, sob a direção do Orientador de Aprendizagem, sem necessidade de interferências superiores (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p. 34).

Cada telessala constituiu-se em um Núcleo Estudantil composto por um conjunto de Equipes de Estudo e de Centros de Trabalho, onde os alunos livremente se encaixavam de acordo com suas tendências, aptidões ou aspirações. Cada Equipe de Estudos assumia uma função no Centro de Trabalho, havendo rodízio durante o ano letivo. Em cada um existia um líder, formando uma Equipe Dirigente, dentro da sala de aula e que elegiam um representante da turma, com a função de representar, defender e orientar em diversas situações e interesses, estabelecidos pela própria classe.

A seguir encontram-se listados os Centros de Trabalhos e seus objetivos específicos, de acordo com a Proposta Pedagógica da TVE/MA:

- **Clube de Ciências:** com atribuições de caráter científico, preparação da turma na Feira de Ciências, publicação de trabalhos científicos no jornal da turma; organização e manutenção da Estante de Ciências, realização de pesquisa e demonstrações científicas diversas;

- **Clube de Artes:** com atribuições de caráter artístico, realizando a decoração da sala, preparação e dinamização do Festival de Artes, ilustração do jornal da turma, realização de exposições artísticas diversas;
- **Clube de Serviços:** com atribuições de caráter econômico e prático; realizando os trabalhos de tesouraria da turma, controle de distribuição das apostilas, organização e manutenção da Oficina de Serviços, montagem e conserto de pequenos móveis e utensílios, plantação de hortas, canteiros e outros.
- **Clube Cívico-Religioso:** com atribuições de caráter religioso ou místico, preparação da turma para festividades religiosas e cívicas diversas, comemoração das datas nacionais e religiosas, participação no jornal da turma com uma coluna de assuntos cívicos e religiosos;
- **Clube de Ação Social:** com atribuições de caráter social, promoção de festinhas e movimentos sociais, organização e manutenção da Biblioteca de Classe, organização e animação da vida esportiva da classe, promoção do lazer da turma;
- **Clube de Ação Política:** com atribuições de caráter político, realizando os trabalhos e movimentos eleitorais, estudo e discussão de problemas políticos da turma e da escola, organização e manutenção do Jornal da Turma, fiscalização dos dirigentes na administração dos interesses da turma;
- **Clube de Ação Sanitária:** com atribuições de caráter sanitário, campanhas de saúde e higiene, promoções relacionadas com a nutrição dos alunos e manutenção do Pronto Socorro da Turma.

A estrutura organizada constituiu a Comunidade Estudantil, com atribuições normativas, de orientação e coordenação, com estrutura própria. Cada Núcleo Estudantil vinculava-se à organização superior, recebendo subsídios e apoio em seus trabalhos formando um todo harmônico e auto dinamizado (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p. 36)

Nessa estrutura formada por grupos de alunos, o Ciclo de Aprendizagem no sistema da TVE/MA, apresentado na tabela 4, de acordo com a Proposta Pedagógica, adotou como norma positiva da ação docente o método de resolução de problemas e como norma negativa a abolição da aula de preleção pura e simples, tornando-se, assim, um processo diferente dos esquemas da aula tradicional, em que o professor é o único responsável pela transmissão dos conteúdos na sala de aula.

A aprendizagem constituiu-se em um ciclo, com pequenas unidades da matéria transmitida pela televisão e, em seguida, com a intervenção do Orientador de Aprendizagem levantando uma situação problema. O segundo passo era a reflexão em torno dessa situação problema, quando o aluno era levado a buscar uma resposta individual e, posteriormente, organizar, em um consenso, uma resposta única para ser debatida na sala de aula com os demais grupos, onde cada um submetia suas conclusões à apreciação, crítica e conferência pelos demais (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p. 43).

PASSOS OU FASES		FUNÇÃO
1	Situação-problema	Desafio (estímulo)
2	a) Pesquisa (est. individual) b) Discussão (no grupo)	a) Reflexão individual b) Reflexão coletiva
3	a) Relatório b) Teste	a) Resposta Coletiva b) Resposta Individual
4	Debate	Conferência da resposta

FONTE: CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p.44

TABELA 4 – Esquema de passos a seguir num Ciclo de Aprendizagem

Para toda essa estrutura, existia um Centro de Controle e Avaliação, órgão da Diretoria Pedagógica da Fundação Maranhense de Televisão Educativa, que possuía uma organização própria, que controlava e avaliava todas as atividades discentes, docentes, culturais e administrativas, visando subsídios para reajustamentos, adaptações e correções dentro do sistema da TVE/MA.

Na Proposta Pedagógica do Sistema de Televisão Educativa, o Ciclo de Controle e Avaliação cobre os seguintes aspectos:

- a. **Aprendizagem global do aluno:** através da verificação da assimilação de conhecimentos e de mudanças de comportamento;
- b. **Instrumentos ou veículos das mensagens:** programas, aulas, planos de emissão, quanto a seus aspectos técnicos e pedagógicos, bem como apostilas como objeto de consulta e subsídios para os alunos;
- c. **Estímulo e apoio oferecido ao aluno:** para a aprendizagem, incluindo a presença, a participação e a liderança do Orientador de Aprendizagem na classe, bem como a eficiência dos setores de Práticas Educativas;
- d. **Efeitos e resultados globais da experiência da TVE:** índices de aproveitamento dos alunos, comparativamente com as escolas tradicionais, o

padrão da população atendida, a comparação evolutiva entre custos de um ano para o outro. (CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, 1971, p.51)

Cabia ao Ciclo de Controle e Avaliação os seguintes objetivos:

- a. Realizar estudos e pesquisas, visando a acompanhar e controlar a produtividade do pessoal discente, docente, técnico e administrativo engajado na experiência da Televisão Educativa Maranhense;
- b. Avaliar o progresso da aprendizagem realizada pelos alunos, como resposta ao sistema de ensino através da TV;
- c. Identificar as deficiências dos alunos no processo de aprendizagem, visando a fornecer elementos para a recuperação escolar, durante o ano letivo;
- d. Medir as qualidades técnicas e pedagógicas das mensagens emitidas pela TV;
- e. Verificar a eficácia da experiência pedagógica da Televisão Educativa Maranhense, como investimento, em termos sociais e políticos;
- f. Aferir as mudanças de comportamento, atitudes e hábitos que o sistema possa provocar no seio da comunidade;
- g. Fornecer aos órgãos e serviços responsáveis pela Educação no Estado, elementos sobre os resultados globais da experiência Maranhense de TV Educativa.

Nessa estrutura avaliativa organizada, existia para o aluno um teste mensal com o objetivo de aferir a assimilação dos conteúdos; uma ficha de avaliação de aprendizagem, que era preenchida pelos Orientadores de Aprendizagem, registrando o resultado das observações dos alunos durante cada período; uma ficha para registro de observações, uma para cada aluno, em que o orientador controlava as observações nas 12 áreas estabelecidas para a avaliação do aprendiz.

A partir dessas observações e do resultado do teste, o Orientador de Aprendizagem definia um conceito global para cada aluno, variando entre Excelente, Suficiente e Deficiente, sendo registrado em uma ficha de Resumos Mensais e encaminhado à Divisão de Aprendizagem. Existia, também, uma ficha de auto-avaliação distribuída para cada equipe, quinzenalmente, onde o líder, junto com toda a equipe, fazia anotações e, em seguida, entregava aos Orientadores sendo incorporada às demais para atribuir o conceito global.

A Avaliação da aprendizagem no sistema de televisão educativa do Maranhão envolvia o aluno nos diversos aspectos de sua personalidade, havendo um controle sobre o

progresso da educação como um todo, que ocorria numa escala de valores definida em 12 itens:

1. presença e participação nos trabalhos escolares;
2. assiduidade, pontualidade e interesse;
3. persistência, continuidade e capacidade de esforço;
4. método de trabalho, organização e disciplina de vida;
5. interesse de progredir e melhorar a atitude;
6. aplicação à pesquisa e ao estudo;
7. correção de atitudes, lealdade e respeito aos outros;
8. poder criador, imaginação, originalidade e capacidade de iniciativa;
9. cultura extra-classe demonstrada, atualização em problemas gerais;
10. esportividade, bom humor, alegria, interesse de conciliação dos conflitos;
11. comportamento social e solidariedade;
12. assimilação de matérias: Português e outras.

O sistema de Avaliação ocorria, também, para os Orientadores, que eram avaliados pelos Supervisores existentes nas Unidades; os Supervisores, avaliados através de relatórios de sua atuação na Base de Recepção. Enfim, a avaliação era feita com todo o pessoal envolvido na experiência.

A sua estrutura contava com o apoio de uma Diretoria Administrativa, diretoria pedagógica, responsável pela supervisão do recrutamento, seleção, treinamento e avaliação do pessoal de ensino, e de uma Diretoria de Produção, responsável pela técnica da montagem audiovisual e emissão das mensagens ou programas educativos. Para cada disciplina existia uma equipe de Professores Produtores, distribuídos em grupos específicos, realizando três atividades básicas da produção de aulas: a) planejamento didático; b) elaboração de roteiros; c) elaboração de textos complementares. As aulas eram produzidas por um Grupo de Planejamento Didático, que elaborava os Planos de Curso, de Unidades e de Emissões, que eram aprovadas pela diretoria pedagógica.

O Plano de Emissão, após aprovado, era enviado ao grupo de Roteirista e ao grupo de Elaboração de Textos, sendo modificado para roteiro e apostila, respectivamente, quando recebiam tratamentos específicos para o formato de Televisão e para o material de apoio dos alunos na sala de aula. O tratamento para o formato de televisão, ou seja, a montagem audiovisual era feita pela Diretoria de Produção, recebendo todo um tratamento técnico, que, a partir daí, era veiculada para todas as telessalas do sistema.

A experiência mostrava-se avançada para seu tempo, podendo ser, ainda hoje, considerada inovadora. De acordo com a documentação analisada, o funcionamento das telessalas seguia satisfatoriamente a proposta. Existem registros das avaliações e das atividades realizadas pelas turmas, indicando que as diversas etapas propostas foram de fato realizadas, fato também verificado nos depoimento orais.

3.2 PROCEDIMENTOS

A opção pela Metodologia de História Oral foi um imperativo conseqüente do nosso objetivo, visto que a televisão educativa do Maranhão encerrou suas atividades pedagógicas nas escolas públicas estaduais em março de 2006. Com as entrevistas, através de depoimentos sobre a história dos que participaram da TVE/MA, foi possível resgatar a cultura televisiva desenvolvida. Alberti (2005, pg. 21) constata que a História Oral, como método de pesquisa,

só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance. Com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consultas para pesquisas sobre temas não tão recentes, mas a realização de entrevistas pressupõe o estudo de acontecimentos e/ou ocorridos num espaço de aproximadamente 50 anos.

A história oral como um método de pesquisa “não é um fim em si mesmo, mas sim um meio” (ALBERTI, 2005, p.29), que numa investigação científica como esta, há muita história para contar e pouco registro existente, precisando estruturar-se de acordo com o objetivo, percorrendo diversas etapas e obedecendo normas seqüenciais, para se obter um melhor aproveitamento dos dados coletados.

Na organização da pesquisa, segundo Alberti (2005), não basta o sujeito estar vivo, mas sim, estar disponível, tanto em condições físicas como mentais, para que possa falar, expor seu depoimento. A escolha dos sujeitos é uma das primeiras preocupações guiada pelo objetivo da pesquisa. O critério de quantidade na escolha dos sujeitos não deve ser priorizado, mas sua participação dentro do grupo, o que representou com sua experiência. É imprescindível que se selecione o entrevistado que participou, viveu, presenciou ou se

inteirou das ocorrências ou teve alguma ligação com o tema, para se obter depoimentos significativos.

Na História Oral, é possível distinguir dois tipos de entrevistas: entrevista temática e entrevista de História de Vida. Entrevistas temáticas são aquelas em que o entrevistado se encontra como sujeito participante do tema escolhido e na entrevista de história de vida este sujeito é o centro de interesse em questão. Convém ressaltar que em ambos os casos é necessário levantar o modelo biográfico do entrevistado, sua trajetória de vida, sua experiência, sua vivência. Este trabalho centra-se na História Oral Temática.

Na etapa seguinte, vem a preocupação em levantar a equipe de trabalho e o equipamento necessário ao desenvolvimento do projeto. A organização da equipe de trabalho depende das diretrizes descritas no projeto e deve levar em consideração alguns aspectos: a linha de acervo, os procedimentos adotados para a preservação e o tratamento das entrevistas, os resultados esperados, os prazos e os recursos financeiros levantados (ALBERTI, 2005). Quanto aos equipamentos, é imprescindível ter em mãos equipamentos de gravação e reprodução de áudio e/ou vídeo, computador para arquivar o material coletado, que, posteriormente, será reproduzido. Na seqüência, temos a entrevista, que é o eixo principal, que norteia todo o trabalho realizado pela História Oral.

Para a execução da entrevista é necessária a elaboração de um roteiro geral que, primordialmente, deve se basear no projeto, ou seja, no objetivo e na pesquisa exaustiva sobre o tema, garantindo unidade no acervo produzido. Convém manter um contato inicial com o entrevistado, para que obtenha um acordo para que a entrevista seja realizada. É um momento muito importante, pois nele se mantém uma avaliação recíproca, que norteará o transcorrer da entrevista.

Nesse momento, é proposto o documento de Cessão de Direitos¹⁰ (anexo G) da entrevista. Para a realização da entrevista, é importante ter em mãos uma ficha e o caderno de campo. A ficha servirá para que se tenha um controle das etapas a serem percorridas e o caderno de campo registrará todo e qualquer tipo de observação a respeito do entrevistado, assim como da relação que se está estabelecendo com ele. Este procedimento se inicia antes do primeiro contato, com o levantamento dos motivos pelos quais foram escolhidos, até a finalização da entrevista, anotações de suma importância para a efetivação das análises.

Após o término das entrevistas, a etapa seguinte é o tratamento desse acervo que deve começar logo após a gravação: primeiramente se faz uma duplicação das gravações,

¹⁰ É um documento através do qual o entrevistador cede ao programa os direitos sobre sua entrevista e sem o qual não há como abrir aquele depoimento para consulta (ALBERTI, 2005, p. 88).

como forma de manter um *backup*, ou seja, um arquivo de segurança; depois se registra a entrevista no computador; elaborando-se os dados para uma posterior consulta; transcreve-se os depoimentos coletados, também para posterior liberação para consulta (ALBERTI, 2005, p. 136).

Para a realização da transcrição das entrevistas, existem algumas etapas a serem percorridas. Para dar início, pode-se incitar a narrativa sobre a vida do depoente, como forma de haver uma identificação inicial. Usa-se, de preferência, as iniciais do depoente como forma de identificar as respostas por ele ditas e demarcadores para determinadas situações ocorridas durante a coleta dos depoimentos, por exemplo: [interrupção da gravação]; grifar ou tornar itálico as falas que recebem destaques, ditas pelos depoentes; para registrar um silêncio, (silêncio); [risos]; [emoção]; colocar em aspas quando o depoente ler alguns trechos; reticências em enunciados incompletos. Convém ressaltar as correções de algumas formas como "né?" por "não é?", "pra" por "para", "tava", "teve" por "estava", "esteve", pois estas reduções são marcas da regionalidade, não denotando erros cometidos pelos depoentes. Deve existir a fidelidade nas transcrições, ou seja, transcrever exatamente como foi falado.

Utilizamos a entrevista gravada como instrumento de coleta de dados para todos os envolvidos. As entrevistas foram realizadas no interior das escolas, antigos CEMA's, que, inicialmente, em 1969, funcionaram como Bases de Recepções (BR), assim chamadas à época, funcionando apenas com uma supervisora no controle da unidade escolar, os OA com suas telessalas e seus telealunos; na Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto – ACERP – e, também, em algumas residências. Procuramos sempre deixar o depoente mais à vontade o possível. As entrevistas foram realizadas separadamente, evitando-se, assim, que os depoentes ficassem constrangidos ou se deixassem influenciar pelos demais, pois foram realizadas em um mesmo local.

Inicialmente, pesquisamos e analisamos algumas dissertações existentes sobre a Televisão Educativa Brasileira e especificamente a do Maranhão, nosso campo de estudo. Numa segunda etapa, buscamos documentos da TVE Maranhão, com o objetivo de resgatar alguns dados relevantes do período e que norteariam nossas entrevistas.

Todas as escolas selecionadas são de Ensino Fundamental e Médio, pertencentes à rede pública estadual de Educação. Foram entrevistados ex-professores (do sistema TVE/MA) que hoje se encontram lecionando na rede pública do ensino fundamental regular, assim como ex-professores aposentados, técnicos que se encontram na Secretaria de Educação e funcionários da ACERP, que foram intermediários no período em que o sistema se encontrava em evidência, entre as instituições envolvidas, ou seja, o Estado e a TVE.

3.3 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Na História Oral, a utilização da entrevista como instrumento principal para a coleta de dados permite-nos recuperar aquilo que não encontramos em documentos, acontecimentos pouco esclarecidos, depoimentos sobre experiências pessoais, assim como também, impressões particulares (ALBERTI, 2005, pg. 22).

Realizamos as entrevistas de acordo com a metodologia da História Oral, gravadas com sujeitos que testemunharam os acontecimentos durante o funcionamento da TVE/MA. Buscamos a perspectiva de cada um sobre a utilização da televisão em sala de aula, investigando o porquê do declínio do sistema televisivo, documentando as lembranças e os esquecimentos dos projetos realizados durante seu percurso.

Para a coleta de dados utilizamos a entrevista com roteiro de questões que incentivaram os sujeitos participantes a falarem de suas experiências, seus pontos de vista. O roteiro foi avaliado por três pesquisadores experientes do programa, que sugeriram modificações de modo a beneficiar a situação de entrevista. Na entrevista é necessário que tenhamos uma preocupação quanto à empatia permeando a situação, visto que

Como em toda relação, quando se inicia uma entrevista, entrevistado e entrevistadores se avaliam mutuamente e começam a formular uma idéia do interlocutor. Como o outro se comporta, como fala, como reage, expressa sua disposição em estar ali fazendo parte daquela relação, tudo isso são informações para que entrevistado e entrevistadores tenham impressões e possam se conhecer melhor (ALBERTI, 2004, p. 101).

É uma fase imprescindível para que se obtenha um ambiente favorável à conversa de modo a alcançar os objetivos da pesquisa. As perguntas elaboradas foram respondidas pelos depoentes no período entre 08 e 30 de agosto de 2007. Entrevistamos ex-alunos, ex-Orientadores de Aprendizagem, ex-Supervisores Pedagógicos e diretores que participaram do projeto em períodos diferentes, uns desde o início, outros nos meados e alguns já no final. De acordo com os padrões de realização das entrevistas, elas foram gravadas com a autorização dos entrevistados, que assinaram, ao final, a cessão de direitos sobre seu depoimento oral para a Universidade Estácio de Sá/RJ.

As entrevistas foram realizadas nos seguintes locais: em São Luís/MA fomos ao CEMA Anjo da Guarda, no bairro do Anjo da Guarda, onde realizamos duas entrevistas; no CEMA Manoel Beckmam, escola localizada no bairro do Bequimão, realizamos três

entrevistas; na ACERP foram três entrevistas. No interior da Ilha, realizamos entrevistas no município da Raposa, no CEMA Joaquim Aroso, com duas entrevistas; no município de São José de Ribamar realizamos quatro entrevistas no CEMA Maria Elisa Almeida Silva e três entrevistas no CEMA Estado da Guanabara e no município de Paço do Lumiar realizamos duas entrevistas no CEMA Tácito Caldas. Entrevistamos, também, ex-alunos em suas residências: um que estudou no CEMA Bandeirantes no município de Santa Inês, outro no CEMA da Vila Palmeira na Ilha de São Luís e uma ex-supervisora que já se encontra aposentada do sistema. Quando realizamos as análises e pelo critério de redundância, aproveitamos dessas 22, 12 entrevistas que estão analisadas no capítulo seguinte.

Nos depoimentos coletados e analisados encontramos dois tipos diferentes de Orientadores de Aprendizagem.

- **Orientador de Aprendizagem subgrupo A:**

Temos os OA que participaram de processos seletivos, sendo aprovados, foram treinados, capacitados, receberam uma formação para conhecerem a Proposta Pedagógica do sistema TVE/MA, com filosofia pautada na utilização da televisão em sala de aula sendo o principal recurso no processo ensino-aprendizagem, possuindo essa terminologia nos seus contratos, sendo Servidoras da Rede Pública Federal de Educação, onde conceberam durante um treinamento uma formação para desenvolver uma cultura favorável ao uso da televisão nesse processo. Vamos caracterizá-los como CEMA.

- **Orientador de Aprendizagem subgrupo B:**

Temos os professores com nível superior em licenciaturas, que participaram de um processo seletivo para ocuparem o cargo de professor na rede pública estadual de ensino em determinadas disciplinas que se especializaram. Muitos deles foram distribuídos para trabalharem nas telessalas, como polivalentes, e não receberam treinamento para desenvolver uma cultura favorável ao uso da televisão em sala de aula, não conheceram a estrutura Pedagógica do sistema TVE/MA, muito menos sua filosofia, e, por um bom tempo, simplesmente estavam nas salas de aula do sistema maranhense de televisão educativa e, pelo fato de se encontrarem no sistema, nas telessalas, também para eles eram chamados de “Orientadores de Aprendizagem”. Vamos designá-los como ESTADO.

Para se ter uma visão melhor, organizamos todas em um quadro que expomos a seguir:

SITUAÇÃO DAS ENTREVISTAS				
Nº	Segmento	nome	Origem	Situação
1	Supervisoras	Iralda	TVE- ACERP	Analisada
2		Francília	TVE- ACERP	Analisada
3		Maria das Dores	TVE - ACERP	Descartada
4		Rosilda*	CEMA - Aposentada	Analisada
Alunos				
1	Alunos	Jesiel	CEMA Munic. Sta Inês	Analisada
2		Lucia	CEMA - São Luis	Analisada
3		Estélio	CEMA - São Luis	Analisada
4		Laetitia	CEMA - S. J. Ribamar	Descartada
5		Mª da Cruz	CEMA - São Luis	Descartada
Orientadoras Aprendizagem - CEMA				
1	Orientadoras Aprendizagem - CEMA	Maria José	Munic. S. J. Ribamar	Analisada
2		Teresinha**	Munic. Pç do Lumiar	Analisada
3		Rosa	Munic. Pç do Lumiar	Descartada
4		Elizabeth	Munic. São Luis	Analisada
5		Mary	Munic. São Luis	Descartada
6		M.ª Helena	Munic. Raposa	Descartada
Orientadoras Aprendizagem - ESTADO				
1	Orientadoras Aprendizagem - ESTADO	Alcirene	Munic. S. J. Ribamar	Analisada
2		Mª Gorete	Munic. S. J. Ribamar	Analisada
3		Marilza	Munic. S. J. Ribamar	Analisada
4		Lair	Munic. S. J. Ribamar	Descartada
5		Deuza	Munic. S. J. Ribamar	Descartada
6		Genildes	Munic. S. J. Ribamar	Descartada
7		Loyde	Munic. Raposa	Descartada
Total de entrevistados				22
* Rosilda é considerada ex-supervisora, já se encontra aposentada.				
** Teresinha é considerada ex-Orientadora de Aprendizagem, já está aposentada na TVE, porém encontra-se como diretora na rede pública estadual de ensino.				

TABELA 5 - Relação dos sujeitos entrevistados.

Confrontamos as entrevistas realizadas pelos participantes de cada segmento porque embora trabalhassem na mesma função, suas concepções, muitas vezes, se mostraram diferentes, como por exemplo: no segmento de Orientador de Aprendizagem temos duas visões diferentes e recorrentes: a primeira dos que foram selecionados para trabalhar especificamente no sistema TVE/MA: foram treinados, capacitados e assim qualificados para tal função; outros que entraram para as telessalas, servidores públicos estaduais, e simplesmente foram colocados na função de Orientador de Aprendizagem. Daí a necessidade de termos realizado as entrevistas separadamente, para que pudéssemos perceber nas suas falas o desempenho de cada um no seu ambiente de trabalho, levando em conta o uso da televisão em sala de aula.

3.4 PROCEDIMENTOS E FERRAMENTAS – MEA

Para a análise e interpretação de dados utilizamos o Modelo da Estratégia Argumentativa (MEA), que busca nos depoimentos o quê, como e porquê se diz, entendendo-se que o sentido emerge a partir da atividade em que o sujeito se envolveu.

O MEA é uma técnica desenvolvida por Castro (1997) e Castro e Frant (2001; 2007), baseado na Teoria da Argumentação, proposta por Perelman (1993) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2003), que parte da busca de controvérsias nos discursos. Para Castro e Frant (2008, p. 55),

Deve-se levar em conta ainda que controvérsias são grande motivação para diálogos e outros tipos de interação, não só as presenciais. Quem escreve, por exemplo, procura antecipar possíveis discordâncias ao seu pensamento, pois a escrita não permite negociar em tempo real com o interlocutor. Por isso, o autor, após eleger um auditório, procura argumentar sobre as possíveis controvérsias que acredita ter com seu auditório, antecipando a defesa de suas teses.

A análise da estratégia argumentativa é realizada pela reconstrução de argumentos, buscando no depoimento o que dá inteligibilidade e organização à fala. Propõem três momentos, descritos a seguir resumidamente como passos gerais, para vários tipos de análise qualitativa de dados:

1º passo: Organização dos dados: consiste em conhecer o material, organizá-lo e originar o *corpus*¹¹ de análise;

2º passo: Estudo comparativo dos dados: esboço de resultados – consiste na interpretação e na busca por uma coerência para os dados, baseada em um esquema do tipo perguntas e respostas;

3º passo: Apresentação dos resultados: consiste em mostrar os resultados de forma compreensível a um auditório.

Baseados nestes pressupostos são apresentados os 10 passos que constituem o MEA:

1º passo: Leitura exaustiva, para conhecer o material obtido na coleta de dados, com o objetivo de se familiarizar com a fala dos sujeitos para adequação dos objetivos da pesquisa;

¹¹ É o produto dos processos de redução e fragmentação (CASTRO; FRANT, 2008, p. 57).

2º passo: **Constituição do *corpus de análise***, organizado de acordo com os objetivos da pesquisa, descrevendo, também, a atividade em que os sujeitos estão engajados;

3º passo: **Localização das controvérsias**, para encontrar as controvérsias existentes no material coletado, explicitar quais são as afirmações defendidas e os motivos de acordo;

4º passo: **Enunciação das teses do locutor**, que devem ser escritas resumidas, com enunciados claros, escritos pelo próprio pesquisador com o objetivo de explicitar o jogo argumentativo;

5º passo: **Argumentos utilizados**, para encontrar na fala dos sujeitos os argumentos que sustentam as teses;

6º passo: **Tipologia de análise**, para identificar nos argumentos encontrados a intenção de cada sujeito, no sentido de provocar possíveis efeitos sobre o seu auditório;

7º passo: **Montagem de esquemas**, que constitui num resumo da fala de cada sujeito para estruturar o seu discurso;

8º passo: **Interpretação**, para evidenciar o sentido das afirmativas existentes no esquema na tentativa de reconstruir uma cena para que o leitor possa compreender o embate de idéias;

9º passo: **Evidências da interpretação**, para retornar ao material coletado buscando evidências para o sentido encontrado nos esquemas do discurso do entrevistado.

10º passo: **Critérios de validação**, como forma de dar confiabilidade aos seus resultados.

Castro e Frant (2008, p.62), afirmam ainda que “esses passos não são rígidos, porém exprimem a prática de um grupo de pesquisadores ao longo de 12 anos de reflexão e utilização do modelo.” Os passos do MEA descritos norteiam a análise argumentativa realizada na pesquisa exigindo uma certa experiência do pesquisador para o momento de organização dos dados coletados.

No processo de montagem do MEA, destacam-se duas vertentes: uma refere-se ao que é engendrado pelos sujeitos da pesquisa e a outra à interpretação da fala dos entrevistados, “uma vez que não é possível dizer o que outro disse apenas repetindo o que foi dito.” (CASTRO; FRANT, 2008, p.57).

A utilização do MEA nesta pesquisa resgata nos depoimentos as reminiscências dos sujeitos participantes do processo TVE/MA, considerando o jogo argumentativo instalado pelos sujeitos para dar sentido e coerência ao que dizem. A análise é apresentada através de

esquemas que evidenciam as controvérsias e os argumentos do depoente, considerando-se, ainda, as metáforas utilizadas. Segundo Castro e Frant (2008, p.74),

A metáfora desempenha um papel muito importante na evocação das imagens. A mente humana trabalha sempre no sentido da economia dos signos, da síntese das idéias, aparentemente para não se sobrecarregar. As metáforas têm esta propriedade de reunir várias idéias, de armazená-las sob a forma de imagens que, quando evocadas, permitem ao falante organizar o sentido de sua expressão.

As argumentações presentes nas reminiscências dos sujeitos participantes do Projeto da Televisão Educativa do Maranhão estão organizadas pela Montagem da Estratégia Argumentativa – MEA, através de esquemas que expressam o sentido da fala de cada depoente.

Organizou-se, também, na análise de cada depoente, elementos indicadores de uma cultura televisiva no sistema TVE/MA e, em seguida, efetuou-se a comparação entre as controvérsias existentes em suas falas, realizando um cruzamento dos resultados como forma de responder aos objetivos elencados na pesquisa.

Algumas metáforas utilizadas nos discursos encontram-se nos esquemas destacadas por nuvens e as hipóteses por uma caixa de texto com linhas pontilhadas.

As análises se encontram agrupadas por segmentos: o primeiro é o grupo dos Orientadores Educacionais onde teremos dois subgrupos: os que passaram pelo processo seletivo e foram aprovados, treinados para assumirem as telessalas com seus respectivos telealunos, e os que eram professores do Ensino Fundamental com disciplinas específicas, ministrando aulas de acordo com sua formação, que estavam voltando de algum tipo de licença, inseridos nas telessalas, e que não passaram por um treinamento para trabalhar de acordo com a filosofia do sistema educativo, usando a televisão como sendo o principal recurso existente na sala de aula; o segundo grupo é o de alunos, ou melhor dizendo, telealunos, como eram chamados dentro da estrutura da TVE/MA; o terceiro e último grupo é o dos Supervisores Educacionais da TVE/MA, responsáveis pelo CEMA, assumindo o cargo de diretoras.

No roteiro da entrevista foram levantadas questões sobre a importância e as dificuldades existentes nos trabalhos realizados pelos Orientadores de Aprendizagem usando a televisão na sala de aula, como forma de buscar na fala dos depoentes as possíveis controvérsias. A classificação por grupo permitiu uma análise diferenciada na fala de cada

depoente, com uma visão voltada para seu segmento, permitindo, assim, verificar as diferenças acerca do trabalho realizado num mesmo setor.

As idas e vindas exaustivamente realizadas nos textos das entrevistas transcritas, foram necessárias para que fosse realizada a montagem dos esquemas, pois muitos deles tiveram que ser refeitos.

A utilização do MEA facilitou a busca dos argumentos engendrados pelos participantes do Sistema de Televisão Educativa do Maranhão nos seus últimos dez anos, para constatar se foi criada uma cultura favorável ou desfavorável ao uso da televisão em sala de aula e em que medida tal cultura interferiu no encerramento dessa experiência. As análises, já com seus respectivos resultados, encontram-se descritas no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises realizadas, com base no Modelo da Estratégia Argumentativa. Existem pontos de vistas diferentes em cada depoimento pessoal, a partir das experiências educacionais no convívio do sistema de Televisão Educativa do Maranhão. O material coletado, ou seja, as entrevistas estão organizadas em três grupos distintos: Orientadores de Aprendizagem; alunos e Supervisores, em que cada qual tem suas atribuições diferenciadas dentro do sistema educativo. A análise do discurso foi realizada para que pudéssemos perceber em suas falas a construção de uma cultura favorável ou não ao uso da televisão em sala de aula, pois, de acordo com a filosofia do sistema TVE/MA, este recurso tinha grande importância no processo de ensino-aprendizagem.

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DO GRUPO 1

A grupo 1 é constituído pelos Orientadores de Aprendizagem. De acordo com a Proposta Pedagógica do Sistema TVE/MA, o nome do cargo já define a função que lhe é atribuída: orientar, animar e auxiliar o aluno na sua ação à aprendizagem. Ele constitui a espinha dorsal do sistema de educação na utilização da televisão em sala de aula.

4.1.1 Análise das entrevistas do subgrupo A

Análise da Entrevista de M^a Elizabeth – CEMA

Como Coordenadora Pedagógica, atualmente, **Maria Elizabeth Sousa Silva Correia** é funcionária pública, lotada na Unidade Integrada “Anjo da Guarda”, escola pública estadual, que funciona com Educação Básica, Ensino Fundamental Regular de quinta a oitava série e modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escola localiza-se no Bairro do Anjo da Guarda, periferia da cidade de São Luís.

Participou do concurso realizado pela Televisão Educativa para Orientadora de Aprendizagem em 1980, quando obteve aprovação e desenvolveu trabalho pedagógico em

sala de aula do Sistema TVE/MA. Durante seis anos ficou na Base de Recepção da Cohab, bairro também da periferia. Depois, em 1986, foi transferida para a BR do Anjo da Guarda, onde, atualmente, trabalha. É pedagoga, com habilitação em Supervisão Escolar, Orientação Educacional e Administração Escolar pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Concursada especificamente para trabalhar em sala de aula utilizando o sistema de televisão educativa, vivenciou durante este período o processo de ascensão, assim como o declínio da TVE/MA.

A entrevista foi realizada em dois momentos, ambos na escola onde a depoente trabalha: primeiro, participamos de uma conversa informal, às 14 horas do dia 22 de agosto de 2007, para que a depoente ficasse tranqüila, criássemos empatia. O entrevistador, nesse momento, coloca-se como um facilitador que busca resgatar as lembranças, as marcas deixadas durante o processo pedagógico da permanência do sistema de televisão educativa no Maranhão na lembrança do entrevistado.

O segundo momento foi marcado pela entrevista, realizada às 15 horas da tarde do dia 23 de agosto do mesmo ano, quando Maria Elizabeth mostrou-se prontamente colaborativa, apesar do horário ter sido próximo ao intervalo dos alunos, em que devia estar presente, circulando pelo pátio. Mas tudo ocorreu com tranqüilidade, demos uma parada e continuamos após o recreio.

A estratégia argumentativa utilizada no depoimento por Elizabeth encontra-se em três esquemas, baseados nos princípios do MEA. O primeiro é um esquema simples. Destaca a controvérsia central da fala da depoente, que diz respeito às diferenças entre os orientadores de aprendizagem antigos e os novos; no segundo, está o sentido da fala da depoente sobre os principais tópicos referentes a uma cultura favorável e/ou desfavorável ao uso da televisão em sala de aula, assim como, também, tópicos sobre o encerramento do sistema TVE/MA; no terceiro, confrontamos o primeiro com o segundo para que pudéssemos tirar mais conseqüências da análise, de acordo com o objetivo da pesquisa.

Em seu depoimento, Elizabeth nos relata a existência de uma cultura favorável ao uso de televisão em sala de aula, criada durante o período em que a Televisão Educativa do Maranhão se encontrava numa situação de qualidade, com treinamentos para os Orientadores de Aprendizagem, Supervisores e demais servidores, com material didático, livros e cadernos de atividade, além de manual de orientação, distribuídos regularmente, e quando se encontravam atualizados. Percebemos isso na sua fala quando diz que

(...) o CEMA, a instituição em si, quando não era do Estado, ela tinha essa preocupação de reciclar os professores, ela tinha... ela tinha muito mesmo, essa preocupação... não é um fator de enfraquecimento, eu acredito que não, porque ela tinha essa preocupação e os orientadores de aprendizagem eles também... porque, antes todos os alunos tinham seu material, todos os professores tinham material, todas as férias... nosso recesso era em julho, todo o recesso de julho nós tínhamos treinamento com pessoas de fora, este treinamento, todo, todo o recesso de julho, antes nós tínhamos quinze dias de recesso... o último que eu fiz, o último treinamento que houve foi na época que passou, que federalizou.....que saiu do Estado, foi em 86,(...)

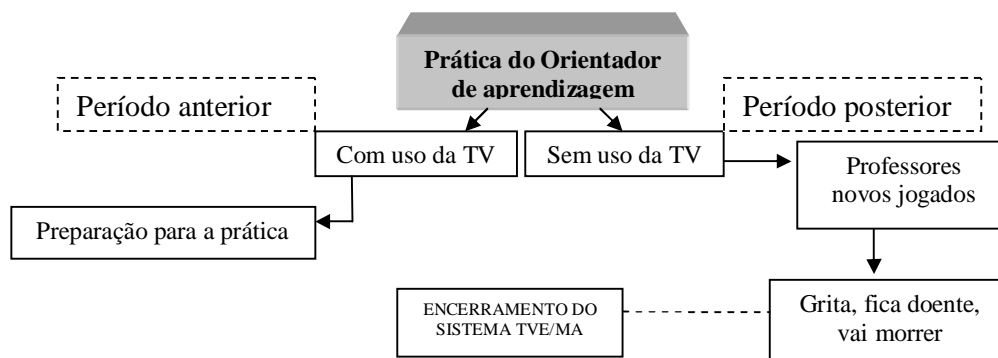
De acordo com a depoente, a qualidade perdurou por aproximadamente 17 anos, levando-se em consideração que a TVE/MA foi criada em 1969. A partir daí, aconteceram diversas situações que contribuíram para o declínio. Entre essas a entrada de professoras que foram jogadas em sala de aula. Sua fala abaixo retrata essa passagem.

(...) agora, tinha professor, os professores... eu percebia e dizia: colega tu vai morrer cedinho, tu vai ficar com um calo na garganta cedinho, porque ela cantava a aula, tudinho, por isso tu dizes que teus alunos não ligam pra televisão, por que tu substituis a televisão, minha colega?(...) ela coisava... esses últimos que vieram do Estado, está aí, a professora Ires, era uma que é funcionária, ela gritava que incomodava na minha sala, vai ficar tuberculosa cedinho... elas vieram jogadas...

A controvérsia existente em sua fala é implícita. Ela afirma que os professores que entraram depois para trabalhar usando a televisão em sala de aula realmente não foram treinados para tal tarefa: eles não usavam a televisão, não participaram do processo de formação e, sendo assim, não davam a devida importância ao recurso. A depoente estabelece a existência de dois períodos nítidos: um anterior ao ingresso dos professores novos e outro posterior. Em sua visão, no período anterior, desenvolveu-se uma cultura favorável ao uso da TV e, no posterior, não. Para marcar bem a diferença entre as duas práticas pedagógicas, utiliza-se de uma imagem bastante forte, atribuindo a esses professores novos a ameaça de ficarem doentes, como decorrência de uma prática em que gritavam muito e poderiam até morrer.

A conseqüência de uma prática inadequada e da desvalorização da TV como recurso ocasiona, em sua visão, danos aos alunos e, também, aos colegas: incomodava na minha sala. No período posterior à entrada desses professores novos, é visível a inserção de uma cultura desfavorável ao uso da televisão em sala de aula: eles foram jogados, quer dizer, as vagas disponíveis na rede eram para o Sistema de Televisão Educativa. Como os novos professores eram do ensino regular, significa que não havia vagas, restando as telessalas. Para

ela, eles foram lotados no sistema simplesmente para ocupar a vaga, não se importando com a qualidade em suas atividades que a Proposta Pedagógica da TVE/MA exigia. O esquema a seguir esclarece a estratégia utilizada.



Esquema 1 – Controvérsia

Ainda como recurso para defender sua tese de que a entrada dos professores novos ocasiona uma mudança nos rumos do sistema de Televisão Educativa no Maranhão, a depoente utiliza-se da metáfora *a televisão é o professor em sala de aula*, para enfatizar a importância da TV. Esta metáfora tem um uso diferenciado aqui, pois, na verdade, a posição e a função dessa mídia são realmente as de um professor, ou seja, embora não se possa identificar uma pessoa e um aparelho como o mesmo, pode-se pensar na substituição física de um pelo outro. Porém, o que a depoente está comparando não é a pessoa e o aparelho, mas os processos que se dão a partir do funcionamento de um ou de outro. A interpretação de que se trata realmente de uma metáfora reforça o sentido de que ela está conferindo a essa mídia um grande valor, já que passa a ser comparável, em sua atuação, a um professor.

Ainda de acordo com sua fala, e que pode ser visualizado no esquema a seguir, observa-se que a desvalorização do uso da TV em sala de aula ocorre na proporção em que o Orientador de Aprendizagem incute isso em seus alunos. Em outras palavras, se na prática o professor não usa a TV, seus alunos não a verão como um recurso importante. Porém, em

acordo com a filosofia do uso da televisão na sala de aula do sistema TVE, dada a sua importância no percurso das atividades pedagógicas, os alunos se comportavam como se a televisão fosse realmente seu professor. Caso houvesse necessidade de o Orientador de Aprendizagem ter que se ausentar da sala por uma situação qualquer, uma reunião, ou até mesmo faltar, havia um aluno responsável por ligar a televisão, outro para conduzir a programação e todas as atividades que estavam no planejamento. Bastava, apenas, que um outro Orientador da sala ao lado orientasse quando necessário, caso o aluno solicitasse. Observamos essa situação nas falas a seguir:

(...) tanto que eu me ausentava da sala de aula às vezes, só para eu ver, não via um aluno no corredor, e quando eu chegava... dizia: qual foi a aula que passou? já tinha tudo em mente no momento, eu sabia: "oh! professora passou aula de ciências, emissão".. assim que era, emissão 53, assunto tal (...) mesmo a TVE sem o orientador, eles ficavam na sala de aula, e eles eram comportados, porque o professor deles estava lá, que é a televisão, e eles eram comportados... no outro dia o orientador chegava, eles diziam: passou isso, isso, aquilo, está aqui as atividades, só falta corrigir, e às vezes, quando a equipe era boa mesmo... eles corrigiam, e as dúvidas anotavam e no outro dia passavam pra gente, havia uma aprendizagem realmente (...)

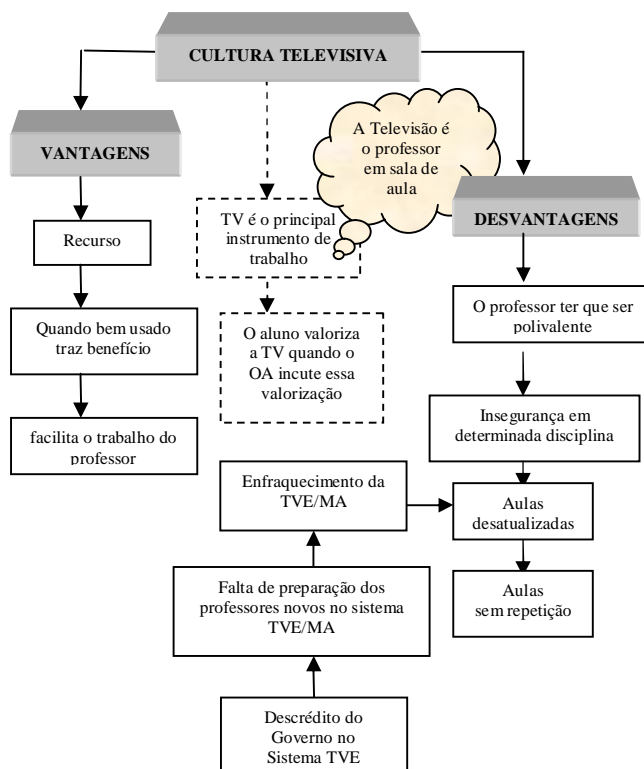
Essa é uma prática que constantemente acontecia dentro do sistema TVE/MA, portanto, lembrada recorrentemente por Elizabeth, como um dos pontos importantes na estrutura organizacional das telessalas.

A depoente aponta, também, que existiam desvantagens. Ainda que o recurso fosse bem usado, trazendo benefícios, facilitando o trabalho do professor, esse mesmo professor não conseguia, por vezes, ter domínio de todas as disciplinas e, por isso, sentia-se inseguro. Constata que as aulas, com o passar dos anos, ficaram desatualizadas e, segundo ela, este é um dos fatores que deram início ao enfraquecimento da TVE/MA.

Em seus depoimentos, afirma que o Governo não estava mais acreditando na organização do Sistema de Televisão Educativa, pois estava colocando professores através de conchaves políticos, professores despreparados, usando o argumento de que isso era visível por que, ao chegarem na sala de aula, apagavam a televisão e davam sua aula, atitude que ia contra toda a filosofia adotada pelo Sistema maranhense. Relata, ainda, que, nessa época, e aqui se deve ressaltar que o ano foi 1998, ocorreu uma mudança na estrutura de organização política do governo. A Secretaria de Educação da Capital passou a ser vinculada à Gerência Metropolitana de São Luís, sendo separada da Gerência de Desenvolvimento Humano (GDH),

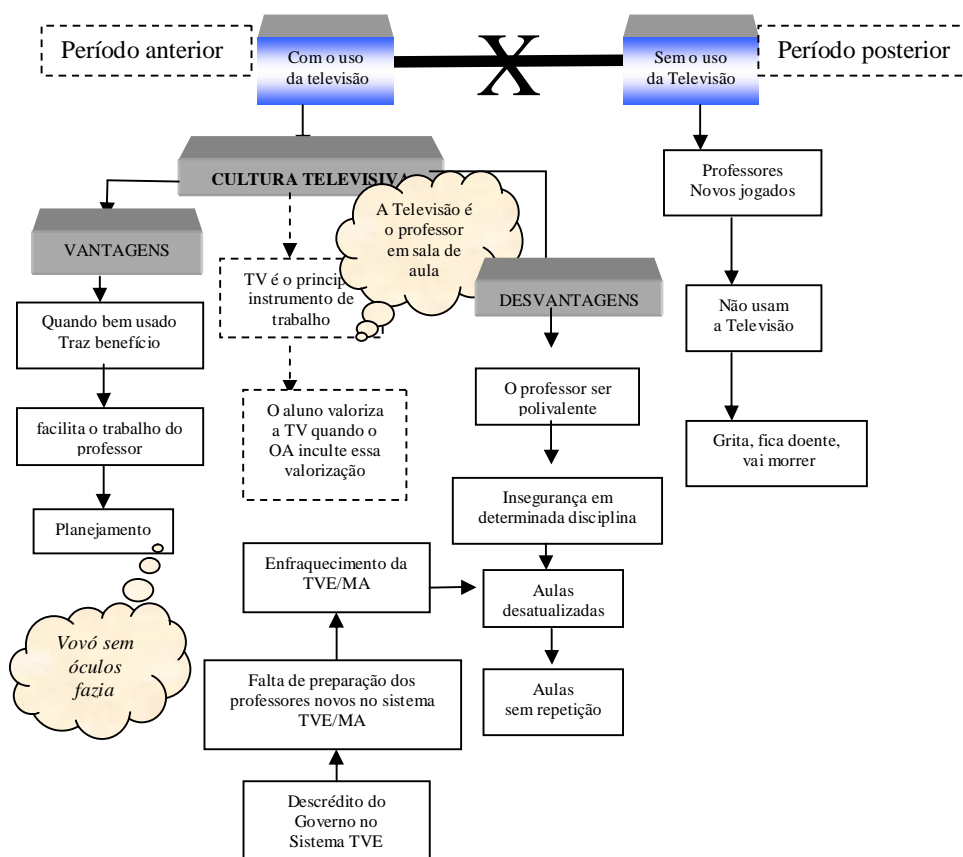
encarregada de estabelecer as políticas educacionais do Estado, passando a conviver com dois órgãos Administrativos das Políticas Educacionais. Nessa situação, Elizabeth informa que seus salários caíram muito e como conseqüência houve muitos prejuízos, que afetaram também o próprio sistema.

O esquema a seguir salienta os pontos básicos de seu depoimento.



Esquema 2 - fala da depoente sobre uma cultura favorável e/ou desfavorável para o uso da televisão em sala de aula, assim como sobre encerramento do sistema TVE/MA.

Em resumo, uma cultura favorável para o uso da televisão existiu por um bom tempo, enquanto o Sistema TVE/MA mantinha um padrão de qualidade. A partir do momento que essa qualidade foi caindo, ao colocarem professores sem preparo para usar o principal recurso na sala de aula do sistema de televisão educativa, acostumados com o sistema regular de ensino, em que existe um professor como mediador no processo ensino-aprendizagem, esses sim não mantiveram essa cultura favorável. Ilustramos isso no esquema a seguir:



Esquema 3 - cruzamento dos esquemas

Embora os Orientadores de Aprendizagem, na fala de Elizabeth, registrem as desvantagens da proposta, o recurso ainda era tido como o principal instrumento de trabalho, com um planejamento pronto, muito fácil de ser aplicado, alterado cada vez que surgia alguma situação em que não tinham possibilidades de realizá-las. Ela diz que

o mais interessante, porque facilita o próprio trabalho do professor na sala de aula, porque o professor é obrigado a assistir a aula junto com o aluno, para depois então melhor orientar os alunos nas atividades (...) a gente formava um grupo de estudo mesmo, entendeu? o planejamento de fato acontecia, não?! às vezes tinha umas colegas, que eu também disse: ah! Não sei porque fazer planejamento, porque vinha já, tudo preparado, até como a gente dizia: até vovó sem óculos fazia... já vinha o planejamento, em cada lição vinha os objetivos, o planejamento, e na hora do nosso planejamento, nós fazíamos juntar aquilo tudo e algumas estratégias que agente via que estava sugerido ali que não dava pra ser aplicada em sala de aula, a gente modificava, mas já vinha tudo, já vinha tudo pronto, tudo.

Na visão da depoente, o planejamento vinha pronto e era de fácil manuseio. A metáfora *até vovó sem óculos fazia* reforça a idéia de facilidade com que os OAs o utilizavam.

É interessante destacar, ainda, algumas vantagens que a Orientadora de Aprendizagem Elizabeth ressaltou. Mesmo não tendo a formação em todas as matérias, ela se respaldava no conteúdo apresentado pela transmissão das aulas pelo sistema de Televisão Educativa. Relata que

(...) o professor tem que preparar, assistir o programa, assistir junto com o aluno, às vezes surgem as mesmas dúvidas com o aluno, não é! o professor é um eterno aprendiz também, não é! então às vezes surge de acordo com ... surgia muito, a surgir... porque nós éramos responsáveis pelas matérias todas, e nós... não temos formação em todas as matérias, é então que, que é... por exemplo, eu sempre gostei de matemática, então eu ia além da televisão em matemática, eu ensino português já há mais de 20 anos, então nas aulas de português eu ia além da televisão, mas as outras disciplinas que eu não tinha essa habilidade, eu ficava ali na televisão.

Ainda segundo ela, todos os OAs eram concursados e treinados pelo CEMA e mantiveram sempre essa postura, na qual todo o planejamento girava em torno do uso da televisão em sala de aula. É a partir desse recurso que também funciona a organização da sala de aula em equipes, em que após o encerramento da programação iriam responder às questões problema, envolvendo a todos. Nessa organização Elizabeth destaca como uma das lembranças importantes do seu trabalho como OA, pois o fato de que ficava no horário integral com a turma, acompanhando-a durante todo o ano, tinha possibilidades de conhecer cada aluno, preocupando-se com o individual, com o pessoal. Em contrapartida, eles correspondiam com grande respeito, tinham um laço bem estreito e uma amizade muito forte.

Em sua concepção, um retorno do Sistema de Televisão Educativa do Maranhão poderia acontecer, pautado na mesma metodologia com que foi trabalhado, com a mesma proposta pedagógica, porém, adaptado à realidade de hoje.

Análise da Entrevista de Maria José - CEMA

Formada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com licenciatura, **Maria José Vieira** participou do processo seletivo para o cargo de Orientadora de Aprendizagem do sistema TVE/MA no ano de 1982, sendo aprovada, assumindo uma telessala na BR da Mata, periferia do município de São José de Ribamar, com uma população muito carente e 32 km distante da capital. A escola hoje se chama Unidade Escolar Salustiano

Trindade. O sistema de televisão educativa encerrou suas atividades em 2002, época em que havia 17 telessalas com 836 telealunos.

Neste período, Maria foi transferida para o CEMA sede em São José de Ribamar, na Unidade Escolar Professora Maria Elisa de Almeida Silva, que se encontrava com 24 telessalas e 940 telealunos, para dar continuidade ao seu trabalho como Orientadora de Aprendizagem até 2005. Este foi o ano de encerramento das atividades do sistema TVE/MA, quando se encontrava, nesta escola, com 12 telessalas e 468 telealunos. Hoje a depoente está em sala de aula no sistema regular de ensino fundamental ministrando as disciplinas de História, Artes e Religião.

A estratégia argumentativa utilizada pelo depoimento de Maria José encontra-se em dois esquemas: o primeiro desenvolve-se em torno da importância da TVE/MA referente a alguns tópicos sobre uma cultura favorável e/ou desfavorável à utilização da televisão na sala de aula, assim como, também, tópicos sobre seu processo de decadência; o segundo é um esquema que destaca a importância da televisão na sala de aula no contexto do sistema de televisão educativa, tendo uma visão do aluno e do orientador de aprendizagem como participantes ativos neste processo.

Em seu depoimento, Maria José relata a existência de uma cultura favorável ao uso de televisão em sala de aula, pois, para ela, a lembrança mais marcante é a presença da televisão: *“a lembrança mais marcante é... é... a questão das aulas pela televisão”*. Ela acrescenta que, pelo fato de ser a televisão o recurso principal dentro da sala de aula, os alunos, conseqüentemente, tinham uma participação muito importante na sua aprendizagem, pois estudavam bastante para aprender, participando ativamente do processo. Trabalhando em grupos, eles tinham um envolvimento maior nas atividades que lhes eram atribuídas, como a situação problema, participando, ainda, dos seminários que eram organizados. Eles também desenvolviam atividades extraclasse, designados pelo seu orientador, e tinham, também, tempo para a leitura.

(...) é dizer que o aluno tinha, ele tinha uma participação imensa assim na educação, era voltada assim... tão grande, que a gente... percebia que o aluno estudava para aprender e hoje... é um desperdício

(...) o aluno trabalhava em grupo, o aluno parava para ler, era um trabalho assim... ele fazia, ele resolvia a situação problema, ele participava de seminário, participava de trabalho extra da própria sala de aula.

Quando fala do passado, vez por outra, remete-se ao presente, comparando sua atuação no sistema TVE/MA com sua prática de hoje. Fica implícita, aqui e ali, sua crítica ao modelo convencional. Em sua visão, o aluno do sistema estudava para aprender e hoje é um desperdício, ou seja, não estuda mais para aprender. Ela afirma, em outro momento, que hoje o ensino convencional deixa a desejar, ou seja, não cumpre adequadamente seu papel.

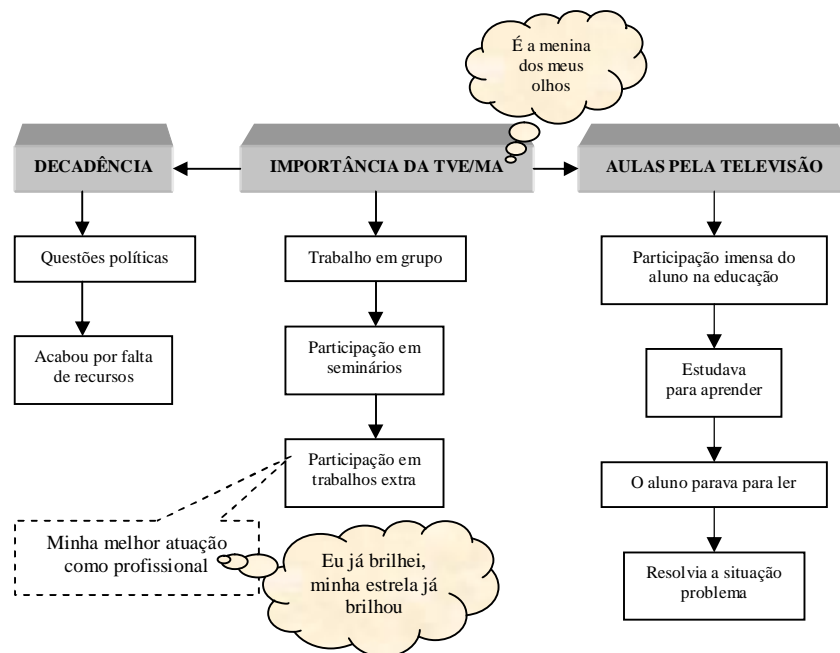
A depoente nos relata, ainda, que não faltava nada até o ano de 1986, tinham todo o material didático necessário para desenvolverem um trabalho com qualidade, objetivando resultados positivos e significativos. Sobre esse aspecto, usa a metáfora é a menina dos meus olhos, para dizer que o sistema de televisão educativa do Maranhão é muito importante. A menina dos olhos permite ver, vivenciar o mundo. Esta metáfora sugere, ainda, que ela tivesse um conceito bom de si mesma, quando trabalhava no CEMA. Quando tinha sua telessala, planejava vários projetos que foram realizados naquele período.

Outra metáfora utilizada, *eu já brilhei... a minha estrela já brilhou*, compara seu trabalho com o brilho de uma estrela, que encanta a todos. Diante de tais projetos, era reconhecida pelos demais na escola, inclusive pela diretora: *“foi muito bom, Concita (diretora da escola) gostou muito do meu projeto”*. Maria José foi citada por outra depoente, uma Orientadora de Aprendizagem do ESTADO, como uma OA que se destacou na escola.

Quando questionada sobre o declínio do sistema TVE/MA, a depoente nos informa, até de maneira um pouco revoltada, nomes de políticos, que, na época, do seu ponto de vista, foram os principais responsáveis pela decadência do sistema. Classifica como meramente políticas as questões que ocasionaram o enfraquecimento, afirmando que os próprios funcionários chegaram a organizar uma greve como forma de protesto, com objetivo bem específico de possibilitar as melhorias necessárias. Como não obtiveram sucesso, a consequência foi a TVE/MA ter acabado por falta de recurso.

(...) houve uma decadência assim... de falarem... de ensino, foi assim um enfraquecimento tão grande... que a gente se... se... dispôs... até a... momento de fazer greve, para ver se melhorava (...) aí a gente se sentiu um fracasso.

Esses argumentos estão resumidos no esquema a seguir.



Esquema 1 - Importância do Sistema TVE/MA

Os argumentos utilizados para falar sobre a importância da TVE/MA produzindo uma cultura favorável ao uso da TV em sala de aula, utilizam, sobretudo, os produtos da aprendizagem, afirmando que se o produto é bom, o processo também é, quando nos diz que o aluno aprende mais rápido com o ensino através da televisão. Para ela, o aluno tem a imagem a seu favor nesse processo. Utiliza-se da comparação “*como uma novela, um filme*”, cujas histórias todos vêem e comentam, para sugerir que, assim, o aluno não esquece com facilidade, também comentando com os colegas. Isso fica marcado na vida do aluno. É um recurso que proporcionava informações diversas, educava e instruía.

a televisão é um meio de comunicação que informava, educava, instruía... a gente via assim... o perfil do aluno como um todo...

Em seu discurso, a televisão é o elemento principal da aprendizagem.

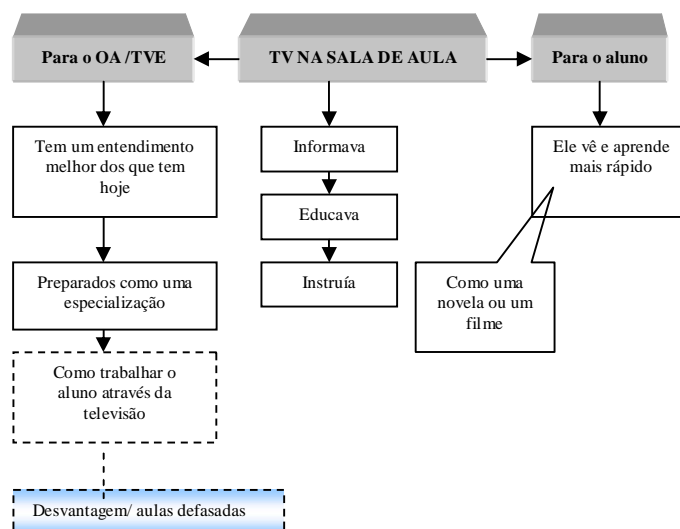
Quando se reporta à atuação dos Orientadores de aprendizagem, ela ressalta que se refere aos orientadores que passaram pelo processo seletivo da TVE/MA, que tiveram treinamento, afirmando que eles tinham um entendimento muito melhor da sala de aula, sendo mais seguros, tendo domínio didático, mesmo quando atuam no ensino convencional, porque

eles receberam uma formação específica de como trabalhar o aluno através do ensino de televisão. Ou seja, para ela, era como se fosse uma especialização.

o professor da antiga TVE, ele tem um entendimento melhor dos que hoje estão ai na sala de aula. ele não tinha dificuldade na sala de aula, domina tudo, você entendeu? nós fomos tão bem treinadas, nós tivemos vários treinamentos, eu vejo assim essa questão de segurança em sala de aula, o professor da TVE é mais seguro, o treinamento que a gente fazia em São Luís da TVE... tinha as apostilas, tinha livros para gente estudar em sala de aula, como manusear, como passar por aluno... nós tínhamos... assim é... uma especialização, nós íamos para a sala de aula com uma área específica, como trabalhar esse aluno através do estudo de... televisão...

A única desvantagem que aponta é a existência de aulas defasadas. Aliás, convém colocar que a depoente Maria José, em momento nenhum, cita os professores do Estado que entraram para trabalhar como OAs nas telessalas.

Os argumentos apresentados estão expostos no esquema a seguir.



Esquema 2 - Visão da importância da TV na sala de aula.

Resumindo, a depoente Maria José, em diversas situações, faz comparações entre o CEMA e o sistema de ensino convencional atual, colocando o sistema de televisão educativa maranhense como um projeto de qualidade, de credibilidade tanto por parte de alunos como dos orientadores. Apresenta como argumento principal o fato de que, atualmente, os alunos encontram-se bem empregados. Muitos fazem faculdades, saem bem na

sala de aula atualmente e têm um certo destaque com relação aos demais. A cultura televisiva na sua formação foi tão forte que ela ainda usa a televisão para desenvolver suas atividades dentro da sala de aula do ensino convencional.

Análise da Entrevista de Teresinha de Jesus - CEMA

Teresinha de Jesus Maia Pereira é formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com especialização em Gestão Educacional. Hoje é diretora geral da Unidade Escolar Tácito Caldas, escola da rede pública estadual, com um sistema de ensino Fundamental de quinta a oitava série e Educação de Jovens e Adultos, localizada no município de Paço do Lumiar, onde reside.

O município tem, aproximadamente, 100 mil habitantes. É uma população pobre em sua maioria. A depoente participou do processo seletivo em 1978 do CEMA, sendo aprovada. Assumiu o cargo de Orientadora de Aprendizagem, trabalhando, inicialmente, na BR de Paço do Lumiar, ficando em sala de aula até o ano de 1994.

Na própria BR Paço do Lumiar, assumiu a direção da Escola, que passou a ser chamada de Unidade Escolar Tácito Caldas – CEMA. Ainda no ano de 2005 tinha quatro telessalas, sendo duas da sexta série e duas da sétima, com um total de 107 telealunos, finalizando suas atividades com o uso da televisão em sala de aula no ano de 2006. Desde o encerramento do Sistema de Televisão Educativa, encontra-se aposentada como Orientadora de Aprendizagem do Sistema de Televisão Educativa do Maranhão.

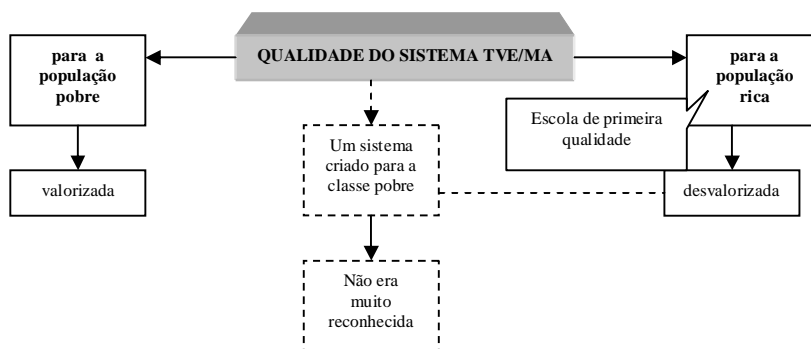
Iniciando a análise da estratégia argumentativa, defrontamo-nos com uma controvérsia na fala da depoente, em que nos diz que o sistema de Televisão Educativa do Maranhão não tinha muito reconhecimento por todos porque era destinado à classe pobre. Ela se preocupa em explicar que se a TVE/MA tivesse ricos como alunos seria considerada de primeira qualidade. Mas seu argumento consiste em mostrar que mesmo com a clientela sendo pobre, o ensino era de qualidade.

apesar... não era muito mais reconhecido porque era uma classe... de gente pobre. quem era mais favorecido eram os pobres. mas se fosse lá... que tivesse rico, a televisão era... ali era uma escola de primeira qualidade.

Mostrar que o ensino era de qualidade é uma preocupação que aparece desde o início de sua fala. Para ela, os alunos tinham prazer em participar do processo ensino-

aprendizagem proporcionado pelo sistema e o valorizavam. Num certo sentido, ela está se referindo a critérios adotados para que uma mercadoria possa estar circulando no mercado capitalista, que só pode ser consumida por pessoas com um poder aquisitivo alto, ou seja, os ricos, em escolas ricas, onde existam materiais didáticos, livros, manuais, televisores, antenas, carteiras, enfim, tudo o que efetivamente existia no sistema TVE/MA. Desse modo, só faltaria a clientela para ratificar a qualidade, para se poder dizer que seria de primeira qualidade. Esta argumentação indica, na sua visão, que houve desvalorização do trabalho das escolas do sistema TVE/MA e esta se deve à clientela.

A controvérsia explicitada encontra-se no esquema 1 a seguir, tendo como eixo a qualidade do sistema TVE/MA, referindo-se à estrutura física, à estrutura de manutenção que a TVE/MA tinha e que depois foi-se perdendo.



Esquema 1 - A grande controvérsia

Tendo como fio condutor de seu depoimento atestar a qualidade do sistema TVE/MA, encontramos, na fala da depoente, três momentos básicos para realizar uma análise significativa: quando fala sobre a estrutura do sistema de Televisão Educativa; sobre a importância da televisão na sala de aula e, ainda, quando se refere a aspectos que prejudicaram o sistema e determinaram o seu encerramento.

No primeiro aspecto – estrutura do sistema TVE/MA – a depoente nos diz que o trabalho realizado foi marcante, principalmente, pela estrutura em que eram organizadas as salas de aula, ou seja, em grupos, em que os alunos tinham maiores oportunidades de se conhecerem, se integrarem e, dessa forma, aprenderem a viver e a aprender em grupos. Havia respeito mútuo, alunos e orientadores se entendiam muito bem, possibilitando um ambiente tranquilo para realizar o trabalho. Na estrutura do sistema TVE/MA, além do uso da televisão

como o principal recurso em sala de aula, usavam, também, *slides*. As reportagens e pesquisas de campo eram produzidas pelos especialistas do Centro de produções de Multimídias do próprio sistema. A depoente, diante de toda essa organização, atribui ao sistema uma riqueza muito grande. Todo esse aparato, para ela, atesta uma educação de qualidade.

era muito rica... a TVE era muito rica , porque tinham os slides, não é? As reportagens, as pesquisas que eles faziam em campo.

No segundo aspecto, fala da importância do uso da televisão na sala de aula, tendo como vantagem proporcionar aos alunos, através das aulas veiculadas, imagens que mostravam o concreto, ou seja, situações como realmente são no momento em que acontecia um acontecimento. Por isso, ia muito além da teoria.

o aluno tinha oportunidade é... de conhecer por exemplo: se falava em uma guerra no Iraque, ele estava vivenciando... você tinha oportunidade através da imagem, de conhecer, não é? além da parte teórica, ele estava também ali conhecendo... na vivência de conhecimento.

Diz também que, após as transmissões das aulas, as Orientadoras de Aprendizagem imediatamente faziam a mediação, caso os alunos tivessem dúvidas, pois o assunto ainda permanecia sendo discutido em sala. Para ela, a emissão era tão boa que só não aprendia quem realmente não queria nada.

o aluno tinha oportunidade de... de ver o que ele entendeu, o que ele deixou de entender... só quando ele não queria mesmo!

Enfatiza essa situação como mais uma das vantagens existentes. Faz uma comparação com o sistema atual de aulas presenciais, quando, na falta de um professor, não há como manter controle sobre a turma, contrapondo à realidade do sistema de televisão educativa em que isso não acontecia. A televisão proporcionava um acompanhamento junto da turma mesmo na falta do Orientador de Aprendizagem. Devido à estrutura organizacional da sala em grupos, cada aluno possuía uma função. A aula era transmitida e assistida praticamente da mesma forma como se tivesse o OA.

eu achei assim que depois que passou a hora-aula, por disciplina, é o... aluno... ele... 50 minutos de aula, professor sai de turma ele sai também. Professor não vem, o diretor fica até sem saber o quê que vai dar, porque... pela televisão a gente sempre tinha o acompanhamento.

No terceiro aspecto, quando fala sobre o que prejudicou a funcionamento do sistema maranhense de televisão educativa, dá ênfase ao desinteresse dos governantes, que tinham uma concepção errônea quanto à função exercida pela TVE/MA nas escolas da rede pública.

influenciou muito o desinteresse dos governantes. porque o que eles achavam que a TV não era para dar aula, era apenas para reportagem... e aqui no Maranhão funcionava, como educação, era uma teleeducação, então, eles achavam que isso não...

Sugere esse despreparo dos governantes como um dos principais aspectos para tal situação e, em consequência deste, surgiram outros, como a falta do material didático, que prejudicou muito o trabalho dos Orientadores de Aprendizagem, a reposição de televisores, o enfraquecimento do sinal de transmissão, aulas defasadas, etc. Aqui a depoente usa a metáfora aulas caducas, referindo-se à velhice, para dizer que já não faziam sentido, estavam velhas demais, desatualizadas, passando do tempo.

algumas estavam desatualizadas, estavam caducas. teve uma época que eles falavam da Sudene que não tinha mais nada a ver, a Sudene aqui no Maranhão.

Isso fazia com que o trabalho realizado em sala de aula, como o aluno já estava adaptado à televisão, diante de todos esses entraves, tomava aquela impacto, o OA tinha que assumir a postura de um professor convencional para dar continuidade à aula. Esse teria sido o ponto-chave para o enfraquecimento da proposta do sistema.

Nesse contexto de decadência, há, também, a inserção de professores oriundos do Estado. Aqui, a depoente usa a metáfora sem bagagem referindo-se a uma pessoa que não possui a mala cheia de roupas, acessórios, e outros pertences pessoais, o que demonstra um indivíduo despreparado, desprevenido para realizar uma viagem a contento, com satisfação. Portanto, esse professor do Estado entra na sala de aula para utilizar a televisão como um recurso no processo ensino-aprendizagem, totalmente desnortado, sem rumo. Não sabe o que fazer com o tempo dedicado ao debate, ficando preocupado se vai ter que dar outra aula além da televisão, ou seja, fazer um serviço duas vezes.

muitos Orientadores de Aprendizagem que... entraram sem fazer um... seletivo, um treinamento, eles não entendiam... eles achavam... “ah! dar aula pela televisão? e eu tenho que dar aula novamente?”

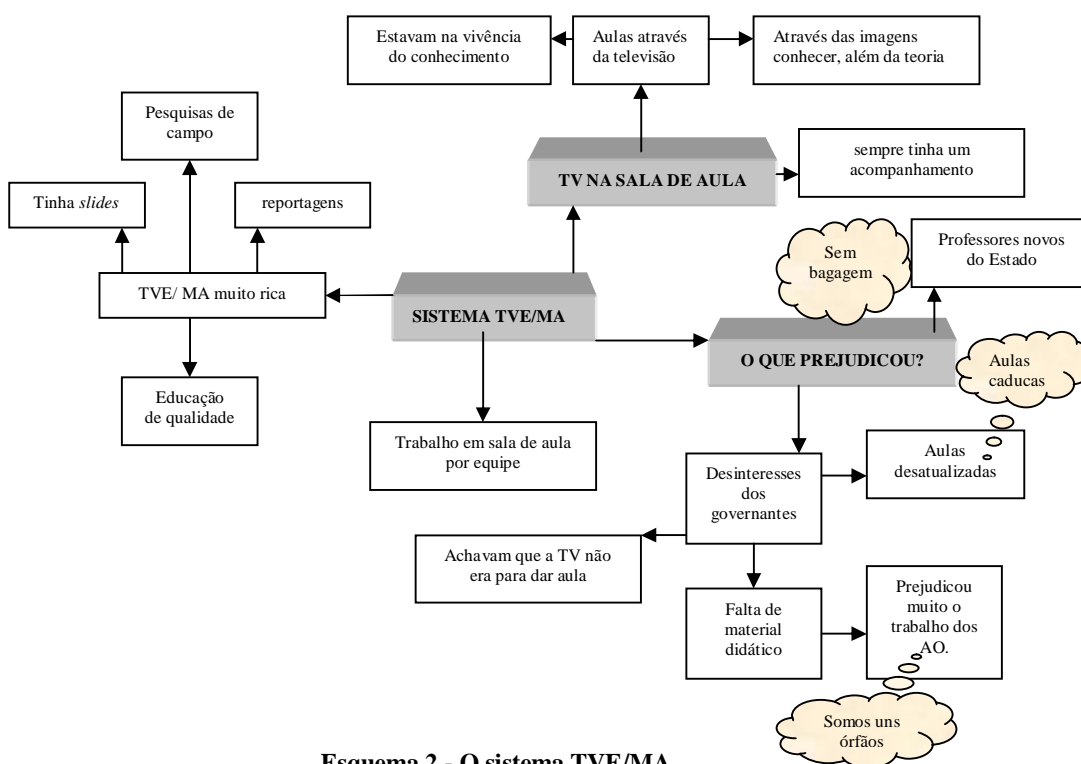
Teresinha confessa que não sabia quem mantinha o CEMA, lamenta não ter encontrado ninguém para ouvir queixas, para dar sequer uma satisfação de qualquer coisa, por mínima que fosse. Usa a metáfora *somos órfãos* para acentuar tal situação. Órfãos não têm pai nem mãe que possam ampará-los, quando se precisa.

Chama atenção, também, para o termo Orientador de Aprendizagem. Ela parece valorizar a designação professor e não entender o porquê da diferenciação.

inclusive a gente nunca.. .essa terminologia de Orientador Aprendizagem nunca foi aceita como professor, não é? é uma outra terminologia, nós ainda não somos professores. pelo menos eu me aposentei como Orientadora de Aprendizagem.

Sugere, desse modo, haver certa desvalorização do papel dos OAs quando diz *nós ainda não somos professores* como se ser professor fosse uma etapa posterior.

Os argumentos encontram-se estruturados no esquema a seguir.



Esquema 2 - O sistema TVE/MA

Embora Teresinha diga que o sistema de televisão educativa do Maranhão era pouco valorizado, pouco reconhecido, afirma, também, que foi e manteve, durante um bom tempo, um ensino de qualidade, valorizado por muitos outros. Foi um sistema que teve repercussão nacional, pioneiro, utilizando-se da televisão na sala de aula como o principal recurso, como proposta pedagógica, filosofia voltada à formação de uma cultura televisiva, disseminada enquanto mantinha sua qualidade, com uma estrutura totalmente abastecida de material, didático, professores, Orientadores de Aprendizagem concursados, treinados e preparados para mediar o processo ensino-aprendizagem das aulas veiculadas, transmitidas através do circuito aberto, como era o funcionamento da TVE/MA. O esquema 3 apresentado traz, na sua estrutura, uma comparação dos esquemas que localizam as controvérsias do depoimento.

Teresinha lamenta que o sistema de Televisão Educativa do Maranhão esteja encerrado, porque teve resultados satisfatórios e bem significativos. Para atestar o que diz, cita o exemplo de vários alunos que hoje se encontram bem sucedidos profissionalmente. Dá ênfase a um aluno que participou do clube político, e devido a essa participação hoje é vereador no próprio município, em Paço do Lumiar, e que fez questão de frisar isso quando participou de uma reunião na Câmara dos vereadores em que se encontrava presente.

Nós temos é... pessoas que já foram vereadores aqui na... na... comunidade e que até eu conversando com ele, é... ele na Câmara, não é? eu tive uma reunião, e ele me apresentou como professora... orientadora dele e disse que a TVE que incentivou para que fosse um político, porque, ele fazia parte do clube político, que era dividido em clube e que incentivou muito ele, despertou o interesse pela política. e que... é na época ele foi candidato a deputado dentro da escola e... ele achou aquilo muito importante e atualmente ele estava sendo vereador... ele acha que aquilo foi fruto da TVE.

A depoente ressalta que se dependesse dela a TVE/MA voltava a funcionar nas escolas, utilizando a televisão em todo o processo, dando uma continuidade à cultura televisiva, que, por muito tempo, permaneceu nessa comunidade educacional, nessa estrutura escolar.

Resumindo sobre o trabalho realizado, Teresinha enfatiza a importância do uso da TV, pois através da imagem os alunos tinham oportunidade de conhecer além da teoria, e, também, como ela faz questão de frisar, a vivência do conhecimento. Para ela, o sistema só não foi valorizado porque estava voltado para as classes empobrecidas, mas era excelente. Quem a conhecia por dentro sabia que era uma televisão rica, que proporcionou resultados muito satisfatórios para a população.

4.1.2 Análise das entrevistas do subgrupo B

Análise da Entrevista de Alcirene Ramos - ESTADO

Alcirene Ramos Pereira, professora com formação em Magistério mais o Adicional, concursada, nomeada no ano de 1994, servidora da rede pública estadual de ensino, assumiu uma sala de aula como professora de Matemática no CAIC São José de Ribamar. No ano de 1995 foi convidada para assumir como dobra de carga horária, ou seja, dar aula em outro horário como contratada por falta de professor, numa telessala de quinta série no sistema de televisão educativa na Unidade Escolar professora Maria Elisa de Almeida Silva, onde permaneceu até o ano de 2005, num longo período de 10 anos.

É formada em Pedagogia, com habilitação em Magistério das primeiras séries iniciais pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Encontra-se ministrando aula de Matemática para o Ensino Fundamental, apenas na Unidade Escolar Professora Maria Elisa de Almeida Silva, no município de São José de Ribamar, onde nasceu e estudou. A depoente nos contou sua experiência com muita empolgação.

A estratégia argumentativa estruturada nos depoimentos de Alcirene encontra-se organizada em dois esquemas simples: o primeiro sobre a importância do sistema TVE/MA, com suas vantagens e desvantagens e o segundo sobre a existência ou não de uma cultura favorável ao uso da televisão na sala de aula.

Para Alcirene, o mais importante na televisão educativa do Maranhão era a facilidade do trabalho do professor. Importante ressaltar que ela usa a terminologia professor. São poucas as vezes que usa Orientador de Aprendizagem. Para ela, o manual estava tão bem estruturado e organizado que poderia desempenhar um trabalho eficiente, sem precisar fazer qualquer outro tipo de pesquisa que, porventura, viesse complementar, enriquecer mais a sua orientação. Vinha tudo preparado, minuciosamente, e o professor teria que se preocupar, apenas, com a atividade do aluno, ou seja, não com a transmissão dos conteúdos veiculados, chamando atenção para algumas coisinhas, mas o mínimo. Essas “coisinhas” dão a entender que eram de pouca importância, visto que nos manuais já se encontrava tudo bem facilitado e

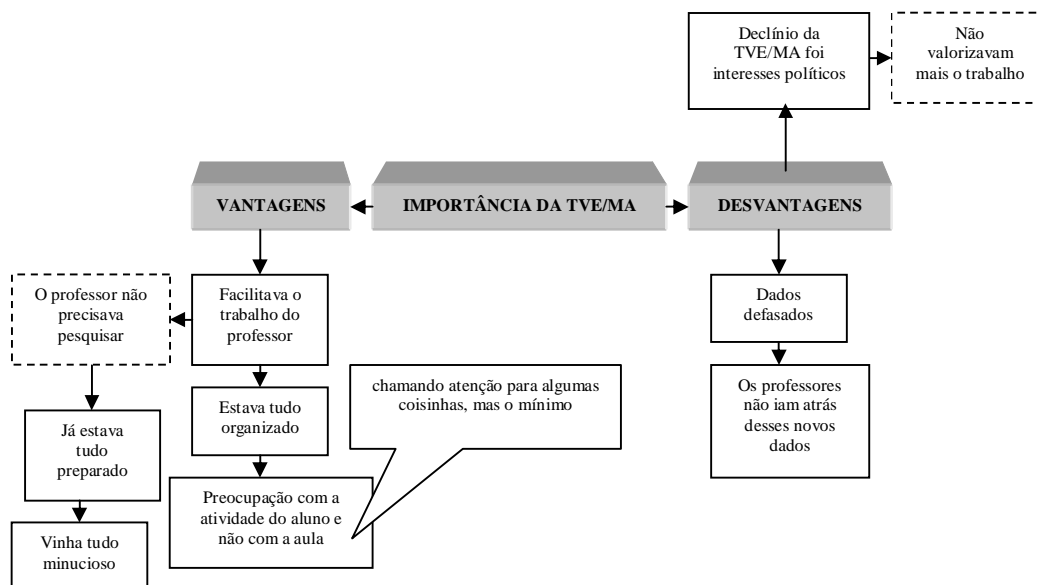
o professor nem precisava fazer muita coisa. Alega que, embora constate a existência de dados defasados nos conteúdos de algumas aulas, pelo fato de se encontrar tudo preparado, o professor não tinha necessariamente que ir atrás, ou seja, não precisava atualizar dados porque a aula prosseguia na maior tranquilidade.

eu acho que facilitava o trabalho do professor... é... porque já estava tudo organizado e o professor não tinha que estar tão assim... voltado para pesquisar mais assunto (...) mas... porque tinha algumas coisas, algumas áreas que estavam defasadas assim... vamos dizer assim... a questão dos dados, não é? tinham os dados já... defasados, a gente tinha que ir atrás, não é? dar mais atual para o aluno, mas ele facilitava muito e a gente tinha mais preocupação com as atividades do aluno e não com a aula em si, não é? é isso aí... eu acho que ajudava bastante e de uma certa forma até... deixava o professor, deixava ele muito... tinha algumas pessoas que não iam nem atrás, não é? Porque já estava tudo preparado... não é?

É importante observar que ela se refere a algumas pessoas que não iam atrás da atualização, sem se incluir. O fato de não se incluir pode significar que ela julga a postura não desejável ou em desacordo com o que seria esperado pelo interlocutor. Sugere, assim, que uma das desvantagens eram os professores não terem que ir buscar atualização. Para Alcirene, isso não seria necessário, já que poderiam muito bem desempenhar sua função dentro da sala de aula, de maneira exemplar, pois tinham a televisão e o manual a seu favor. Diz isso, mais uma vez, sem se incluir.

alguns professores achavam que já estava muito... defasados, então... tinham alguns dados, os dados de matemática, de geografia... já estavam muito defasadas, então ele achava que... tinha que mudar... que o professor tinha que ir atrás, mas como as aulas já vinham prontas... o professor não ia atrás desses novos dados,

Atribui a falta de interesse político apenas por questões políticas, pelos próprios políticos que não valorizavam o trabalho produzido pelo sistema de televisão educativa do Maranhão, à finalização das atividades. São argumentos que encontramos estruturados no esquema a seguir.



Esquema 1 - A importância do sistema TVE/MA

Sobre a formação de uma cultura favorável ou não ao uso da televisão na sala de aula, a depoente informa que a televisão, nesse contexto educacional, chama mais a atenção dos alunos. Bastava a ela, como professora, ficar no seu canto, cuidando para que os alunos olhassem para a imagem e que, atualmente, no sistema convencional, quando está em sala de aula, precisa gritar.

eu acho importante, eu acho, por que ajuda a... a atenção do aluno... a chamar mais atenção dele, porque só o professor estar lá na frente... e tal... ele... às vezes a gente... dá uns gritos em cima deles para ver se eles... é... presta atenção... e na televisão, a televisão está lá... e a gente está aqui..... "oh! ei, psiu! Olha lá! Tal...olha lá!" não é só..... facilita muito... e a gente está lá só... orientando, chamando atenção para algumas coisinhas, mas o mínimo.

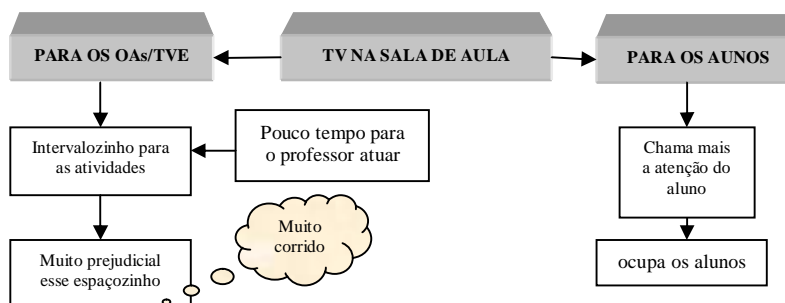
Na sua concepção, a TV é meramente mais um recurso para que o professor possa ficar um pouco tranqüilo no seu canto, mantendo os alunos ocupados. Sendo assim, ajuda muito o trabalho do professor, pois a turma fica quieta. Informa-nos, ainda, que com toda essa estrutura organizacional, tudo tão certinho, ela se adaptou muito bem ao sistema, não teve problema nenhum enquanto estava nas telessalas. Porém, dentre toda essa organização, Alcirene achava que o intervalo entre as aulas, para serem administradas as atividades que eram atribuídas aos alunos, como por exemplo, a situação problema, não tinha tempo de corrigir, pelas suas palavras, não dava tempo nem de terminar sequer uma atividade. Para

justificar tal situação usa o termo *muito corrido* , ou seja, muito rápido, e isso era muito prejudicial.

a gente assistia à aula, não é? tinha aquele intervalozinho para atividades... agora o que eu achava que era muito prejudicial, era esse espaçozinho, não é? já estava tudo programado, determinado momento... aula... aí tinha... um tempinho para as atividades... aí aula novamente, não é? aí ficava muito corrido assim... esse espaço, por que às vezes a agente nem terminava uma atividade, já estava passando uma outra aula... e não tinha esse espaço para gente voltar com aquela outra atividade que ficou, não é? lá alguns momentos que tinham atividades... é... de revisão a gente voltava, mas nem todo mundo fazia isso, não é?

A concepção de Alcirene sobre o uso da televisão difere bastante das dos orientadores CEMA, uma vez que, para ela, caberia ao professor usar o intervalo entre as transmissões para corrigir as tarefas propostas ao aluno, fazer revisões. Ela, como professora, estando à frente, usaria a TV para facilitar o trabalho do professor, ocupando os alunos.

São argumentos ilustrados no esquema 2:



Esquema 2 - A importância da TV na sala de aula.

Resumindo, Alcirene gostou bastante do trabalho que desenvolveu dentro da sala de aula no sistema de televisão educativa do Maranhão, pois a Proposta Pedagógica proporcionava aos professores, que não foram treinados, como é o caso dela, todo um suporte para desenvolver sua atividade a contento. Ela faz até uma comparação com a sua atuação na sala convencional, pois tem uma certa dificuldade hoje. Antes, mesmo com algumas falhas, alguns dados defasados, eles poderiam ficar tranquilos, que a organização garantiria a sua qualidade na sala de aula. Comenta, ainda, que hoje não utiliza mais a televisão na sala de

aula, mas os livros, o manual, ela continua a usar para ministrar suas aulas de matemática, pois neles consta todo o procedimento de como se chegar a um resultado das expressões trabalhadas. Para ela, o sistema deveria voltar do jeito que era antes, insinuando que existem dificuldades, hoje, que não tinha antes, porque o sistema facilitava sua tarefa de professor.

Análise da Entrevista de Maria Gorete – ESTADO

Nascida no município de São José de Ribamar, **Maria Gorete Protázio Alves**, formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), com habilitação em Magistério nas disciplinas das séries iniciais do Ensino Fundamental, foi nomeada em 1980. Assumiu salas de aula no sistema convencional de ensino fundamental na Unidade Escolar Estado da Guanabara, em São José de Ribamar, em 1998, com outra nomeação, e foi colocada em uma telessala na Unidade Escolar Professora Maria Elisa de Almeida Silva, onde ficou até o ano de 2005, quando se deu o encerramento do sistema nessa escola.

Maria Gorete hoje leciona as disciplinas de Português e Ética e Cidadania nas duas escolas, no Ensino Fundamental. A depoente nos informa que também estudou no sistema TVE/MA entre 1970 e 1974, cursando da quinta a oitava série em uma das escolas onde hoje trabalha, o CEMA Prof.^a M^a Elisa. Conhecedora como aluna e como Orientadora de Aprendizagem do sistema de televisão educativa do Maranhão, concedeu-nos uma entrevista com cordialidade.

A estratégia argumentativa utilizada no depoimento de Maria Gorete está organizada em dois esquemas. No primeiro esquema, procuramos destacar o sentido da fala da depoente sobre os principais tópicos referentes a uma cultura favorável e/ou desfavorável para o uso da televisão em sala de aula e, no segundo, o foco central destaca a importância do sistema TVE/MA, tanto para o aluno, como para o OAs, resgatando algumas lembranças antes de 1986.

Em seu depoimento, Maria Gorete atribui a importância da televisão no processo ensino-aprendizagem ao fato de chamar a atenção dos alunos. A TV, para ela, teria esse poder porque era uma novidade. No entanto, hoje, é um aparelho que todos têm em casa, não é mais novo. Quando o sistema TVE iniciou, em 1969, moradora do município de São José de Ribamar, uma população muito pobre na época, e ela participou como aluna nos primeiros anos, eram poucos os que tinham esse aparelho em casa.

a vantagem é... de chamar atenção, para o... não é mais um novo, não é? mas dependendo de como você trabalhar, seria um... você despertar o interesse para o aluno, chamar atenção... de querer se trabalhar... e a televisão como... assim... como era na TVE aula, não e? era o professor.... ela foi se tornando assim... a desvantagem é que ela já foi se tornando sem... desinteressante para o aluno... não sei se porque já tinha o aparelho em casa... ou se porque não tinha inovação nas aulas... eram transmitidas já há muito tempo, mesmo professor... da mesma forma

O que seria uma vantagem para ela, a novidade, transforma-se em desvantagem, uma vez que todos já têm televisão e as aulas não sofreram inovação. Tomar a inovação como um aspecto positivo na educação é quase um lugar comum entre os educadores.

Para o professor, segundo ela, a televisão dependendo de como será utilizada pode ser muito boa, até necessária. A depoente enfatiza que a televisão não é um recurso e sim um meio, referindo-se ao seu uso no sistema TVE/MA. Encontramos esta afirmação em outros discursos. Provavelmente, era algo enfatizado na época. A distinção entre meio e recurso fica um pouco melhor esclarecida pela utilização da metáfora *a televisão era o professor*, no sentido de que ela ocupava o lugar físico e o papel do professor.

Seu discurso se organiza pela comparação que faz entre os dois sistemas, o convencional e o sistema TVE/MA. Quando fala sobre o funcionamento do sistema, ressalta o trabalho em grupo como proporcionando maior organização da sala de aula. O trabalho em grupo e a televisão são os dois aspectos que considera vantajosos.

Sobre a decadência do sistema TVE no Maranhão, ela diz que o governo não mais se empenhou, e, conseqüentemente, não houve mais investimentos; como um segundo motivo cita as aulas ultrapassadas, como se fossem motivos paralelos e não como sendo o primeiro ocasionando o segundo.

olha! eu acho o que prejudicou muito... foi essa questão do governo não... mais... se... é... se empenhar, não é? no processo... não mais... é reativar algumas... é, algumas atividades que tinham realmente... e... a questão de além do governo... dessas aulas ultrapassadas.

Acrescenta, ainda, a falta de recursos. Como viveu os dois períodos, a ascensão, como aluna, e o declínio, como OA, compara as duas épocas, identificando como maior dificuldade o fato de ter que atualizar a aula. A metáfora implícita de *encaixar o novo* sugere, mais uma vez, a necessidade de haver sempre novidade e, desse novo, ter que caber no que já havia. A metáfora do conhecimento como uma *caixa a ser preenchida* também é recorrente entre educadores.

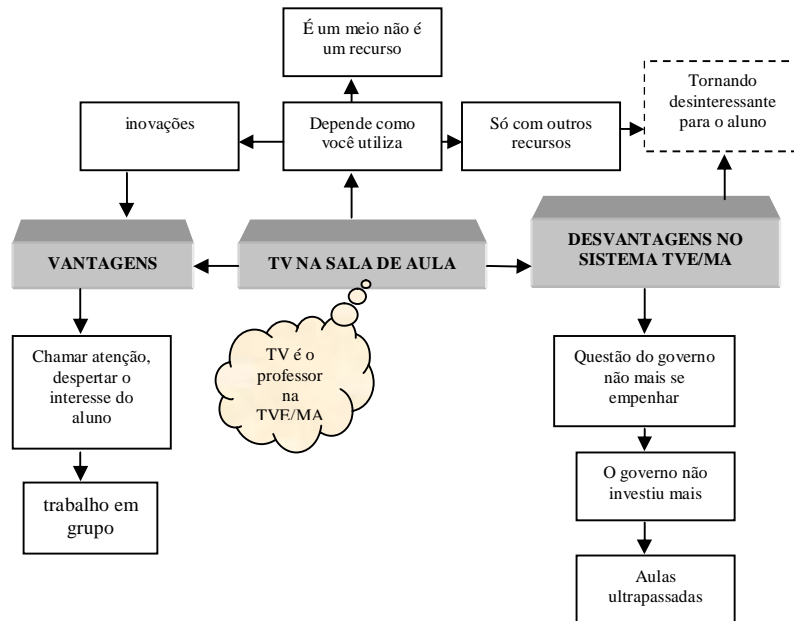
não tinha muito recurso na época e, tentando buscar o novo para encaixar... tinha aula que dificultava... você fazer esse encaixe não é? a falta de material, a falta de outros recursos para gente, até de... de livros... ou apostilas?

Quando indagada se a televisão ainda poderia ser usada hoje, ela ratifica a interpretação da necessidade do novo no processo ensino-aprendizagem, afirmando a necessidade de utilizar outros recursos.

reformada... e você através da televisão, você poderia usar outros recursos, não se pode deixar a televisão sozinha, agora... a televisão sozinha agora... ela... ela muito sozinha... ela não teria... ela não ia despertar, porque é um instrumento que todo aluno hoje em dia tem em casa, e antigamente não... era novidade, então para ele? Assistir aula pela televisão? viche Maria do céu!

Externa desse modo a total impossibilidade de se pensar um retorno do sistema TVE/MA, tal como era.

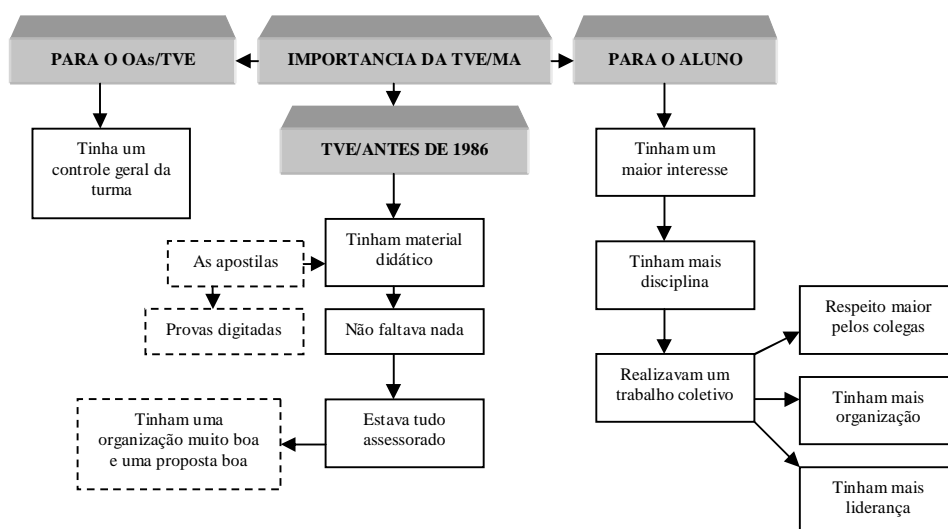
Seus argumentos estão ilustrados no esquema a seguir.



Esquema 1 - O uso da TV na sala de aula

Maria Gorete, em seu depoimento, diz que seu trabalho realizado na sala de aula conseguia bons resultados, pois a forma como a turma se organizava em grupos, facilitava.

Ela tinha um controle geral da turma e os alunos, ao se agruparem, tinham mais organização, mais respeito pelos seus colegas, mais liderança, maior interesse, mais disciplina. A disciplina hoje também é um dos fatores muito considerados pelos professores para avaliar a turma. Ela atribui a disciplina dos alunos à estrutura da Proposta Pedagógica do sistema TVE/MA. Na época em que era aluna, antes de 1986, tinha todo material, como as apostilas. Não faltava nada, havia um controle de toda estrutura, tinha um assessoramento, ressalta que até as provas eram digitadas, para confirmar a organização que existia no sistema. O esquema 2 ilustra sua concepção do sistema TVE/MA.



Esquema 2 - A importância da TVE/MA

Resumindo, Maria Gorete é uma professora da rede estadual que não participou de nenhum treinamento, foi aluna do sistema e, com isso, por ter conhecido o sistema dessa forma, desenvolveu seu trabalho tranquilamente na sala de aula como orientadora de aprendizagem. Ressalta que a televisão na sala de aula hoje não pode ser usada sozinha, quer dizer, como no sistema TVE, pois não é mais nenhuma novidade, mas um aparelho que todos têm em casa e, sendo assim, não despertaria mais interesse do aluno. Esta afirmação sobre a novidade inclui o computador que, segundo ela, também já está comum, muito menos seria a televisão.

Análise da Entrevista de Marilza Batista - ESTADO

Marilza Batista Barbosa é servidora pública há 20 anos da rede estadual de educação do Estado do Maranhão, lecionava ensino religioso no ensino convencional, trabalhou como Orientadora de Aprendizagem em 2002 e 2003, dois anos de experiência nas telessalas com a sexta série na Unidade Integrada Estado da Guanabara, no município de São José de Ribamar. Sua formação é o Magistério mais o Adicional. Hoje se encontra fora da sala de aula por motivos de saúde, desenvolvendo seus trabalhos pedagógicos na biblioteca da referida escola, onde está desde que entrou na rede pública.

A estratégia argumentativa utilizada no depoimento de Marilza encontra-se em um único esquema, que ilustra os aspectos da sua fala, destacando dois temas centrais sobre a importância da televisão para a sala de aula e para a televisão educativa do Maranhão. Na sala de aula organizamos as vantagens e as desvantagens do uso da TV em sala de aula.

A depoente, em seus relatos, inicia comentando que até o filho dela estudou na TVE e que, para isso, procurou uma amiga para que ela confirmasse a qualidade que existia no sistema como uma escola de ensino melhor. Porém, nessa época, os alunos já não tinham material, apenas o professor com seu manual de orientação. Percebe-se aí que a TVE já estava passando pelo processo de declínio, com alunos sem material. Para ela, o ensino *ficava muito a desejar*, mas, em sua opinião pesou mais o lado da mãe.

até meu filho, quando foi... ele estudou também no CEMA, na TVE e... quando eu fui para botar ele lá, eu fiz a pergunta para uma colega minha que trabalhava lá não é? hoje ela é aposentada... “Marilza, olha! aqui em São José de Ribamar, se você está procurando assim... uma escola assim... de um ensino melhor é a TVE”. só que é... o que eu achei assim que dificultou assim é que nem todos os alunos tinham... o... o material, os livros... ficava muito a desejar, só o professor que tinha aquele manual.

De qualquer modo, colocar seu filho no sistema, na época em que a rede convencional já estava estabelecida, mostra confiança na proposta.

Ao falar da importância da TVE, e aqui temos a opinião da Orientadora, comenta que a televisão na sala de aula é excelente, por possuir uma boa ilustração e, sendo assim, o professor não precisa mais fazer cartazes para usar na sala de aula, mostrando as paisagens, o meio ambiente, ainda mais com tela grande, pois, para ela, a ilustração é a televisão. Comenta, ainda, que apesar de tudo isso, de toda essa ilustração na sua experiência já nos últimos anos, os alunos não valorizavam a escola.

Quando cita os fatos que prejudicaram o sistema aponta a falta de material para alunos e professores, que eram obrigados a fugir um pouco do planejamento, deixando a televisão de lado. Para justificar tal situação em relação à filosofia que a TVE/MA primava sobre o uso da televisão na sala de aula e sua importância, ela usa a metáfora *ai quebrava tudo*. Quebrar significa perder o objeto, que na comparação com o sistema, tem o significado de abolir a filosofia existente na sua estrutura. São fatos que marcam uma desvantagem que foi existindo no sistema. É interessante observar que, motivada a lembrar de outro fato, diz ter tido um branco e, logo em seguida, afirma que o tempo de intervalo existente entre uma aula veiculada e outra era muito curto e, devido a isso, ela não tinha como controlar a turma. Os alunos ficavam inquietos, muito insistentes, ficavam conversando, desligavam-se um pouco. Justifica a situação informando que era porque a atividade da aula durava a tarde toda e eles, como orientadores, cobravam a atenção diversas vezes, sem surtir efeito. Isso a depoente determinou como o ponto negativo da utilização da televisão na sala de aula, situação que já ocorreu em outros depoimentos.

deixa-me ver, meu Deus! Um ponto negativo que eu achei... me deu um branco agora, espera aí... ah... o intervalo de uma aula para outra... eu achei muita, muita dificuldade nisso, porque assim... logo os alunos são muito insistentes, é conversando, se desligam um pouco, acho assim que aquela atividade daquela aula... é a tarde todinha só aquela atividade, e a gente cobrando, cobrando (...) para enfraquecer, sim, por que nem dava... nem tempo de corrigir... aquela atividade, quando agente ia começar a corrigir... que o aluno é lento, lento até porque ele quer... ao invés de ele estar cuidando do dever dele, ele está conversando coisas que não tem nada a ver... que menino: "criança a outra aula já está passando." era assim... tipo assim... não sei lá... um relâmpago, assim é... muito corrida... a desvantagem que eu achei também, o ponto mais negativo foi esse aí.

É importante registrar que o intervalo entre as exposições foi apontado por outros depoentes como um espaço de discussão e não de correção de tarefas. A correção só deveria se dar após toda a turma ter discutido e chegado a um consenso. Ela admite ser uma dificuldade realizar a correção das atividades, da situação problema que era deixada após cada aula. Esse intervalo, que, para ela, era muito curto, não dava tempo para completar cada etapa. Aponta os alunos como, num certo sentido, co-responsáveis, pois não acompanhavam, eram muito lentos. Justifica usando a metáfora *um relâmpago*, ou seja, ela minimiza ao máximo a duração do intervalo para reforçar novamente que esse é o ponto mais negativo que existiu e que contribuiu para enfraquecer a proposta da TVE/MA.

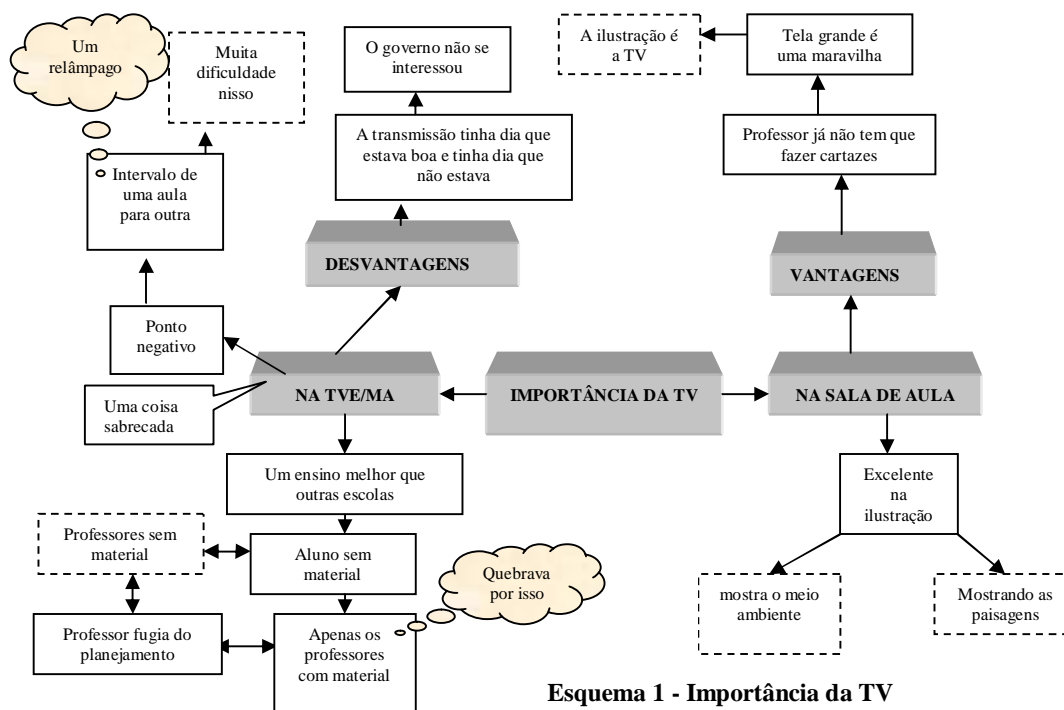
Lembrando de fatos que prejudicaram o funcionamento da televisão na sala de aula, a depoente aponta ainda que a transmissão das aulas, ou seja, o sinal da TV, tinha dia

que estava bom e tinha dia que não: *ah! está tudo preto, hoje ninguém vê nada*. O professor nessa situação tinha que dar aula como no sistema convencional e assim o fazia.

Outro fato prejudicial foi que o governo não se interessou e narra a tentativa da Diretora da sua escola de levar os problemas que existiam para a secretaria de educação e ninguém resolvia nada, usando a expressão *uma coisa sabrecada*¹². Porque, dessa forma, as reclamações não serviam para nada e a situação em condições cada vez mais precárias, justificava fazer um trabalho diferente da filosofia do sistema exigia.

no meu ponto de vista... assim... é... o governo assim... não se interessou! a Divalice (diretora da escola) levava os problemas lá para a secretaria, ela às vezes comentava com a gente... e... não adiantava nada! mas ficou muito a desejar, ficou assim uma coisa sabrecada... foi até assim... uma experiência... se dava certo. e ai quando se dava uma apostila assim... já usada eles não queriam... sabe como é aluno, não é? Querem coisa nova, não é? Ai a gente resolvia nem dar, porque se dava para 2, 3 outros não queriam mais.

Importante ainda ressaltar a insistente maneira como atesta o desinteresse dos alunos, o que difere dos demais discursos. Afirma, ainda, que o aluno quer *coisa nova*, não aceitava o material, possivelmente por já estar desgastado. Todos estes aspectos a impedem de seguir a filosofia do sistema e a obriga a trabalhar de forma convencional. Os argumentos que foram organizados em um único esquema a seguir:



¹² Sabrecada no Maranhão significa mal feita

É importante ainda destacar que ela foi a única a desvalorizar o trabalho em equipes, lamentando não poder fazer trabalho individual.

nunca foi assim... individual, sempre é assim desde o início é... por equipe, mesmo não tinha como fazer individual, porque eles não tinham material, foi uma coisa que colocaram aqui que ficou muito a desejar.

Em sua visão, o trabalho em equipe justificava-se pelo fato de não haver material para todos.

Resumindo, Marilza, em seu depoimento, nos mostra que o aluno, não somente do sistema TVE como também de um modo geral, é lento, conversa muito, não valorizava o sistema TVE. Apenas alguns prestavam atenção nas aulas. Não se lembra de nenhum aluno que tenha se sobressaído. Quando perguntado se a TVE cumpriu com sua proposta de escolarização, a depoente afirma que em parte, pois de um modo geral os alunos não gostam de estudar.

Mesmo com essa concepção, Marilza colocou seu filho para estudar no CEMA, porque seu município é uma das escolas que tem um ensino melhor. Comenta, ainda, que a aula da TVE é excelente. Aponta dificuldades em sua prática docente, sobretudo relativas ao tempo determinado para a correção das tarefas. Essa dificuldade encobre uma outra, de seguir a filosofia de trabalho que prioriza o uso da televisão em sala de aula. A TV é uma maravilha, mas trabalhar com ela em sala de aula exige condições ideais, que não existiram.

4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DO GRUPO 2

O grupo 2 é constituído pelos alunos, que na época que vivenciaram a proposta encontravam-se de acordo com a recepção do sistema, ou seja eram uma clientela na faixa etária entre 11 a 14 anos para o Ensino Fundamental de quinta a oitava série, em dois turnos de funcionamento. Existia na estrutura organizacional do sistema TVE/MA na distribuição das séries por turno da seguinte forma: pelo turno matutino a rede de ensino público recebia alunos somente para as quintas e sétimas séries, enquanto o turno vespertino recebia alunos para as sextas e oitavas séries. Eles se organizavam em grupos, num total de sete por sala, fechando com 49 alunos, e durante o ano letivo realizavam um rodízio nas equipes, como

forma de vivenciar cada função a eles designados, como forma de dinamizar e equilibrar sua ação durante a formação no sistema TVE/MA. Participavam de atividades esportivas, artísticas e de orientação profissional em oficinas existentes na organização pedagógica do sistema.

Análise da Entrevista de Lúcia Alves

Maria Lucia Mendes Alves, funcionária pública estadual, formada em Pedagogia em 1983 pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente encontra-se como Coordenadora Pedagógica em uma escola pública estadual. Estudou no sistema TVE/MA/CEMA no período entre 1971 e 1974, cursou da quinta a oitava série, na Base de Recepção da Vila Palmeira, que era a chamada BR-1, situada em um bairro da periferia de São Luís. Em 1975 participou do processo seletivo para ingressar no Ensino Médio, quando obteve aprovação numa escola pública estadual. Casou-se em 1984 e foi morar em Porto Velho/RO, retornando para São Luís em 1989. Ao chegar foi contratada para trabalhar na Secretaria de Educação. Em 1992, submeteu-se ao concurso sendo aprovada, tornando-se, assim, funcionária pública efetiva. Trabalhou na Assessoria do Ensino Fundamental, na Secretaria de Educação do Estado de 1999 a 2003, setor responsável pelo funcionamento operacional de 156 unidades de ensino da Região Metropolitana de São Luís, inclusive as escolas do sistema TVE.

A estratégia argumentativa utilizada pelo depoimento de Lúcia encontra-se em quatro esquemas, baseados nos princípios do MEA. O primeiro é um esquema simples, em que se destaca a controvérsia central da fala da depoente, que diz respeito à utilização da televisão na sala de aula no Sistema TVE/MA. No segundo, expressa o sentido da fala da depoente sobre os principais tópicos referentes à importância da Televisão educativa para a comunidade educacional do Maranhão. No terceiro, a depoente fala sobre o declínio do sistema educativo e, no quarto, fez-se um cruzamento do primeiro com o segundo para que pudéssemos tirar mais conseqüências da análise, de acordo com o objetivo da pesquisa.

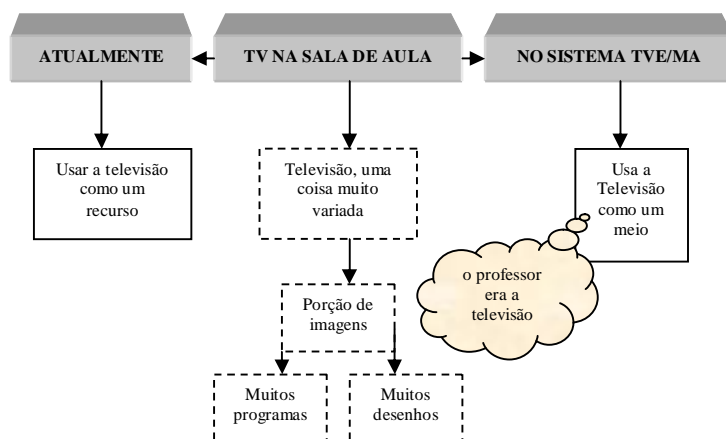
Em seu depoimento, a controvérsia existente está implícita. Quando Lúcia Alves fala sobre a importância da utilização da televisão na sala de aula, pondera que hoje ela tem vários programas, com muitas imagens e, por isso, não seria viável sua utilização na sala de aula como um meio, pois tal como era, seria muito monótono, chegando até a não surtir efeito. Para dar ênfase à variedade de programação da TV hoje utiliza termos como *esse*

horror de programas, horror de desenhos, uma porção de imagens, sugerindo implicitamente que a TV do sistema, em oposição, teria uma riqueza menor de imagens. Ela afirma que não usaria a televisão na sala de aula hoje como um meio, ou seja, assim como era utilizada no sistema TVE/MA, sugerindo que a TV tinha um resultado satisfatório porque na época havia poucos programas e, sendo assim, os alunos se contentavam com o que viam em sala de aula.

como... como recurso sim, mas como, como era a televisão educativa na época... que era... um meio... era um meio... da... aula chegar até a gente... eu acho que hoje não mais. pelo fato de hoje a televisão ser uma coisa muito variada... muito... porque antigamente não tinha esse horror de programas... horror de desenhos... essa, essa... porção de... imagens que tem hoje. na época eram menos, então... chamava menos atenção e a gente tinha mais condições de assistir a aula pela televisão e hoje não mais, porque passa a ser monótona, chata e não vai surtir o mesmo efeito.

A diferenciação que faz entre meio e recurso é marcada pela metáfora a televisão é o professor, tal como aparece nas falas de outros depoentes. Para ela, só restaria espaço na escola para a TV como um recurso, que ela sugere implicitamente significar o professor dentro da sala de aula, ministrando as aulas e, de vez em quando, usando a TV para ilustrar um assunto. A idéia de meio está relacionada com a televisão sendo utilizada como um meio da aula chegar até a gente, dentro do processo ensino-aprendizagem, onde todos os conteúdos eram transmitidos. A diferenciação refere-se, também, ao tempo, a TVE pertencendo ao passado e a TV como recurso à atualidade.

O esquema a seguir esclarece a estratégia utilizada:



Esquema 1 - controvérsia

Em outro momento do depoimento, encontramos a estratégia argumentativa estruturada para relatar a importância do sistema de televisão educativa na comunidade escolar do Maranhão. No processo ensino-aprendizagem, eles eram alunos e também professores. Através das situações problemas, eles mesmos buscavam a solução, faziam as pesquisas e resolviam essas questões. O Orientador de Aprendizagem apenas acompanhava e ao final dizia se estava certo ou errado, mas todo o processo de busca era feito exclusivamente por eles, alunos. Não via nenhum problema quanto à atuação dos OA na sala de aula, tanto com a recepção das aulas como o desenvolvimento das atividades, pois eram competentes, preparados, professores da Roquette-Pinto, ou seja, Orientadores de Aprendizagem, concursados e treinados para desenvolver dentro da sala de aula a filosofia do sistema TVE, tornando as aulas bem participativas, existindo uma interação entre orientador x televisão x aluno, com atuações democráticas e dinâmicas.

O CEMA, na fala da depoente, era uma escola de grande alcance, ou seja, utilizava a transmissão de programas televisivos, chegava a diversos lugares, a diversas escolas no estado do Maranhão, com materiais riquíssimos, apostilas maravilhosas.

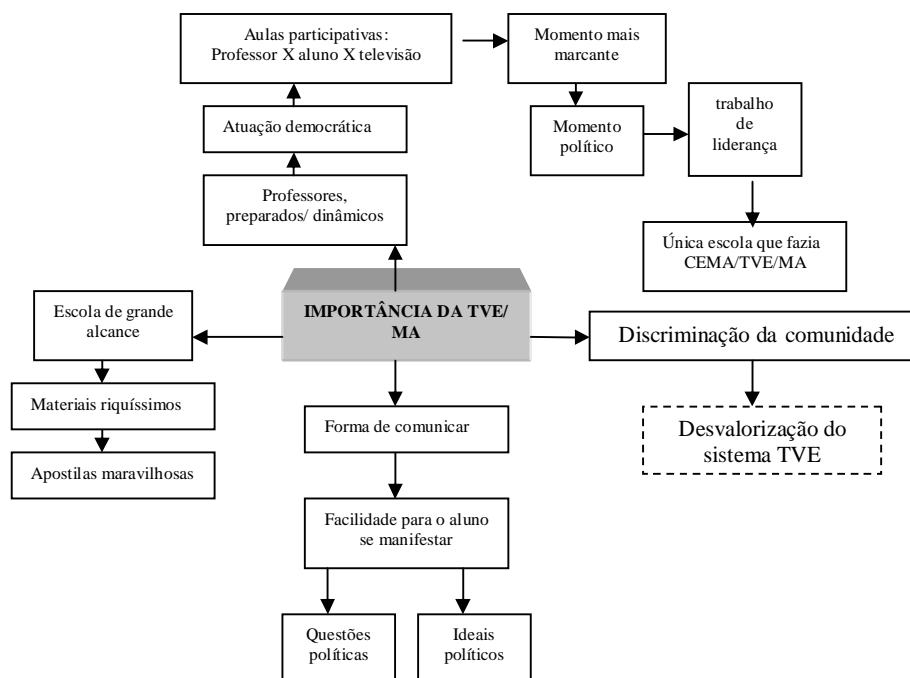
A depoente ressalta que o momento político, estruturado na proposta pedagógica do sistema, foi o mais marcante na vida escolar, pois iria delinear o trabalho de liderança que existia na organização da turma. Essa atividade, esse momento político, só o CEMA/TVE fazia. Desenvolvia-se uma forma de se comunicar. Nesse processo, o aluno tinha facilidade para se manifestar, participando das questões políticas e desenvolvendo seus ideais políticos, durante todo o ano letivo.

Há! muito... muita coisa boa. muita coisa boa... os momentos políticos... da escola, naquela época era um... momento marcante... momento marcante da TVE, era a coisa mais marcante que tem, era a questão da liderança, o trabalho de liderança, não é?(...) a importância? eu acho que... eu acho que a forma de comunicar... eu acho que a TVE apesar de ser ...na época, uma escola, mesmo naquela época uma escola discriminada... mas ela facilitava muito o aluno... a... sabe? a se manifestar. a questão política dele, os ideais políticos, eu acho que era uma escola... a única escola no Maranhão que fazia isso era o CEMA, a TVE.

Refere-se à discriminação sofrida pela escola em dois momentos. No momento acima, aparece para enaltecer o produto do trabalho realizado que, segundo ela, apesar da discriminação, produzia alunos com ideais políticos, com capacidade para se manifestar. Em um segundo momento, no entanto, questionada se os alunos gostavam daquele sistema, ela vai, implicitamente, atestar que quem não conhecia a metodologia da TVE é que discriminava, pois os alunos, apesar da discriminação, gostavam e acreditavam no trabalho.

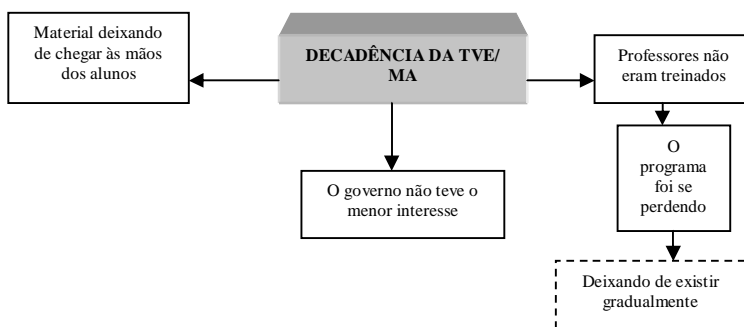
nessa época, já era uma escola discriminada, muito discriminada. (...) as pessoas já... chamava a gente... apelidavam. é... jogavam piadinhas, com relação... que era uma escola fuleira... sabe? essas coisas assim, esses nomes assim... bem... baixo mesmo. a gente... já sofria muito... a questão da discriminação... e eu acho.... sim, mas como eu ia te dizendo, essa questão aí, mesmo assim sendo discriminada, mas eu... sentia que os alunos... eles gostavam muito da escola. (...) embora que os outros... não conhecessem a nossa metodologia, a metodologia da TVE, mas os alunos daquela escola gostavam, acreditavam.

Lúcia procura responder as perguntas de modo conciso, porém bastante picotado, como quem pensa na hora em que está falando, o que fica evidenciado na transcrição por três pontos após uma palavra. Ela parece buscar as palavras corretas quando fala. Essa questão da discriminação sofrida pelos alunos do sistema TVE parece sugerir que a origem de tal fato se deve à condição social dos alunos, mas também, ao fato do sistema ser diferente do convencional. De algum modo, ou por não ter professor, ou por não ter a estrutura da escola convencional, ela afirma, implicitamente, que a comunidade expressou uma desvalorização da escola que usou o sistema TVE. O esquema abaixo resume o essencial de sua argumentação.



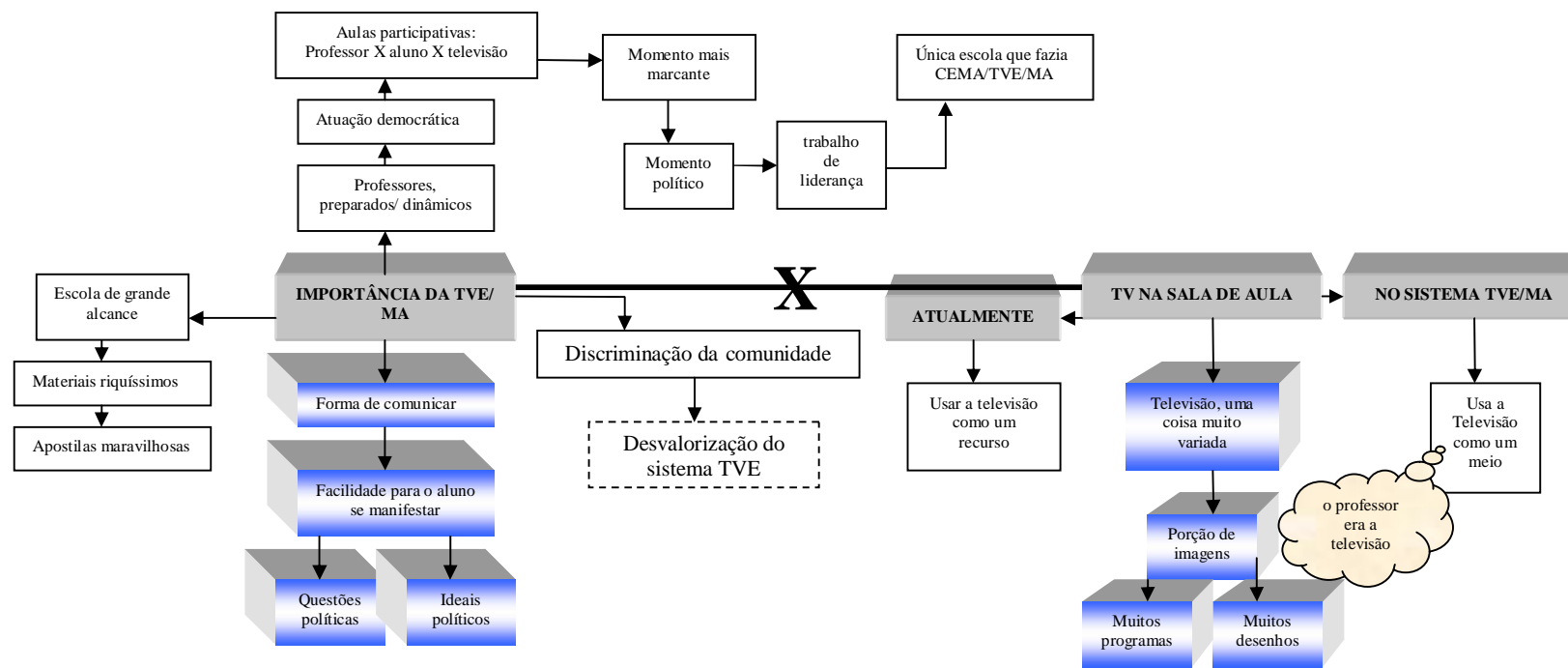
Esquema 2 - Importância da TVE/MA

Para justificar o declínio do sistema TVE/MA, Lúcia registra que, pela falta de interesse do governo, o sistema foi entrando em decadência. Um dos pontos destacados foi a escassez de material, ou seja, o material foi deixando de chegar nas mãos dos alunos. Outro motivo foi não existirem OAs suficientes para as salas de aulas e, sendo assim, transferirem professores que não eram treinados que, conseqüentemente, *ao longo do tempo eles foram se perdendo* dentro da filosofia do sistema da TVE. Para a utilização da televisão na sala de aula, a filosofia foi se perdendo, o programa foi se perdendo, até deixar de existir. A seqüência cadenciada de perdas em sua fala indica que, para ela, o processo de declínio do sistema TVE foi gradual. O esquema a seguir resalta os pontos básicos da sua fala.



Esquema 3 - Decadência da TVE/MA

Para o cruzamento dos esquemas, utilizamos o primeiro e o segundo para observar a controvérsia em sua fala, pois apesar de ressaltar a importância da utilização da televisão na sala de aula no sistema TVE/MA, como sendo uma forma de comunicar, diz que a televisão, que hoje se encontra com uma riqueza imensurável de conteúdos, programas, desenhos e imagens, não seria adequada como um meio no processo ensino-aprendizagem. Pode-se destacar daí certa incoerência, no sentido de que a televisão, sendo uma forma de comunicar, necessita exatamente de todo esse conteúdo para ter um significado, um resultado positivo na educação. Os motivos para esta aparente incoerência, no entanto, podem ser buscados ao longo de sua argumentação. Para além da alegação de que a televisão hoje é outra, com programação mais variada, maior apelo visual, parecem existir outros motivos. Apesar de só ver aspectos positivos em sua experiência como aluna, percebe-se a crítica feita, não só por professores que vieram a integrar o sistema TVE sem treinamento, como da própria comunidade. O esquema 4 resalta os tópicos, destacados com uma cor azul, para que se tenha uma visão melhor dos seus argumentos.



Esquema 4 - Cruzamento dos dados

Em resumo, pode-se dizer que a depoente acreditou e gostou muito do sistema de televisão educativa, tendo seus efeitos positivos, enquanto usava a televisão como meio intermediador de todo o processo, apesar de ter apontado uma desvalorização desse tipo de escola por parte da comunidade. Durante o período que vivenciou a experiência, existia uma cultura televisiva favorável, em que os alunos se sentiam parte do processo, com atividades que os valorizavam, fazendo cumprir a sua proposta de escolarização, que perdurou por um bom tempo. Quando entraram professores despreparados no sistema, essa cultura televisiva que existia foi se esvaindo. Por um lado os alunos que já se encontravam no sistema que participaram ativamente dessa cultura; de outro, professores que do ponto de vista de Lúcia nunca foram preparados para absorver a importância da cultura televisiva, muito menos fazer com que ela se prolongasse.

Análise da Entrevista de Estélio Leal

Professor **Estélio da Silva Leal**, aluno do CEMA/TVE/MA, no ano de 1969, iniciou sua quinta série (primeiras turmas do sistema) e concluiu a oitava série em 1972. Em 1978 assumiu como Diretor Geral do CEMA – CEEFM Manoel Beckman – e ainda permanece no cargo. Sua experiência foi relatada como aluno e como diretor no sistema de televisão educativa.

Conheceu todo o processo da experiência da TVE/MA. Como aluno, participou do processo seletivo para ingressar na quinta série, com significativa aprovação. No ano de 1972, após concluir o Ensino Fundamental, participou novamente de um outro processo seletivo, para o CEFET, sendo aprovado de imediato e, para justificar tal aprovação, diz que tinha uma boa base adquirida nos quatro anos que esteve estudando na TVE/MA. Depois, em 1978, retornou para o sistema estadual de educação como Diretor Geral do CEMA/TVE/BEQUIMÃO, quando ainda estava num período de total qualidade. Ele que foi aluno, estando nas primeiras turmas em 1969, chegou a participar, também, de seu encerramento como diretor em 2005. Permanece no cargo até hoje, porém a escola está com o Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de jovens e Adultos (EJA), todos convencionais.

O modelo da estratégia argumentativa utilizada no depoimento de Estélio encontra-se estruturada em dois esquemas: o primeiro esquema tem como tema central a importância da televisão, com duas vertentes, uma na sala de aula em geral e a outra no

sistema TVE/MA; no segundo está o sentido da fala da depoente sobre os principais tópicos referentes à TVE/MA, em três aspectos: a aula televisionada, o declínio do sistema e os Orientadores de Aprendizagem.

Na visão de aluno, o que o sistema de televisão educativa tinha de relevante eram as chamadas eleições para representantes de turma, ou seja, dos líderes, pois mesmo na década de 1970, com o regime militar imperando no Brasil, eles tinham, nesse momento político, certa abertura para falar o que queriam.

... essa questão passava, apesar de nesse período que era... é... 70... acho que início de 70, nessa época que ainda estava naquela repressão braba, mas mesmo assim a gente tinha essa oportunidade de exercer, de dizer o que a gente queria... o sistema proporcionava isso. dava essa oportunidade pra você...

Além de dar uma abertura para falar, o sistema através desses momentos eleitorais proporcionava uma boa base, para uma boa redação e interpretação. O aluno tinha condições de se desenvolver.

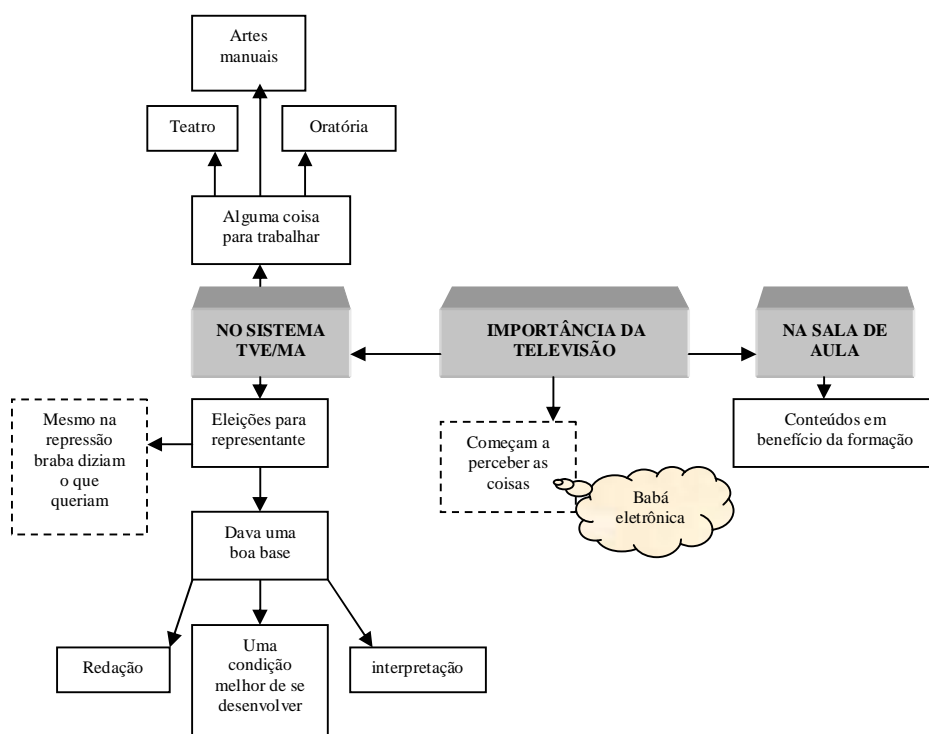
Descrevendo o esquema a seguir, temos como foco principal a importância da televisão que Estélio levanta da seguinte forma: o sistema de televisão educativa tinha como filosofia dar opções ao aluno para desenvolver alguma habilidade, ou seja, oficinas de oratória, artes manuais, teatro e outras. Eram atividades em que o aluno sempre estava desenvolvendo alguma coisa, não ficava sem fazer nada, sempre tinha algo para fazer, que davam melhores condições para o aluno se desenvolver. É nesse sentido que enfatiza a importância das oficinas que compõem a proposta pedagógica do sistema. Uma dessas oficinas, a oratória, os alunos se preparavam para fazer, por exemplo, um discurso convincente em campanhas, para ganhar as eleições, que citou como sendo uma das ações mais marcantes do sistema TVE/MA, sobretudo ao exercício de cidadania.

Quando fala da importância da televisão no contexto de sala de aula, argumenta que o aluno tem mais facilidade de se adaptar com a televisão na sala de aula, porque desde pequeno convive com essa tecnologia. Utilizou a metáfora *babá eletrônica* para enfatizar a presença da televisão na vida da criança. Babá no sentido de que esta se encontra praticamente 24 horas junto da criança, cuidando, ensinando. Como babá é um termo que se aplica a pessoas, dizer eletrônica evoca a imagem do aparelho. A metáfora é comumente utilizada para outros aparelhos. Tal como a escuta eletrônica, a utilização para a TV também não é rara. A escolha da metáfora nesse contexto, no entanto, serve para atestar que a familiaridade da criança com a TV é um facilitador para sua utilização em sala de aula.

A presença da televisão na vida da criança se dá a partir do momento em que ele começa a perceber as coisas, muito cedo. Acrescenta, ainda, que se houver um mediador no contexto televisão x criança, que direcione os conteúdos, ela só trará benefícios. Faz uma comparação quanto à aceitação do adulto das tecnologias da informação e da comunicação na educação, onde têm certa resistência, pelo fato de não terem convivido desde sua infância com a televisão no seu dia-a-dia.

... porque hoje em dia o... o aluno ou a criança, quando ele chega, a primeira coisa é uma babá eletrônica, chamada televisão. não é? então se ele tem isso desde o momento que ele... vamos dizer, começa a perceber as coisas... eu acho que é muito mais fácil, por isso que há uma adaptação muito grande assim... de uma criança a um computador e do que já um adulto a pegar um computador. então, a mesma coisa por televisão, se ele de pequeno se ele já ta assistindo televisão, os vários programas se ele for... é... como é? direcionado a assistir conteúdos que venham é... em benefício da sua formação, é excelente!

Utiliza ainda em sua argumentação, o fato de estarmos vivendo com a *Internet*, as teleconferências, a educação à distância. O argumento baseia-se no fato de a TV ser também uma tecnologia e, como as tecnologias hoje são consideradas importantes para a educação, a televisão também deveria ser. Dessa forma, com esse questionamento, coloca a televisão como um dos recursos primordiais a ser usado no processo ensino-aprendizagem. O esquema argumentativo encontra-se a seguir.



Esquema 1 - A importância da televisão

O esquema ressalta que o uso da televisão é importante, não só para o sistema TVE/MA, mas para a sala de aula em geral.

No esquema dois, o centro é a televisão educativa. Expondo a forma como são transmitidas as aulas, no que diz respeito à distribuição do tempo na sala de aula, ele nos diz do total de 50 minutos, 30 minutos são reservados aos conteúdos veiculados pela TV e 20 reservados para a discussão, momento de suma importância, quando os alunos vão buscar solucionar a questão levantada, através de discussões nos grupos, pesquisas nos livros e esclarecimentos de algumas dúvidas com o Orientador de Aprendizagem.

Usa a metáfora conteúdos fresquinhos, para se referir aos conteúdos que acabaram de ser transmitidos pela TV, para sugerir que os alunos teriam mais condições de resolver os questionamentos, já que ainda se encontravam com as imagens do que viram na cabeça, favorecendo um clima de discussão, de reflexão sobre o que acabaram de receber. Momento de pura reflexão e busca, pois enfatiza que o orientador se encontrava lá apenas para tirar as dúvidas que, porventura, suscitavam. A presença do apenas em sua fala confere grande valor às discussões ao mesmo tempo que diminui o papel do orientador no processo. Isto é visto como algo positivo. Para ele, os alunos se envolviam de tal maneira, que a solução, muitas das vezes, saía pela estrutura de organização que as equipes tinham, existindo ao final um debate como forma de socializar o que ficou resolvido.

*Dentre esses minutos... cinqüenta minutos... era 30 minutos de conteúdo, o conteúdo programático... é... é... via televisão. 30 minutos e você tinha é... 20 minutos para exploração, não é? essa exploração era exatamente pra você fazer exercício... tirar as dúvidas... então, aquele conteúdo estava sendo repassado para você e você estava fresquinho não é? então **o orientador para que?** ele... ele... o orientador ele iria **apenas** te orientar como resolver aquelas questões.*

Com toda essa estrutura de organização da sala, da permanência de um Orientador por sala durante todo o ano letivo, conhecendo seus alunos, um a um, tendo oportunidade de saber particularmente a vida de cada um deles, diz Estélio, usando a metáfora, como uma mãe para os alunos, o OA tinha uma relação com eles comparável a uma relação familiar. Eles tinham prazer no que faziam e, mesmo após as aulas, se algum aluno estava com problemas, como eles conheciam cada um, pediam para ter uma conversa depois da aula. Por isso, os alunos se sentiam protegidos de certa forma, pois desabafavam e tinham confiança na Orientadora.

eles tinham... assim... tinham muito prazer, não é? no que eles faziam. eu não sei se o salário compensava, não é? mas eles tinham muito prazer no que estavam fazendo, no que eles faziam... é... é... na forma como eles passavam, se preocupavam muito com aluno, o ser humano, não é? O ser humano. quando não dava durante aula, mesmo terminando aula, ele pedia para gente... esperá-lo e conversava com agente: “olha você, você não estar... não está... fazendo bacana, a sua forma não está legal, não é? quer dizer, não é? dava uma orientada.

Era como um convívio familiar, ele ressalta. Isso com o tempo foi acabando. Estélio diz ainda que os alunos do sistema da TVE gostavam muito de seus orientadores, aproximavam-se como se realmente fossem uma família. Argumenta ainda que a partir do momento que o professor na sua prática pedagógica ministra aulas de disciplinas específicas, faz com que essa aproximação se acabe, fique *dicotomizada a questão pessoal*, tornando-se muito impessoal: *tu está na tua e eu estou na minha*. Lamenta essa situação, pois existia uma forma de sempre estar compartilhando as coisas boas com seus alunos. O orientador tinha como trabalhar melhor o aluno, pelo tempo de permanência na sala de aula, ou seja, ele tinha um tempo integral.

Acrescenta, como sugestão, que o ideal seria uma turma com 30 alunos, um orientador e a televisão na sala de aula, que *funcionaria assim excelente*. Uma forma de dar continuidade à cultura televisiva que ele mesmo vivenciou durante toda a vida de estudante e também como Diretor que acompanhou todo o percurso até a finalização.

A relação próxima entre OA e aluno aparece em seu discurso quase como condição necessária ao funcionamento do sistema e, implicitamente, como um dos fatores que influencia o declínio do sistema, embora explicitamente só se refira a questões políticas. Além disso, menciona implicitamente outro fato que teria relação com o declínio: os OAs antes eram formados em pedagogia e depois em disciplinas específicas, não eram mais polivalentes.

Olha, naquele momento não, mas agora ultimamente (...) porque naquele momento o orientador de aprendizagem ele... ele era basicamente assim... pessoas que eram formadas em pedagogia, não é? que era repassada para eles todas as disciplinas, não é? mas em função dessa de departamentalização que houve... não é? quem é português é português, quem matemática é matemática, e tal, tal... então quê que ocorreu? Houve também a introdução de várias tecnologias não é? O computador, vídeo-cassete, agora DVD... tal, tal...e...não sei se pela idade... por... não obrigatoriedade os orientadores ultimamente ele já não estavam tão focado em se atualizar quanto a tecnologia, enquanto as formas de passar os conteúdos, não é?

Observa-se também menção à dificuldade dos OAs com o computador e outras tecnologias mais novas que a televisão.

Argumentando especificamente sobre o declínio da televisão educativa, atribui meramente a questões políticas, ou seja, ao fato de que não houve mais um interesse em dar continuidade na qualidade que tinha a TVE/MA,

única e exclusivamente política... política... interesses pessoais... que foram, que foram... feridos e tal... ou então dizer: "não foi você que criou, foi você quem implantou e não quero dar continuidade a isso" mas que funciona, funciona!

Importante observar a aproximação de "político" e "interesse pessoal" em seu discurso. Quando diz que o declínio se deve exclusivamente à questão política, refere-se a algum político que não teria dado continuidade ao programa por não ter sido criado pelo mesmo. O declínio teria se dado apenas por interesse particular, uma vez que o sistema, segundo ele, funciona.

A estrutura foi se tornando deficitária, não existindo mais investimento. Conseqüentemente, não houve mais formação continuada, não houve reposição dos materiais. Nesse aspecto, brinca, lembrando que os livros existentes na escola atualmente ainda são os mesmos que usou quando era aluno.

não tinha uma reposição atualizada não é? brincávamos até que... livros que usei lá na época quando eu era estudante quando cheguei aqui como diretor (risos) ainda estavam e a história já tinha sido modificada, mas o livro não conseguiu ser atualizado... é... o material.

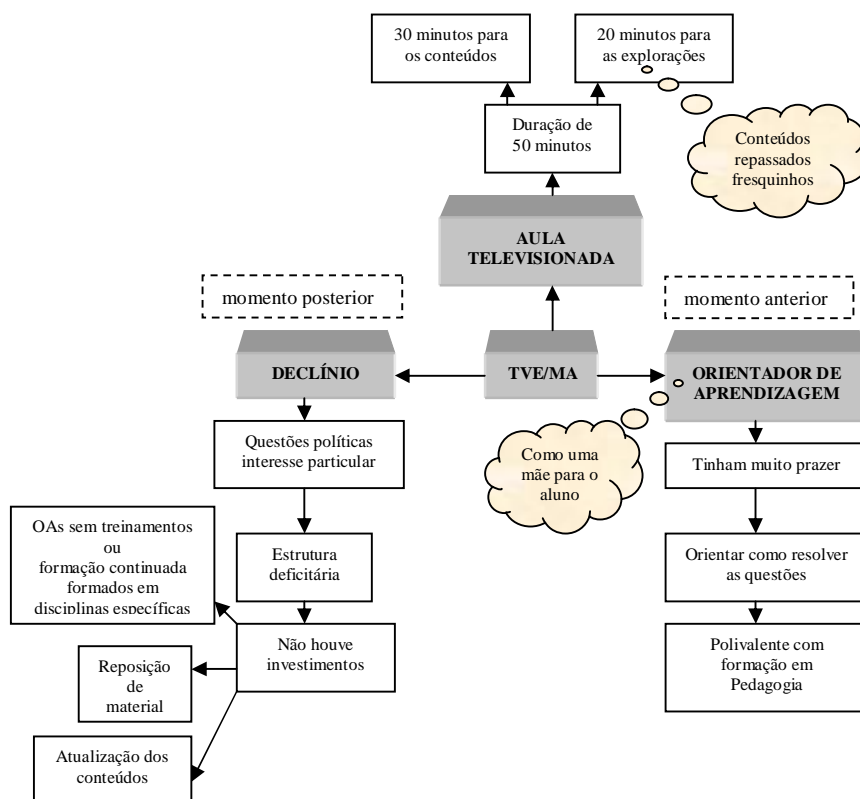
Sobre a falta de interesse, informa que o Estado do Maranhão possui na sua estrutura organizacional cerca de 290 municípios e que todos têm canal de televisão, mas muitos não têm escola. Considera uma boa oportunidade, referindo-se a haver interesse político, tentar amenizar a defasagem que existe na educação, utilizando a televisão na sala de aula com o Orientador de Aprendizagem.

principalmente porque hoje nós temos no nosso estado ...290 ...287 municípios, nós temos municípios que... todos os município tem canal de televisão todos, todos, todos, mas nem todos têm escola.

A repetição de "todos" indica certeza de que a televisão está presente no Estado.

Finaliza seus argumentos dizendo que a televisão educativa até nos seus últimos anos conseguiu cumprir com a proposta de escolarização a que se destinava e que o sistema tinha um papel primordial, pois o orientador *dava o ânimo para eles, dava aquela forma*, no sentido de orientar alunos que não tinham com quem manter esse tipo de relacionamento e o encontravam na sala de aula.

Defendo o retorno do sistema TVE, fazendo uma readaptação do que existe, tornando-se um sistema melhorado, sugere a junção de outros recursos na sala de aula, o computador, por exemplo, facilitando assim maior interatividade. Os argumentos apresentados se encontram no esquema a seguir.



Esquema 2 - A importância da TVE/MA

Importante destacar a menção implícita em dois momentos, que ele identifica pela mudança nas relações entre OAs e alunos. Em um primeiro momento, relações quase familiares, humanas e, em um segundo, relações impessoais. A identificação de dois

momentos aparece com frequência no discurso dos orientadores, porém com outra motivação, a falta de formação continuada, que Estélio também menciona, mas com menor importância.

Para Estélio, a proposta do sistema de televisão educativa continuou a mesma, o que enfraqueceu foi a forma como estava sendo desenvolvida. Com o passar do tempo, por não haver mais interesse, termina. Em sua fala deixa claro que, além do político, houve também interesse particular e, dentro dessa briga, quem sofreu foi a população, o aluno, que acreditou num sistema que o fez refletir sobre o seu universo.

O discurso de Estélio ora se aproxima do discurso dos demais alunos, sobretudo quando fala da importância da TV em sala de aula, ora assemelha-se ao discurso dos OAs, quando se refere ao declínio do sistema TVE/MA. Por ter sido aluno e diretor de uma das escolas, conviveu com os dois grupos.

Análise da Entrevista de Jesiel Pontes

Jesiel Pontes Sales, nascido em Santa Inês, município pertencente à região do Oeste Maranhense, distante cerca de 300 km de São Luís, capital do Estado, sua população está estimada em torno de 82 mil habitantes, possuindo no seu eixo viário as BRs Pará-Maranhão e São Luís-Imperatriz, tornando-se um pólo de convergência e expansão das atividades econômicas e culturais. Em sua estrutura educacional possui escolas públicas e privadas nas diversas modalidades de ensino. Possui também um campus avançado, o Centro de Estudos Superiores de Santa Inês (UEMA), com três cursos regulares em Pedagogia, Letras e Enfermagem. Com uma população em torno de 58% na pobreza, seu IDH é de 0,671. Em 1978, deu início à recepção da Televisão Educativa no antigo Ginásio Bandeirantes, que foi substituído pelo Centro de Ensino do Maranhão – CEMA/TVE/MA.

Em 1979, Jesiel cursou a sétima série do Ensino Fundamental no sistema CEMA/TVE/MA, ano que, para ele, foi de novas descobertas, onde tudo era novidade: os Orientadores de Aprendizagem, que eram todos oriundos de São Luís, a estrutura administrativa e, principalmente, o método de ensino.

No ano seguinte, permaneceu no sistema educativo da TVE cursando a oitava série e fez questão de ressaltar em seus depoimentos o apego ao OA.

Alvina Fonseca Almeida era o nome dela. E ela era tão especial que quando passamos para 8ª a gente fez tipo um motim, não motim não...

um movimento, não é? para que ela continuasse sendo a professora... orientadora da 8ª série. e assim foi feito.

Terminando o primeiro grau, mudou-se para São Luís, onde cursou o ensino médio em escola pública estadual. Em 1985, prestou vestibular para Desenho Industrial, curso que desde a oitava série já tinha escolhido. No início do curso arranhou um emprego como layoutista em uma empresa particular na Imagine Comunicação, por ter experiência no ramo, adquirido em algumas gráficas e jornais de São Luís, com anúncios classificados e outros. Após um ano e seis meses, saiu da empresa, pois não estava conciliando os horários e, sendo assim, ficou como *freelancer*, executando serviços de criação/design para várias empresas de São Luís. Depois de nove anos foi chamado novamente à Imagine Comunicação, agora na função de diretor de arte e permaneceu nessa função por seis anos e meio. Nesse período, fez duas especializações: “Informática na Educação” pela UFMA e “Design Estratégico Avançado”, pelo Instituto Europeu de Design-CRIED, curso ministrado em São Luís com parceria do SEBRAE. Hoje, encontra-se novamente como *freelancer*, desenvolvendo suas atividades em casa.

Jesiel, agora como ex-aluno do sistema CEMA, recebeu-nos em seu apartamento para realizarmos essa entrevista de forma calorosa, o que transcorreu num clima muito agradável.

A estratégia argumentativa utilizada no seu depoimento encontra-se em dois esquemas, baseados nos princípios do MEA. O primeiro destaca sua visão da estrutura pedagógica da TVE/MA, apontando alguns itens relacionados ao seu declínio; no segundo está o sentido da fala do depoente sobre os principais tópicos referentes à utilização da televisão na sala, levando em consideração dois itens: a sua importância na educação e no sistema TVE/MA.

Em um primeiro momento, conta que participou ativamente das atividades na oficina de teatro, onde ele, além de escrever a peça, também representava e dirigia. Foi um fato que muito o marcou, atividade que proporcionava maior entrosamento entre os alunos.

A mais marcante foi exatamente a questão do teatro, não é? Fazíamos teatro, fazíamos a peça, representávamos, não é? e era muito legal porque conseguíamos interagir com todos... da escola, não é?

Em seu depoimento, Jesiel relata que a Proposta Pedagógica do CEMA/TVE/MA era interdisciplinar, referindo-se a diversas atividades proporcionadas aos alunos. Cita o exemplo do teatro, revelando sua importância no processo de interação, em que havia uma

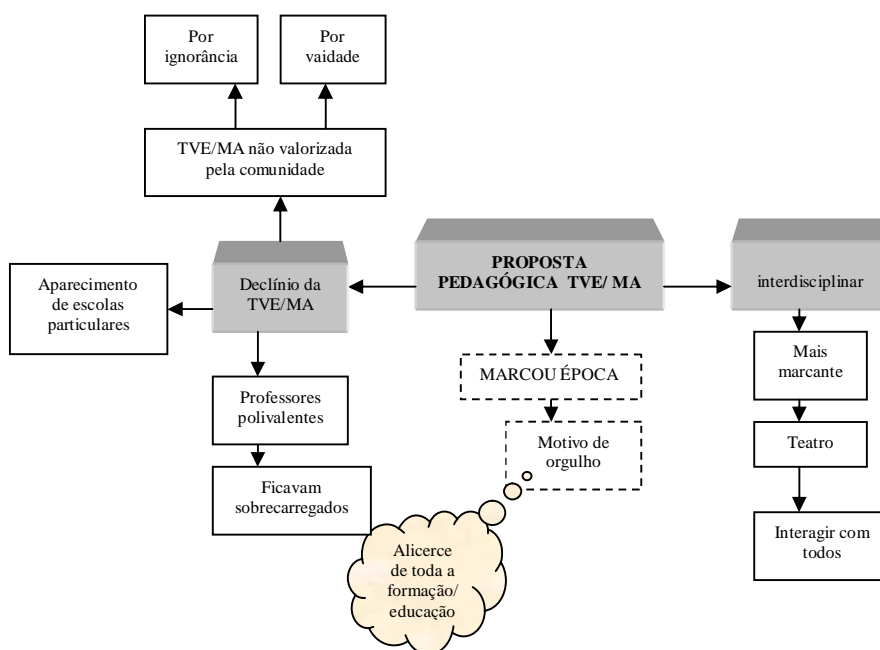
competitividade saudável entre as turmas. Faziam tanto sucesso que chegavam a ter suas apresentações no cinema da cidade, para que outras pessoas, pais e alunos de outras escolas, também participassem e tivessem acesso. Ressalta, ainda, que esta atividade era uma forma de fazer a divulgação da proposta pedagógica do sistema. O depoente também se sente muito orgulhoso por ter vivenciado dois anos de sua vida no CEMA: hoje eu me sinto orgulhoso, tenho orgulho de dizer... que eu fui aluno do... CEMA... que no caso era o sistema de TVE no Maranhão na época.

Defendendo que a TVE foi importante em sua vida, o depoente utiliza-se da metáfora foi alicerce de toda a minha formação/educação, utilizada no discurso educacional quando se refere à formação consistente. A estrutura da proposta pedagógica do sistema TVE serviu-lhe de base, como um alicerce que dá sustentação às paredes de uma construção civil, que, para permanecer segura e confiável, necessita de uma boa camada de pedra, terra e concreto. Essa estrutura lhe deu o necessário para que complementasse sua formação e alcançasse a sua atuação hoje, como pessoa e como profissional. A interpretação de que se trata realmente de uma metáfora reforça o sentido de importância que o depoente está conferindo à estrutura organizacional do sistema maranhense de televisão educativa na formação de um cidadão.

Ainda de acordo com sua fala, no esquema 1, observamos que ele atribui, como sendo o primeiro passo para o declínio do sistema TVE, o aparecimento de escolas particulares no município de Santa Inês.

o primeiro passo foi o aparecimento de muitos colégios particulares, com mensalidade mais acessível ao grande público, onde... pelo colégio ser público, do governo, as pessoas não dessem tanto valor, ou por ignorância ou por vaidade, não é?

Como forma de justificar a presença de um grande número de alunos nessas escolas particulares, afirma que eles não conheciam a metodologia da TVE/MA, portanto, não a valorizavam. Em contrapartida, os que conheciam a proposta pedagógica do sistema TVE permaneciam no CEMA, acreditando em seus propósitos. É importante observar também uma desvalorização implícita do sistema TVE por parte da comunidade, em sua fala, uma vez que optavam pelo ensino particular mesmo tendo que pagar mensalidade. O esquema abaixo ilustra seu ponto de vista.



Esquema 1 - Visão da Proposta Pedagógica do sistema TVE/MA

Importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que ele identifica a desvalorização do sistema TVE, faz menção à inveja que alunos do sistema convencional teriam dos telealunos, embora acrescente ao final a expressão "*no bom sentido*", que suaviza a afirmação, dando a impressão de que seu uso é indevido.

e pra falar a verdade, até os próprios alunos de outras escolas particulares... tinham uma certa inveja, digamos assim, não é? no bom sentido...

Mesmo com o surgimento das escolas particulares Jesiel nunca estudou nas referidas escolas. Seus irmãos também não.

nós, todos os nossos irmãos... os meus irmãos... nunca... a gente nunca estudou em escola, em escola... particular. e eu acho que nessa época pelo menos o, o... a TVE cumpriu muito bem... a que ela se propunha... que era a questão educacional.

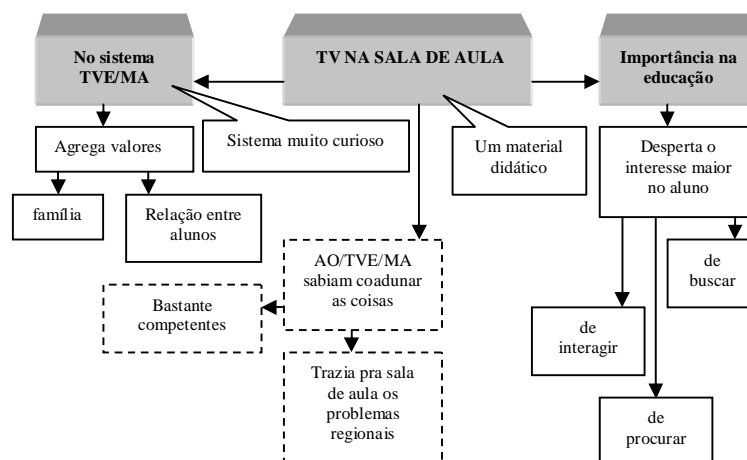
Outra alegação refere-se ao trabalho desenvolvido pelos Orientadores de Aprendizagem que se sentiam sobrecarregados por serem polivalentes, darem conta de todas as disciplinas existentes na grade curricular referentes à série em que estavam orientando.

No esquema 2, encontramos argumentos sobre o uso da televisão na sala de aula. Sobre o tema, enfatiza que a TV desperta maior interesse no aluno, fazendo-o procurar o

conhecimento, numa busca constante, conseqüência de uma maior interação. Para marcar a importância do equipamento tecnológico dentro do processo ensino-aprendizagem, utiliza-se do termo “*um material didático*”, referindo-se à riqueza de imagens que a TV possui, imagens essas que proporcionam ao aluno uma contextualização dos conteúdos abordados.

A importância dada por Jesiel ao uso da televisão no sistema TVE no Maranhão é conseqüência das relações estabelecidas nas telessalas, onde existia um elo de ligação familiar muito forte entre os alunos. Isso era o sistema que proporcionava, a telessala agregava valores, todos se sentiam como uma família, reunidos, assistindo à aula pela televisão. Depois das aulas, o sentimento se prolongava, eles iam estudar na casa um do outro para discutir, fechar as atividades deixadas pela programação veiculada e atividades que eram pra fazer em casa. A expressão “*sistema muito curioso*” serve para enfatizar a diferença do sistema convencional, já que existia uma busca constante de conhecimentos a partir das interações em sala de aula, uma participação significativa após o tempo designado da transmissão, de 30 minutos.

O esquema resume o essencial de sua argumentação.



Esquema 2 - A importância da televisão na sala de aula

Ressalta, ainda, que os Orientadores de Aprendizagem sabiam coadunar as coisas, ou seja, conseguiam em todas as disciplinas orientar, intermediar o conteúdo dado através da televisão, as dúvidas que surgiam, e fornecer uma explicação direcionando o conteúdo para a

realidade regional, mostrando, assim, sua competência, tornando o processo ensino-aprendizagem significativo.

Embora Jesiel afirme que a sobrecarga dos Orientadores de Aprendizagem, por serem polivalentes, tendo que dar conta de diversas disciplinas, contribuíram para o declínio do sistema TVE/MA, ele também relata que esses mesmos OAs conseguiam controlar a situação, o conteúdo transmitido pela televisão com a realidade regional que eles vivenciavam.

Eu via com... bastante competência, porque eles sabiam perfeitamente coadunar as coisas, os problemas, as diferentes disciplinas. Um orientador de português, matemática, história, geografia... eu percebia que ele conseguia... de fato ter um bom controle sobre... essa questão educacional, sobre a questão dessas disciplinas.

Jesiel ressalta a importância da televisão educativa para o Maranhão e, acreditando nessa proposta, afirma que se o sistema de CEMA/TVE/MA voltasse, funcionaria perfeitamente, principalmente nas cidades do interior, fazendo o uso da televisão na sala de aula de acordo com a filosofia que ele vivenciou, ou seja, o conteúdo sendo transmitido e em seguida, ao término da transmissão, levantar as dúvidas, esmiuçar o assunto daquela aula, pesquisar e responder as situações problemas, elaborar um relatório e, por último, socializar.

Em resumo, para Jesiel, a Televisão Educativa do Maranhão foi um marco. Serviu de base para toda sua formação e a carreira que exerce hoje. Deve isso à organização que tinha na sala de aula, em grupos, à estrutura pedagógica do sistema que lhes proporcionava atividades extraclasse como o teatro, citado por ele, que agregava valores à relação entre eles, fazendo com que os alunos sempre estivessem numa busca constante e, conseqüentemente, de forma interativa.

4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS DO GRUPO 3

O grupo 3 é formado pelos Supervisores, profissionais pertencentes à Assessoria de Planejamento e Avaliação da Diretoria Pedagógica, que tinha como competências, segundo a Proposta Pedagógica da TVE/MA, a coordenação técnica e administrativa das atividades do CEMA: prover os meios técnicos e de materiais para o seu bom funcionamento, responsabilizando-se pela execução dos projetos e atividades sob a responsabilidade do

centro, submetendo à apreciação da Diretoria Pedagógica as propostas para a revisão e ajustamento da programação estabelecida para o centro; propor uma programação anual de treinamentos e capacitações do pessoal lotados no centro; propor soluções para reajustes e readaptações, visando a melhoria dos sistema a partir de diagnósticos de falhas e desvios encontrados depois de análises e interpretações de dados e elementos colhidos pelas Seções de Pesquisa e Controle do Centro de Avaliação.

Análise da Entrevista de Iralda Moraes

Iralda Oliveira Moraes, formada em Pedagogia, com Habilitação em Orientação Educacional pela Universidade Federal do Maranhão, veio do interior do Maranhão, junto com o pai, mãe e dois irmãos, do município de Coroatá, que se localiza no centro-leste, compondo o vale do Itapecuru numa distância da capital cerca de 260 km, com uma população total de 60.589 habitantes (IBGE 2007), sendo que cerca de 43 mil vivem na área urbana do município, uma população muito pobre.

Ela relata que em seu município natal não havia televisão e que, portanto, vir a trabalhar com o veículo na sala de aula foi muito bom. Concursada para trabalhar como Orientadora Educacional em 1980 no sistema de Televisão educativa do Maranhão, trabalhou primeiramente na Base de Recepção do São Cristóvão, bairro localizado na periferia da cidade. Depois de casada, foi transferida para a Base de Recepção da Kennedy II onde, na fase experimental, primeiramente funcionou a Base de Recepção do Sistema TVEMA com circuito interno. Numa terceira lotação no CIE, ficou até o ano de 1997 e, no ano seguinte, foi chamada pela Diretoria Pedagógica para compor a equipe da Supervisão do CEMA/TVE/MA, onde permaneceu até 2005.

Como Supervisora, trabalhou em diversas unidades escolares, entre elas: Desembargador Sarney, Escola Sagarana I, Maria Helena Duarte na capital, Vila Embratel II, Bonfim (Colônia de Leprosos), Vila Nova, Tibiri, Santa Bárbara, Vila Esperança na periferia de São Luís e Iguaiaba no município de Paço do Lumiar. Hoje desenvolve suas atividades profissionais na ACERP/TVE/MA no Núcleo de Educação, realizando um trabalho interno de elaboração de textos para o Programa “Hoje é foco”, com temas variados.

Antes de ser selecionada para a TVE/MA, Iralda trabalhou na Associação de Paes e Amigos dos Excepcionais (APAE/MA), com alunos com deficiência mental ou necessidades especiais. Por essa experiência em sua última turma como Orientadora de

aprendizagem, no CIE, ela recebeu em sua sala de aula um aluno com deficiência visual, cego, chamado Reginaldo. Era uma oitava série com 48 telealunos. Mesmo sendo uma experiência diferente, não se recusou a este desafio, pois teria o apoio da Secretaria de Educação, que tinha em sua estrutura uma equipe chamada professores itinerantes, com o objetivo de traduzir para o braile tudo o que era trabalhado na sala pela tarde. Esses alunos, pela manhã, tinham um acompanhamento direto com professores especializados em deficiência visual. Eles liam e interpretavam textos traduzidos para o braile, respondiam as atividades e faziam seus trabalhos. Os professores especializados sempre os orientavam e nunca faziam as tarefas para eles.

O depoimento de Iralda é marcado por narrativas, algumas utilizando o discurso direto, através do qual ela encarna seus personagens.

Para Iralda, a aula transcorria num percurso perfeito e em acordo com seus planejamentos, com suas programações. As aulas que foram realizadas fora da sala eram, para ela, excelentes, mesmo com a presença de um aluno especial, como por exemplo, um passeio ao Convento das Mercês, a propósito do que ela relata:

no mês de maio, tinha a... coletiva de maio. o que era coletiva de maio? os artistas da terra faziam suas exposições mais belas possíveis, e... nós como... os colégios... já informados. nós trabalhamos todas as disciplinas (...) Ai! nessa época a coletiva de Maio, eu vi um campo de aula, uma sala de aula passeio, onde eu iria trabalhar muita coisa com meus alunos (...) fizemos a reunião com os pais, todos os pais concordaram, e eu reservei a mãe de Reginaldo: mãe eu quero falar com a senhora por último. aí quando... ela ficou inquieta e disse: eu posso saber o que é? é sobre o Reginaldo, o quê que eu vou fazer?(...) ela disse: professora meu filho só fala neste passeio, se ele não for é capaz até de ele morrer, porque o sonho dele é conhecer o Convento das Mercês (...) quando chegou no Convento das Mercês as recepcionistas já estavam sabendo que eu tinha um aluno cego, aí ela chegou para mim, a minha colega e disse: não se preocupa com ele, que nós tomaremos conta e você tome conta dos 48 (...)

Para Iralda, essa experiência marcou muito a sua atuação como Orientadora de Aprendizagem. Foi como se estivesse fechando sua atuação como OA com *chave de ouro*, uma experiência *muito especial*. O aluno Reginaldo, no ano seguinte, conseguiu aprovação para o Liceu Maranhense, também escola pública estadual, para cursar o Ensino Médio, o que evidenciam os resultados positivos do sistema de Televisão Educativa. Ela atribui ao trabalho da TVE/MA a boa disciplina dos alunos, a independência, a facilidade de interpretação, a boa redação e o despertar do lado criativo que existia nos seus alunos, que enfrentavam o debate

que era constantemente promovido pelos OAs em sala de aula. Conseqüentemente, acarretava facilidade para enfrentar um público.

Ainda em seu relato sobre o passeio ao convento, afirma a atualidade do trabalho que era feito.

nós trabalhamos todas as disciplinas, então a interdisciplinaridade já encaixava sem que viesse a modernidade que estamos hoje.

Esta constatação ocorre em outros momentos do depoimento em que afirma a existência de um trabalho pioneiro que redundava em uma boa atuação dos alunos.

nossos alunos eles tinham... aqui tinha uma estante cheia de troféus de nossos alunos, eles participavam de Feira de ciência que hoje é novidade, mas, naquela época, eles já participavam, JEM's eles iam e participavam e ganhavam, ou então, qualquer coisa que o CEMA chegava, o CEMA despontava.

Quando perguntamos sobre a utilização da televisão em sala de aula de uma cultura televisa intermediada por elas, Iralda nos retrata a existência de dois momentos distintos em seu trabalho. O primeiro quando desenvolvia suas atividades de Orientadora de Aprendizagem e o uso da televisão tinha a devida importância no processo de ensino-aprendizagem do sistema TVE/MA, porque assim foram treinadas, capacitadas para usá-la como tal, recurso que na época era utilizado como o principal da sala.

O uso da metáfora a televisão era a nossa mola mestra reforça essa compreensão, já que tudo girava em torno do recurso. O termo mola mestra faz alusão àquilo que dá sustentação, ao que é principal e sem o que nada pode funcionar. A primordialidade do recurso é reforçada por outra metáfora, que se refere ao fato de que a televisão, quando estava fora do ar, acontecia um curto circuito, elas ficavam de pernas quebradas. A imagem evocada pela metáfora diz da impossibilidade de se mover: quem está com as pernas quebradas não anda, fica em repouso. A imagem tenta dar a dimensão do problema que enfrentavam quando a TV não funcionava.

era assim a nossa, nossa... mola mestra era a televisão, quando acontecia, um curto circuito, um negócio... meu Deus! aí hoje vai ser um dia!... a gente ficava assim... de pernas quebradas, por que já estávamos acostumadas, que a aula da televisão era primordial.

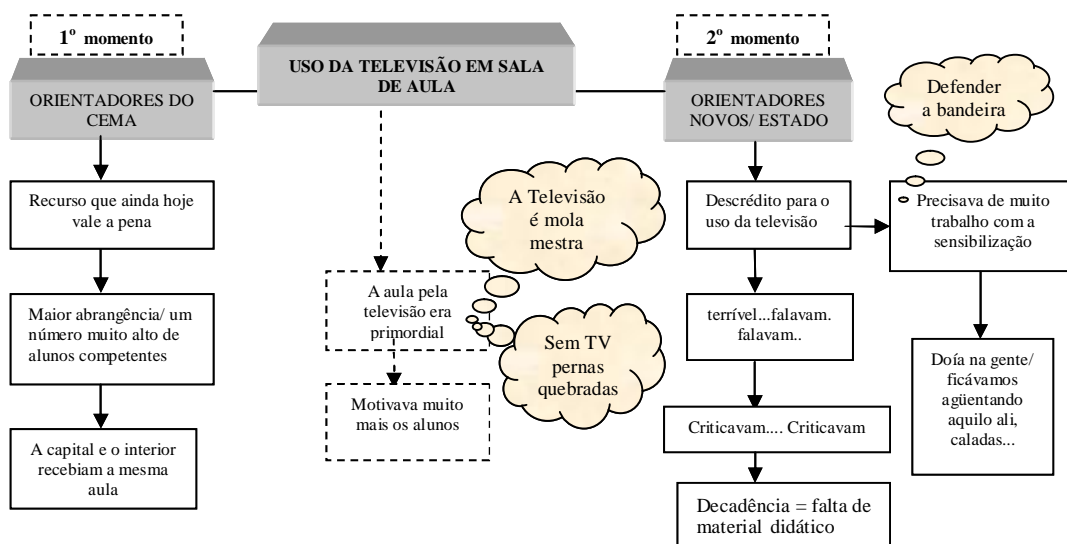
Relata, ainda, que este recurso, ainda hoje, vale a pena ser utilizado em sala e aula, devido a sua maior abrangência, pois o mesmo programa que passava na capital era o que passava no interior do Estado, alcançando um maior número de alunos. E, ainda, complementa: alunos competentes.

A evidência de que tudo transcorria bem nesse primeiro momento é defendida pelo argumento de que, na ausência do OA, os alunos tinham autonomia para fazer a aula acontecer.

na nossa ausência, faltava um orientador, muitas vezes a diretora não se dava conta que a sala estava sem orientador, por que os alunos eles eram capazes, nós dividimos o trabalho em equipe, tinha o líder da sala, aquele líder da sala já via que determinado horário o orientador não tinha chegado, ele tinha, assumia e conduziu o trabalho como se nada tivesse... na dúvida, corria na sala do colega ao lado, e dizia: professora olha, eu não estou encontrando atividade assim, assim... o que é que é para fazer? eu já olhei! que nós não trabalhávamos sem o planejamento, então tinha o planejamento, aí a professora lá: hoje é pra fazer assim, assim... aí ele já dava a pista, o aluno conduzia... então nossos alunos, cedo, cedo, já eram treinados, até mesmo para substituir o professor que já era habilitado, não tínhamos problemas.

Para ela, os OAs não tinham problemas porque o planejamento estava sempre disponível e os alunos conduziam as atividades quando faltavam.

Sua estratégia está ilustrada no esquema a seguir.



Esquema 1 - O uso da televisão em sala de aula

O segundo momento é registrado quando Iralda está desenvolvendo suas atividades como Supervisora do Sistema TVE/MA, quando em suas visitas junto às salas de aula se depara com novos Orientadores de Aprendizagem. Eram Servidores do Estado, professores de sala de aula do sistema regular de ensino e que, em sua maioria, apresentavam nas suas atitudes profissionais um descrédito quanto à utilização da televisão como o principal instrumento no processo ensino-aprendizagem, determinado na proposta pedagógica do Sistema TVE/MA.

Como sugestão, ela enfatiza que para isso precisaria muito trabalho com a sensibilização desses profissionais, pois os mesmos apenas falam terrivelmente e criticam, e essa situação, para as Supervisoras, doía muito; agüentavam tudo caladas, pois o sistema já estava em decadência, não tinham mais como reverter a situação, apenas informavam que *TVE não é isso! Ela está assim... mas ela não era.*

isso agora, já na geração 2000... já era em nível de Estado e eles criticavam, criticavam... e agente agüentando aquilo ali calado e tinha hora que tínhamos que falar e defender a bandeira: não! não! a TVE não é isso! ela está assim... mas ela não era.

A metáfora evocada pela imagem da defesa da bandeira evidencia que a proposta era vista como um ideal a ser defendido. A bandeira faz alusão a uma luta a ser travada contra uma situação da qual não tinham controle, uma vez que, afirma, ficavam caladas frente às críticas. A defesa era feita sob o argumento de que houve um outro momento em que a situação era outra, quando a proposta da TVE/MA funcionava e a TV era um recurso primordial.

A decadência, segundo ela, tinha sido provocada pela escassez cada vez maior de material didático, o que teria ocorrido nos anos 1990, e que atribuía a questões políticas que não detalhou quais seriam.

Em resumo, Iralda concebe o funcionamento da TVEMA de uma forma positiva, quando houve investimento do governo, não faltou material didático e quando havia treinamento dos OAs. Em um segundo momento, veio a decadência, por questões políticas, com o abandono dos treinamentos e a falta de reposição do material didático.

Análise da Entrevista de Rosilda Lago

Rosilda Marinho Lago formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Professora Aposentada pela Prefeitura Municipal de São Luís, também Especialista em Educação aposentada pela TVE/Maranhão/Ministério do Planejamento, exerceu, na Prefeitura de São Luís, além do cargo de Professora, funções de assessoramento técnico-pedagógico e de planejamento e chefias de setores.

Na Televisão Educativa do Maranhão, passou por uma série de experiências profissionais: Supervisora Educacional (Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos), Redatora de Textos Didáticos, Autor Roteirista (produção de roteiros didáticos de aulas de disciplinas diversas do Ensino Fundamental e de programas educativos de televisão), além de funções de liderança funcional.

Possui larga experiência como instrutora de cursos, treinamentos e reciclagens realizados em municípios maranhenses nas áreas de alfabetização de adultos, ensino fundamental de primeira a quarta série e alfabetização lingüística de Português e Matemática. Na Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, exerceu, no período de 1999 a 2003, a função de Coordenadora do Núcleo de Ensino Fundamental, responsável pelo funcionamento operacional de 156 unidades de ensino da Região Metropolitana de São Luís.

Participou em 1969, início da Televisão Educativa no Maranhão, do Projeto Madureza Ginásial voltado à população de jovens e adultos. Em 1971, já concursada, foi convidada para fazer parte da equipe de supervisão do Projeto de quinta a oitava séries do Ensino Fundamental. Em suas reminiscências, vamos encontrar vários argumentos sobre a importância da TVE/MA, a utilização da televisão em sala de aula, a estrutura pedagógica do sistema de televisão educativa, a organização das telessalas, algumas evidências sobre o seu encerramento e, sobretudo, a Proposta Pedagógica que norteava todo o sistema educacional com a utilização da televisão no processo ensino-aprendizagem.

Hoje, encontra-se afastada das suas atividades pedagógicas e quando a procuramos em sua residência para marcar a entrevista, mostrou-se prontamente disponível para nos receber, o que aconteceu às 19 horas do dia 28 de agosto. A entrevista transcorreu num clima muito agradável, fomos muito bem recebidas, até porque trabalhamos juntas na Secretaria de Educação, no período entre 2000 e 2003, quando ainda estava como Técnica em Educação na Gerência Metropolitana de São Luís.

Para realizarmos a análise dos seus depoimentos, utilizamos a construção de dois esquemas que apresentaremos no decorrer desta análise. No primeiro esquema encontramos

uma controvérsia nos seus argumentos quando se refere à validade da televisão como instrumento, como uma ferramenta utilizada na sala de aula dentro do Sistema de Televisão Educativa no Maranhão. Em sua fala, comenta sobre o que ela crê ser um dos pontos mais criticados por muitos educadores que se encontravam fora do sistema TVE: os alunos não produziram uma boa escrita, terem muitos problemas quanto à ortografia, mas, em contrapartida, tinham uma fluência muito grande para escrever e principalmente para falar.

Olhando do ponto de vista argumentativo, Rosilda centra-se em críticas que devem ter sido, ou são feitas ao sistema e que diz respeito aos problemas de escrita dos alunos. A isso ela contrapõe uma grande fluência, tanto verbal como escrita, dos telealunos e um elevado senso crítico. Desse modo, ela baseia sua argumentação em um lugar comum que provavelmente deve encontrar eco em seu meio profissional: ter fluência e senso crítico é mais importante do que a ortografia.

Essa fluência existia, segundo ela, graças à Proposta Pedagógica, com situações diversas como a produção de bilhetes, cartas, relatórios, debates e discussões, tudo girando em torno de uma situação problema. Seguia-se um ciclo de aprendizagem que se efetivava através de um conjunto de multimeios, como a aula pela televisão, a ação do orientador de aprendizagem, que tinha um manual com instruções que servia para direcionar suas ações, a apostila dos alunos e o caderno de atividades. A eficácia do ciclo está evidenciada na sua fala.

(...) o sistema era tão bom, o ciclo era uma coisa tão operativa que se o orientador faltava... o líder da telessala, juntamente com os líderes de cada equipe, conduziam todo o processo de exploração das aulas e das atividades planejadas para aquele dia (...)

Importante observar que a boa disciplina dos alunos é um critério para a avaliação do desempenho que aparece não só em sua fala, como na de outros depoentes.

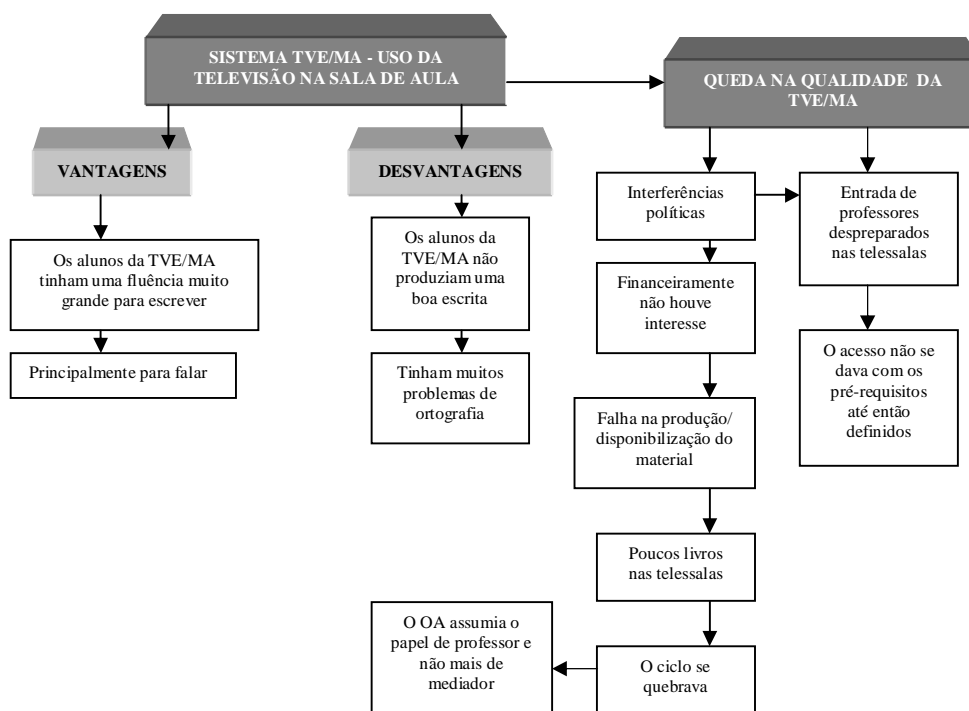
Então, quando este ciclo de aprendizagem se quebrava, os motivos apontados foram a falha na produção, na disponibilização do material para os Orientadores de Aprendizagem trabalharem, chegando a ter poucos livros nas telessalas. O aluno que assistia a aula pela televisão não tinha o apoio do livro para ele aprofundar, para dar continuidade às etapas do ciclo de aprendizagem. Conseqüentemente, nessas situações, o OA tinha que assumir o papel do professor e não mais de mediador. Importante ressaltar a valorização do papel de mediador em detrimento ao de professor. O papel de professor, em sua fala, sofre uma desvalorização frente à proposta inovadora do sistema TVE/MA.

Essa falta de material foi uma das situações que foram ocorrendo na queda da qualidade do Sistema de Televisão Educativa, pois já não havia mais interesse político e financeiro para dar continuidade ao investimento. Observam-se, também, em seu depoimento, as interferências políticas, no que diz respeito à entrada de professores novos nas telessalas, professores despreparados, indicados politicamente, sem qualificação, que mesmo sendo treinados, não era a mesma coisa, pois o acesso não se dava com os pré-requisitos até então definidos. Ou seja, para o cargo de Orientador de Aprendizagem, ou qualquer outro dentro do Sistema de Televisão Educativa, era preciso passar por um concurso, ser aprovado, passar por todo um treinamento durante certo tempo e, no decorrer da sua jornada de trabalho, participar com frequência da capacitação permanente. Ela nos diz que a elite de profissionais que a TVE/MA produziu, aonde chegava fazia a diferença e faz até hoje. Destaca a experiência de produção de textos, dos livros que eram as apostilas, dos textos didáticos que eram produzidos por pessoas da própria TVE/MA.

(...) nós não passávamos um mês sem ter uma atividade de formação, isso era uma coisa assim sagrada, um ponto que se destacava. Aonde você chegava.... se você era funcionário da TVE, você era.... era até motivo de uma certa.... falando no sentido doméstico, de ciúme: ah! você é da TVE? O pessoal da TVE só quer ser, mas não era nesse sentido, é porque o pessoal da TVE era realmente qualificado, então a direção, as pessoas que faziam parte da equipe gestora mesmo da televisão, se preocupavam muito com isso e, assim, vinham muitos técnicos de fora, não só da área técnica e de teleducação, mas de todas as áreas que contribuísssem para a fundamentação profissional necessária à efetivação do projeto. a gente podia destacar principalmente isso, só para te ter uma idéia é... a experiência de produção de textos, os livros que eram as apostilas... os textos didáticos eram produzidos por pessoas do quadro da TVE.

Ao atribuir à formação continuada o termo coisa sagrada, procura tirar qualquer dúvida a respeito da existência e da frequência pela qual essa formação se dava. Essa preocupação é reforçada pela menção ao ciúme provocado por essa verdadeira qualificação. O uso da palavra ciúme, no entanto, deve ser considerado por ela inadequado, uma vez que faz questão de frisar que se trata de um sentido doméstico, provavelmente em oposição à profissional. Ainda nesta argumentação, é importante verificar a necessidade de atestar a veracidade da existência e da qualidade da formação dada aos OAs, no uso da expressão "realmente". Durante todo o depoimento, toda vez que se refere ao funcionamento do sistema, ela utiliza expressões de reforço da veracidade, tais como "de verdade", "mesmo", "cansamos de ver", "nenhuma dúvida", entre outras.

No esquema a seguir, salientam-se os pontos básicos da sua argumentação.



Esquema 1 - Uso da TV na sala de aula e o sistema TVE/MA

Mesmo com as desvantagens do uso da televisão em sala de aula, e ocorrendo certa queda na qualidade do Sistema de Televisão Educativa, para Rosilda, a Proposta da TVE/MA nunca enfraqueceu. Ela diz que o enfraquecimento se deu na atitude política em mantê-la, manter esse sistema que se tornou caro e que foi se expandido, em que um montante de problemas políticos, financeiros, institucionais foram se avolumando, redundando na entrada dos professores despreparados, na escassez do material didático, em problemas técnicos, como um televisor que estava sem som, refletindo na sala de aula, nas telessalas.

No segundo esquema, vamos encontrar argumentos sobre a importância da televisão no processo ensino-aprendizagem. Rosilda destaca que na conjuntura atual existem outros recursos, outras ferramentas que poderiam estar inseridos no processo, mas não descarta o grande potencial da televisão, o poder de atração, atribuindo ao elemento visual uma das grandes vantagens desta ferramenta, pois *conta muito*. Nesse sentido, ela quer dizer que, para os alunos do sistema de televisão educativa, a TV contribuía na perspectiva de assimilação dos conteúdos, onde as imagens davam ênfase às falas dos apresentadores. Conferiam uma forma concreta aos assuntos que eram tratados gradativamente. Para ela, as aulas pela TVE/MA eram emitidas não como verdade completa, o conhecimento não se

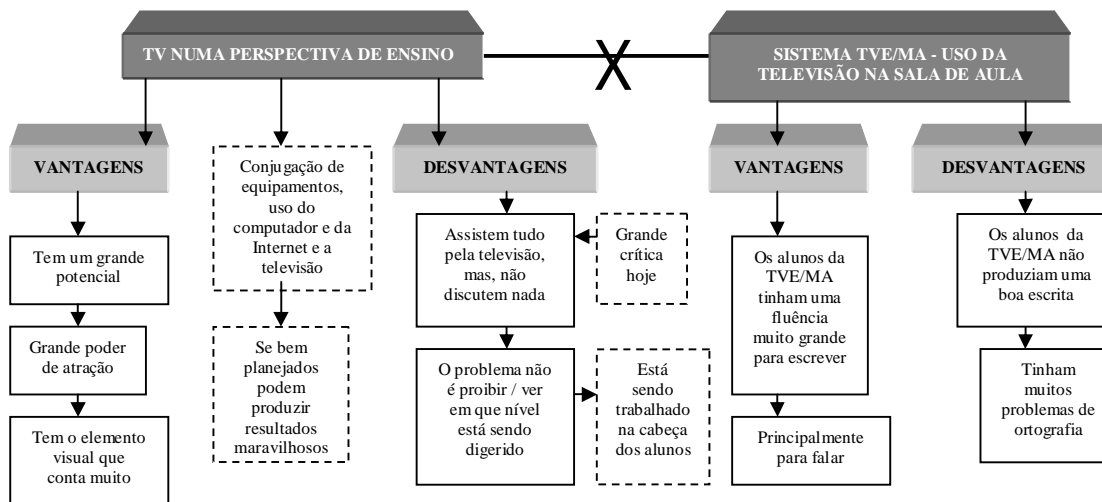
completava nas aulas, mas sim nas etapas do ciclo de aprendizagem. O elemento visual contribuía muito. Porém, após a emissão, os alunos recebiam uma situação problema que era resolvida em equipe, sob a mediação do Orientador de Aprendizagem, onde todos, alunos em suas equipes, trabalhavam com suas lideranças. Nesse momento os alunos *tomavam um certo impacto* ao receber a situação problema, mas tinham o desafio de resolvê-la. Então, faziam suas pesquisas, discutiam entre si e, depois de toda a discussão, chegavam a uma conclusão, elaboravam um relatório, que em seguida era socializado para toda a turma, *cada equipe dizia o que tinha feito, o que tinha concluído*.

As vantagens apontadas suprem as desvantagens que ela mesma destacou na utilização da televisão como uma ferramenta no Sistema de Televisão Educativa, sustentada ainda pela Proposta Pedagógica da TVE/MA, que tem fundamentação consistente baseada na concepção pedagógica da Teoria de Piaget e seus discípulos. Com uma estrutura diferente, era um projeto inovador, incluindo atividades de culminância das ações pedagógicas realizadas nas telessalas, com diversos festivais, tais como: festival de poesia, festival de música, feira de ciências.

De grande importância nessa estrutura, ela aponta ainda o funcionamento do Clube Político, que realizava as eleições para o governo e as assembleias legislativas das BRs que, nas palavras de Rosilda, *era o mote de uma grande experiência cívica para os alunos*, que reproduziam a estrutura política dentro das Bases de Recepções. Essa estrutura provocava no aluno a sua participação individual, discutindo, argumentando, debatendo, pesquisando, elaborando relatórios e outros, até porque cada um tinha uma função dentro da sua equipe, que representava um Clube dentro da telessala em que existia um rodízio para todos perpassarem por todos os clubes, organizado durante todo o período letivo. A depoente ainda enfatiza que os alunos da TVE/MA eram conhecidos em diversos lugares, inclusive na Universidade e, quando lá chegavam, eram alunos que sabiam falar, manifestavam atitudes de liderança e questionamento, ou seja, não se acomodavam com o conhecimento simplesmente entregues a eles, tinham um elevado senso crítico.

Para Rosilda, a grande crítica hoje levantada por estudiosos sobre o uso da televisão na educação é que *às vezes os filhos assistem tudo na televisão* e não chegam a discutir nada com os pais. Acrescenta ainda que, nessa conjuntura, o problema não é proibir os filhos de assistirem televisão, o problema se encontra exatamente em saber o nível em que está sendo transmitido, está sendo “digerido”, trabalhado na cabeça dos alunos, das crianças, dos jovens e até dos adultos, com o cuidado de não parecer uma imposição. Ela usa imposição no sentido de não haver reflexão.

O segundo esquema montado destaca sua visão sobre as possibilidades do uso da TV em sala de aula hoje em oposição ao que foi na prática o sistema TVE/MA.



Esquema 2 - TV numa perspectiva de ensino e a TVE/MA

Quando analisa a perspectiva do uso da TV em sala de aula hoje, aponta as diferenças entre dois sistemas de ensino: o convencional e o da TVE. Para ela, são duas propostas pedagógicas muito diferentes, dois extremos, duas linhas. A existência desses dois sistemas foi um dos empecilhos para que a proposta fosse retomada após seu declínio.

acredito assim que ficou nessa dualidade do convencional e da TVE eaí, ai... no meio desses dois... dois extremos, dessas duas linhas... dessas duas situações... as coisas que foram acontecendo, não é?... contribuíram assim para que essa retomada não acontecesse.

Mesmo tendo participado desde o início da TVE/MA, conhecendo sua estrutura pedagógica, organizacional e institucional, a televisão é o único instrumento tecnológico utilizado na sala de aula. Rosilda, nos seus argumentos, enfoca que na atual conjuntura educacional, com a existência de vários outros recursos além da televisão, o computador e a *Internet* devem ser utilizados na sala de aula. São ferramentas que devem ser utilizadas conjuntamente, dentro de uma nova concepção curricular, pedagógica, psicológica e sociológica, uma visão atual, com um bom planejamento, ou seja, um planejamento

direcionado ao processo ensino-aprendizagem e que assim podem produzir resultados maravilhosos. Ainda nos seus argumentos fala que

(...) hoje o ensino precisa ser atrativo. o professor sozinho na sala de aula... tem dificuldade, já hoje... porque ele, por si só, ele já... não tem assim... acho que todas as habilidades necessárias para prender aquela atenção do aluno... para satisfazer a... curiosidade do aluno... e o aluno está aí... com computador em todos... em todos os níveis (...)

Os recursos tecnológicos, sobretudo a televisão, aparecem na concepção de Rosilda para uma proposta atual, sobretudo como motivadora, possivelmente fazendo alusão a problemas de indisciplina e falta de atenção dos alunos. Hoje, segundo ela, o professor está sozinho, tem dificuldades, por si só não tem as habilidades necessárias para prender a atenção do aluno. Implicitamente, ela afirma que ele precisa de recursos que não obtém em sua formação.

Portanto, é nessa conjuntura educacional que Rosilda destaca a importância desses outros instrumentos tecnológicos sendo utilizados dentro da sala de aula e que o aluno já traz da sua vivência, do seu dia-a-dia. O professor precisaria buscar nessa situação a melhor forma de obter um resultado satisfatório, positivo na sua proposta pedagógica de ensino.

No Sistema de Televisão Educativa do Maranhão, os alunos, em sua maioria, não tinham televisão em casa, eram alunos pobres, de classes populares, marginalizados sócio-culturalmente e, nessa estrutura pedagógica de ensino, encontravam o seu espaço, eram alunos que, se você dava valor para eles, eles se revelavam. Rosilda finaliza seu depoimento informando que a experiência da TVE/MA era uma nova situação de ensino que motivou diversos governos estaduais na busca de iniciativas educacionais, estimulando a vinda de muitas pessoas de diferentes lugares, inclusive do exterior como, por exemplo, da Alemanha, onde havia uma fundação que financeiramente ajudava a manter esse sistema.

Em resumo, para Rosilda, a TVE possuía uma estrutura pedagógica inovadora, única, com uma filosofia voltada à criação de uma cultura favorável ao uso da televisão na sala de aula. A turma também possuía uma estrutura de organização em grupos que deixava o aluno muito participativo em todo o processo, pois assim eles eram preparados, porque existiam os clubes e através deles as lideranças eclodiam. Os alunos, que em sua maioria eram de classes menos favorecidas socialmente, encontravam seu espaço.

Entrevista de Francília Pinheiro

Em 1979, **Francília Cantanhede Pinheiro** participou do processo seletivo, concorrendo ao cargo de Orientadora de Aprendizagem, obtendo aprovação, foi lotada para trabalhar na Base de Recepção do Bairro do Tirirical, periferia da cidade de São Luís, ficando por um ano. Formada em Pedagogia, com Habilitação em Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Francília trabalhou em diversas escolas, entre elas: Kennedy I, Vila Palmeira, Bequimão, Estado do Pará, Cohab, Tibiri, Camboa, Estado de Alagoas, periferia da cidade e Coqueiro, na zona rural. Hoje, se encontra lotada no Núcleo de Educação da ACERP/TVE/MA, realizando um trabalho interno de elaboração de textos para o Programa “Hoje é foco”, que aborda vários temas.

Em 1981, foi convidada pela Diretoria Pedagógica para assumir a Supervisão de Oficinas do Sistema de Televisão Educativa do Maranhão. Essas Oficinas, de acordo com a proposta pedagógica, mostram que o CEMA não seria uma escola profissionalizante, mas trabalha, mesmo que de forma básica, a iniciação dos seus alunos para o trabalho, contando com a participação de outras instituições e outros órgãos existentes em São Luís para ministrar a educação profissional, ficando o CEMA a cargo de proporcionar a prática educativa, cursos e ensinamentos profissionais de acordo com as tendências e necessidades do mercado, visando a uma possível assimilação da mão-de-obra preparada para seus alunos.

Segundo Francília, existiam oficinas de Artes e de Artes Práticas, envolvendo esta última Agricultura, Técnicas Agrícolas, Comerciais, Industriais e Educação para o Lar. Funcionavam no horário não ocupado das aulas do sistema de televisão educativa. Os alunos se inscreviam nas oficinas em que se identificavam para fazer um mini-curso e, ao término, recebiam certificados das Instituições a que estavam vinculados. Ela narra este fato como a sua principal lembrança:

(...) isso porque era para enriquecer o aluno... também para preparar esse aluno, para o campo do trabalho. tinha alunos que passavam em educação para o lar, em culinária. eles aprendiam a fazer bolinho, pastel e até confeitaria e aí... eles estão se preparando para trabalhar, para ganhar um dinheirinho, tinha... também de embelezamento pessoal, passavam no salão de beleza, aprendiam manicure é... cortar cabelo. essa parte todinha de salão de beleza, eles aprendiam e já preparava esses alunos também, para parte econômica, para trabalhar, não sabe? para dar o sustento para própria família, assim também na parte agrícola, industrial e comercial. no comercial teve aluno, que se empregou até no comércio com um pequeno

certificado expedido pela Técnica Comercial, eram cursos técnicos de técnicas comerciais da própria TVE (...)

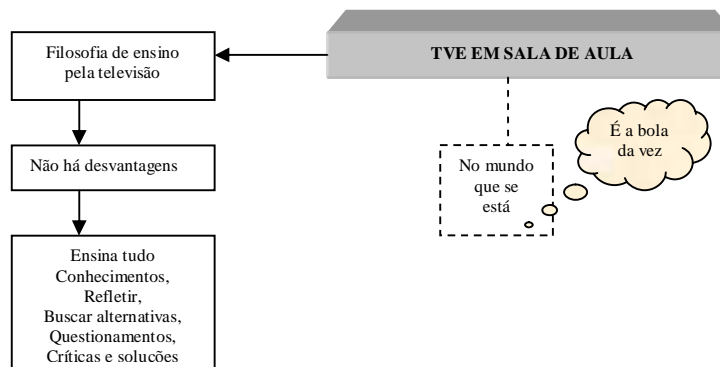
Para lecionar Educação Profissional nessas oficinas a Secretaria de Educação do Estado promoveu um curso de Licenciatura Curta nessas áreas e, quando concluíram, os alunos/professores participaram de um processo seletivo, que o CEMA os aproveitou. A essa estrutura, Francília refere-se à TVE/MA como sendo *a tônica do momento*, atribuindo a ela o *status* de *ímpar, uma experiência inovadora*, em que o aluno era preparado para ficar bem situado no tempo e no espaço.

Quando ressalta a importância de se utilizar a televisão para ensinar em sala de aula, ela afirma que, de acordo com sua filosofia de ensino, ela fazia tudo, preparava o aluno não apenas para receber conhecimentos, mas, também, para refletir sobre sua situação, seu contexto, buscando alternativas, fazendo questionamentos, criticando e até mesmo apontando soluções.

mas ela preparava o aluno, ela botava o aluno, não só para se encher de conhecimento, mas para ele refletir a situação em que ali estava e procurar alternativas.

Interessante assinalar a utilização da metáfora *encher de conhecimento*, que faz alusão ao tipo de prática que dá ênfase à transmissão, como se o conhecimento fosse algo que pudesse passar de um lugar para outro, metáfora muito presente nos discursos escolares. Ao termo ela opõe, implicitamente, um outro tipo de prática com ênfase na reflexão, deixando mais evidente sua crença de que a proposta da TVE/MA era inovadora. Esta postura é constante em sua fala.

Usa uma outra metáfora referindo-se à televisão, *ela é a bola da vez*, indicando sua crença de que a TV em sala de aula ainda é um tema presente no debate pedagógico. Afirma que não vê desvantagens no sistema TVE, apenas vantagens. Os seus argumentos encontram-se esquematizados a seguir:



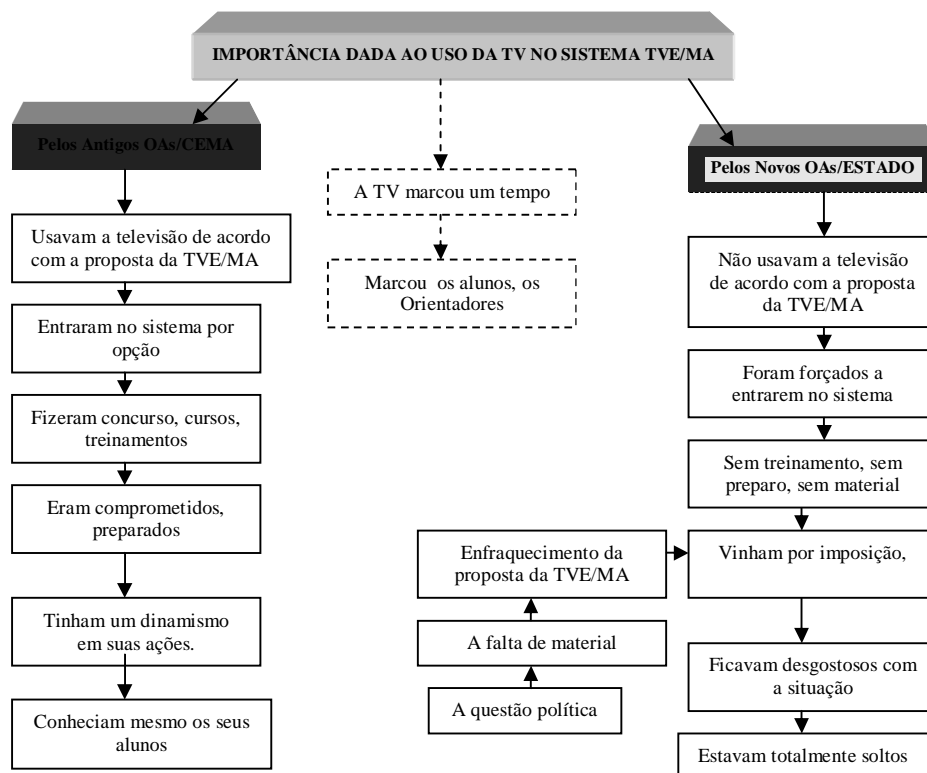
Esquema 1 - TV na sala de aula

Francília argumenta sobre a inserção dos novos Orientadores de Aprendizagem na sala de aula do sistema de televisão educativa, deixando transparecer a controvérsia implícita, já encontrada nos depoimentos analisados anteriormente, de que a cultura televisa criada e desenvolvida durante um longo período pelos OAs do CEMA inicia um processo de decadência, a partir do momento em que os novos profissionais do Estado foram forçados a entrar no sistema, sem treinamentos e sem preparo. Segundo ela, vinham por imposição, chegando até a ficarem desgostosos com a situação, pois não tendo material, ou seja, o manual, eles ficavam *totalmente soltos* e, conseqüentemente, a utilização da televisão na sala de aula deixava de ser o recurso principal. Já os antigos OAs entraram por opção, fizeram concurso, cursos, eram preparados, tinham um dinamismo em suas ações, sabiam que tinham que trabalhar bastante, eram comprometidos, questionadores, *alguém que não se contenta, que fala, que grita, que procura, que investiga*. Essa é a visão dela, que foi Orientadora e Supervisora do Sistema TVE/MA, e, sendo assim, utilizavam a televisão na sala de aula como o principal recurso do processo ensino-aprendizagem, mediando toda a estrutura junto aos seus telealunos, que absorviam toda essa cultura televisa criada e planejada de acordo com os objetivos da Proposta Pedagógica do Sistema TVE/MA.

É importante assinalar ainda que ela é a única depoente a se referir positivamente aos OAs como professores. Ela utiliza o termo professor exatamente para diferenciar a prática do OA do trabalho de um professor da rede. Em sua visão, os OAs conheciam seus alunos "mesmo", o que deixa implícito que outros professores não conhecem.

Porque ele ficava com aquele professor o tempo todo e aquele professor, naquele momento, ele tinha oportunidade de olhar, de conhecer mesmos seus alunos, ouviu!

O esquema a seguir, delinea os argumentos empregados por Francília em seu depoimento e que determinam dois períodos de funcionamento do sistema.



Esquema 2 - Importância dada ao uso da TV no sistema TVE/MA

Ao falar que a TV marcou um tempo, marcou os alunos, os orientadores, Francília está se referindo ao Sistema de Televisão Educativa. Ela se reporta a toda comunidade envolvida, marcada por um enriquecimento em suas experiências, pelos trabalhos realizados, pela estrutura pedagógica sustentada, pela qualidade do processo educativo, pelos envolvimento, compromisso dos organizadores, Orientadores de Aprendizagem e dos demais.

Em sua argumentação sustenta que a presença dos novos OAs, oriundos do Estado e que vieram por imposição, é um dos fatos que, na sua opinião, serviu para contribuir para o enfraquecimento da proposta da TVE/MA. Também cita a falta de material e, fortemente, a questão política. Para ela, a TVE *estava brilhante* quando tinha toda uma estrutura organizada e alimentada, em um governo que estava preocupado em manter essa qualidade.

Quando entrou um novo governo, foi implantando o sistema regular de ensino nas escolas do Ensino Fundamental de quinta a oitava séries, competindo com o sistema de televisão educativa antes implantado. Sendo assim, o espaço foi se dividindo e a atenção ficou voltada mais para essas novas unidades escolares que, conseqüentemente, deixaram de *oxigenar, com os recursos, e esses recursos ficaram faltando* nas telessalas, para os alunos e para os Orientadores. Enfim, o sistema de televisão educativa foi realmente entrando numa decadência sem retorno. O uso da metáfora *oxigenar* é bastante significativo, pois evoca a imagem do ar que falta, sem o qual não é possível sequer respirar. Pela imagem, os recursos renovavam o ar que a comunidade envolvida no sistema respirava. Fica clara a necessidade de tais recursos para que o funcionamento tivesse continuidade.

É interessante ainda ressaltar que Francília resume a importância da utilização da televisão na sala de aula como a *tônica do momento, para ela, uma tecnologia que não se pode fechar os olhos*. A televisão foi caracterizada como uma tecnologia usada para atingir grandes massas, uma vez que atende a necessidade de muitas pessoas que não poderiam estar em um local formal de ensino, no espaço físico especificamente, numa sala de aula presencial. Para ela, o uso da televisão em sala de aula ainda é necessário.

então que ela voltasse, que houvesse uma reforma atendendo os interesses de hoje, por que o que aquilo que passou ontem, as coisas boas, a gente traz como experiências que reforçam, mas sabe que tem que inovar, para acompanhar a demanda, tem que inovar.

Haveria necessidade de inovação por novas demandas da sociedade, mas haveria muito o que se aprender com as experiências de quem viveu a proposta da TVE/MA.

Enfim, para Francília, a TVE foi uma experiência inovadora, que proporcionava ao aluno ficar bem situado no tempo e no espaço, ou seja, além de transmitir os conhecimentos, a aprendizagem, a TVE tinha também uma preparação para o trabalho através das oficinas que eram oferecidas.

4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados a que chegamos com as análises serão agora confrontados numa

tentativa de caracterizar se os papéis que os depoentes exerceram no sistema TVE/MA determinaram regularidades, semelhanças, oposições ou contradições nos discursos, de modo a termos uma visão geral sobre a existência de uma cultura favorável ou não ao uso da televisão na sala de aula e se essa cultura televisiva interferiu ou não no processo de decadência da Televisão Educativa do Maranhão.

Na análise, organizamos os resultados em três grupos, definidos a partir dos papéis dos depoentes no processo e consideramos estes mesmos grupos para fazer a discussão, partindo das convergências e das divergências no interior de cada grupo e entre os grupos. As tabelas que se seguem enumeram os objetos de acordo e entre as depoentes de cada grupo.

Grupo 1 - Subgrupo A: OAs CEMA		
DEPOENTES	ÍTEMES	COMENTÁRIOS
As três CEMA	Uso da televisão na sala de aula	Existia uma cultura favorável ao uso da televisão no processo ensino-aprendizagem
As três CEMA	Organização da turma em grupos	Era uma estrutura que lhes proporcionava um trabalho eficaz, pois assim tinham total controle da turma.
As três CEMA	Ambiente familiar	Com essa organização em torno dos grupos, elas tinham condições de olhar cada aluno e sendo assim, sabiam quem estava precisando de uma atenção maior, quem estava com problemas e precisando de um ombro amigo.
As três CEMA	Trabalho de qualidade	Existiu a qualidade enquanto a TVE tinha todo um suporte, ou seja, tinha todo o material necessário para alunos e OAs. Definem, portanto, dois períodos distintos marcados pela entrada dos OA ESTADO.
As três CEMA	Decadência	O motivo foram questões políticas, que redundou em falta de estrutura física e de formação dos OAs.
As três CEMA	ausência do AO em sala de aula	O aluno tinha condições de assumir a turma, conduzindo o trabalho de acordo como a proposta exigia.
Terezinha	Credibilidade do sistema pelos alunos	De certo tempo para cá, ficou desacreditado, os alunos não queriam mais estudar pelo sistema
Teresinha	Sistema TVE	Papel do OA pouco valorizado em relação ao do professor.

Tabela 6 - Discussão dos resultados - Grupo 1 - Subgrupo A - OAs CEMA

Para o Grupo 1 - categoria subgrupo A, os pontos de convergência que existiram foram: a necessidade e a oportunidade de usar a televisão na sala de aula, a organização da turma em equipes, o ambiente familiar, a qualidade do trabalho realizado pelo sistema TVE, a decadência causada por questões políticas e o bom funcionamento da sala de aula na ausência do OAs do CEMA. Estes acordos indicam uma cultura favorável ao uso da televisão, com a

televisão sendo o principal recurso na sala de aula, de acordo com a filosofia empregada no sistema, como rege a Proposta Pedagógica. Elas receberam todo um treinamento para desenvolver tal concepção e, sendo assim, valorizavam o trabalho e também o produto desse trabalho. Quanto à organização da sala de aula em grupos, era ela que possibilitava autonomia e dinamismo, funcionando como uma verdadeira mini-escola, sem necessidade de interferência superior.

Pelo fato de serem polivalentes, estarem com os alunos o período todo, ou seja, uma manhã ou uma tarde inteira e durante todo o ano letivo, as três depoentes afirmam ter contato direto com eles, possibilitando manter um conhecimento bem estreito com cada um, pois tinham tempo para isso, relacionamento que foi qualificado como quase familiar.

Até o ano de 1986, o sistema de Televisão Educativa do Maranhão encontrava-se numa situação de qualidade, tinham todo o material necessário, livros para todos os alunos, manual para todos os OAs, aulas atualizadas, salas equipadas com televisores funcionado perfeitamente, *slides*, aulas fora da sala de aula quando assim os professores a planejavam, pois contavam com todo um suporte. Enfim, as três Orientadoras de Aprendizagem participaram desse início e puderam desenvolver seu trabalho nesse ambiente. Teresinha entrou em 1978; Elizabeth em 1980; e Maria José em 1982. Portanto, por terem participado desse início e trabalhado ainda na esfera da rede pública estadual atualmente, compararam os trabalhos desenvolvidos nos dois sistemas enaltecendo o CEMA.

Por ter uma Proposta bem organizada, bem estruturada e essa formação de grupos, com a liderança permeando todo o trabalho, foram unânimes em dizer que poderiam se ausentar da sala que o processo não era interrompido, os alunos sem nenhum problema assumiam a sala, pois tinham a mesma filosofia.

A entrada das OA ESTADO, no entanto, marcou o período de declínio da proposta, pois não receberam a mesma formação e, por isso, não comungavam da mesma filosofia de trabalho. A qualidade do trabalho das OAs ESTADO foi muito contestada, pois as OAs CEMA viam que elas não priorizavam a televisão e, em seu lugar, davam aulas, gritavam com os alunos, evidenciando uma prática muito diferente. Além da falta de recursos materiais, esse também foi um motivo apontado para a decadência do sistema.

Pela preparação que tiveram, todo o treinamento recebido e as constantes formações continuadas que participaram, não houve nenhum ponto de divergência entre elas, pois as mesmas conheciam e colocavam em prática a filosofia do sistema TVE. O que apareceu diferente em seus discursos foram somente acréscimos ou explicações mais detalhadas. Dentre esses acréscimos, um nos parece relevante, pois vai aparecer no discurso

dos alunos e das OAs ESTADO. Trata-se da não valorização do sistema por parte da comunidade. Dentre as OAs CEMA, esta explicação aparece somente no discurso de Terezinha. Em seu discurso, o sistema não era mais valorizado por causa da clientela, que, como era pobre, a telessala não era considerada de primeira qualidade, embora tivesse tudo que uma escola de rico tinha. Além disso, ela identifica que, no período de declínio, os alunos não mais desejavam estudar nos CEMA.

Um outro acréscimo de Terezinha deve ser considerado. Ela deixa implícita uma desvalorização do papel do OA. Em seu discurso, diz que elas não foram "aceitas" como professoras, que "ainda" não eram professoras, o que denuncia algum tipo de desvalorização do papel que exerciam no sistema e que pode ter relação com a ampliação do ensino convencional no período de decadência do sistema TVE/MA.

Os depoimentos das OAs ESTADO divergiram bastante do ponto de vista das OAs CEMA. A tabela abaixo mostra os principais objetos de acordo do subgrupo B.

Grupo 1 - Subgrupo B: OAs ESTADO		
DEPOENTES	ÍTENS	COMENTÁRIOS
As três	Uso da televisão na sala de aula	A televisão era usada para chamar a atenção dos alunos
As três	Treinamentos	Nenhuma delas falou sobre o treinamento para entrar nas telessalas
As três	Decadência	Questões políticas, aulas defasadas
As três	Organização da turma	Formação de grupos facilitava seu trabalho
Maria Gorete	Uso da televisão na sala de aula	Complementa dizendo que a TV é o professor no sistema TVE, porém enquanto é uma inovação
Marilza	Uso da televisão na sala de aula	Complementa dizendo que com a existência da televisão o professor não precisaria fazer cartazes - aspecto positivo
Alcirene	Decadência	Complementa que mesmo com as aulas defasadas poderiam desenvolver um bom trabalho, visto que a proposta oferecia isso
Alcirene e M ^a Gorete	Credibilidade do sistema pelos alunos	Eles acreditavam e muitos se destacaram
Marilza	Credibilidade do sistema pelos alunos	Os alunos não tinham interesse, não queriam estudar
Marilza e Alcirene	Intervalo das aulas	Muito prejudicial
M ^a Gorete e Alcirene	Proposta Pedagógica	Muito boa, facilitava o trabalho do professor

Tabela 7 - Discussão dos resultados - Grupo 1 - Subgrupo B - OAs ESTADO

Para o Grupo 1 - Subgrupo B, as convergências existentes foram sobre o papel meramente ilustrativo da televisão na sala de aula, quanto aos motivos da decadência do sistema e quanto à organização da sala de aula.

Para o uso da televisão na sala de aula, pelo fato de não terem sido preparadas, formadas e nem terem conhecimento da filosofia do sistema TVE, foram colocadas na sala de aula apenas para que existisse mais uma turma funcionando e, sendo assim, o papel da televisão era meramente chamar a atenção dos alunos, como papel ilustrativo. Isso quando o sinal estava funcionando, o que, segundo elas, era raro, pois vivenciaram o período de decadência, quando os recursos eram escassos, não havia distribuição do material didático, ou seja, os livros, que na maioria das vezes muitos alunos não recebiam. Este foi o motivo alegado para colocar a televisão de lado, passando a desenvolver sua atividade como se o sistema fosse o convencional de ensino, ou seja, ele tendo o papel de "professor" mediando o processo. O professor que dá aulas, prática que já faziam antes de assumir as telessalas.

Existem dois acréscimos sobre esse tema. No primeiro, Maria Gorete afirma que a televisão é o professor em sala de aula, tal como as OAs CEMA. Porém, logo em seguida, afirma que o aluno vê a televisão como professor somente enquanto ela é uma novidade e que, na medida em que a televisão vai se tornando corriqueira na vida do aluno, torna-se desinteressante, ponto de vista que é muito distante da posição dos OAs CEMA. O segundo, que acrescenta um valor positivo ao uso da televisão, é feito por Marilza, que afirma o uso da TV como um recurso equiparável ao uso de cartazes em sala de aula, posição que também se distancia das OAs CEMA.

Quanto à decadência, mesmo não conhecendo o sistema como um todo, apontaram a falta de interesse político como o principal motivo para o sistema entrar em decadência. O principal efeito da falta de interesse político teriam sido as aulas não atualizadas. Alcirene, embora convergindo com as demais, afirma que mesmo com essas aulas desatualizadas poderiam prosseguir tranquilamente o processo ensino-aprendizagem, pois estavam amparadas com a proposta pedagógica do sistema TVE, que era muito boa. Ela está se referindo ao fato de haver um "passo a passo", um manual que explicava detalhadamente como fazer cada atividade, o que ela não encontra nos livros didáticos e que, para ela, foi uma boa novidade.

Quanto à organização da turma em grupos, houve uma convergência entre Alcirene e Maria Gorete, quando dizem que desenvolviam um trabalho melhor com a turma organizada dessa forma. A divergência é com Marilza, que diz que sentia dificuldade em trabalhar com essa organização devido à conversa constante dos alunos, à sua desatenção, por

se encontrarem bem próximos uns dos outros. Convém destacar, no entanto, que Alcirene também se refere aos "gritos" que tinha que dar para fazer com que os alunos prestassem atenção nas emissões. É importante enfatizar que não há nenhuma menção por parte dos OAs CEMA à indisciplina dos seus alunos, mas à indisciplina dos alunos das OAs ESTADO, quando a sala de aula destas era perto, prejudicava as aulas das AOs CEMA por causa do barulho dos alunos e dos gritos que as OAs ESTADO davam.

Entre os dois subgrupos A e B, existiu um ponto de convergência que foi o motivo da decadência. Ambos apontaram questões políticas, ocasionando falta de material. Porém, os pontos de vista dos dois grupos difere: enquanto as OAs do CEMA comentaram e foram unânimes, e aqui se pode considerar também as Supervisoras, que a entrada das novas Orientadoras vindas da rede estadual foi prejudicial para o bom andamento dos trabalhos realizados pelo sistema TVE, pois as mesmas não conheciam nada, não foram treinadas e preparadas para conceber uma cultura favorável ao uso da televisão na sala de aula, as OAs do ESTADO em nenhum momento falaram de sua entrada para as telessalas, e simplesmente assumiram as turmas e começaram seus trabalhos sem terem recebido uma capacitação para desenvolver tal atividade, nem para o uso do sistema proposto pela TVE. Estavam atuando sem nenhuma formação específica e isso é apontado como um dos motivos para a decadência, fato observado também claramente pelo subgrupo A e o grupo das Servidoras, além dos comentários de dois alunos, Lúcia e Estélio, sobre esse aspecto.

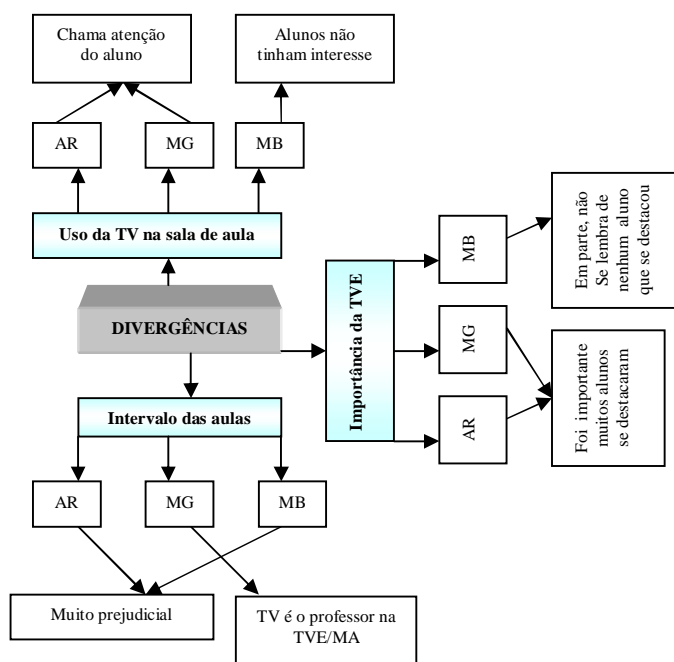
A grande divergência que apareceu de forma bem explícita foi sobre o uso da televisão na sala de aula. Fica bem clara a construção de uma cultura favorável de um lado para o subgrupo A e, de outro, desfavorável ao uso da televisão na sala de aula para o subgrupo B. A situação foi criada a partir do momento em que as OAs ESTADO assumem suas telessalas, em um sistema dotado de toda uma organização, de toda uma filosofia. No grupo B, Alcirene e Maria Gorete afirmam ter um trabalho mais controlado, usando a televisão para chamar atenção dos alunos e, nesse aspecto, convém ressaltar que Marilza (OAs ESTADO) afirma que os alunos na sua maioria não tinham interesse, não queriam nada com os estudos, não gostavam de estudar e eram muito lentos, pois conversavam bastante.

Existiu também uma divergência quanto à transmissão das aulas, especificamente ao intervalo. A divergência existiu também entre os subgrupos A e B. Para o subgrupo A, esse intervalo servia para tirar algumas dúvidas que, porventura, apareciam, pois nesse momento os seus telealunos estavam ocupados reunidos em grupos, discutindo a situação problema deixada, socializada perante a sala logo após sua resolução, e eles debatiam o resultado. Isso foi unânime. Já para o subgrupo B, Marilza e Alcirene usavam esse intervalo para corrigir a

atividade, não havia lugar para o debate, para a liderança, pois afirmaram que o tempo não dava nem para a correção da atividade, pois a próxima aula já se aproximava e tinham que deixar para depois.

Uma outra divergência foi quanto à importância da TVE para os alunos. Alcirene e Maria Gorete comentaram que alguns alunos se destacaram após o término de seus estudos na TVE, citando a Universidade e o CEFET como lugares para onde seus alunos teriam conseguido estudar. Já Marilza comenta que em parte houve essa importância, porém não se lembra de nenhum aluno que teve destaque, muito menos falou de alguma instituição que teria recebido algum aluno seu.

O esquema abaixo destaca as principais divergências do subgrupo B.



Esquema 1 - Divergência no subgrupo B: OAs ESTADO

O ponto de vista dos alunos apresenta algumas novidades com relação ao grupo dos Orientadores de Aprendizagem. A tabela abaixo destaca convergências nos discursos dos alunos.

Grupo 2 : Alunos		
DEPOENTES	ÍTEMES	COMENTÁRIOS
Os três	Uso da televisão na sala de aula	Principal recurso na sala de aula
Estélio	Uso da televisão na sala de aula	Complementa dizendo que a televisão é uma babá eletrônica.
Os três	Oficinas	Muito importante para a formação
Os três	Liderança	Muito importante para a organização
Os três	Eleições	Momento político de grande relevância
Lúcia	Eleições	Complementa dizendo que a TVE era a única escola que fazia tal ação.
Lúcia e Estélio	Decadência	Questões políticas
Jesiel	Decadência	Surgimento de escolas particulares
Os três	Importância da TVE	Muito importante, cumpriu com seus objetivos
Lúcia	Importância da TVE	Complementa que os alunos eram discriminados
Os três	Atividades - situação problema	Eles faziam sozinhos
Os três	OAs	Era apenas para orientar, todos eram competentes
Estélio e Jesiel	Relacionamento com OAs	Como uma mãe para os alunos
Lúcia e Estélio	OAs ESTADO - (enfraquecimento)	Entraram sem treinamento

Tabela 8 - Discussão dos resultados - Grupo 2 - Alunos

Para o Grupo 2, os pontos de convergência foram a importância do uso da televisão na sala de aula, das oficinas, do trabalho de liderança, do processo de escolha de líderes, das eleições, da importância da televisão educativa maranhense e relativas ao trabalho dos Orientadores de Aprendizagem. Quando citam a importância do uso da televisão na sala de aula, é porque tiveram Orientadores de Aprendizagem que participaram do processo seletivo do CEMA, o que coincide com a opinião delas (grupo 1 - subgrupo A). No entanto, Lúcia afirma que hoje a televisão não poderia ser utilizada como era, pois se tornaria muito chata, muito monótona, pois existem diversos programas, com diversas informações e, sendo assim, o aluno não se interessaria mais, não teria o mesmo efeito como era na TVE, opinião que se aproxima da de Maria Gorete, quando sugere que a TV só era valorizada pelos alunos enquanto foi novidade. Sobre este ponto de vista, cabe uma reflexão. Lúcia e Maria Gorete, estão afirmando que o recurso tecnológico tem um valor diferente em função de ser ou não novidade. A última chega a sugerir que o mesmo está acontecendo com o computador. Esta concepção tem alguma relação com o aspecto da modernização do ensino enfatizada por Carvalho (2008) quando analisa a formação de uma cultura audio-imagética escolar

provocada pela trajetória do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE)¹³. Neste estudo, a autora identifica que o cinema foi considerado um elemento modernizador da educação pelos adeptos da Escola Nova, que incentivaram o uso do cinema em sala de aula. Seria plausível supor que esta concepção ainda perdura em relação às tecnologias nos ambientes educacionais, visto que os ideais escolanovistas ainda circulam nestes meios.

Diferentemente deste ponto de vista, Jesiel e Estélio sugerem que a televisão hoje pode ser usada da mesma forma como era no sistema TVE; Estélio complementa que, se juntasse o computador, ficaria melhor, pois assim poderiam realizar a interatividade.

Quanto às oficinas, Jesiel fez a oficina de teatro, Estélio fez a de oratória e Lúcia não comentou se fez alguma oficina ou não, porém os demais grupos citam que eram muito importantes para a formação do aluno. O momento de eleição para a escolha dos seus líderes era um momento ímpar, os três assim o disseram, um momento político de grande relevância, inclusive para o Grupo das OAs CEMA. Lúcia acrescenta ainda que esse tipo de atividade só o sistema TVE realizava.

Quanto à importância da TVE, por terem participado de um momento em que o sistema estava no auge, onde concluíram o Ensino Fundamental e em seguida deram prosseguimento ao Ensino Médio, todos convergem sobre essa importância e para a qualidade do trabalho que os Orientadores de Aprendizagem faziam, foram unânimes em apontar que todos eram competentes. Podemos dizer que são três alunos que entraram logo no início do sistema, Estélio em 1969, Lúcia em 1971 e Jesiel em 1979. Portanto, usufruíram de toda a qualidade que a TVE/MA mantinha até o ano de 1986. Para eles, existiu uma cultura favorável ao uso da televisão durante toda sua vivência no sistema.

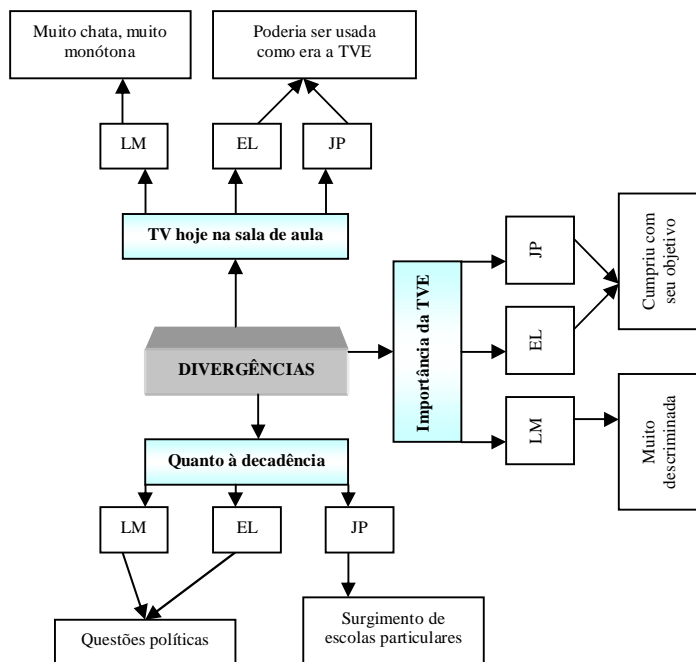
Os outros pontos de divergência dizem respeito à decadência. Jesiel afirma que o fato de surgirem escolas particulares contribuiu para tal situação, o que pode ser em parte explicado pelo fato de que o mesmo não desempenha suas funções profissionais na rede pública estadual. Já Lúcia, que é Coordenadora Pedagógica, e Estélio, que é diretor em escolas públicas estaduais, afirmam que foram apenas devido a questões políticas.

Quanto à divergência sobre a importância do sistema de Televisão Educativa do Maranhão, Jesiel e Estélio afirmam que houve um resultado positivo no cumprimento de seus objetivos. Lúcia, porém, apesar de também ter concordado, complementa dizendo que os alunos do sistema eram muito discriminados, pelo fato de ser uma escola voltada para a classe

¹³ O INCE foi criado em 1936 no Governo Getúlio Vargas, no Ministério da Educação e Saúde Pública. Roquette-Pinto foi seu primeiro diretor e Humberto Mauro seu mais destacado cineasta, produzindo mais de 400 documentários científicos, educativos e culturais voltados à sala de aula.

pobre, o que a OA CEMA, Teresinha, também se referiu. Jesiel também afirma que o sistema era pouco valorizado por ser da rede pública, mas atribui isso à ignorância ou vaidade.

O esquema abaixo destaca as divergências no interior desse grupo.



Esquema 2 - Divergência no grupo 2: Aluno

O grupo dos Supervisores não acrescenta muito em relação ao grupo dos OA CEMA. O esquema abaixo destaca os objetos de acordo nos discurso dos Supervisores.

Grupo 3: Supervisores		
DEPOENTES	ÍTENS	COMENTÁRIOS
As três	Uso da televisão na sala de aula	Principal recurso na sala de aula
Rosilda	Uso da televisão na sala de aula	Alunos não tinham uma boa escrita
As três	Oficinas	Muito importante para a formação
As três	Liderança	Muito importante para a organização
As três	Eleições	Momento político de grande relevância
As três	Decadência	Questões políticas e OAs ESTADO - (enfraquecimento) que entraram sem treinamento
As três	Importância da TVE	Muito importante, cumpriu com seus objetivos, e destaca vários alunos que se sobressaíram
As três	Atividades - situação problema	Eles faziam sozinhos
As três	OAs	Era apenas para orientar
As três	Qualidade do sistema	Quando tinha todo material, todo um suporte
As três	Sala de aula X ausência do OA	O aluno tinha condições de assumir a turma, conduzindo o trabalho de acordo como a proposta exigia.

Tabela 9 - Discussão dos resultados - Grupo 3 - Supervisoras

Para o Grupo 3, a convergência existiu quanto à importância da televisão na sala de aula, permeando entre esses profissionais uma cultura favorável ao uso da televisão, pois assim foram treinadas. Sobre as oficinas, destacamos aqui a fala de Francília, que foi por muito tempo responsável pelas mesmas dentro do sistema e comentou em detalhes sobre essas oficinas. Quando comentam sobre a liderança, que nasce dentro dessas oficinas, no momento de efervescências das eleições, afirmam que os alunos exercitavam sua escolha, faziam valer seu voto. Quando falam sobre os motivos que fizeram decair o sistema TVE, ressaltamos a fala de Rosilda, que afirma que a Proposta da TVE nunca enfraqueceu, mas sim a maneira como estava sendo conduzida, em convergência à fala do aluno Estélio. Quando falam que a TVE cumpriu com sua proposta de escolarização das pessoas menos favorecidas, citam cada uma delas, exemplos de pessoas e Instituições que se destacam atualmente. Acrescentam que o sistema era acusado de formar alunos que não tinham boa escrita, mas defendem a proposta, afirmando que tinham fluência tanto no falar quanto no escrever. Há também convergência quanto à atuação dos OAs CEMA e a condução da situação problema, havendo uma sincronia com as suas falas dos alunos.

Quanto à decadência, é unânime na fala dos três grupos as questões políticas como motivo. O acréscimo sobre esse tema está presente na fala dos OAs CEMA, que apontam o trabalho dos OAs ESTADO como mais um motivo, o que o grupo dos Supervisores também apontam, implicitamente. Citamos ainda como convergência de pontos de vista entre as supervisoras e as OAs CEMA a autonomia que tinham em sala de aula e seu controle, pois estando ou não presente o processo se dava da mesma forma. São Supervisoras que antes desenvolveram suas atividades como Orientadoras de Aprendizagem, conhecedoras de toda a filosofia da TVE, e, pela necessidade do sistema de novos Orientadores de Aprendizagem para as telessalas, professores do Estado que entraram sem preparação, sem treinamentos, foram convidadas para compor uma equipe multidisciplinar para circular pelas escolas. Seu trabalho foi observar o funcionamento das telessalas, dando as orientações que fossem cabíveis, levando para a equipe pedagógica do sistema as informações, carências, suas experiências e as diversas sugestões, para que fossem aprimoradas na metodologia, no material impresso e nas aulas transmitidas. Elas serviam como um canal de reorientação a até de realimentação do sistema, intermediando os CEMAs e a sede da TVE.

Esse grupo também enxergou dois momentos no funcionamento dos sistemas e mostrou-se o mais afinado com o uso positivo da TV em sala de aula. As divergências com os outros grupos são quase as mesmas que encontramos entre o subgrupo A e o restante, o que mostra uma total sintonia entre suas concepções e as desse subgrupo.

5 CONCLUSÃO

Os meios de comunicação e as tecnologias de informação significam para a escola, sobretudo, um desafio cultural, que deixa visível a brecha cada dia maior entre a cultura a partir da qual os professores ensinam e aquela outra a partir da qual os alunos aprendem. Pois os meios de comunicação não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de socialização, de dispositivos de identificação/projeção das pautas de comportamento, estilos de vida e padrão de gostos (MARTÍN-BARBERO, 2006).

Quando demos início a esta pesquisa, nossa intenção era analisar, através de depoimentos colhidos na comunidade educacional da televisão educativa do Maranhão, como foi construída uma cultura favorável ou desfavorável ao uso da televisão em sala de aula e em que medida tal cultura interferiu no encerramento da experiência.

Para chegarmos a uma melhor compreensão sobre a cultura televisiva existente ou não no sistema, foi preciso saber como se realizava a prática pedagógica com a utilização da televisão na sala de aula. Para tanto, confrontamos a Proposta Pedagógica do sistema, posta em prática desde o início dessa experiência e contamos as análises realizadas segundo o MEA, da fala dos depoentes, Orientadores de Aprendizagem – concursados e professores do Estado – Supervisores, ex-supervisores e ex-alunos.

A partir das análises dos argumentos apresentados nas entrevistas, foram montados esquemas para consubstanciar os objetos de acordo e controvérsia entre os depoentes que nos forneceram elementos para a constituição e interpretação dos resultados. Destacamos a seguir, os aspectos conclusivos que identificamos a partir dos argumentos que emergiram do discurso dos entrevistados.

- Quais impactos eram esperados da TVE/MA com a sua implantação?

O Estado do Maranhão teve uma experiência pioneira quando estruturou o Projeto Televisão Educativa, um sistema de educação à distância para a escolarização de quinta a oitava séries com o uso da televisão na sala de aula. Ao ser implantado tinha uma expectativa de atingir 6 mil alunos inicialmente, como consta no plano pedagógico, começando com 1.304 alunos em 1969. Em 1985, chegou a atingir um total de 24.009 alunos matriculados, fato que constata que o sistema superou suas expectativas, contribuindo para a escolarização da classe menos favorecida socialmente.

Entre as lembranças mais freqüentes dos depoentes, apareceram aspectos ligados ao pioneirismo e à eficácia da proposta pedagógica. Os depoimentos atestaram a qualidade do ensino que foi ministrado e foram narrados exemplos de alunos que deram continuidade aos

estudos, vindo a ocupar lugar de destaque na comunidade. São, portanto, fortes indicadores de que a proposta teve impacto positivo sobre a escolarização no Estado, pelo menos no período inicial em que houve investimento na proposta. Nenhum dos depoentes discordou com relação a este ponto.

- O que aconteceu ao longo de seus 36 anos de funcionamento?

As diversas mudanças que o sistema de televisão educativa do Maranhão sofreu, entre elas a filiação administrativa da TV, que passou da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão para o Governo Federal, e, posteriormente, para uma Organização Social, interferiram consideravelmente em sua estrutura pedagógica. Os depoentes apontaram essas mudanças para dividir a história da TVE/MA em duas grandes fases: a primeira, que vai de 1969 até o ano de 1986, conforme Milanez (2007, p. 32) foi um “período da ditadura (1945-1985), quando tivemos diversos presidentes militares. Nesse período, a televisão suplantou o rádio, consolidando-se como o principal meio de comunicação de massa do País”. É exatamente nesse período que a TVE/MA atinge seu ápice, considerado um período de ascensão, que historicamente teve seu marco fundamental na federalização da TVE/MA.

A TVE/MA tomava decisões sobre o conteúdo que seria colocado no material impresso, livros e cadernos de atividades, a distribuição, os programas de TV, assim como também a grade de programação. Foram ações que culminaram em um resultado significativo e que, durante o período, proporcionou a sua clientela uma educação de qualidade, já que contou com uma equipe de profissionais apontados como competentes, capacitados e treinados para que a proposta funcionasse. Acreditaram se tratar de um projeto viável para a população carente, que merecia toda atenção na formação do aluno como um todo.

O segundo período, no entanto, foi apontado como de decadência, a partir de 1986, quando pouco a pouco os recursos foram faltando, o que acabou por inviabilizar a proposta pedagógica. Os interesses políticos apontados como o motivo do declínio da proposta não são muito explicados pelos depoentes, o que sugere que esses desconheciam o que acontecia na esfera política e meramente atribuíam a falta de investimento a quem era responsável por isso.

Alguns depoentes forneceram evidências de que a falta de recursos e investimentos ocasionou mudanças na prática pedagógica dos Orientadores de Aprendizagem, pelo menos aqueles que ingressaram durante o período de declínio do sistema.

- Da sua proposta inicial, o que mudou para que atualmente chegasse à situação que chegou, ou seja, ficar “fora do ar”?

A segunda fase, que podemos delimitar entre 1987 e 2005, fase que designamos de decadência, onde a TVE/MA não teve mais um controle sobre a contratação de Orientadores de Aprendizagem, não existiu mais uma inter-relação formal com os CEMAs. Não se distribuiu mais material impresso, tanto apostilas quanto manuais, não houve autonomia, e nem condições de expansão. A TVE/MA simplesmente determinava o horário de veiculação dos programas e a carga horária.

São diversas as mudanças que enfraqueceram tanto a estrutura educacional quanto a institucional. São duas fases bem distintas que pudemos distinguir na fala dos depoentes. Houve todo um processo, com diversas situações, para que assim chegasse a ficar “fora do ar”, diversas situações que os depoentes, cada um com sua visão, foram lembrando e nos contando. Alguns depoentes indicam que, além da falta de recursos materiais, mesmo a expectativa quanto ao trabalho realizado nas telessalas sofreu desprestígio, tanto internamente, na medida em que os próprios OAs CEMA e supervisores desacreditam no trabalho dos OAs ESTADO, como por parte da comunidade que começou a preferir colocar seus filhos na rede convencional. Os motivos alegados para a desvalorização do sistema dizem respeito a um crescimento visível da rede convencional de ensino, tanto particular quanto pública, e a outros motivos que dizem respeito à própria tecnologia, à televisão, que passou a estar presente em todos os lares, não tendo mais o apelo da novidade.

- Seu funcionamento produziu uma cultura favorável ao uso da televisão em sala de aula?

Quando a TVE estava na primeira fase, em que o uso da televisão na sala de aula permeava todo o processo ensino-aprendizagem, pois assim era sua filosofia da proposta pedagógica, com professores treinados, os depoentes apontaram que durante o seu funcionamento uma cultura favorável ao uso da televisão foi incutida em toda a sua clientela. Percebe-se isso nos depoimentos dos Orientadores de Aprendizagem do CEMA, dos Supervisores e dos alunos. Já nos depoimentos dos Orientadores de Aprendizagem do ESTADO não encontramos a presença de uma cultura televisiva. Este fato indica que, durante o período de decadência, esta cultura foi pouco a pouco se dissolvendo até não ser mais difundida. Diante das condições do sistema TVE/MA na década de 1990, ficou constatado nos argumentos dos depoentes que houve uma queda na qualidade, redução do número de livros para cada aluno, aulas desatualizadas e orientadores despreparados. Diante de tal fato, o sistema começou a perder sua credibilidade para a população maranhense. No discurso dos depoentes, parece que, hoje, os únicos defensores do uso da televisão na escolarização são os que vivenciaram a primeira fase.

Os depoentes, no entanto, mostraram-se todos favoráveis a alguma utilização da TV em sala de aula, somente como ilustração, para mostrar algum aspecto da aula que o professor planejou. Este resultado está em acordo com as conclusões de Preto (2007), que atestam que os professores de história, por eles investigados, utilizam o cinema basicamente como ilustração para suas aulas. Esta parece ser uma tendência hoje.

- O encerramento de suas atividades ocasionou uma possível cultura não favorável ao uso da TV educativa?

A queda da qualidade foi maior quando não se realizou mais a formação continuada, sendo aproveitados professores da rede estadual, para desempenhar as funções do OAs, sem nenhuma qualificação, sem nenhum preparo para utilizar a televisão no processo-ensino aprendizagem. Nesse sentido, é bem nítida, nos depoimentos, a existência de uma cultura desfavorável ao uso da televisão na sala de aula tanto dentro do sistema TVE/MA, quanto fora. Não houve mais quem realimentasse a defesa da televisão para a escolarização.

Considerando os resultados, podemos concluir que o sistema de televisão educativa do Maranhão desenvolveu uma proposta pedagógica moderna, com novos métodos e técnicas, que contribuiu na efetividade de uma proposta educacional, dando oportunidades aos educadores e alunos de libertarem-se da condição de meros receptores passivos, tornando-se seres capazes de reflexão e atuação em sua realidade próxima concreta. Nessa perspectiva, vamos recortar o último parágrafo da citação no início dessa conclusão, pois concordamos com Martín-Barbero (2006) quando diz que “os meios de comunicação não somente descentralizam as formas de transmissão e circulação do saber, mas constituem um âmbito decisivo de socialização, de dispositivos de identificação/projeção das pautas de comportamento, estilos de vida e padrão de gostos”. O sistema de televisão educativa do Maranhão é um bom exemplo disso.

Tendo como referência a experiência da TVE/MA, cabe, ainda, refletir sobre o papel que a televisão ocupa hoje na educação ou poderá vir a ocupar. Sendo um meio de comunicação que, através do fascínio de suas imagens, forma opiniões e comportamentos, no âmbito escolar consegue fascinar o aluno com informações diversas, integrando-o ao mundo, mostrando diferenças, sejam elas sociais, culturais e econômicas. Com esse arcabouço, a televisão oferece à escola filmes, documentários ou outros tipos de programas, mas sua utilização deve perseguir o objetivo de desenvolver em nossos alunos um olhar crítico para produzir sentido à realidade que existe em sua volta, mesmo quando esteja voltado para o lazer. Como afirma Martín- Barbero (2006, p.300),

Assim, como a maior parte das pessoas vai ao cinema para ver filmes, ou seja, um filme policial ou de ficção científica ou de aventura, do mesmo modo a dinâmica cultural da televisão atua pelos seus gêneros. A partir deles, ela ativa a competência cultural e a seu modo dá conta das diferenças sociais que a atravessam. Os gêneros que articulam narrativamente as serialidades constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos.

Levando em consideração esses diversos gêneros, a escola precisa ser trabalhada no sentido de fazer com que seus professores reconheçam a importância de desenvolver esse senso crítico nos seus alunos. Mas para que isso aconteça, é necessário um trabalho voltado para a televisão e com a televisão. A formação de professores para as mídias e com as mídias, nesse sentido, ocupa um lugar de destaque, já que não há como se desenvolver uma cultura de uso das mídias, sem mídias. Temos um bom exemplo na atuação dos Orientadores de Aprendizagem do Sistema de Televisão Educativa, que conceberam o uso da televisão num sentido próximo a esse e por um bom tempo souberam fazer uma mediação no processo ensino-aprendizagem com resultados bem significativos, pois a partir do momento que outros não trabalharam dessa forma, o sistema foi pouco a pouco deixando de existir.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *Educação e emancipação*. Wolfgang Leo Mar (trad.), 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALMEIDA, Terezinha Wiggers. *Avaliação da experiência maranhense de Televisão Educativa*. 1973, Dissertação (Mestrado) PUC/RJ.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BARROS FILHO, Clóvis. *Ética na comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 1995.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em Tempo de TV*. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CADERNO MARANHENSE DE TELEDUCAÇÃO, São Luis, ano 1 nº 1, jul.1971.
- CARVALHAL Fernanda Caraline de Almeida. *LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO! O Instituto Nacional de Cinema Educativo e a formação da cultura áudio-imagética escolar*. 2008, Dissertação (Mestrado) UNESA.
- CARVALHO, Josilene Moreira. *Resgatando o papel pedagógico da TV e Vídeo após trinta anos de sua implementação nas escolas*. 2005, Dissertação (Mestrado) UNESA
- CASTRO, Mônica Rabello. *Retóricas da rua: educador, criança e diálogos*. Rio de Janeiro: Petrobrás-BR: Ministério da Cultura: USU Ed. Universitária: Amais, 1997.
- CASTRO, Monica Rabello de; COVRE, Rosemeri R. Martins; FANT, Janete B; NEPOMUCENO, Keite de S. de Melo; SALLES, Maria de F. Rosa. O conceito de montagem para análise e compreensão do discurso. *Boletim GEPEN*, UFRJ, n. 44, p.43-62, jan/jun, 2004.
- CASTRO, Mônica Rabelo de, FRANT, Janete B. *O modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem*. Rio de Janeiro:(submetido à editora Papirus) 2008.
- COUTINHO, Ricardo Nespoli. *Televisão Universitária como ambiente de aprendizagem*. 2006, Dissertação (Mestrado) UNESA.

DUARTE, Rosália; REIS, João Alegria. Um sonho, um belo sonho: gênese das relações entre educação e cinema no Brasil. *Revista diálogo educacional*, Curitiba, V. 5, n. 15, p. 11-26, 2006.

DUARTE, Rosália; SANTIAGO, Ilma Eleá. Programa mundial dos estudos em educação e comunicação. *Educação e Cultura contemporânea*. Rio de Janeiro, v.4, n.7, p.12-31, jan/jun, 2007.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Pérola de Carvalho (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LEMOS, José de Jesus Sousa. *Mapa da Exclusão Social no Brasil: radiografia de um país assimetricamente pobre*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2005

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. "Visão, som e fúria" in L.C. Lima (org.). *Teoria da cultura de massa*. Adorno *et. ali*. São Paulo: Paz e Terra. 2000, p.134-154.

MAGALHÃES, Cláudio M. . *As TVEs, as Teorias da Comunicação e o dilema da escola*. In: VII Encontro de Pesquisa da Faculdade de Educação, 2001, Belo Horizonte, 2001 Disponível no site <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu0701.htm> > Acesso realizado em 24.nov.2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidade, identidade, alteridade: mudanças e opacidade da comunicação no novo século. p. 51-80. *Sociedade Midiatizada* (org) Denis de Moraes, Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha; OLIVEIRA, Renato José de. *Ciências da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe (org.) *(Re) Introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

MILANEZ, Liana. *TVE: cenas de uma história*. Rio de Janeiro:ACERP, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar a TV em sala de aula*. 4.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

PENTEADO, Heloisa Dupas. *Televisão e escola: conflito ou cooperação?* 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Maria Ernantina Galvão (trad.) 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PFROMM NETTO, Samuel. *Telas que ensinam: mídia e aprendizagem do cinema ao computador*. 2. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

_____. *Comunicação de massa: natureza, modelos, imagens; contribuição para o estudo da psicologia da comunicação de massa*. São Paulo: Pioneira, Editora da USP, 1972.

PRETO, Francisco de Moura. *O filme de ficção como recurso pedagógico no ensino da história: montagem, endereçamento e estratégias de utilização*. Dissertação (Mestrado), UNESA, Rio de Janeiro, 2007.

REBOULD, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Wanda Marques Vieira da. *A televisão educativa do Maranhão e a prática pedagógica ontem e hoje*. 1987, Dissertação (Mestrado) PUC-São Paulo.

STONE, John Henry. *A produtividade da televisão educativa : os casos de TVE Maranhão e TVE Ceará*. Rio de Janeiro: ABT/FUNTEVE, 1988.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. *PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo. SP-Brasil. 1997. p. 51-84.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista

Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

Naquele tempo, em que estava vinculado(a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula?

O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula?

Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula?

E as desvantagens, quais são elas?

Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas?

Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?

Você acha que desses problemas enfrentados pela AO contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?

Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia?

Em linhas gerais, como era o trabalho desse AO que você conheceu?

Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?

Você teria soluções para esses problemas?

Como?

Os alunos (professores, técnicos) gostavam do trabalho?

Acreditavam nele?

Tem algum exemplo?

Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

Você concorda com esses motivos?

Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

Seria importante que ela retornasse?

Por que?

Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula?

Como?

ANEXOS

ANEXO A - Entrevistas do Grupo 1 - subgrupo A

1) Entrevista de Maria Elizabeth - CEMA

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi?

ME: Participei, eu sou oriunda do último concurso que houve para ingresso na TVE não é! Eu sou do concurso, último concurso de 80, 1980, o último concurso.

SR: Você guarda em sua memória essa participação?

ME: É principalmente, não é? Muitas coisas, não é? Mas, principalmente a organização em sala de aula, não é? Os alunos sempre organizados em equipes, não é? Mas, não era só as equipes assim em termo de espaço, mais em termo de todo o funcionamento mesmo da equipe, tinha o ... coordenador, tinha o líder da equipe, não é? O coordenador , o líder , tinha a pessoao aluno que cronometrava o tempo para fazer as atividades, não é? Tinha o..... aquele, oaluno que, que..... o moderador, não é? Que ia fazer para que as vozes não se exaltassem muito, não prejudicassem as outras equipes, então tinha toda uma estrutura organi.....organizacional mesmo de equipe, não só aquelas pessoas juntas, mas tinha cada um dos componente da equipe, eles tinham uma função específica, e nós, nós na época, orientadores nós éramos mesmos apenas orientadores, partiam do aluno. Agente só ia orientando da melhor maneira possível para que eles atingissem aquele objetivo que estava proposto, o objetivo que estava em nosso plano. A outra lembrança marcante da TVE que eu tenho é foi a..... é o programa de liderança, não é? Nós tínhamos..... agente simulava uma eleição mesmo, onde tinham os candidatos , onde eles faziam os comícios deles, fazia propaganda nas turmas, iam de turma em turma, fazer propaganda tinha eleição com cédula, com urna, com tudo ouviu? Com mesário, tudo era uma eleição que acontecia todos os anos dentro das BR's, não é? Os alunos eles eram empolgadíssimos..... empolgadíssimos, nós tínhamos alunos ali que.....tanto que nós temos ex-alunos que hoje são vereadores, esta na política, esse Louzeiro é um..... Louzeiro é um, tem mesmo no sangue, entendeu? Ele fazia aqui muita coisa nessa escola os quatro anos que aqui ele esteve.

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado (a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

ME: A importância da TVE.....é queo mais importante que eu achei aqui na TVE em termos de sociedade, não é? É porque ela conseguia, não é? Épor ter um só orientador na sala de aula e esse orientador conviveu o ano todo com aquela mesma turma o dia todo, então o orientador ele tinha mais condições de conhecer mais o aluno, de trabalhar mais de perto com o aluno nas suas dificuldades, não é? Ele tinha condições do que agora o professor hora/aula não tem, ele está mais preocupado em dar aqueles 40 minutos de aula dele, está mais preocupado para o futuro e nós orientadores do CEMA não, agente tinha preocupação diferente, mas nós tínhamos muita preocupação com o pessoal, o individual, a pessoa do aluno, está? E eles tinham também um grande respeito pela gente, e agente, convivia ali com todos, na época era 180 dias letivos, não é? Ali o dia-a-dia, às 4 horas durante o dia ali, e eles tinham o laço, era bem estreito, as amizades, eu tenho muitos alunos que até hoje são meus amigos, eu tenho um aluno que mora no Japão, que todo natal ele me manda cartão então..... e hoje não, agente vê que aqui.....agente, hoje não..... os alunos não respeitam a gente, manda nome para gente manda a gente para.....sabe não é!.....?

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

ME: Uma das coisas foi a gente ter uma época, não me lembro muito bem o ano, passar metade da gerência não é, para o Estado, isso foi muito ruim, tanto para a estrutura da organização da instituição como para os funcionários, muito..... nosso salário caiu muito, agente teve muito prejuízo que nunca foi recuperado, esta? Isso foi muito ruim.....ai, foi a partir daí que foi decaindo, não tinha..... porque, antes todos os alunos tinham seu material, todos os professores tinham materiais, todas as férias.....nosso recesso era em julho, todo o recesso de julho nós tínhamos treinamento com pessoas de fora, esta? Treinamento, todo, todo o recesso de julho, antes nós tínhamos quinze dias de recesso..... o último que eu fiz, o último treinamento que houve foi na época que passou, que federalizou.....que saiu do Estado foi em 1986, justamente foi o ano que eu vim pra essa escola, que eu era lá do..... que hoje é Cidade de São Luis, lá da..... BR da Cohab, eu era de lá.

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula?

ME: Eu acho importante, porque é um recurso não é! Um recurso quando ele é bem usado é.....ele só tem a trazer benefício.

SR: O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula?

ME: O mais interessante porque facilita o próprio trabalho do professor na sala de aula, porque o professor é obrigado a assistir a aula junto com o aluno, para depois então melhor orientar os alunos nas atividades.

SR: Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula?

ME: Vantagens o professor tem que preparar, assistir o programa, assistir junto com o aluno, às vezes surgem as mesmas dúvidas com o aluno, não é? O professor é um eterno aprendiz também, não é? Então às vezes surge de acordo comsurgia muito, a surgir.....porque nós éramos responsáveis pelas matérias todas, e nós..... não temos formação em todas as matérias, é então que, que é..... por exemplo, eu sempre gostei de matemática, então eu ia além da televisão em matemática, eu ensino português já há mais de 20 anos, então nas aulas de português eu ia além da televisão mais as outras disciplinas que eu não tinha essa habilidade eu ficava ali na televisão.

SR: E as desvantagens, quais são elas?

ME: É isso que a gente tem que ser polivalente.....nós temos que ser uma enciclopédia ambulante, não é? Mas por outro lado, eu aprendi, tem coisas que eu, hoje eu vejo em provas de concurso que eu lembro das aulas da televisão, porque realmente, agente estuda, tem que estudar, porque já pensou.....hoje é que os alunos, escrevem escola com i, eles não conseguem mais, porque eles estão semi-analfabetos, mas antigamente, iche!!!!..... eu me lembro uma vez, uma aluna eu fiz uma reação química, porque ela, a melhor aluna da minha turma, hoje ela é até funcionária do Estado, Rosa Mariela justamente, ela é formado em Economia, ela é uma parte de finanças do Estado, Rosa Mariela é o nome dela, foi minha aluna, minha aluna, assim como..... “não! Professora, não é assim, a senhora perdeu a valença, não sei, dá quanto? Como é que a senhora está com a valença?” Ai, vamos fazer de novo, porque eu também eu sei ser humilde, ah!..... Eu acho muito importante, então vamos fazer novamente, eu vi que realmente estava errada, eu tinha colocada a valença no lugar errado. Certo, mas hoje eles escrevem com x, escrevem tudo com ph eles não dão oportunidade, ah!..... Eles não tão nem ai!

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas?

ME: Ah! com certeza, não é? Eu lhe falei, não é? A insegurança em determinada disciplina, era uma, não é? Ser polivalente, por exemplo inglês eu sempre tive.....eu me saia muito bem, porque sempre na minha sala, eu tinha um aluno que fazia curso de inglês e eu como sabida, eu indicava ele como monitor dessa disciplina, até hoje, coitadinho, eu olho um que foi monitor que hoje é cobrador de ônibus, fazia letras na UFMA, não pôde mais continuar, dá pena, cobrador de ônibus aqui da linha, eu tenho remorso quando eu olho esse menino,menino porque tu não foi me procurar que eu te ajudava, criança do céu!!!!

SR: Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores? Você acha que desses problemas enfrentados pela AO contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?

ME: Não, até porque o CEMA, a instituição em si, quando não era do Estado, ela tinha essa preocupação de reciclar os professores, ela tinha..... ela tinha muito mesmo, essa preocupação.....não é um fator de enfraquecimento, eu acredito que não, porque ela tinha essa preocupação e os orientadores de aprendizagem eles também.....nós, por exemplo: aqui logo que cheguei, como eu sempre me sobressaia em matemática, então na hora do planejamento de matemática, agente ia ver todas as dúvidas de matemática, assim eu sobressaia em português, todas as dúvidas, quer dizer.....a gente formava um grupo de estudo mesmo, entendeu? O planejamento de fato acontecia, não é? Às vezes tinha umas colegas, que eu também disse, “ah! Não sei porque fazer planejamento, porque vinha já, tudo preparado, até como a gente dizia, até vovó sem óculos fazia”.....já vinha o planejamento, em cada lição vinha os objetivos, o planejamento, e na hora do nosso planejamento nós fazíamos juntar aquilo tudo, e algumas estratégias que a gente via que estava sugerido ali que não dava pra ser aplicada em sala de aula a gente modificava, mais já vinha tudo, já vinha tudo pronto, tudo.

SR: Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia? Em linhas gerais, como era o trabalho desse AO que você conheceu?

ME: Ah! houve, eu tinha uma colega que hoje já é aposentada eu aprendi muito com essa colega lá na BR do,.....da Cohab, chamada Aldenora, era uma orientadora de aprendizagem, já bem antiga, não é? Ela foi do início mesmo, não é? E ela era uma pessoa assim muito experiente, me mudou muito quando cheguei, mudou muito meu..... é tenha uma grande referência, e a outra pessoa que eu tenho uma grande referência que ninguém gostava dela, porque ela era muito exigente era isso, era Dona Teresa Valois que foi uma supervisora e hoje é minha grande amiga, sempre que tem curso de capacitação aqui no colégio eu trago ela, porque é uma pessoa muito competente, embora o estado de saúde dela não esteja tão propício, não é? mas ela sempre está,..... é foram assim pessoas uma referência muito grande, outra pessoa também é a professora Rosilda, a professora Rosilda foi da TVE, também, e apesar de eu nunca ter trabalhado com ela mais eu tinha referência dela, não é? Sempre nos nossos encontros de capacitação sempre era lá na BR da Vila Palmeira, que era a maior BR da época e a gente se encontrava todos os anos lá, não é? Agente tinha essas experiências, Base de Recepção, assim que era chamado Base de Recepção, não era chamada de escola, e sim Base de Recepção, aqui parece que era BR 40, aqui no Anjo da Guarda, parece que era BR 40, não me lembro muito bem, BR tal..... BR tal.....não tinha nome, escola tal.....era BR.

SR: Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?

ME: Oh!, às vezes também, a própria condição física do aluno, às vezes, nesses primeiros horários da tarde, eu observava muito que os alunos dormiam não é! E a depois eu fui fazendo as observações, esses alunos é....acordavam muito cedo para trabalhar, para ajudar o pai, para ajudar a mãe e na hora que vinha para o colégio, eles estavam cansados, eles dormiam nos primeiros horários, tanto que eu tinha a preocupação de estar circulando, não é? Circulando na sala é que eles conviviam, e também outra coisa as aulas da televisão depois passou é.... muito ficar assim.....é.....não acompanhava por exemplo, as aula de história, de geografia principalmente que é mais dinâmica do que História, não é? Não acompanhava assim, por exemplo: quando no Brasil já tinha 26 Estados as aulas ainda estavam com 22, entendeu? Então essas coisas dificultavam, não tinha uma atualização dos conteúdos das aulas que eram veiculadas, isso aí, era uma crítica que a gente fazia sempre na hora dos planejamentos.

SR: Você teria soluções para esses problemas? Como?

ME: Fazer esse acompanhamento técnico que está, eles alegavam que já estavam gravadas as aulas, era desperdício de material, mas aí, às vezes vinham umas erratas é....no nosso plano, umas erratas, onde se diz tal, pois agora é assim....assim....mas na aula passava para o aluno, e às vezes o aluno estava atualizado e dizia, “professora 22 Estados? É melhor, pois este aí está atrasado”..... o orientador dava justificativa, não é? Mais isso, prejudicava um pouco, não é? Prejudicava um pouco também.....e também que as aulas....também, elas eram estanques por exemplo, não é comum.....uma vantagem do professor dentro da sala de aula, porque na televisão passava e não retornar.....e na sala de aula do professor, se você percebe que o..... a metade da turma não aprendeu aquele assunto você uma professora coerente você retorna aquele assunto, não é? Com outras estratégias por exemplo.....e na televisão não....tú passa a aula.....passava aquela aula, se o aluno não aprendeu, não tinha como repetir aquela aula na televisão, aí, entrava o orientador, aí o orientador, ia fazer as suas estratégias na hora da correção da atividade com aquela aula, isso quando a professora dominava aquele assunto, mas quando ela não dominava passava batido, ia pra frente.

SR: Os alunos gostavam do trabalho?

ME: Gostavam, eu nunca tive nenhum problema.

SR: Acreditavam nele?

ME: Eles acreditavam no trabalho, faziam os trabalhos, eu era uma professora cri cri, viu.

SR: Tem algum exemplo?

ME: Olha, eu tenho depoimento deles hoje, nós temos uma..... foi a minha última aluna ainda do sistema CEMA, aqui ainda, é filha de uma menina que hoje faz biologia na UFMA, ela diz isso pra mim quando ela me encontrou..... “professora tudo que eu aprendi em termo de disciplina de estudar foi no CEMA, por que nós”eles.....tínhamos essas disciplinas, ensinam como eles estudavam, não é? Eles tinham...era disciplina que se chamava Educação Complementar. Então na Educação Complementar tinha todos esses problemas sociais que hoje é dado em Biologia, em como é... Sociologia, Filosofia no CEMA já tinha essa disciplina, e se chamava Educação Complementar, e falava desses problemas que as disciplinas normalmente não falavam e outra coisa que hoje está muito na moda, interdisciplinaridade, o CEMA, sempre trabalhou com ele, sempre trabalhou, não é? Sempre trabalhou.....eles botavam objetivo de história, pra uma aula de história, ele atrelava os objetivos a uma aula de português, a uma aula de matemática, sempre teve essa preocupação e outra coisa, esse problema da.. do...coisa da equipe ele não era só uma organização de pessoas não, tinha toda uma filosofia era baseada na teoria de Karl Rogers..... Kal Rogers..... Kal Rogers.....é o caso da empatia, dos mais fracos, dos mais fortes ajudar os mais fracos e quando o orientador tinha manejo pra isso, funcionava muito bem, tanto que no CEMA dificilmente um aluno ficava reprovado.

SR: No início tinha 30 alunos e no final terminavam com 30 alunos?

ME: Era muito difícil ter uma evasão e no final do ano muito difícil um aluno ficar reprovado, só aquele aluno que não tinha.....não conseguia mesmo.....era de sala única, de sala de cinco, seis era um dois, um dois, no máximo.

SR: Eles reclamavam da recepção da aula pela televisão, como eles se comportavam diante da televisão?

ME: Tinha aula que eles nem olhavam na televisão, já nas últimas décadas, não é? Logo no início, como eles, é.....eu dizia assim sempre pra eles, eu vinha fazer alguma coisa na sala, aí eles ficavam lá, quando eu voltava....porque que a televisão está com volume baixo se está passando...., “ah! Professora..... já cansei de dizer para vocês que o professor de vocês é a televisão, não sou professor, sou o orientador de aprendizagem, está? Certo? o orientador de aprendizagem”, então o professor é quena minha sala eles assistiam porque eu sempre incuti desde o primeiro dia neles, a importância da televisão, que eu só iria substituir a televisão no momento que faltasse energia, no momento em que a aula da televisão que eu percebesse que eles não tinham aprendido, eu ia interferir, mas a não ser, a aula estava dada, essa conversa também. Agora, tinha professor, os professores,eu percebia, e dizia, colega tu vai morrer cedinho, tu vai ficar com um calo na garganta cedinho, porque ela cantava a aula, tudinho, por isso tu dizes que teus alunos não ligam para televisão, porque tu substitui a televisão, minha colega?

SR: A professora não dava a importância da televisão na sala de aula dela, a professora não, a orientadora de aprendizagem?

ME: ela coisava.....esses últimos que veio do Estado, está aí, a professora Ires, era uma que é funcionária, ela gritava que incomodava na minha sala, vai ficar tuberculosa cedinho.

SR: Mas isso você acha que é devido a não preparação para a TVE?

ME: Elas vieram jogadas, porque nós da TVE, nós que somos mesmo oriundas da TVE, a televisão é o principal instrumento na sala de aula, sempre em nosso planejamento, na nossa capacitação, nós somos o orientador de aprendizagem, você não tem que ir e as nossas supervisoras quando ia fazer alguma vistoria em sala, ela chamava atenção na hora, você não é professora você e o orientador, e você tem que valorizar a televisão, porque essa televisão que é o principal instrumento de trabalho, então o aluno se interessava na medida em que ele achava importante a televisão e o orientador de aprendizagem também, tanto que eu me ausentava na sala de aula às vezes, só pra me ver, não via um aluno no corredor, e quando eu chegava,dizia: “qual foi a aula que passou”, já tinha tudo em mente, no momento eu sabia, “oh! Professora passou aula de ciências, emissão”.. assim que era, emissão 53 assunto tal,..... ah! outra coisa muito boa na televisão, muitos orientadores mesmo no auge não faziam, eram os desafios que ficava, toda aula tinha o desafio, que era o nome da solu.....é como é.....o nome do desafio é.... solução problema, era um desafio para o aluno, como era o nome,..... que estava tudo a ver, justamente eu dizia para eles, olha nem tudo, que às vezes não acontecia, eles tinham no livro, e o livro a aula da televisão tinha o mesmo assunto, claro, não é? Ai eu dizia assim, olha vocês tem que verificar que muitas coisas que falam na aula não está no livro, e muitas coisas que tem no livro, não está na aula, um complemento o outro, se vocês ficarem só acompanhando o livro, porque às vezes eles ficavam só acompanhando o livro, ia logo copiar o exercício..... situação problema,..... eles não conseguiam resolver a situação problema, porque era numa coisa bem sutil da aula que o orientador, eu tinham um aluno, muito bom o..... esse aluno Daniel, eu soube que esse menino agora é gay inclusive, mas era um gênio esse menino, ele..... “professora eu já consegui, me acompanhe”cadê.....às vezes eles não conseguiam.....mas, quando o aluno conseguia, eu me sentia assim.....

SR: eles não tinham receio de ir lá pra frente falar?

ME: Não, não, alguns tinham claro, mas tinham uns que eram ...resistiam, mas tinham outros que adoravam, esse Daniel adorava, em corrigir as atividades, e a gente também fazia assim.....as equipes eram responsáveis pelas disciplinas, sempre eram sete equipes, sete disciplinas, sete equipes, ta! Tinha o.....tinha também é.....o conselho de líderes, cada..... líder da equipe formava o conselho, e tudo que a gente queria resolver na sala este conselho se reunia e discutiam, aí tinha o líder geral da sala, não é? E tinha o líder de cada equipe que formava o conselho de líder, então ia ver, eles mesmos conversavam com os colegas que está faltando, “olha tu está prejudicando nossa equipe, falta muito, está faltando muito, então tu não está só te prejudicando, tu está prejudicando a equipe, por que na hora que a professor for dar a nota de equipe”, porque eles tinham a nota individual e a nota de equipe, “aí a gente vai tirar nota baixa”, às vezes eles iam em casa falar com o pai dos alunos, não é? Para saber porque que estava faltando..... tudo, era muito bom, muito bom, sinto muita saudade mesmo.....mesmo a TVE sem o orientador, eles ficavam na sala de aula, e eles eram comportados, porque o professor deles estava lá que é a televisão, e eles eram comportados, no outro dia o orientador chegava, eles diziam,.....passou isso, isso, aquilo..... esta aqui as atividades só falta corrigir, e às vezes quando a equipe era boa mesmo.....eles corrigiam, e as dúvidas anotavam e no outro dia passavam pra gente, havia uma aprendizagem realmente como diz o psicólogo, no último treinamento da gente foi esse psicólogo, ele estava no auge o Roosevelt, o que fala da ancoragem, que o conhecimento é como se fosse uma ancoragem, ele fala dos conhecimentos pré-estabelecidos, oh! esqueci o nome dele agora,oh! Meu Deus até o Miguel La Fonte, veio dá um.....um fonodólogo que veio dar um ensino para gente, que fala da ancoragem que o conhecimento é como se fosse uma corrente, quando quebra um, é que vai é que tem a dificuldade de aprender, é Roosevelt, agente aplicou muito essa teoria, uma disciplina se guiando da outra, se o aluno vai bem, aí sempre via as notas quando terminou, “como é que este aluno Beth, tem MB em Português e só tem I em História? Como é que se explica isso?” E os conceitos não eram dados aleatoriamente não! Eram justificados, as avaliações eram enormes, justificada tudinho, agente fazia o diagnóstico do aluno, cada ação do aluno, e isso os técnicos trabalhavam muito mais, porque eles tinham que fazer a compactação de todas as turmas daquela séries, e faziam aqueles gráficos enormes, e colocavam na secretaria, tanto.....que isso na época, a gente tinha um

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

ME: Uma das coisas foi o descrédito, o Estado já não estava mais acreditando na organização do sistema.....outra coisa também, a falta de preparação dos novos orientadores, não é? Que eles não prestaram o concurso, o último concurso de 80, de 80 para cá as pessoas que entraram, uns eram por conchave político, não é? Que havia mesmo..... e outro, que passavam para outros órgãos quando estavam precisando, sem nenhum treinamento, a maioria dos professores que estão hoje aqui, vieram aqui,

trabalhar no sistema de televisão sem treinamento tanto....que tinha professora que fechava a televisão e dava aula, então eu acho que foi, o descrédito, a falta de preparação dos professores.

SR: Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

ME: Não, não sei, não.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

ME: Com certeza.....com certeza .

SR: Seria importante que ela retornasse?

ME: Se ela retornasse, atendendo a realidade de hoje, por isso é que a gente quer, fazendo ela retornar nos moldes que eram, porque as necessidades da sociedade de hoje, não são as mesmas de 69, claro, não é? No ano em que ela foi fundada, mais se ela voltar com os olhos da realidade de hoje, adaptando toda aquela metodologia, todas as aquelas metodologias em sala de aula, seria muito bom.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

ME: Tem aula até virtual? Porque a televisão não seria uma boa? não é? Não já existem cursos virtuais ai? Não é? Eu acho que é o começo da televisão a ser usada de uma forma mais consistente.

2) Entrevista de Maria José - CEMA

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi?

MJ: sim

Você guarda em sua memória essa participação?

MJ: É..... lembro sim.

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

MJ: a lembrança mais marcante é....é.....a questão das aulas pela televisão, é dizer que o aluno tinha, ele tinha uma participação imensa assim na educação, era voltada assim.... tão grande, que a gentepercebia que o aluno estudava para atender e hoje... é um desperdício

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado(a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

MJ: a importância da televisão é que.....a televisão é um meio de comunicação que informava, educava, instrua.....a gente via assim.....o perfil do aluno como um todo.....hoje o convencional deixa a desejar

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

MJ: o governo foi no governo de João Castelo no governo de João Castelo que houve uma decadência assim, de falarem.....de ensino, foi assim um enfraquecimento tão grande..... que a gente se, se dispôsaté a.... momento de fazer greve, para ver se melhorava.....é foi no tempo de Castelo, que reduziu o salário, aí agente se sentiu um fracasso, assim.....

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula? O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

MJ: acho muito importante, é um meio assim muito importante, por que o aluno ele vê, ele aprende muito mais rápido, é tipo..... uma novela, um filme, a desvantagem na TVE é no momento é que as aulas estão defasados..... a defasagem das aulas

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas?

MJ: minha colega... não faltava nada para gente, começou a faltar no governo de.....depois de João Castelo, o governo de Luís Rocha, foi que ficou faltando materialaí.....

SR: Você acha que desses problemas contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?

MJ: prejudicaram, porque esses problemas, prejudicaram muito, não teve mais como continuar o ensino pela televisão, acabou

SR: Em linhas gerais, como era o trabalho do AO?

MJ: nosso trabalho era..... por equipe, o aluno trabalhava em grupo, o aluno parava para ler, era um trabalho assim.... ele fazia, ele resolvia a situação problema, ele participava de seminário, participava de trabalho extra da própria sala de aula.

SR: Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia?

MJ: eu lembro assim, que todos se empenhavam muito, que o professor da antiga TVE, ele tem um entendimento melhor dos que hoje estão ai na sala de aula ele não tinha dificuldade na sala de aula, domina tudo, você entendeu? nós fomos tão bem treinadas, nós tivemos vários treinamentos, eu vejo assim essa questão de segurança em sala de aula, o professor da TVE é mais seguro, o treinamento que a gente fazia em São Luís da TVE.....tinha as apostilas, tinha livros para gente estudar em sala de aula, como manusear, como passar por aluno.... nós tínhamos... assim é..... uma especialização, nós íamos para a sala de aula com uma área específica, como trabalhar esse aluno através do estudo de.... TVE.

SR: Os alunos gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?

MJ: eu.... até no momento, eles acreditavam.... a partir do momento que, é nós como orientadoreseles acreditavam, por que nós tínhamos aquela preocupação.. em explorar a aula.... de português, de matemática, a disciplina que eu mais gostava de explorar era português, matemática, ciências e história, gostava mesmo..... ia mesmo para o quadro.... os alunos tinham interesse, se destacavam, muitos fizeram o vestibular, passaram e hoje tem alunos bem empregados..... hoje nós temos poucas expectativas, poucos se destacam, poucos alunos na sala de aula, depois ... no ensino convencional.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

MJ: eu acredito que deve que ter sido o interesse do governo, muito grande durante o governo... não investi . acabou por falta de recursos, mas não procura assim outro meio, o que devo fazer para melhorar? o que é que nós podemos buscar... para melhor? Porque se faltou uma peça, a peça é cara, podemos buscar aonde? Tem que ser que nem os recursos, precisou de material escolar para o aluno?..... têm que haver um.... motivo, uma reposição para que a gente continue não é?

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

MJ: se até o momento cumpriu? Cumpriu! Olha! Eu via muito aluno assim que em que a gente vê....assim de baixa renda, que se destacaram, meninos hoje que está fazendo faculdade, estão bem empregadas e hoje gente não vê.... então, eu acho assim que ouve uma mesmo.....os alunos que vieram lá..... de baixa renda, tiveram bons resultados.

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

MJ: muito..... bem..... seria muito importante que ela voltasse, é a menina dos meus olhos, para mim é..... para mim eu digo mesmo “eu já brilhei.....a minha estrela já brilhou”, por que quando eu tinha a minha sala , eu programava meu trabalho, eu fazia projetos, eu tive a oportunidade de desenvolver vários projetos aqui na época, até quando estava cursando lá na UEMA eu desenvolvi o meu projeto aqui, foi muito bom, Concita (diretora da escola) gostou muito do meu projeto, é sobre a cultura.... a cultura de São José de Ribamar e nós fizemos um estudo bem prolongado.... foi a longo prazo na sala.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

MJ: muito importante, muito.....usar a televisão hoje, seria um ótimo meio de comunicação, e Olha! no início do ano, eu levei um documentário sobre a época da escravidão, eles assistiram e eu notei que eles se acomodaram e eles aprenderam, fiz uma avaliação baseada no que eles assistiram..... o que torna difícil para nós aqui é que não tem uma sala específica para o vídeo, entendeu? é hora aula, então agente não pode estar levando a televisão de sala em sala, e isso dificulta, mais eu sonho em voltar o ensino pela televisão, eu sonho..... eu sonho muito, apesar de estar bem antiga no sistema, mas eu sonharia.

3) Entrevista de Teresinha de Jesus - CEMA

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

TJ: Foi. Guardo!

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

TJ: a lembrança mais marcante ... era... o nosso desenvolvimento de trabalho em sala de aula, por equipe, onde o aluno tinha mais oportunidade de conhecerem... de se integrarem. Era uma intervenção.... diferente de agora, que é hora aula.... então eles sabiam viver em grupo... que ali eles aprendiam a viver em grupo.

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado (a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

TJ: A TVE foi muito importante, o aluno tinha oportunidade é...de conhecer por exemplo: quando falava em uma guerra no Iraque, ele estava vivenciando... você tinha oportunidade através da imagem, de conhecer, não é? além da parte teórica, ele estava também ali conhecendo..... na vivência de conhecimento.

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

TJ: Ah! era falta de material didático. Prejudicou muito!Os alunos tinham... os orientadores de aprendizagem tinham muita dificuldade em desenvolver seu trabalho através da...da..falta.....da escassez do material.....Foi prejudicando...foi acabando aquelas experiências... eles não tinham mais fonte de pesquisa..... passava as aulas...as aulas também que não... poucas.... algumas estavam desatualizadas, estavam caducas. Teve uma época que eles falavam da Sudene que não tinha mais nada a ver, a Sudene aqui no Maranhão.

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula?

TJ: Olha! ...eu acho importante!

SR: O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

TJ: a vantagem é por que os alunos... eles assistiam pela televisão e depois as aulas eram explorada pelo orientador. Então, eles assistiam de imediato o que agente chamava de um reforço que orientador ia retirar suas dúvidas, o aluno tinha oportunidade de...de ver o que ele entendeu o que ele deixou de entender...sô

quando ele não queria mesmo! Mas, o ensino... pra mim se continuasse o ensino pela TVE, seria maravilhoso, isto é, tendo material e eles dando condições de trabalho.

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?

TJ: problema não deixa de existir! sempre existe problema, mas..... eram problemas corriqueiros, problemas assim...é...de alunos...que...problema de visão que dizia que não enxergava... problema de vista. E ...aquela...aquela imagem que os pais criaram dizer que a televisão estava fazendo mal pra vista dos alunos. Eu sempre coloquei porque, “em casa eles não assistem televisão e faz mal a televisão, em casa?” Quer dizer aqui na escola fazia mal, em casa não fazia mal? eles diziam: ah meu filho esta sofrendo da vista por causa da televisão! Mas,..... eram os problemas que a gente tinha e de alunos escreviam devagar, e não tinha assim um acompanhamento, eles não acompanhavam com a televisão. Nós tínhamos alunos muitos bons.

SR: Você acha que desses problemas enfrentados pela AO contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/MA?

TJ: Olha! Em relação a esse enfraquecimento, o que acho que mais enfraqueceu.... foi a... o problema do material didático. Esse foi o que mais...é que o orientador reclamava, que não tinha apoio, não tinha como trabalhar, o aluno ficava com o livro..... na apostila 3, 4 anos..... velha. Sem ter uma atualização, e...a... a defasagem também, de televisores que queimava escola não tinha condição de mandar arrumar. E eles, também custavam a manda televisor o aluno já estava adaptado a televisão quando o professor dava aula sem televisão, ele ficava aquele impacto, o professor dando aula e ficava aquela coisa... foi enfraquecendo a proposta.

SR: Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia? Em linhas gerais, como era o trabalho desse AO que você conheceu?

TJ: e na própria BR? Não temos assim.....era um trabalho em grupo, todos procuravam....era todos por um.

SR: Como era o trabalho de vocês dentro de sala de aula com orientadores?

TJ: Passava as aulas, nós tínhamos o manual, não é? E estava passando aula nos acompanhávamos, vinham as situações problemas, não é? Agente é... trabalhar com aluno e.... a nossa participação, era tirar as dúvidas. Aquelas dúvidas, que não era da aula, que isso aí também muitos orientador de aprendizagem que... entraram sem fazer um... seletivo, um treinamento, eles não entendiam...eles achavam... “ah! dar aula pela televisão e eu tenho que dar novamente?” Não! Ele...ele... ia fazer o questionamento com o aluno, saber o quê que ele não entendeu, qual a dificuldade encontrada nas aulas, pra poder tirar a...é...a dificuldade do aluno. Aí, é que ele entrava como professor pra explicar, é...é... esclarecer..... e muitos orientadores que não foram treinados, queforem entrando outros professores.. quando passou para o estado que as...que as pessoas não tinham conhecimento nenhum, nenhuma bagagem. Então, achavam dificuldades, então ...quando nós entramos na TVE, primeiro nós fazíamos um treinamento e ultimamente aqui a colega, quando ela foi trabalhar na TVE ela já não fez aquele treinamento.... como nós fizemosna época de Socorro Salomão. Nós fomos pra lá, fizemos a capacitação viu? tivemos todo um preparo e ultimamente não, eles iam chegando e..... ninguém conhecia. Aí uns já gostavam de trabalhar na TVE e outros achavam que trabalhavam demais.... porque tinham que dar aula também além da televisão, mas...o trabalho era em grupo, não é? tinha os líderes, era mais aconchegante e pra mim...eu sinto saudades da TVE, quem conheceu a TVE, sente saudade! Era um ensino de qualidade! Apesar... não era muito mais reconhecido porque era uma classe.... de gente pobre. Quem era mais favorecido eram os pobres. Mas se fosse lá... que tivesse rico, a televisão era...ali era uma escola de primeira qualidade. O aluno estudava mesmoele olhava...ele via ali...aquela visão. Falava em Canadá, falava em Estado Unidos eles ficavam olhando, a seca no sertão eles ficavam olhando... e hoje a gente fala mas, ele não esta olhando...aquela vivência que ele tinha antigamente.

SR: Os alunos gostavam do trabalho? Acreditavam nele?

TJ: Olha! eles acreditavam muito no sistema, de certo tempo para cá que deixou de ser...é que ficou desacreditado, por que inclusive é... nas matrículas daqui a gente sentia até dificuldade, ah! não quero ir para o CEMA, porque o CEMA é por televisão. Isso já nos últimos anos. devido à defasagem material didático, a defasagem do televisor... porque queimava todos os televisores, até vir outro..... agente tinha assim.....dificuldade de material.

SR: Tem algum exemplo?

TJ: Ah! nós temos muitos.... muitos alunos que se destacaram. Não só daqui de Paço do Lumiar que estudaram aqui conosco e que estudaram também, em outras BR's não é? que agente chamava de BR. Base de Recepção. Nós temos alunos que ...é... no INCRA que hoje é chefe! É...nós temos o Reginaldo que se formou também. Nós temos o Rebouças que hoje é um empresário, temos várias..... várias pessoas aqui da comunidade que se sobressaíram. Nós temos é...pessoas que já foram vereadores aqui na...na...comunidade e que até eu conversando com ele, é..... ele na Câmara, não é? Eu tive uma reunião, e ele me apresentou como professora.... orientadora dele e disse que a TVE que incentivou pra que fosse um político, porque, ele fazia parte do clube político, que era dividido em clube e que incentivou muito ele, despertou o interesse pela política. E que... é na época ele foi candidato a deputado dentro da escola e.....ele achou aquilo muito

importante e atualmente ele estava sendo vereador..... ele acha que aquilo foi fruto da TVE.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

TJ: Eu acho que..... fico assim pensando... a gente não sabe ao certo. O que foi que feza...com que agente pensa assim...que eu acho, tenha sido as dispensas gastas..... muito gasto, porque eles dizem que era..... muita despesa... era muito rica..... a TVE era muito rica , porque tinham os slides, não é? As reportagens, as pesquisas que eles faziam em campo. Eu acho que derão muita despesa, e que até hoje agente não saiba ao certo quem é que mantém! hora nós estamos de um modo ...hora que estamos de outro.....nós somos assim..... uns órfãos.

SR: Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

TJ: E também, eu acho assim que a TVE nunca teve assim....uma pessoa assimque tivesse garra, pulso, um diretor que... eu acho que.....achei assim um pouco de descaso, também é...nós nunca...é...procuramos assim uma pessoa que agente se dirigisse... pra dizer alguma coisa, o que estava acontecendo? e até hoje fica esse tititi..... é que eles chamam até de rádio de corredor, um diz uma coisa, outro diz outra...é...vai sair tal dinheiro, tal tempo assim... assim, assim.....nós temos um ganho e nunca sai...e ...ao certo agente não sabe nem com quem a gente se entende agora...principalmente agora, atualmente..... lá na TVE, a gente não sabe nem a quem se dirigir. Eu já estou aposentada, não é? Influenciou muito o desinteresse dos governantes. Porque o que eles achavam que a TV não era para da aula, era apenas pra reportagem..... e aqui no Maranhão funcionava, como educação, era uma teleeducação então, eles achavam que isso não ... inclusive a gente nunca ...essa terminologia de orientador aprendizagem nunca foi aceita como professor, não é? É uma outra terminologia , nós ainda não somos professores . Pelo menos eu me aposentei como orientador de aprendizagem.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

TJ: Ela cumpriu! Aquelas pessoas que tiverem interesse.... que tiveram vontade e que acreditaram no sistema, ela, ajudou muito!

SR: Seria importante que ela retornasse?

TJ: Eu, se fosse...dependesse.....da minha.....da minha.....é...vontade! Se dependesse da minha vontade...voltaria.

SR: Por que?

TJ: porque eu sinto pena, quem conheceu a TVE desde...eu não trabalhei quando ela tinha o circuito fechado, não é? Mas.... ainda peguei tempos bons da TVE. Em 78 quando eu comecei a TVE ainda era acreditada.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula?

TJ: eu acredito que deva.

SR: Como?

TJ: É.... assim... pra que... a dificuldade que nós temos com professores. No início do ano... inicia o ano a gente ficanaquelaporque cada disciplina é um professor. Eu achei assim que depois que passou a hora-aula, por disciplina, é o.... aluno...ele... 50 minutos de aula, professor sai de turma ele sai também. Professor não vem, o diretor fica até sem saber o quê que vai dar, porque... pela televisão agente sempre tinha o acompanhamento.

ANEXO B - Entrevistas do Grupo 1 - subgrupo B

1) Entrevista de Alcirene Ramos - ESTADO

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

AR: sim. Guardo

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

AR: sobre os trabalhos assim....os trabalhos de equipe, não é?... agente gostava de fazer, por que agora está totalmente diferente, por mais que hoje.... a gente.... tente organizar em grupos..... mais eu..... sinto muita dificuldade, que antigamente.... acho que até porque era só um professor em sala, não é? A gente tinha mais aquele domínio em sala de aula e tudo, era mais fácil .. a gente trabalha em grupo com os alunos, eu acho que facilitava mais, hoje em dia a gente sente muita dificuldade.

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado(a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

AR: Eu vejo assimeu acho que facilitava o trabalho do professor..... é porque já estava tudo organizado, e o professor não tinha que está tão assim.....voltado para pesquisar mais assunto.... claro que tinha que pesquisarpor que não ia só.... aquela coisa que já vinha, não é? A gente tinha que ver alguns assuntos novos, umas coisas assim que não estavam mais..... porque tinha algumas coisas, algumas áreas que estavam defasadas assim..... vamos dizer assim..... a questão dos dados, não é? Tinham os dados já... defasados, a gente tinha que ir atrás, não é? Dar mais atual para o aluno mas, ele facilitava muito, e a gente tinha mais preocupação com as atividades do aluno e não com a aula em se, não é? E isso aí.... eu acho que ajudava bastante, e de uma certa forma até.... deixava o professor, deixava ele muito..... tinha algumas pessoas que não iam nem atrás, não é? Porque já estava tudo preparado.....não é?

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

AR: é com relação a essas aulas, não é?..... alguns professores achavam que já estava muito.... defasados, então.... tinham alguns dados, os dados de matemática, de geografia.... já estavam muito defasadas, então ele achava que..... tinha que mudar ...que o professor tinha que ir atrás, mas como as aulas já vinham prontas.... o professor não ia atrás desses novos dados, mas eu acho que isso nãoviabilizar de quem quisesse ir atrás... porque hoje em dia os livros estão aí, estão também reduzido também, a gente tem que pegar vários livros, não é? Quando agente vai planejar é um monte de livro que a gente vai atrás, então.... eu acho que não inviabilizar de o professor ir atrás

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula? O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

AR: eu acho.... eu acho importante, eu acho por que ajuda a..... a atenção do aluno... a chamar mais atenção dele, porque só o professor estar lá na frente...tal ele.....às vezes a gente.... dá uns gritos em cima deles para ver se eles.....é.....é..... presta atenção..... e na televisão, a televisão está lá.....e agente está aqui.....”oh! ei, psiu! Olha lá! Tal...olha lá!” não é só..... facilita muito..... e a gente está lá só.... orientando, chamando atenção para algumas coisinhas, mais o mínimo, e....eu acho que isso ajudava bastante, sim.

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?

AR: não... não, até que não, não achei problema nenhum não, até que eu me adaptei rápido ao sistema, apesar de eu ter começado um ano interior no estado, eu não....toda.....e aí quando eu vim pra cá, graças a Deus que eu me adaptei bem

SR: Você acha que desses problemas enfrentados pela AO contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?

AR: é.... enfraqueceu sim...enfraqueceu, só que... eu vejo assim, os professores.. alguns professores que reclamavam.. que estava muito defasado, é ...depois que mudou, eu não vi muita diferença, que eles estavam reclamando que estava acontecendo antes, “ah! Porque está defasado” mas os professores também eles não foram atrás, não é? Principalmente aqui, eles não foram atrás, e.... eu até hoje utilizo o livro da TVE, está? Eu utilizo, eu dou matemática.. não utilizo a televisão, mais utiliza os manuais, utilizo o caderno de atividade não é? Da TVE, então eu utilizo.

SR: Em linhas gerais, como era o trabalho dos AO?

AR: éagente assistia à aula, não é? Tinha aquele intervalozinho para atividades.... agora o que eu achava que era muito prejudicial, era esse espaçozinho, não é? Já estava tudo programado, determinado momento.....aula... aí tinha... um tempinho para as atividades....aí aula novamente, não é? aí ficava muito corrido assim... esse espaço, por que às vezes a gente nem terminava uma atividade, já estava passando uma outra aula... e não tinha esse espaço para gente voltar com aquela outra atividade que ficou, não é? Lá alguns momentos que tinham atividades... é de revisão a gente voltava, mas nem todo mundo fazia isso, não é?

SR: Os alunos gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?

AR: eu acredito que sim, eu gostava, tanto é que quando acabou eu fiquei assim.....tínhamos vários alunos que se destacaram assim, em atividades em grupo que se sobressaíram, e tanto é que temos alunos no CEFET, até na Universidade, a gente tem alunos.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

AR: motivo... motivo..... eu acho que tudo é uma questão de política, não é? Passa muito pela questão da política, eu.... acho assim.... por mais que tivesse defasado, mais, ainda dava para gente dar.....por que a proposta que a gente vê, é que é só quinta e oitava e eu no primeiro momento sai, aí no próximo ano eles iam refazer os estudos e tudinho ia volta tudo o que era antes, mas tudo por uma questão política, é interesse político, aí não valorizaram mais o trabalho.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

AR: com certeza, cumpriu sim.

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

AR: eu acho (risos), eu acho até que seria interessante até para o governo também, porque é menos custos, não é não?... é um orientador por sala, depois que saiu os orientadores? quantos professores na tiveram que vim? Pra assumir, o lugar de um só? Que era em sala de aula? Estava tudinho gravadinho lá, não é? O trabalho que eles iam ter era apenas grava as aulas e veiculada tudo quanto é município, eu acho que era maisnegócio para eles, eu penso..... que sim.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

AR: deve sim... deve, o mesmo que era antes, não é? O mesmo sistema, assim porque.... eu vejo assim.... a gente coloca um vídeo.... interessante, não é? Mas... sei lá..... eu trabalhei no Avanço, o vídeo do avanço era muito assim resumido, não sei se.....até porque eu acho que já estava trabalhando aqui e eu fazia assim.... uma comparação, não é? O de lá, do avanço com a TVE. A TVE vinha assim... passo a passo, como era, desenvolvimento tudo, tudo botava.... tudo botava assim por parte, e lá não? Eu já coisava assim, é por exemplo armava assim uma expressão já vinha só o resultado lá embaixo e não tinha nem como descobrir, como o achar aquele é..... resultado, e na TVE não? Vinha tudo minucioso, até no livro dos alunos mesmo, vinha todo o processo de como chegar lá no resultado.

2) Entrevista de M^a Gorete - ESTADO

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

MG: Sim

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

MG: o que mais marcante na TVE era que.....nessa época nós trabalhávamos os alunos, apesar de sermos polivalentes, é.... nós achávamos os alunos... tinham maior interesse, não é? tinham mais disciplina não é? Os alunos tinham mais disciplina.....apesar das atividades..... de algumas aulas, de algumas disciplinas estavam ultrapassadas..... mas a gente fazia uma conciliação atual, não é? E trabalhavaos alunos tinham um trabalho coletivo deles.... era melhor, o trabalho em grupo, eles tinham mais organização, mais lideranças, eles tinham.....muito maior do que agora, não é? entãonós tínhamos um autocontrole.... aliás um controle.....do geral da sala e conseguimos desenvolver um trabalho bom.

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado(a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

MG: olha o aspecto mais importante seria o trabalho de grupo..... sala dividida em equipe não é? E.... eles trabalhavam.... eles tinham uma ligação maior com o colega, um respeito maior pelo colega, embora a gente saiba que..... tem alguns que trabalham menos no grupo...e outros mais..... mais tinha sempre..... a escolher do líderque fazia o intercâmbio mesmo, entre eles e conseguiamesmo quem trabalhava menos, mas é um pouquinho..... eles conseguiam é..... fazer o trabalho.

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

MG: Olha! Eu acho o que prejudicou muito... foi essa questão do governo não.... mais... se.... é... se empenhar, não é? No processo não mais.....é reativar algumasé algumas atividades que tinham realmente..... e..... a questão de além do governo.... dessas aulas ultrapassadas.

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula?

MG: Olha! a televisão é um meio não é um recurso não é? e dependendo de como você utilizar ela.... é muito boa, é necessário.

SR: O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

MG: a vantagem éde chamar atenção, para o.....não é mais um novo, não é? mais dependendo de como você trabalhar, seria um.....você despertar o interesse para o aluno, chamar atenção... de querer se trabalhar... e a televisão comoassimcomo era na TVE aula, não e? Era o professor.... ela foi se tornando

assim.... a desvantagem é que ela já foi se tornando sem....desinteressante para o aluno.... não sei se porque já tinha o aparelho em casa?...ou se porque não tinha inovação nas aulas?... eram transmitidas já muito tempo, mesmo professor.... da mesma forma

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores? Você acha que desses problemas enfrentados pela AO contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?

MG: Não! não tinha problemas, assim.... problemas... é sociais? com alunos, agente tinha que manter um bom relacionamento, era... agente tinha um bom relacionamento com aluno, com aluno, nessa época parece que eles tinham respeito muito grande.... ainda pelo orientador, não é? E fazia tudo, agente conseguia colocar a turma é.... do jeito que.... nos adaptando a eles e eles adaptando ao professor ...e conduzíamos um bom trabalho

SR: Até 2005 é foi tudo tranquilo, deu pra fazer um trabalho....?

MG: foi ... foi.....não foi assim, tanto quanto no primeiro, como assim que começou... a TVE, porque foi mudando, foi tendo mudanças e.... o sistema permaneceu o mesmo, sem inovação, não é? aí.... a gente tinha que fazer assim uma....não tinha muito recurso na época e, tentando buscar o novo para encaixar.... tinha aula que dificultava....você fazer esse encaixe não é? A falta de material, a falta de outros recursos para gente, até de de livros... ou apostilas?

SR: Os alunos (professores, técnicos) gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?

MG: Elesacreditavam e até gostavam, eu tive há poucos dias, eu tive alunos que.... foram ainda, não é? da TVE foi em 2005, tem alunos.... eles disseram assim “professora eu gostava muito do sistema, porque não tinha essa bagunça que tem agora”, por que na troca de cada disciplina de professor para professores, eles tumutuam está? e eles..... alguns..... eles gostavam muito, agente trabalhava era bem melhor e mais infelizmente o governo não investiu mais, não é?.....

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

MG: eu acho que sim!o governo e aí ele foi.....as questões políticas também, questão política aíporque ela veio implantada na época... para cá e tudo.... e ai tinha um governo que.... arcou com tudo... e depois começa.... a entrar a política.... não a política educacional não é? por que deveria ter uma política educacional aí, não é....é uma política partidária e quem sai prejudicado? A população, não é?

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

MG: Eu acho que ela teve uma boa participação.... ajudou muito.... eu fui uma das alunas da TVE..... estudei lá no Maria Elisa, estudei lá, comecei a trabalhar, para eu trabalhar, não tive tanta dificuldade porque?..... já conhecia o sistema, como é que funcionava, tudinho!

SR: Quando você era aluna como você via a TVE?

MG: quando eu era aluna, foi bom... porque nós tínhamoso material didático, não é? Que eram as apostilas, estudei no ano de 1970 a 1974, então quer dizer estava tudo assessorado ainda, não é? , tinha tudo, ainda estava começando e não faltava nada, é nós fazíamos provas, vinha tudo digitado, tudo bonitinho....tinha uma organização muito boa, e uma proposta boa.

SR: Os alunos acreditavam

MG: eu acreditava! na minha época, da minha época, alunos do CEMA, tem muitos alunos que se formaram, que concluíram, que conseguiram vencer.....

SR: Tem alguns exemplo?

MG: Olha! Nós..... tenho, tenho....tem jornalista mesmo que hoje.... é funcionária da TVE, na parte de que ela trabalha.....a Elda Sampaio, não é? tem colegas meus, tem engenheiros, tem advogados ...é...é.... tem uma série de pessoas que foram alunos da TVE..... que hoje..... não é? que através da base que ela deu.....chegaram.....

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

MG: Olha! se ela fosse toda reformulada, não é? E tivesse um acompanhamento.... ela poderia voltar que eu acho que.....ela era bem vinda.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

MG: Deve.... deve.... isso reformada, não é? Reformada.....E você através da televisão, você poderia usar outros recursos, não se posso deixar a televisão sozinha, agora.....a televisão sozinha agora... ela.... ela muito sozinha.... ela não teria.... ela não ia despertar, porque é um instrumento que todo aluno hoje em dia tem em casa, e antigamente não..... era novidade, então para ele? Assistir aula pela televisão? Viche Maria do céu! Porque eram poucas pessoas que possuíam aparelho.. e agora não? para ele não é mais novidade, até o computador já está se tornando....não é? Imagine é.... a televisão?mas, sim as aulas interessantes, reformuladas, como metodologias diferentes..... eu acho que ainda chama atenção.

3) Entrevista de Marilza Batista - ESTADO

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

MB: Participei, guardo sim!

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

MB: Marcante foi, o...a.... assim os conteúdos, porque... assim... aqui em São José de Ribamar, é..... se for assim fazer um.... um balanço dos estudos, a TV é riquíssima... porque até meu filho, quando foi... ele estudou também no CEMA, na TVE e... quando eu fui para botar ele lá, eu fiz a pergunta para uma colega minha que trabalhava lá não é? hoje ela é aposentada... “Marilza, olha! Aqui em São José de Ribamar, se você está procurando assim.....uma escola assim... de um ensino melhor é a TVE” Só que é..o que eu achei assim que dificultou assim é que nem todos os alunos tinham....o..... o material, os livros.... ficavam muitos a desejar, só o professor que tinha aquele manual

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado (a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

MB: o que ficou mais marcante assimeu até comentava com minha colega, que para mim foi assim porque.... mesmo o professor... é com todo o material didático, explanando na sala de aula e tudo..... mais a TVE? excelente assim, na ilustração, assim não existe..... mostrando assim as paisagens... tudo assim...é.... se fala a respeito de ambiente... é foi bem contextualizado.....foi o que mais me marcou porquee o aluno não deu valor para isso, já nos últimos anos.... na minha experiência, isso o aluno não dava valor.

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

MB: os alunos não... não terem livros, o material é... é porque é.....veio o estudo TVE para a escola, mais não.....faltava o material didático, tanto para os professores quanto para os alunos e os alunos ficavam muitos a desejar por isso....ai o professor tinha que..... ter ..é como é?...fazer assim....fugia um pouco do planejamento, não tinha aula pela televisão ai quebrava, por isso.

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula? O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

MB: eu acho.... uma vez que tenha todos os recursos, que também é.... terminou com sua aula o aluno está com todo aquele material e também deixa-me ver, meu Deus! Um ponto negativo que eu achei.....me deu um branco agora, espera ai..... há!... O intervalo de uma aula pra outra.... eu achei muita, muita dificuldade nisso, porque assim ... logo os alunos são muito insistentes, é conversando, se desligam um pouco, acho assim que aquela atividade daquela aula... é a tarde todinha só aquela atividade, e a gente cobrando, cobrando.....porque assim ...o intervalo muito pouco, de uma aula pra outra, no início eu sentia dificuldade, o que o mais achei dificuldade foi nesse intervalo de uma aula para outra....isso aí....para acompanhar.....o maior problema do orientador de aprendizagem.. e o aluno ...era conversando, e já estava passando a outra aula, e agente não podia.....era uma carreira, esse é o ponto mais negativo que eu achei foi esse.

SR: Você acha que desses problemas ditos, contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?

MB: para enfraquecer! por que nem dava.. nem tempo de corrigir.....aquela atividade, quando agente ia começar a corrigir... que o aluno é lento, lento até porque ele quer.... ao invés de ele está cuidando do dever dele, ele esta conversando coisas que não tem nada a ver....que menino... “criança a outra aula já está passando”.....era assim.... tipo assim não sei lá.... um relâmpago, assim é.... muito corrida.... a desvantagem que eu achei também, o ponto mais negativo foi esse ai.

SR: Em linhas gerais, como era o trabalho do AO?

MB: não tendo... mesmo.... nunca foi assim... individual, sempre é assim desde o início é.... por equipe, mesmo não tinha como fazer individual, porque eles não tinham material, foi uma coisa que colocaram aqui que ficou muito a desejar.

SR: Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?

MB: ah! A transmissão, tinha dia que estava boa, tinha dia que não estava....”ah! está tudo preto, hoje ninguém vê nada” então era assim....

SR: Os alunos gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?

MB: Eles gostavam, eles acreditavam por que tinha... alguns, é que no meio desse que estão só brincando não é? Eles prestavam atenção, então eles valorizavam, não é? Não, no momento... não me lembro de nenhum não.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

MB: é segundo.. euo que foi informado.... material ... não tinha como.... suprir essa necessidade dos alunos.

SR: E essa falta de material, porque?

MB: no meu ponto de vistaassim.. é..... o governo assim.... não se interessou! A Divalice (Diretora da escola) levava os problemas lá para a secretaria, ela as vezes comentava com a gente enão adiantava nada! mais ficou muito a desejar, ficou assim uma coisa sabrecada.....foi até assim uma experiência.... se dava certo, e aí quando se dava uma apostila assim.... já usada eles não queriam..... sabe como é aluno, não é? Querem coisa nova, não é? Aí a gente resolvia nem dar, porque se dava para 2, 3 outros não queriam mais.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

MB: cumpriu em parte..... porque o.... o aluno ele.....já....de quase um modo assim geral... não gostam de estudar, e não tendo o livro..... aínesses dois anos eu digo assim em parte, por causa do material.

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

MB: sim, de uma vez que....é.....suprisse as necessidades..... de material.....por quea aula da TVE é excelente.....agora o que fica a desejar é o material.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

MB: eu acredito que sim, até por que aí... o professor já não tem aquele trabalho de fazer aqueles cartazes não é? porque a ilustração é a televisão..... principalmente agora que tem essa tela grande, não é? é uma maravilha..... só o aluno mesmo que não quer estudar.

ANEXO C - Entrevistas do Grupo 2

1) Entrevista de Lúcia Alves

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

LA: Sim

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

LA: Há! muito..... muita coisa boa... muita coisa boa...os momentospolíticos.... da escola, naquela época era um..... momento marcante.....momento marcante da TVE, era a coisa mais marcante que tem, era a questão da liderança, o trabalho de liderança, não é?

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado (a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

LA: a importância?eu acho que, eu acho que a forma de comunicar.... eu acho que a TVE apesar de serna época, uma escola, mesmo naquela época uma escola discriminada..... mais elafacilitava muito o.... aluno..... a..... sabe... a se manifestar... a questão política dele, os ideais políticos, eu acho que era uma escola..... a única escola no Maranhão que fazia isso era o CEMA a TVE.

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

LA: na época? eu não tive, na época em que eu fui aluna de TVE eu não tive, eu fui aluna no ano de 1971, na época eu não tive..... mais, depois..... ao longo do tempo.... porque quando... eu fui aluna de TVE, nós tínhamos materiais riquíssimos, apostilas maravilhosas e ao longo do tempo isso foi se perdendo,..... e foideixando de ter, quer dizer..... o orientador de aprendizagem na minha época era da Roquette-Pinto, era da TVE e depoispassou a ser professores do estado que não eram treinados para isso..... então ao longo tempo ele foi se perdendo.... o programa foi se perdendo, mas....eu enquanto era aluna da TVE....eu não tive esses problemas.

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula?

LA: como..... o.. o..... como.. recurso sim, mais como, como era a televisão educativa na época.... que era..... um meio.... era um meio.... de, de, da.... aula chegar até a gente.... eu acho que hoje não mais..... pelo fato de hoje a televisão ser uma coisa muito variada.... muito porque antigamente não tinha esse horror de programas..... horror de desenhos...essa, essa porção de....de.... imagem que tem hoje,.....na época eram menos, então.... chamava menos atenção e a gente tinha mais condições de assistir a aula pela televisão e hoje não mais, porque passa a ser monótona, chata e não vai surtir o mesmo efeito.

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?

LA: não, porque na época nós éramos assim..... nós éramos alunos, mais, nós éramos também professores..... por que todas aulas tinham situações problemas.... então normalmente um ou dois, uma meia dúzia de alunos se destacava em determinadas coisas, e aquela situação problema quando não era explicada, quer dizer o professor acompanhava,..... mais, sempre a resolução era feita por nós, alunos..... entendeu? ela só dava o aval final....esta certo! esta errado! mais..... era feita.... sempre a situação problema era feita sempre por nós..... a situação problema, era feita por nós..... nós alunos.

SR: Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia?

LA: não assim,.....assim.....na verdade pra mim eram todos muitos bons.... eu tive assim diversos orientadores, eu tive a professora Marlene, tive a professora Regina..... tive..... outros orientadores muito bons..... mais, eu tive também uma orientadoraque era de nome Jamile.... eu acho que era Jamile Trovão, o nome dessa pessoa, que era assim uma.... coisa assim.... era num despreparo total sabe.... ela era uma pessoa desequilibrada...e eu não gostava dela, na época eu não gostava dela, tanto é que eu até hoje eu memorizo o nome dessa criatura por que..... era uma coisa assim.....

SR: Em linhas gerais, como era o trabalho desse AO que você conheceu?

LA: Ah! ele era dinâmico, ele era dinâmico, muito dinâmico...muito.....e também era.....não era só..... era participativo, os alunos tinham participação em todos os trabalhos do professor dentro da sala de aula.... então... acho que era muito democrático, muito bom, muito participativo

SR: Os alunos (professores, técnicos) gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?

LA: eu gostava.... muito.... muito..... é como eu te digo, olha! na época, nós tínhamos...já tínhamos os jogos estudantis, mais como a TVE, o CEMA era uma escola de.... grande alcance.... por que não tinha que contratar grande número de professores..... para poder.... o orientador resolvia uma turma inteira, não é? durante uma manhã inteira....e não tinha assim um professor de cada disciplina, então era uma escola de grande alcance, tinha muitos alunos de TVE na época... nessa época, já era uma escola discriminada, muito discriminada, na... na.... época dos jogos estudantis, a gente assim..... era no.....Costa Rodrigues os jogos, e nós.... saíamos da BR 1, íamos de pés, porque éramos muitos....se fossemos para irmos de ônibus, o ônibus

demorava, e naquela época, o ônibus era assim, bem...um número bem pequeno....e as pessoas jáchamava a gente..... apelidavam, é jogavam piadinhas, com relação.. que era uma escola fuleira.... sabe? essas coisas assim, esses nomes assim...bem.... baixo mesmo, a gente.. já sofria muito a questão da discriminação...e eu acho.... sim mas, como eu ia te dizendo essa questão ai, mesmo assim sendo discriminada, mais eu.... sentia que os alunoseles gostavam muito da escola, aquela questão política era uma coisa que.... o homem mesmo por si só ele já gosta muito da coisa política, não é?... essa questão política, e como os aluno participavam, disso, nós votávamos.. nós tínhamos títulos.... nós escolhíamos nossos representantes e isso.... mesário, prefeitos, líderes..... líderes de classe.... líderes de BR e nós fazíamos campanhae tudo..então era uma escola que.... os alunos.... daquela escola gostavam....embora que os outros... não conhecessem a nossa metodologia, a metodologia da TVE, mas, os alunos daquela escola gostavam, acreditavam.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

LA: eu acho queo ensino televisionado não é uma coisa que... possa demorar muito tempo...eu acho até que a TVE sobreviveu muito tempo... sabe? Eu acho que.... ela sobreviveu muito tempo, e até mesmo porque, deixou de ser investido na questão do treinamento como era feito.... no início na TVE, foi deixado.... foi esquecendo.... foi esquecendo..... o povo foi esquecendo de fazer isso... e ela perdeu ao longo do tempo... ela foi perdendo essa qualidade.... foi deixando de existir.... o que era mesmo a proposta de TVE, foi deixando de existir.... mas eu acho até que ela sobreviveu muito tempo

SR: Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

LA: olha! Eu acho que.....o único problema foi o governo mesmo..... o governo não teve o menor interesse de levar isso não.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

LA: na época.... sim.. na época de fundação, e durante uma porção de anos sim, e depois não mais....por que o material foi deixando de ...de....chegar na mão do aluno, material bom... como nós tínhamos na épocaentão eu acho.... que.... foi perdendoperdeu-se a qualidade.....perdeu-se o interesse

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

LA: não!.....porque... eu acho que..... era o que eu falava no início... eu acho que... com a riqueza de imagem que tem hoje..... ela não teriao mesmo efeito que ela teve naquela época..... hoje a televisão para mim.... é como se fosse um recursoe não mais como era a televisão educativa, eu acho que não

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

LA: eu acho que sim como recurso sim....você vê que..... até se você..... éhoje, hoje..... isso hoje, a gente enquanto professor... se a gente tem uma fita, por exemplo: uma fita de vídeo, tu bota a fita....se a fita for longa.... quando chega do meio para o fim da fita... as pessoas jácomeçam... a... a..... se cansar, a se dispersar, já... conversa.... já conta uma piadinha....já sorri... já se distancia daquilo... então, hoje.... agente.... adulto... acontece isso!... então eu acho que não daria mais, para sero professor a televisão..... professor, não daria mais não, como recurso sim.

2) Entrevista de Estélio Leal

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

EL: Lembro, lembro!

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

EL: olha! Era a parte... eram duas coisas assim que eu...que eu gostava muito. Eu acho que várias, não é? mais assim...marcante... era a parte bem ...que eracolocada bem é...a parte de cidadania através da....através de eleições para líder de turma... eleições para representantes de BR, não é? Essa questão passava apesar de nesse período que era...é... 70...acho que início de 70, nessa época que ainda estava naquela repressão braba mas, mesmo assim a gente tinha essa oportunidade de exercer, de dizer o que a gente queria...o sistema proporcionava isso? o sistema proporcionava isso! dava essa oportunidade pra você...e a outra? E a outra...essa questão de...de.. você ter alguma coisa pra trabalhar... era teatro também, não é? Que isso aí, acho que tinha um desenvolvimento e que hoje tenho um desenvolvimento muito grande... eu não participei efetivamente de teatro, mas as oficinas que a gente tinha de ...oratória sabe? essas coisas assim, te possibilitava. Claro que tinha outras oficinas de...é...artes manuais mais eu não era muito...muito chegado a essas coisas, não é? Eu gostava mais de oratória...gostava mais dessa parte de política e te dava acho que...uma base assim..... questão de redação... interpretação e você tinha uma condição melhor de se desenvolver dependia muito...é...dependia muito de... é vamos dizer....o aluno ele era focado pra aquelas habilidades, não é? Nada dele...vamos dizer... se ele...se ele gostava de oratória se gostava de política , tal.....apesar de...apesar de até hoje eu dizer que só apolítico (risos), mas eu sou bem político mesmo (risos).

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado(a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

- EL: olha! ... o... a importância era que a cada momento o...o professor vamos dizer,...é...é.. eles se preocupava muito assim.....que a cada momento, de cada disciplina, após o término de cada disciplina você ia discutir aquela disciplina, não é? não parava assim como atualmente....hoje, você entra numa aula de matemática, aí você assiste a aula de matemática,... passou os cinquenta minutos acabou entrou a outra... de física... tal... não! Dentre esses minutos... cinquenta minutos.....era 30 minutos de conteúdo, o conteúdo programático...é...é... via televisão, 30 minutos e você tinha é... 20 minutos para exploração, não é? Essa exploração era exatamente pra você fazer exercício...tirar as dúvidas... então, aquele conteúdo estava sendo repassado pra você e você estava fresquinho, não é? Então, o orientador pra que? Ele...ele... o orientador ele iria apenas te orientar como resolver aquelas questões.
- SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?
- EL: É... que eu lembre a questão foi...primeiro foi a questão política, não é? Claro que com a questão política veio...vamos dizer... tanto aluno e eu agora como dirigente estando participando da TVE... foi a questão política...que aí houve redução de... não houve mais treinamento, não é? Treinamento desde o básico..... porque tinha treinamento desse pessoal que servem a merenda até o orientador de aprendizagem e conseqüentemente...também os livros que também ficaram mais escassos...vamos dizer... não tinha uma reposição atualizada, não é? Brincávamos até que... livros que usei lá na época quando eu era estudante quando cheguei aqui como diretor (risos) ainda estavam e a história já tinha sido modificada mas o livro não conseguiu ser atualizado... é... o material.
- SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula?
- EL: eu acho! principalmente quando nós...é... estamos no...no...utilizando a Internet, não é? muito! A educação a distância, é teleconferência, então é claro que, vamos dizer, que hoje em dia eu acho que é de fundamental importância você utilizar...
- SR: O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? (*alguém interfere*)
- EL: É como eu estava te colocando, porque hoje em dia o...o aluno ou a criança, quando ele chega a primeira coisa é uma babá eletrônica chamada televisão. Não é? Então se ele tem isso desde o momento que ele..... vamos dizer, começa a perceber as coisas ... eu acho que é muito mais fácil por isso que há uma adaptação muito grande assim....de uma criança a um computador e do que já um adulto a pegar um computador. Então, a mesma coisa por televisão, se ele de pequeno se ele já esta assistindo televisão, os vários programas se ele for...é...como é? direcionado a assistir conteúdos que venham é... em benefício da sua formação é excelente! (*outra pessoa interrompe*)
- SR: E as desvantagens, quais são elas?
- EL: Não, não...eu vejo...só vantagens! Eu não vejo...não vejo...não há essa questão de...Não, não, não.... Eu acho que agora até para você...o...é... o que nós assistimos antigamente a coisa dava certo que agora o próprio ministério das comunicações, não é? Que antes já aparecia quando agente assistia televisão alguns anos atrás que dava a censura. Então, o pai desligava...o...o...havia qualquer restrição e você não assistia. E agora retornou. Não é? O ministério das comunicaçõesessa obrigatoriedade ...que agora todos os, todos os programas e eles dão “olha...é... tem cenas que são impróprias para 14 anos ver, não é?...” então...quer dizer!
- SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?
- EL: Olha, naquele momento não, mas agora ultimamente é como é... a questão de ...de... diversificada, houve uma diversificação. Porque naquele momento o orientador de aprendizagem ele... ele era basicamente assim pessoas que eram formadas em pedagogia, não é? Que eram repassadas para eles todas as disciplinas, não é? mas em função dessa de departamentalização que houve...não é? quem é português é português, quem matemática é matemática, e tal, tal... então quê que ocorreu? Houve também a introdução de várias tecnologias, não é? O computador, vídeo-cassete, agora DVD...tal, tal...e...não sei se pela idade...por... não obrigatoriedade os orientadores ultimamente ele já não estavam tão focado em se atualizar quanto a tecnologia, enquanto as formas de passar os conteúdos, não é?
- SR: Você acha que desses problemas enfrentados pela AO contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?
- EL: Não, a proposta em si não.... mas essa condição pelo qual...vamos dizer... aquela necessidade.... mas a proposta da TVE continuava a mesma. Só a forma de repassar que já não era... não era aquela mesma... de quando eu era aluno. Como diretor agora...na época de aluno tinha uma estrutura, passou a ter outra? Exato! É...uma, uma... agora, agora a estrutura passou a ser é como é...deficitária, não é? Em função de que não houve investimento. Não houve investimento em treinamento, não houve investimento na...na...como é? porque quando você está investindo..... em material, não é? Formação continuada, ele não teve, por isso que eu estou te dizendo... vamos dizer, quando aluno, quando eu era aluno...eles tinham tudo isso aí quando eu volto a ser diretor, eles tinham...tem o sistema, o mesmo sistema, mas ele em si, o orientador já

não tinha...é...o financeiro ele tem! O financeiro ele tem! Até hoje ele recebe da federal, até hoje ele tem, é a única coisa que não manteve foi a reciclagem não é...não é bem a reciclagem, vamos dizer aquele incentivo...vamos estudar, a meta é essa.

SR: Em linhas gerais, como era o trabalho desse OA que você conheceu?

EL: Olha! Eles tinham...assim...tinham muito prazer, não é? No que eles faziam. Eu não sei se o salário compensava, não é? Mas eles tinham muito prazer no que estavam fazendo, no que eles faziam...é...é na forma como eles passava, se preocupavam muito com aluno, o ser humano, não é? O ser humano! Quando não dava durante aula, mesmo terminando aula, ele pedia para gente ...esperá-lo e conversava com agente: “olha você, você não está...não está... fazendo bacana, a sua forma não está legal, não é?” Quer dizer, não é? Dava uma orientada. Ih...mas... aí...desapareceu essa coisa, o tempo também não é? É basicamente isso! É basicamente isso, e também não tem mais aquela vontade de ser polivalente, não se o colega meu aqui...está...é só professor de sociologia está recebendo aqui esse valor X por que o vou ser polivalente vou receber o mesmo valor X.

SR: Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?

EL: É... seria na atualização dos conteúdos, mas eles já vinham fazendo. De português ele já tinham feito, de matemática já tinham feito é ...seria só...é...como eu te falei? Atualização do conteúdo... mas isso já tava sendo feito, e a formação continuada do professor.

SR: Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia?

EL: Olha! Eu acho que até hoje, até hoje eu... eu vejo assim muitos alunos nossos e que foram do sistema é TVEaquela questão de família, não é? De família. De você conhecer, de você gostar da orientadora... e tal, existe uma...existe assim... muito mais uma questão assim... familiar... do que agora, quando fica cada qual... com sua disciplina, fica discontomizada a questão ... a questão pessoal.... se torna assim muito impessoal, tu está na tua, e eu estou na minha, não é? E quando o sistema não ... acredita, acredita que uma forma também de você compartilhar ...não é?... compartilhar as coisas boas, não é?...o orientador tinha é...como trabalhar mais o aluno...pelo tempo. O que eu vejo também, por exemplo, que poderia ser modificado é...a questão de quantidade, apesar de que naquela época a quantidade era essa mesma... entre é...35... 45, equipe de sete, e tal? E..... hoje em dia funcionaria assim excelente... se fosse assim uma turma em torno de 30 alunos, com um professor... com o orientador e a televisão.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização? Você concorda com esses motivos?

EL: Olha! Não... não ficou assim coisa muito clara para população, mais foi basicamente a questão política. Única e exclusivamente política... política..... interesses pessoais,..... que foram, que foram...feridos e tal... ou então dizer: “não foi você que criou, foi você quem implantou, e não quero dar continuidade a isso” mas que funciona, funciona! Principalmente por que hoje nós temos no nosso estado ...290 ...287 municípios, nós temos municípios quetodos os municípios tem canal de televisão todos, todos, todos mas, nem todos têm escola.

SR: Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

EL: Que eu saiba...não.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

EL: Cumpriu bastante, e acabei de dizer até hoje! Hoje! Hoje! antes de ser desativada por completo ...é...o ano passado que ela foi desativada por completo, pelo menos aqui em São Luís, não é? Foi, Março de 2006 o Governo acabou com o contrato. Exatamente então o quê que houve.... até nesse... ele ainda cumpria assim...bastante a questão de coloquei. Ele ia muito..... mesmo que o aluno, ele não tinha, vamos dizer, uma mãe que cuidasse dele, mas tinha a orientadora que chegava na hora de folga conversava com ele: “quê que está acontecendo contigo... e tal” dava o ânimo para ele, dava aquela forma. Então, esse.....eu acho que esse era o papel primordial da TVE era esse..... a questão familiar.

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

EL: Claro! Não... é..... isso que estou dizendo: eu não entendi! Eu não entendi! O mundo inteiro... as universidades todas... agora a opção é? educação a distância, não é? Educação a distancia, e nós aqui no Maranhão, no Maranhão...deve continuar a TV em sala de aula.

SR: Como assim? O sistema da TVE?

EL: é ...pode ser um sistema..... pode ser um sistema melhorado! Não é? Você pode pegar o que existe... não é? pegar o que existee fazer uma readaptação... aos nossos... as nossas realidades, e junto com a televisão você poderia utilizar o computador, não é? porque como a televisão não tem como está...não pode haver uma interatividade, mas aliada ao computador pode ser simultâneo, não é? Você pode fazer as duas coisas.

3) Entrevista de Jesiel Pontes

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, no período que você estudou, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

JP: Guardo e muito forte porque era o tempo que..... era muito legal!..... era coisa muito interdisciplinar e..... trabalhávamos com teatro, e a coisa ficou mais forte nessa época foi exatamente.....

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

JP: A mais marcante foi exatamente a questão do teatro, não é? Fazíamos teatro, fazíamos a peça, representávamos, não é?.....e era muito legal porque conseguíamos interagir com todos..... da escola, não é?

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado (a) como aluno a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

JP: Bem a importância da TVE, é..... foi muito importante porque ela marcou época, não é? foi no ano de 1980.....1981. Foi a base, foi o alicerce de toda a minha formação, não é?....de toda minha educação. Exatamente no ano de 1980, 1981.

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

JP: Eu não me recordo exatamente de nenhum fato que..... foi prejudicial.

SR: Pela sua experiência como aluno na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula? O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula?

JP: Eu acho sim muito importante, acho que é mais um.....digamos que seria mais um material didático, entre aspas.... digamos assim..... porque despertaria no alunado mais curiosidade, não é?

SR: Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

JP: Não, eu só vejo vantagens.... só vejo vantagens, porque..... é..... você..... pega apenas a aula.... como na época o orientador pegava a aula e agente discutia, trazendo pra sala de aula os problemas regionais.

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?

JP: O único problema que eu vi é..... que eles ficavam sobrecarregados com todas as disciplinas, não é? Tinham que ser polivalente pra dar conta de todas as disciplinas.

SR: Então o problema que você destacaria no trabalho deles é essa questão de ser polivalente?

JP: Talvez sim! eu acho que sim.

SR: Você acha que desses problemas enfrentados pela OA contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/ MA?

JP: Eu acho que sim, acho que sim..... porque a partir do momento que ele se viu..... é sobrecarregado, eu acho que.....a partir de um certo tempo talvez ter sido o começo do definhamento da TVE.

SR: Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia?

JP: Claro, foi a professora da 7ª série, no caso.....ela foi,.....ela era tão boa.

SR: Lembra o nome dela?

JP: Alvina Fonseca Almeida, era o nome dela. E ela era tão especial que quando passamos para 8ª a gente fez tipo um motim, não motim não..... um movimento, não é? pra que ela continuasse sendo a professor..... orientadora da 8ª série. E assim foi feito.

SR: Em linhas gerais, como era o trabalho desse OA que você conheceu?

JP: Eu via com....bastante competência, porque eles sabiam perfeitamente coadunar as coisas, os problemas, as diferentes disciplinas. Um orientador de português, matemática, história, geografia.....eu percebia que ele conseguia....de fato ter um bom controle sobre....essa questão educacional, sobre a questão dessas disciplinas.

SR: Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?

JP: Não, não vi nenhum.

SR: Você como aluno acreditava, acreditou na tve?

JP: Acreditei e..... hoje eu me sinto orgulhoso, tenho orgulho de dizer que eu fui aluno do CEMA..... que no caso era o sistema de TVE no Maranhão na época. E pra falar a verdade, até os próprios alunos de outras escolas particulares...tinham uma certa inveja, digamos assim, não é? No bom sentido, em Santa Inês dos alunos que estudavam no CEMA, porque era uma equipe, na realidade era uma equipe de trabalho, você não tinha carteiras isoladas, tinha as mesas e cada mesa tinha de 6 a 8 alunos, onde era uma coisa multidisciplinar e todo mundo interagia entre si, não é.....de onde saía muitas experiências, idéias, resoluções de problemas. Então foi uma época muito boa e eu tenho muito carinho pela TVE desta época do qual eu fui aluno.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

JP: Acho que..... se a gente pensar bem..... o primeiro passo foi o aparecimento de muitos colégios particulares, com mensalidade, não é?..... mais acessível ao grande público, onde.... pelo colégio ser público, do governo, as pessoas não dessem tanto valor, ou por ignorância ou por vaidade, não é?

SR: Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

JP: Não, que eu saiba não. Não sei de nenhum.... motivo mais especial, mais específico porque acabou, não é?

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

JP: Eu acho que sim... eu acho que a gente nunca pelo menos no meu caso, a gente nunca.....nós, todos os nossos irmãos..... os meus irmãos,...nunca.....a gente nunca estudou em escola, em escola..... particular. E eu acho que nessa época pelo menos o, o.....a TVE cumpriu muito bem.... a que ela se propunha..... que era a questão educacional.

SR: Seria importante que ela retornasse?

JP: Acho que sim, seria muito bom.

SR: Porque?

JP: Eu acho que.....como eu já citei anteriormente, pela própriapela.....ela agregava valores... digamos assim..... a família, as relações entre os alunos. Na realidade a gente.....nos víamos como.... irmãos, todos irmãos. Os trabalhos eram... todos em equipe ou, em sala de aula, na sala de aula..... ou, na casa de algum aluno... onde nos reuníamos, discutíamos, fechávamos as equipes, onde dentro de cada equipe tinha um líder... e dentro de cada sala de aula tinha um líder.... e dentro de todo o colégio... da escola tinha um representante que seria o líder das salas todas.... da escola. Eu achava que funcionou muito bem, eu acho que despertava o interesse maior dos alunos de buscar, de procurar, de interagir. Era muito curioso..era um sistema muito curioso, agente erasempre a busca..... constante.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula?

JP: Acho que sim, desde que ela cumpra realmente que ela cumpra realmente ao papel que ela venha se propor. Por exemplo, a televisão como era a TVE, onde era ligada somente pras aulas aonde tinha o orientador..... quando você assistia aula, depois era desligada.... e você ia debater aquele assunto..... ia esmiuçar o assunto daquela aula.... não é?..... Eu sou contra a TV aberta, em colocar uma TV aberta em sala de aula, mas eu acho que a TVE como era?..... acho que ainda funcionaria ainda perfeitamente, principalmente no interior.... cidades do interior.

SR: A relevância que tem de projetos, como agente conversou anteriormente, é da peça do teatro, aquela peça que tu ficastes empolgado que vocês apresentaram.

JP: É curioso ressaltar que.... nessa época agente tinha... um grupo de teatro, onde eu escrevia peça, representava, eu dirigia, não é?..... os alunos da minha sala, na época que era os atores, não é?...e a coisa era tão legal que.... os alunos de outra sala que era outra 8ª também, faziam alguma espécie de competitividade, mas.... uma competitividade sadia, não é? uma coisa saudável, não a competitividadepor competir, não é? Então, era uma época muito legal, que a gentefazíamos muitos trabalhos, ensaiávamos na escola, ou na casa de algum aluno. Onde depois a gente fazia tanto sucesso....., digamos assim..... na época, com essas peças, que a gente..... que chegávamos a, a.. encenar, a encenar no teatro, não é?.....no teatro municipal, pra que..... no cinema, aliás perdão, no cinema, da cidade para que outras pessoas tivessem acesso, até alunos de outros colégios, não é?... outros pais, outros alunos tivesse acessopra conhecer como era o sistema do.....da TVE na época no Maranhão.

SR: O sistema tve é uma educação de qualidade?

JP: Pra mim sem sombra de dúvida, contribuí muito pro meu aprendizado, pro meu crescimento, tanto educacional quanto profissional.

ANEXO D - Entrevistas do Grupo 3

1) Entrevista de Iralda Moraes

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

IM: Sim. Eu guardo porque, ao chegar aqui do interior nós viemos de Coroatá, então no auge da Fundação e a primeira escola que funcionou foi aqui, onde hoje..... é chamada BR 1,

SR: aqui do lado o Arthur Carvalho?

IM: isso, isso, e nós viemos morar bem aqui no Bom Milagre então a minha mãe encontrou logo vaga para dois dos meus irmãos que já estava na fase de quinta série, foi aqui na BR 1, então pra gente, para nós que estávamos vindo do interior, era assim diferente a, a..... metodologia..... aula pela televisão?..... nem televisão em casa a gente tinha, e aqui chegar na cidade, na capital e aula pela televisão então foi assim..... muito..... boa essa parte.

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

IM: Com meu trabalho? Assim eu ter contribuído muito, muito, muito assim para o crescimento, uma, a.....tipo assim uma turma, que me chamou atenção, foi a Turma antes de eu,..... assim..... parecia que eu estava me despedindo daquela turma, e deixar de ser orientador para vim para ocupar esse cargo de.....que nós fomos chamadas para fazer o trabalho de supervisão escolar, eu..... pelo fato de trabalhar com especial lá na APAE, e a minha diretora no ano ela.... listou na minha turma um aluno cego, e eu tinha, a.....experiência minha era com o aluno deficiente mental, mas com aluno cego para mim foi assim.... difícil eu cheguei pra ela e reclamei, eu disse, “oh! Lúcia por que você colocou o Reginaldo na minha sala, eu não sei Braille, eu não sei trabalhar com cego”

SR: mas dentro do sistema tve?

IM: dentro do sistema de TVE, agora veja 8ª série, para mim foi aquele impacto ai eu disse não, “é um desafio, não te preocupa a Secretaria de Educação, ela vem aqui mesmo.....”

SR: isso em 1980, 80 e pouco?

IM:isso já foi eu quero contar que essa experiência que mais me marcou, já foi meu último ano como orientadora, é! Meu percurso, foi todo assim, foi muito bom, cada ano assim..... a parte que mais me chamou da minha vida, de orientadora de sala de aula, foi esse impacto que eu tive que receber um aluno cego, pra assistir a aula pela televisão, eu digo, “gente como que esse aluno vai..... os alunos olhando é aquela dificuldade, e ele cego?” ai meu desafio foi o seguinte, foi conversar com a turma, e mostrar que os olhos dele eram os ouvidos, que ele iria aprender tanto quanto eles desde que os outros quarenta e oito alunos permitissem ele escutar e ao escutar ele iria.... o resultado seria normal e a diretora, também me confortou por que a secretaria de educação dava todo um apoio com eles chamam de professores itinerantes que eles iriam traduzir tudo aquilo que nós trabalhávamos a tarde, o aluno voltava para a escola de manhã porque tinha sala especial com os professores especializados em deficiência visual para trabalhar aquele aluno no braille, sem serem orientados pela TVE eles iriam dar todo eles ficavam dando todo um apoio para o aluno nunca fazendo nada para eles, sempre instigando, deixando ele fazer, etraduzido os textos em braille pra ele ler, pra ele interpretar, pra ele responder, pra ele fazer os trabalhos...

SR: é a primeira experiência que vejo em todas as entrevistas....

IM: e aí?..... chegou o momento em que me chamou muita atenção, sempre que eu posso eu relato essa experiência. Aqui São Luis no Convento das Mercês foi instalado e.....no mês de maio, tinha a.....a coletiva de maio. O que era coletiva de maio? Os artistas da terra faziam suas exposições mais belas possíveis, enós como os colégios ... já informados, nós trabalhamos todas as disciplinas, então a interdisciplinaridade já encaixava sem que viesse a modernidade que estamos hoje. Ai! nessa época a coletiva de Maio eu vi um campo de aula, uma sala de aula passeio, onde eu iria trabalhar muita coisa com meus alunos, mas me preocupei com o meu aluno cego, e disse “gente, lá é uma exposição de arte e meus alunos irão acompanhar, irão ver tudinho e o meu aluno cego?” Ai.. fiz é.....o planejamento lá! normal da escola, a diretora disse, “Inalda você marca uma reunião com os pais para gente pedir a permissão”, então fizemos a reunião com os pais, todos os pais concordaram, e eu reservei a mãe de Reginaldo, “mãe eu quero falar com a senhora por último” ai quando.....ela ficou inquieta e disse: “eu posso saber o que é?” “É sobre o Reginaldo, o quê que eu vou fazer?” Eu estava pedindo que os pais mandassem os alunos na segunda feira todo mundo com o uniforme limpo, nós iríamos pegar o ônibus do bairro de Fátima eu já tinha falado o horário lá, com motorista, já tinha reservado aquele horário para ser lotado só por nós, havíamos já trabalhado todos os alunos que nós iríamos ter uma aula dentro do ônibus, que ninguém iria gritar e tal, tal..... e com isso?..... ela disse: “professora meu filho só fala neste passeio, se ele não for é capaz até de ele morrer, porque o sonho dele é conhecer o convento das mercês,” ai aquilo me doeu, eu disse: “meu Deus! Era quem eu estava discriminado que, não iria aproveitar, está! fomos eu já tinha ido no Convento das Mercês, e já tinha agendado o nosso dia e a diretora, reservou vários funcionários da secretaria, para nos ajudar, para me ajudar como meus 49 alunos, quando chegou no convento das mercês as recepcionistas já

estavam sabendo que eu tinha um aluno cego, ai ela chegou pra mim a minha colega e disse, não se preocupa com ele, que nós tomaremos conta e você tome conta dos 48 e eu já..... tinha dito que queria que todos levassem um cadernos para notar porque eu iria cobrar de todas as disciplinas imaginadas e no mês de junho nós iríamos fazer a nossa coletiva de junho também, aí.... tudo bem! Reginaldo... ele, ele..... me conhecia pelo meu cheiro, ai eu vou passando, assim nos momentos lá pelo Convento das Mercês, ele disse “professora? A senhora já visitou a sala...” ele deu o nome da sala, porque a recepcionista já tinha dado o nome, eu..... particularmente já tinha ido sozinha para mim ver se valia a pena levar a turma, mas como ele me chamou atenção eu disse: “Reginaldo eu já passei na sala mas eu não me lembro assim”..... e ele disse: “volte e veja se alguma coisa lá lhe chama atenção!” Enquanto isso eu encontro alunos escondendo nas colunas no Convento das Mercês tudo escondidinhos..... porque estavam fardados com esse uniformes que você disse, para eles era feio e lá na tarde estava, Marista, Batista, Dom Bosco e tal, tal..... ai eu disse: “meu filho porque você esta na coluna? Ora a senhora achou de trazer a gente logo hoje, cheio de gatinhas do Batista, do Marista”..... ai eu disse: “pelo contrário meu filho você é tão privilegiado quanto eles..... esse, esse..... uniforme, é um uniforme tanto quanto importante para eles é para você, e você está levando vantagem, você está estudando em uma escola pública que não é de graça ela é paga, nós compramos uma caixa de fósforo já estamos pagando nosso imposto, ai eu fui mostrando esse lado, você recebe todos os livros, os pais deles compram, você sua matrícula já é gratuita, a deles é paga a sua mensalidade sua família não paga, a deles paga e muito estão ai bonito devendo a escola, estamos no mês de maio e os pais já pagaram até..... só a matrícula e os professores de lá são habilitados, são formados, nós somos também e muito de nossos colegas trabalham nas escolas particulares,” ai..... nisto foi a hora que eu chamando atenção: “vá fazer seu trabalho”, o caderno dele em branco e tal, ai Reginaldo ouviu minha voz: “professora tal, tal, a senhora já visitou tal sala?” Ai, eu voltei,..... fiquei atenta assim de longe olhando, gente um painel do tomando desta parede, este painel ele era todo feito de calça jeans velha, o artista usou e cruzou assim as calça jeans e ali ele trabalhou a arte, então a recepcionista mostrando tudo de um por um para ele, e ele com a mão, percebeu que era calça jeans, eu cheguei lá na porta e não vi que era calça jeans, ai eu fiquei atenta.... atentaai eu disse: “Reginaldo já fui na sala já observei várias coisas”,ele disse assim: “a senhora já viu a teoria de Lavoisier sendo aplicada ,ali naquela sala?” “ah! sim. na natureza nada se perde, tudo se cria, tudo se transforma”; então isso assim pra mim foi assim minha chave de ouro, o que mais me marcou foi essa experiência, muito especial, quando ele passou no Liceu fez a entrevista e foi..... e a mãe foi fazer todo o percurso na escola pra ele conhecer e por que o do CEMA ele já sabia, então ele foi assim, chamado atenção.

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado(a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

IM: Olha! a TVE..... ela teve assim a importância na disciplina dos alunos, na independência dos nossos alunos, na..... vamos supor assim..... na facilidade de interpretação, de redação, por mais simples que fosse um bilheteinho, agente aproveitava ali e exaltava, olha que bom, você teve condição de fazer isso aqui você tem condição de fazer melhor, então a gente sentia assim que esse lado criativo deles era muito explorado, eles não eram alunos assim de decorar e eles aprendiam mesmo, porque nós promovíamos o debate, eles tinham facilidade de enfrentar público.

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

IM: (risos) O que atrapalhou, a ausência do material didático, por que quando foi entrando assim em decadência, que nós sentimos assim, que nossos alunos chegavam.... chegava o início do ano letivo, nós recebíamos uma turma de 46 alunos, vamos imaginar, tinha 20 livros de português, tinha 15 de matemática, tinha 12 de ciências, tinha 8 de histórias e como que a gente iria conduzir aquilo ali? ai botava um livro por equipe, aí as vezes aquele candidato que levava o livro para a casa, não vinha, e ai, ia começando assim a dificultar a gente sentia muita dificuldade e, e..... tentava assimdistribuir os alunos... e agente ficava....

SR: foi a partir de quando, de que época?

IM:eu vi mesmo já na geração 90, 90, (PL) começou a sentir essa decadência, que era aquela carência de material didático que prejudicava demais.

SR: O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

IM: Eu acho, é um recurso que ainda hoje vale a pena. Vantagem olha assim..... tipo assim.....agente olhando assim os dados,.... agorinha estava aqui colecionando, a abrangência da quantidade de alunos no Maranhão e nos municípios aqui ao redor da ilha, é, é..... tipo assim sertão, lá mais por sul do Maranhão não alcançavam, mais essa área aqui dos municípios mais próximo da ilha de São Luís alcançava um número muito alto de alunos e competentes, eram alunos competentes a.... a gente via assim , o que da capital sabia o interior do mesmo jeito, porque na época do treinamento era igual elas..... alcançava de uma forma assim..... eu me lembro assim na época das avaliações a gente..... sentia assim a qual será a BR? que saía

- com o índice de notas mais altas em ciências as mais baixas? E tal, a gente fica assim.....então a abrangência era mesma aula, mesmo professor e.....
- SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?
- IM: Problema não porque olha! Na nossa ausência faltava um orientador, muitas vezes a diretora não se dava conta que a sala estava sem orientador , por que os alunos eles eram capazes, nós dividimos o trabalho em equipe, tinha o líder da sala , aquele líder da sala já via que determinado horário orientador não tinha chegado, ele tinha , assumia e conduziu o trabalho como se nada tivesse, na dúvida, corria na sala do colega ao lado, e dizia: professora olha, eu não estou encontrando atividade assim, assim.....o que é que é pra fazer? Eu já olhei!que nós não trabalhávamos sem o planejamento, então tinha o planejamento aí a professora lá, hoje é pra fazer assim, assim, ai ele já dava a pista o aluno conduzia então nossos alunos, cedo, cedo já eram treinadas, até mesmo para substituir o professor que já era habilitado, não tínhamos problemas.
- SR: Você conheceu algum Orientador de aprendizagem que lhe impressionou quanto à qualidade do trabalho que desenvolvia?
- IM: Eu passei, tive a experiência de passar por três unidades, que foi a lá do São Cristóvão quando eu foi aprovada, foi lotada lá no CEMA do São Cristóvão, ai casei vim morar aqui na vila militar, e vim trabalhar aqui onde hoje é Humberto de Campos que era o Kennedy 2, ai meu marido militar foi transferido, tal, tal.....ao retornar voltei pra o CIE, então nestas três escolas em cada uma delas.....
- SR: o CIE aonde é?
- IM: e lá no bairro de Fátima , antes de chegar, onde antigamente era a rádio Timbiras, você indo pro parque amazonas na descida do parque amazonas, ficava o Antônio Jorge Dino.
- SR: Ah! eu sei aonde é.
- IM: é lá! Então a escola é muito grande, e em cada uma dessas escolas eu tive uma colega assim, que me marcaram, lá no São Cristóvão foi Maria José Araújo muito organizada, muito metódica, e pra mim que estava entrando? Eu.... servia como modelo, aí vim para cá para o Kennedy 2 encontrei outra, a Helena Ribeiro também, ela habilitada em língua portuguesa, ela tinha assim uma facilidade e aí nós já nos dividimos, fulana responsável pelas avaliações, as avaliações bimestrais, era igual em todas as escolas que a TVE mandava, que a TVE sempre mandava, mais as mensagens era nós que elaborávamos, então ah!.....no nosso caso da 8ª série Helena era responsável pela língua portuguesa e ela tinha assim, um... capricha mesmo. E já lá no CIE eu já..... me marcou muito foi o Zé Carlos porque ele já dominava em matemática e a gente achava muito difícil ele vinha com um jeitinho especial e dava um toque às vezes no planejamento pra gente, por que nós tínhamos que testar todos os exercícios e ele com a facilidade resolvia e pronto.....
- SR: Em linhas gerais, como era o trabalho do AO?
- IM: Como Orientador de Aprendizagem, o nome já tava dizendo, nós não dávamos aula, nós apenas orientávamos ao chegar na, na.... salaninguém..... eu dizia.... eu sempre digo: gente eu fui bem educada no CEMA, Por que eu trabalhando na escola comum, eu não sei entrar em sala de aula sem o meu planejamento do lado, então eu já sabia que treze e quinze eu tinha aula, as 13 horas eu já estava sentada e treze e quinze nós escolhíamos o já aluno que só ele mexia na televisão, ele ligava evamos supor antes eu já preparava o aluno, pra assistir, e eu me colocava na posição de aluno ,embora já com dez anos, 15 anos de TVE, mais eu me colocava numa carteira no lado deles, assistindo com eles e anotando que era pra dar o exemplo que eles também deveria fazer, então após a aula eu desligava, boma situação problema foi deixada vamos resolver? vamos! aí resolvíamos, eu digo: resolva a de vocês que eu vou resolver, então eu ia resolver, então isso a..... gente ia..... trocando..... era nosso trabalho, então nós não íamos, assim, porque a aula foi mal dada a gente vai ter que dar aula, não, não dávamos aula, nós apenas tirávamos as dúvidas quando em determinadas situações eles não chegava naquele objetivo que a aula tava se propondo, aí sim! a gente voltava, vamos voltar a leitura, veja se na leitura você não vai encontrar isso ,assim, assim,.....lembre-se que aquela professora falou isso,! ah! sim, sim,..... então! bem aí, que era nosso trabalho, por que nós não éramos professor de português, de matemática não, nós éramos orientadores , nós orientávamos.
- SR: Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?
- IM: Não , não! pra nós..... era assim a nossa, nossa..... mola mestra era a televisão, quando acontecia, um circuito, um negócio,.... meu Deus! ai hoje vai ser um dia!..... agente ficava assim.... de pernas quebrada, por que já estávamos acostumadas que a aula da televisão era primordial.
- SR: Os alunos gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?
- IM: Acreditavam. Eu tinha um aluno que ele era muito..... muito pobre, morava aqui, na minha época de CIE também, ele morava na Vila dos frades e ele se sentia assim tão responsável, tão capaz, e acreditava e ele às vezes, ele não tinham o dinheiro paravamos supor: surgiu inscrição para o CEFET, ai ele ali e tal,

tal..... ai um dia ele chegou no intervalo, não costumava às vezes sair para o recreio, que eles ficavam sempre ao redor, tirando dúvidas e conversando na minha mesa, ai ele disse: ai professora eu quero lhe contar uma historinha, eu estou com vontade de fazer o concurso do CEFET, sei que vou passar, mais não tenho dinheiro para fazer a inscrição, eu disse: meu filho você está só dependendo disso? Ele disse: só! ai abri minha bolsa, eu tinha , vamos supor..... R\$ 10,00 está aqui! mas falta tirar as fotos, quanto é as fotos? R\$: 2,00 eu já disse não tenho! mas eu sai correndo tomei emprestado com um colega e dei! não demorou o nome estava na relação, eu disse: gente! que!..... a gente ter dado assim..... um empurrãozinho, o aluno..... De vez em quando, encontro assim.....ah! já sou arquiteto! Tem gente assim, meu Deus!.....Duas faculdades, outros estão trabalhando no mercado..... agora mesmo! recente, fui comprar meus óculos, quando chego na ótica, a vendedora disse: olha! tem uma funcionária aqui que a senhora não está conhecendo, mas ela foi sua aluna! eu disse: olha! sabe o que é na época que eles eram jovens, e nós não mudamos, ai lá ela veio, a senhora lembra-se de mim? Ah! sim, sim, sim,....

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização?

IM: Eucoloco assim..... a questão política!

SR: Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

IM: De repente não é, nós é que.....a gente sentia assim, mais era aa questão política mesmo! não sei se é muito forte

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

IM: Com certeza.

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

IM: Seria! porque eu acho que ela motivava muito mais os alunos..... olha nossos alunos..... a minha colega vai fala da importância que tinha as oficinas..... nossos alunos eles tinham..... aqui tinha uma estante cheia de troféus de nossos alunos, eles participavam de Feira de ciência que hoje é novidade, mas, naquela época eles já participavam, Jogos Estudantis Maranhense -JEM's eles iam e participavam e ganhavam, o então, qualquer coisa que o CEMA chegava, o CEMA despontava.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

IM: Eu acho..... Aí! (risos)..... hoje assim....dado o descrédito é preciso muito trabalho de sensibilização com a..... como a colega falou.....Nós chegávamos nas escolas já na função de supervisor, de..... de orientador pedagógico..... agente ia dar..... aquele apoio pedagógico e o descrédito, que eles davam, assim terrível, falavam..... falavam, falavam da TVE, assim, na nossa cara, e aquilo doía na gente,

SR: Mas quando isso?

IM: isso agora já na geração 2000. Já era em nível de Estado e eles criticavam , criticavam..... e agente agüentando aquilo, ali calado e tinha hora que tínhamos que fala e defender a bandeira, não, não a TVE não é isso! ela está assim....mas ela não era.

2) Entrevista de Rosilda Lago.

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

RL: Sim, posso afirmar que participei. A TVE/MA, que iniciou em 1969, a título de circuito fechado, tendo como nome CENTRO EDUCACIONAL DO MARANHÃO/CEMA. No ano seguinte, já operando como canal aberto, fiz o concurso e iniciei como Supervisora Educacional do Projeto de Madureza Ginásial, voltado para a população de jovens e adultos. Em 1971 fui convidada para participar da equipe de supervisão pedagógica do projeto de quinta a oitava série, o que era muito interessante! As escolas elas eram identificadas como bases de recepção - BR. Não eram escolas com direção, com secretaria, com supervisão. Tinha a supervisora pedagógica que era responsável pelo funcionamento operacional dessas bases de recepção. Pela manhã existia uma, a tarde existia outra. Assim, eu trabalhei na base de Recepção 1, que ficava praticamente anexa ao centro de produção, era nas antigas oficinas da BR que algumas pessoas diziam, que era Bairro de Fátima e outros Apeadouro, mas..... hoje funciona a unidade Escolar General Arthur Carvalho. Eu participei desse início e, a partir daí participei de várias experiências, exerci várias funções ao longo de toda a minha trajetória na instituição.

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

RL: O que mais me impressionava e até hoje eu guardo assim com muita seriedade e acho que valeu a pena, até porque a gente se encontra com pessoas da época que dizem o mesmo, era a concepção pedagógica do projeto, que além de toda uma estrutura diferente, inovadora, que se baseava no ciclo de aprendizagem , com base nos estudos de Piaget e seus discípulos, tinha coisa muito interessante que eram as atividades, os festivais por exemplo - tinha festival de poesia, tinha festival de música. Na estrutura pedagógica das telessalas, existiam os clubes, o que era uma coisa fantástica! Não é saudosismo..... é porque a gente via que funcionavam mesmo, as lideranças assumiam. Cada telessala eram constituídas normalmente de 49 ou 42 alunos com sete equipes e cada equipe, com seu líder escolhido democraticamente, era uma equipe de estudo e, ao mesmo tempo, era um clube e então tinha vários clubes representando todos os segmentos da

vida social e cultural do aluno: clube social, clube cultural, o clube de ciências, o clube de serviços, clube político... e então eles funcionavam de verdade. A culminância desses clubes era exatamente isso, era o festival de música, de poesia, a feira de ciências... o clube político era o mote de uma grande experiência cívica para os alunos com a realização das eleições para o governo e assembléia legislativa das BRs. Era uma coisa fantástica mesmo, tinha palanque, tinha propaganda política, tinha urna, cédula eleitoral, era uma coisa séria, tinha o título de eleitor, tinha mesário, a estrutura se reproduzia dentro das Bases de Recepção. E os alunos... até hoje agente encontra grandes pessoas que estão aí nos vários segmentos da sociedade, que participaram disso tudo..... na música, na política, na era da comunicação e se a gente fosse citar aqui agora a gente é.....podia até assim cometer algumas injustiças de não lembrar todo mundo. Assim, o que mais me marcou foi isso: o funcionamento pedagógico, não é? As lideranças eclodiam mesmo, você olhava para o aluno e não imaginava, inclusive uma coisa interessante que lembro agora dentre o que mais me impressionou, mais me marcou, eram alunos que, se você dava valor para ele, ele se revelava. Eu tenho vários exemplos, há poucos dias encontrei com um, eu estava em uma missa, ele foi falar comigo e perguntou pra mim se eu não era a professora Rosilda, eu disse sim! “Professora como vai, a senhora lembra de mim? A senhora lembra que me deu uma grande oportunidade por ter acreditado no meu potencial? Graças a essa oportunidade hoje sou uma pessoa na vida, porque a senhora acreditou em mim e não só a senhora mas, os orientadores de aprendizagem, eu era muito peralta, não dava valor para nada, eu quebrava carteira, eu fazia tudo e a partir daquele momento eu passei a ser um cidadão, um verdadeiro cidadão”. Então é assim, até hoje você ouve esses depoimentos de várias, várias pessoas que se revelaram em todos os campos de atividades eles se revelaram. Eram alunos de classes populares, marginalizados sócio-culturalmente que, na estrutura pedagógica do ensino da TVE, encontravam o seu espaço.

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado(a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

RL: Olha tem vários aspectos que a gente podia citar, um deles é a elite, pode-se dizer assim, a elite de profissionais que a TVE produziu. Aonde um profissional da TVE chegava, fazia a diferença e faz até hoje, até hoje..... Havia uma capacitação permanente, hoje se fala muito em educação continuada e a TVE até nisso inovou - nós não passávamos um mês sem ter uma atividade de formação, isso era uma coisa assim sagrada, um ponto que se destacava. Aonde você chegava.....se você era funcionário da TVE, você era,.... era até motivo de uma certa.... falando no sentido doméstico, de ciúme..... ah! você é da TVE? O pessoal da TVE só quer ser, mas não era nesse sentido, é porque o pessoal da TVE era realmente qualificado, então a direção, as pessoas que faziam parte da equipe gestora mesmo da televisão, se preocupavam muito com isso e, assim, vinham muitos técnicos de fora, não só da área técnica e de teleducação, mas de todas as áreas que contribuíssem para a fundamentação profissional necessária à efetivação do projeto. A gente podia destacar principalmente isso, só para te ter uma idéia é..... a experiência de produção de textos, os livros que eram as apostilas .. os textos didáticos eram produzidos por pessoas do quadro da TVE. E eu fiz parte inclusive dessa atividade, uma coisa que me deixava muito orgulhosa, prazerosa.... foi uma das experiências mais bonitas que eu tive na TVE, por que, eu gostava de escrever, eu gosto de escrever e isso era uma coisa que a gente via acontecer, funcionar na telessala.... Nós éramos estimulados, tínhamos aula de diagramação, vinham técnicos dar aula pra nós de fora, não é, aula de diagramação, de fotografia, como ilustrar, então..... técnicas de trabalho.....não era técnica de redação, mas como você poderia produzir para um formato de livro, então era em todos os sentidos, uma coisa assim que eu posso evidenciar de importância. Uma outra questão também, a questão do próprio Estado, que reduziu a questão do atraso de jovens nessa faixa etária, de quinta a oitava série. Ressalte-se que projeto, inclusive, foi criado nessa perspectiva, de, com a TVE alcançar uma clientela bem grande, que estava com a demanda muito reprimida e.... a partir daí.... Com toda uma qualificação, produzir realmente cidadãos assim..... então foi uma coisa realmente importante.

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

RL: É..... eu acho queassim.....teve aspectos políticos! Eu lembro que.... até um determinado período, ninguém, nem um professor, nem um técnico não entrava na TVE se não tivesse concurso, se não fizesse uma seleção e, a partir de algum período começou, começaram as interferências políticas, isso começou a produzir uma certa queda na qualidade da TVE, as outras foram, relacionadas assim..... a como manter, como manter esse sistema, que se tornou caro não é? Porque ele se expandiu muito, terminou assim, ficando algumas coisas que não foram imediatamente não é..... assim resolvidas, elas foram se acumulando, acumulando, acumulando e.... chegou a um ponto em que....financeiramente, não houve interesse, até porque houve a federalização do sistema, ..e federalizando houve também a questão da gestão nacional que não tinham interesse de funcionar como escola, principalmente no nível do 1º grau. A gente acha isso, nem sei se posso dizer isso..... a gente acha que não tinham interesse em manter uma escola. A TVE ela era uma estação de rádio/ televisão e no Maranhão ela tinha um formato diferente, totalmente instrucional, pioneira..... foram feitas várias reformas, incluindo o repasse da escola para a rede estadual e tudo isso foi dificultando não ? Aos poucos, o atendimento escolar via TVE foi acabando, não mais existindo no Estado.

- SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula? O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?
- RL: Olha.... não só a televisão, hoje na nossa, na nossa conjuntura atual, é a televisão, é o computador, o próprio computador... Então eu acho que televisão tem um grande potencial, um grande poder de atração, ela tem o elemento visual, então isso, conta muito não é ?. Agora as desvantagens que possui..... isso você vê hoje na família, inclusive a grande crítica hoje em relação a televisão é essa.... que às vezes os filhos assistem tudo na televisão, mas não discutem nada com os pais, o problema não é proibir, é... ver em que nível isso está sendo digerido, está sendo trabalhado na cabeça dos alunos, dos jovens, das crianças até dos adultos, pra não parecer imposição, para não parecer.... o que o computador faz, o que a Internet faz..... também..... agora, numa perspectiva de ensino, é.....uma conjugação de equipamentos, de instrumentos, de ferramentas que, se bem planejados podem produzir resultados maravilhosos.
- SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?
- RL: Do que eu pude observar quando eu trabalhava diretamente com eles, por que eu coordenei.....coordenava assim em média.....36 orientadores, como supervisora pedagógica de BR, sem aquela influência política, as pessoas que chegavam eram treinadas. Ninguém entrava para trabalhar sem um treinamento, mas era aquele treinamento mesmo..... não era treinamento teórico só... O orientador era concursado, depois de concursado, passava não sei quanto tempo fazendo aquele treinamento, e era aquelaeducação todo o tempo.. continuada, então..... eu não via muito assim....problemas, agora quando começou... começou a ter essa influência, que passaram a entrar pessoas indicadas politicamente, todas essas pessoas sem aquela preparação, sem aquela qualificação..... mesmo sendo treinadas, não era a mesma coisa, pois o acesso não se dava com os pré requisitos até então definidos. Agora, uma coisa que achei que prejudicou também a atuação deles, é que quando começou a falhar..... a produçãoa.... disponibilização do material para eles trabalharem em telessala, começou a haver um período em que..... os recursos financeiros ficaram escassos, então chegavam poucos livros na sala de aula, então o aluno assistia à aula de TV e aí não tinham o apoio... aquele livro, para ele aprofundar, para ele fazer algumas etapas do ciclo de aprendizagem, então isso..... se quebrava... o ciclo se quebrava, então ele encontrava realmente dificuldade também para trabalhar... nesse sentido, muitas vezes, além das dificuldades, o O.A. assumia um papel de professor e não mais de mediador.
- SR: Você acha que desses problemas enfrentados pela OA contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/MA?
- RL: Eu acho que a proposta nunca enfraqueceu...o que enfraqueceu foi a atitude política de manter essa proposta, eu acho que sim.... muita coisa..... por exemplo..... Sandra, a questão do livro, se ele não estava com o livro aqui, e o ciclo de aprendizagem era baseado na situação problema não é? Era aquela história, todo o ciclo, proposto com base na teoria piagetiana, não é? Então..... concretamente, como isso acontecia na sala de aula? A aula era emitida não como a verdade completa - o conhecimento não se completava na aula. No final, era proposta uma situação problema para o aluno, o que era resolvido em equipe, sob a mediação do Orientador de Aprendizagem.. O ciclo de aprendizagem que acontecia na sala de aula, se efetivava através de um conjunto de multimeios..... qual era esse conjunto? O que fazia parte desse conjunto? Era a aula de televisão, a ação do orientador de aprendizagem, era a apostila do aluno, o manual do orientador de aprendizagem, o caderno de atividades. Cada orientador tinha um manual, esse manual, não dizia passo a passo o que devia fazer.... até direcionava, mas, dava uma certa abertura... para que ele trabalhasse de acordo com as características da sua sala, então..... quando a aula terminava, era proposta a situação problema, e todas as equipes trabalhavam com suas lideranças os alunos tomavam aquele impacto, faziam sua pesquisa, discutiam, e depois de toda discussão que eles faziam na equipe, chegavam às conclusões... então no final a equipe fazia.... tipo um relatório... e isso era socializado, cada equipe dizia o que, tinha feito, o que tinha concluído. E o orientador, ele era o quê? O mediador, era o estimulador, ele não ensinava, ele apenas orientava.....ia de equipe em equipe e fazia aquele jogo..... da mediação, da facilitação da aprendizagem, da reorientação do que eles estavam olhando... pesquisando, respondendo..... Era aquela pessoa que estava ali, para apoiar o aluno.... e no final ele fazia aquela conclusão geral. Na equipe tinha funções, o que eu achava mais interessante era isso, na hora de trabalhar, tinha o líder, o vice-líder, o cronometrista, o relator, tinha o secretário..... tinha todas as funções e o que eu acho mais interessante....o sistema era tão bom, o ciclo era uma coisa tão operativa que se o orientador faltava... o líder da telessala, juntamente com os líderes de cada equipe conduziam todo o processo de exploração das aulas e das atividades planejadas para aquele dia.. cansamos assim de ver.... de experimentar... de vivenciar essa experiência, o pessoal que vinha de fora, ficava impressionado de ver um aluno, um menino de sexta série conduzir sua sala de aula.
- SR: Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?

RL: Éaí o quê que a gente podia fazer? São problemas técnicos não é!.... você tinha de vez em quando..... por conta dessa escassez de recursos, por causa dessa estrutura que foi se....ela foi se.....definindo não é? porque o montante dos problemas políticos, financeiros, institucionais foram se avolumando e isso refletia na sala de aula, na telessala, era o televisor que estava sem som, às vezes não tinha a reposição imediata, ele perdia... perdia aquela aula, aí o orientador tinha que fazer aula com material que ele tinha e então...isso realmente era assim.....eram problemas que..... que prejudicavam o funcionamento, eram muitos outros de um modo geral isso aí era uma coisa assim técnica e que..... com toda certeza... prejudicava.

SR: Os alunos (professores, técnicos) gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?

RL: Acreditavam.....acreditavam. Olha! Só pra teres outro exemplo, nós éramos capazes..... se havia necessidade de fazer uma reunião... emergencial com os orientadores de aprendizagem..... nós retirávamos os orientadores das salas de aula.... você andava num pavilhão daquela escola com dezenas de turmas..... você não via um aluno fora da sala de aula, e você ia de sala em sala.... todos estavam trabalhando, todos estavam discutindo.... todos estavam participando e era , era assim uma coisa que impressionava..... eles acreditavam, então isso traduz o que? Uma crença no processo....porque eles se envolviam, entendeu? eles se envolviam.....e pra se envolver eles tinham que acreditar, entendeu?.... e nós temos hoje, exemplos assim de alunos que foram..... que estão assim brilhando.....até hoje.... brilhando..... até hoje.... outra coisa interessante... éhouve muitas críticas de pessoas que não acreditavam no projeto porque.....tu falaste ainda agora sobre a validade da televisão como instrumento, como ferramenta não é?.... O quê que agente acha? Então, um dos pontos assim..... mais criticados pela sociedade,....por muitos educadores que estavam fora do sistema TVE.....é que os alunos não produziam umaboa escrita, não é?..... eles não produziam.... tinham....muitos problemas de ortografia e tal....e agente que estava lá dentro, a gente via que.... isso acontecia..... mas eles tinham uma fluência muito grande para escrever e principalmente para falar..... então quando a gente estava na universidade, que os alunos chegavam, os professores diziam assim.....conheci os alunos da TVE, você estudou na TVE, porque sabiam falar, tinham liderança manifestavam atitude de liderança, de..... questionamento, eram alunos questionadores, eram alunos que não se... não se... acomodavam com o conhecimento simplesmente entregue para eles, tinham um elevado senso crítico. Sem argumentos, diziam que os alunos podiam não saber nada, mas que sabiam falar, atuar em grupo. E isso era uma coisa muito interessante, muito interessante.

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização? Você concorda com esses motivos? Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

RL: olha!..... acho muito difícil responder..... muito difícileu acho que.... o problema.... assim financeiro.... foi um dos principais motivos..... a descrença por parte de alguns educadores que não se aprofundaram na questão ... também..... e aliando uma coisa a outra... é como....aquilo foi se desgastando....e mesmo quando... o governo.... tomava algumas atitudes, ensaiava....algumas iniciativas ...para retomar isso tudo,...esbarravam, esbarravam... nas dificuldades de qualificação, nas dificuldades de equipamento, nas dificuldades dos recursos financeiros que o Estado tinha.....assim,...sinceramente, eu não sei assim dizer ..exatamente um motivo da desarticulação da TVE/MA em relação à oferta de ensino... o que eu mais presenciava era isso....a descrença. porque olha ! o trabalho da TVE era um trabalho que as pessoas tinham que assumir... assumir mesmo... mas era com um envolvimento totalnão estou falando que..... o ensino convencional não tem que ter esse envolvimento.... mas.... a própria crença.... tinha que começar daí.... a acreditar naquele processo e investir em pessoal, em equipamentos, em multimeios.

SR: Existe algum motivo declarado?

RL: Não assim...eu não sei.....não, eu acho até leviano da minha parte dizer.... por que..... mereceria até... um estudo aprofundado sobre o projeto como um todo. Aliás, existem alguns estudos da Secretaria de Educação, por conta das iniciativas que a própria TVE tomou em todos os governos.... em todos os governos que assumiram, não é? durante o período que a TVE funcionou.....a direção da TVE procurava a Secretaria de Educação.... expunha todos os motivos e colocava... porque.... na verdade eles achavam que a TVE é que era responsável. Quando houve a federalização..... o que ficou definido foi isso..... que o governo do estado assumiria a parte das escolas e a TVE ficaria com a produção e a veiculação dos programas.....tanto é queentão voltou pro estado. Nesse sentido a TVE tinha essa iniciativa..... tomava essa iniciativa.. o que ela tinha.... toda a proposta, ela trabalhava, trabalhava todas as aulas que ela produzia..... toda a programação que ela tinha para as escolas se fundamentavam na proposta..... na proposta pedagógica... que sempre sofria alguma revisão,.... mas na verdade na hora de operacionalizar... operacionalizar.... não cabia à TVE..... caberia ao Estado, e o Estado... ele foieu não sei, acredito assim que ficou nessa dualidade do convencional e da TVE eaí, aí.... no meio desses dois..... dois extremos, dessas duas linhas..... dessas duas situações... as coisas que foram acontecendo, não é?... contribuíram assim para que essa retomada não acontecesse.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

RL: Eu não tenho nenhuma dúvida, nenhuma dúvida até porque eu participei não só aqui em São Luis, de alguns eventos.....eu participei de muitas atividades que traduziam resultados extremamente satisfatórios também em escolas do interior . O interessante é que quando começou o CEMA, quando começou houve uma corrida de alunos de classe social assim.....bemmais elevado, não eram exclusivamente alunos carentes, depois foi que aos poucos a clientela se constituía de alunos oriundo de classes populares

SR: Seria importante que ela retornasse? Por quê? Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

RL: Acredito que..... para voltar..... talvez não com o mesmo formato, mas seria..... interessante acho que aíassociando com outras ferramentas, outras, não é?..... um conjunto de instrumentos, de estratégias.....incluindo o computador, a informática como ferramenta também. Mas..... aí seria de acordo com a modernidade, como dizem os atuais.....teria que ter uma proposta inovadora, avançada..... acho que.....seria uma atitude muito séria... que teria que ser tomada para valer mesmo, para assegurar qualidade, porque.... eu acho que isso implicaria muito.....muito recurso financeiro..... muito....embora se, a gente tomar como referência de que uma sala de aula ficasse com um Orientador de Aprendizagem, a parte profissional, do quadro de professor acho que financeiramente não seria muito alto... é uma coisa difícil até da gente dizer isso, não sei que formato ela tomaria..... não sei..... talvez não exatamente como ela era... com certeza isso já não funcionaria....

SR: mas a utilização da Televisão na sala de aula?

RL: Ah, sim!.....eu acredito que..... aí é que está..... eu.. acho que exclusiva não..... como já foi , não!.... porque... era exclusiva, era assim, de manhã o aluno ficava na sala de aula, então ele tinha aula de sete da manhã até as 10, dez e meia, não é?.....direto!...eu acho que também não seria um.....uma ferramenta, aí é que como eu estou te falando... seria dentro de uma nova concepção curricular, pedagógica, psicológica e sociológica também.... dentro de uma outra.....uma visão.... uma visão atual porque..... eu vejo assim.....que..... hoje..... o ensino, precisa ser atrativo. O professor sozinho na sala de aula..... tem dificuldade, já hoje.... porque ele, por si só, ele já.....não tem assim.....acho que todas as habilidades necessárias para prender aquela atenção do aluno.... para satisfazer a...curiosidade do aluno..... e o aluno está aí... com computador em todos..... em todos os níveis.... hoje mesmo eu vi uma notícia na TV sobre a cidade do conhecimento..... as universidades.....abrindo... eu não sei exatamente o que é.....eu já peguei assim... eu estava passando, eles mostrando um vídeo.....é uma.....um instrumento virtual.....eles estavam mostrando ... o que tu quiseres saber de universidade.... até isso.....se quiser fazer o curso de psicologia por exemplo, basta você acessaré...você escolhe, tem um personagem, você anda,... é como se você mesmo, pessoalmente, estivesse andando dentro da universidade... e procurando saber tudo sobre o que o curso de psicologia tem.. É um projeto belíssimo não é ? A cidade do conhecimento!..... eu vi hoje...então eu também não tenho muitos elementos para falar.... quer dizer é uma coisa.... totalmente inovadora, é o computador na vanguarda não é?lá.....entendeu, na ponta?agora eu vi isso aondeaonde eu vi isso ? Na televisão, eu não vi isso no computador, mas eu posso ver no computador ...veja só... eu acho que a união, aliás.... o computador hoje já é computador, é televisão, é tudo... então podia não é?.....Agora.... a gente pode assim... também... Sandra... só para terminar rapidinho aqui.... a questão de como a experiência da Televisão Educativa do Maranhão ela estimulou a vinda... de pessoas de todo o... todo o mundo... todo o mundo queria conhecer a iniciativa pioneira do Maranhão. A Alemanha tinha uma fundação.. não me lembro agora o nome.... essa fundação, financiou, um monte de coisas....entendeu? Era uma coisa assim que motivava diversos governos estaduais na busca de iniciativas educacionais.

3) Entrevista de Francília Pinheiro

SR: Você participou do desenvolvimento da TVE do Maranhão, não foi? Você guarda em sua memória essa participação?

FP: Sim

SR: Qual a lembrança mais forte, mais marcante que você tem da TVE do Maranhão?

FP: Guardo é foi um tempo assim de enriquecimento,..... de enriquecimento, devido às experiências que a gente foi tendo. A TV marcou um tempo, marcou os alunos, os orientadores enfim, a comunidade, a televisão educativa graças a seu funcionamento do seu trabalho, essa comunidade ficou marcada. Olhe! Uma dessas lembranças,porque o CEMA tinha uma parte de aprendizagem e a parte específica que era composta pelas oficinas, tinha oficina de artes e de artes práticas, que era arte em agricultura, técnicas agrícolas, comerciais, industriais e educação para o lar. Essas oficinas, elas funcionavam no horário contrário da aula de atividade, os alunos se escreviam e faziam o mine-curso lá, após esses cursos, eles recebiam certificado, isso porque era para enriquecer do aluno também para preparar esse aluno para o campo do trabalho, tinha alunos que passavam em educação para o lar, em culinária eles aprendiam a fazer bolinho pastel e até confeitaria e aí, eles estão se preparando para trabalhar pra ganhar um dinheirinho, tinha também de embelezamento pessoal passavam no salão de beleza, aprendiam manicura é, cortar cabelo, essa parte todinha de salão de beleza, eles aprendiam, e já preparava esses alunos também, para parte econômica para trabalhar, não sabe? Para dar o sustento para própria

família, assim também na parte agrícola, industrial e comercial, no comercial teve aluno que se empregou até no comércio com um pequeno certificado expedido pelas técnicas comerciais, eram curso técnicos de técnicas comerciais da própria TVE, então eram professores que tinham essa habilitação, não sei se você se lembra, que a secretaria da educação promoveu uma licenciatura curta para professores trabalharem nessa parte de técnicas? Foi no tempo daquele de profissionalizante? Então eles foram alunos, fizeram licenciatura nessas técnicas comerciais, agrícolas, de educação para o lar, ee foram trabalhar nessase quando fizeram o concurso, aí, o CEMA viu que esses professores tinham licenciatura nessa parte técnica então eles foram trabalhar, foram aproveitados.

SR: Naquele tempo, em que estava vinculado (a) a essa experiência, que aspecto(s) você destacaria para evidenciar a importância desta TVE?

FP: A importância da TVE, a TVE ela ela foi muito importante porque era a tônica do momento viu, era ímpar, uma experiência que..... inovadora, ela olhava tanto o tudo dela era preparando o aluno para ele ficar bem situado no tempo no espaço

SR: Você, também, deve se lembrar de fatos que prejudicaram o funcionamento da TVE/ Maranhão. Pode citar um ou alguns deles, explicando porque atrapalharam a experiência?

FP: A eu diria que tudo foi a questão política, a questão política também, porque a TVE, ela estava brilhante, aí o governo tinha já sua própria administração aqui, já o governo que veio, o novo governo aí ele já foi implantando o..... as escolas de fundamental de quinta e oitava série, aí já foi dividindo, aí como deixaram de, de, de..... o governo deixou de oxigenar aqui com o recurso e esses recursos ficou faltando material aí..... se ele.... foi tudo uma questão política.

SR: Me diz uma coisa, quando a televisão educativa estava no auge, as nossas escolas do ensino fundamental todas eram TVE? Ou paralelamente existia o ensino regular?

FP: Um pequeno número era regular, e regular muito desse, era de escola particular, e com o tempo eles foram criando, porque o CEMA ele foi criado para.... para atingir é..... educação de massa, para atingir a grande massa, que estava sem escola de fundamental de quinta e oitava série, não tinham professores especializados por disciplina para atender essa demanda e aí, foi baseado nisso, ele foi criado para atender essa.... e o ensino a distância, e chegaria até as outras áreas na capital e interior.

SR: Pela sua experiência na TVE/ Maranhão, você acha que é importante usar a TV para ensinar na sala de aula?

FP: Eu acho, eu acho, por que as aulas da televisão, eu fico assim hoje vendo, como era o.....o.....a filosofia de ensino pela televisão, ele fazia tudo aquilo, mais ele preparava o aluno, ele botava o aluno, não só para se encher de conhecimento, mais para ele refletir a situação em que ali estava e procurar alternativas, como no caso das situações problemas em cada final de aula, tinha situações problemas e essa situação problema de cada aula o aluno analisava aquela aula, e dentro daquele, dava sua....., fazia seu questionamento, fazia sua crítica e até apontava soluções.

SR: O que você viu de mais interessante na utilização da TV em sala de aula? Que vantagens você aponta no uso da TV na sala de aula? E as desvantagens, quais são elas?

FP: Não, é vantagem! E aí no mundo que se está, eu acho que ela, ela é a.....é a bola da vez.

SR: Você acha que os orientadores de aprendizagem tinham problemas? Que problemas você ressaltaria no trabalho dos orientadores?

FP: Não, não, não via porque os orientadores de aprendizagem eles eram admitido no CEMA por opção, eles faziam um curso, eles faziam concurso para ser admitido nesse sistema, então, eles iam pra lá sabendo que eles tinham que trabalhar bastante, mais é.....é.....eles já eram comprometidos por que ele já ia sabendo que o CEMA, ele era rigoroso com o horário, com as atividades viu, e cobrava muito, então, os orientadores já estavam,..... já entravam sabendo disso, faziam opção para entrar, porque fazia o concurso, ao contrário dos últimos tempos que chegou a esse.....a essa.... crise que teve, porque os orientadores foram..... eles eram forçados a ir, sem treinamento, sem preparo,

SR: os últimos que entraram não é? A vaga que tinha era da sala da TVE bota eles?

FP: É.....naquele tempo ele vinha por opção e, e..... atualmente eles vinham assim.... por imposição, sem preparação, e até desgostosos, os últimos orientadores eram assim, eles não eram preparados e não tinham material, eles estavam é.....totalmente soltos em sala de aula, porque você sabe, para trabalhar com o ensino tinha que ter preparo tinha que ter..... tinha que dinamizar por que o orientador, ele era mais para dinamizar, foi muito..... rico até esse trabalho da TVE, serviu para dirigir, para ser o senhortudo ele preparava o aluno ser ele mesmo, um ser, saber discernir, saber falar, saber sobretudo questionar, a gente vê os antigos alunos do CEMA, são questionadores em tudo, e eu até digo tambémque a filosofia do CEMA baseada em questionamentos, prepara alunos questionadores e os professores orientadores tudo.....são também questionadores..... quando a gente chega em um lugar se alguém na.....não sei quê..... oh! é do CEMA, alguém que não se contenta, que fala, que grita, que procura, que investiga, agente ficou.....

SR: Você acha que desses problemas enfrentados pela AO contribuíram para enfraquecer a proposta da TVE/MA?

FP: Claro foi, foi.....

SR: Em linhas gerais, como era o trabalho do OA?

FP: Ah! ele era para orientar, para dinamizar, viu! ele não dava aula, mais ele acompanhava, ele tinha, fazia programação,..... tinha a..... a programação prévia, ele acompanhava aquela programação e, e..... dinamizava, por que depois de cada aula, tinha os questionamentos, e os alunos distribuídos em equipes, viu! E ele tinha que explorar cada equipe, o trabalho de cada equipe, então ele, em síntese, ele era um dinamizador, ele dinamizava, orientava e também tirava as dúvidas, por que no momento quando era feito planejamento e os orientadores eram divididos por área, os que dominavam matemática, que tinha habilitação em matemática, era dividido por equipe e cada um, tirava a dúvida dos outros, que ele era polivalente mas, no momento do planejamento ele tinha oportunidade de ver as suas dificuldades e aquele grupo tirar suas dificuldades.

SR: Fora dos problemas com os orientadores, você identifica algum outro problema no funcionamento das aulas pela TV?

FP: Não! Eu vejo isso assim! A falta de material, a política que..... a questão política e os professores que chegaram despreparados, que foram por imposição.

SR: Os alunos (professores, técnicos) gostavam do trabalho? Acreditavam nele? Tem algum exemplo?

FP: Gostava! acreditava! Lá do Bequimão, aluno que..... hoje ele diz assim professora eu estou no Liceu, mas eu estou com tanta saudade da TVE, eu sinto muita saudade, porque ele ficava com aquele professor o tempo todo e aquele professor, naquele momento, ele tinha oportunidade de olhar de conhecer mesmos seus alunos, viu! Então, quando eles saíam dali, por exemplo: para o ensino médio, que as aulas eram.... um professor entra e outro sai, ele sentia dificuldade, e muitos alunos..... com depoimento de muitos alunos, oh! Professora, já sou formada em tal coisa, já estou formada.....eu já estou me sentindo uma vovó de tantos alunos formados.....

SR: Que motivos levaram o governo a desarticular a TVE Maranhão em relação à oferta da escolarização? Você acha que existiam outros motivos, não declarados, que levaram a essa desarticulação?

FP: Não! que eu sei, são só esses mesmos, a questão política, o investimento financeiro, a falta de, de..... empenho, de interesse foi tudo isso.

SR: Você acha que a TVE/ MA cumpriu a sua proposta de escolarização de pessoas desfavorecidas socialmente?

FP: Cumpriu, cumpriu..... naquela época que tudo foi dado, que ela funcionava com todaaparelhada mesmo, a gente ver assim os alunos dizendo: fui aluno do CEMA, e sempre eles estão assim numa posição assim, brilhante, então eu acho que ela deu.....deu o seu recado.

SR: Seria importante que ela retornasse? Por que?

FP: É!..... olha! Seria que ela retornasse, você sabe que a.....a.....vida é pautada de transformações, então que ela voltasse, que houvesse uma reforma atendendo os interesses de hoje, por que o que aquilo que passou ontem, as coisas boas, a gente traz como experiências que reforça, mais, sabe que tem que inovar, pra acompanhar a demanda, tem que inovar.

SR: Você acha que se deve continuar a usar a TV na sala de aula? Como?

FP: Eu acho.....eu acho, acho.....como seria? Assim? Por que a gente vê assim tudo.....hoje é educação nos países que..... o México, vários países assim que usaram a educação de massa é..... se valeram de..... da televisão para a educação, agora que eu acho assim..... que agente ver assim que isso aqui, é uma tecnologia que a gente não pode fechar os olhos, ela é a tônica do momento, e a aprendizagem..... ela.... ée a aprendizagem ela não se faz sozinho na sala de aula, viu! Para atingir as grandes massas, ela pode está.....eu posso está em casa estudando, viu! Não vou precisar só de estar no local fechado para estudar, como você sabe a distância também, não é, é um exemplo! Então ela atenderia, a..... necessidade de muitas pessoas que não poderiam estar naquele momento destinadas a sala de aula, é..... essa.... que a gente vê assim, exemplo de pessoas, de alunos, que estão se formando a distância, e que eles sabem que eles têm que procurar, tem que investi, eu acho que é a educação, temos aí a Internet que é,não é..... e vários outros artifícios, que tudo é educação a distância,..... o presencial é bom, viu!

ANEXO E - Lei de criação do CEMA/TVE/MA

Lei nº 3.016, de 1 de dezembro de 1969.

Autoriza o Poder Executivo a Instituir a FUNDAÇÃO MARANHENSE DE TELEVISÃO EDUCATIVA e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO MARANHÃO

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte

Lei:

Art. 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a instituir a Fundação Maranhense de Televisão Educativa, com sede e foro nesta capital e jurisdição em todo o Estado.

Art. 2º - A Fundação terá autonomia administrativa e financeira e adquirirá personalidade jurídica a partir da inscrição, no Registro Civil das Pessoas Jurídicas do seu ato constitutivo com o qual serão apresentados o Estatuto e o Decreto que o aprovou.

§ 1º - O prazo de duração da Fundação será indeterminado.

§ 2º - Para efeito de coordenação e controle, a Fundação será vinculada à Secretaria de Educação e Cultura.

Art. 3º - A Fundação terá por finalidade a difusão do ensino através da televisão e outros meios de comunicação, segundo os modernos princípios da pedagogia, de modo a integrar a juventude no processo de desenvolvimento do Estado competindo-lhe especificamente:

I - Ministrar o ensino médio, através de cursos regulares ou de madureza, ou, ainda, de programas especiais que atendam às exigências legais e aos interesses das comunidades;

II - Ministrar o ensino primário complementar, em apoio ao sistema educacional do Estado;

III - Promover cursos e atividades que concorram para a formação da juventude;

IV - Treinar pessoal docente destinado ao emprego dos métodos de ensino adaptados aos modernos recursos técnicos;

V - Promover o interesse pela pesquisa e o estudo, visando a preparação da juventude para o trabalho, através de técnicas adequadas;

VI - Desenvolver atividades auxiliares do ensino, em apoio aos seus programas de trabalho.

Art. 4º - A Fundação poderá instalar unidades educacionais em qualquer ponto do Estado, uma vez verificadas a viabilidade do seu funcionamento.

Parágrafo Único - A Fundação elaborará um Regimento padrão que regerá as suas unidades educacionais.

Art. 5º - A Fundação poderá obter com o apoio do Governo do Estado, os canais de televisão e as frequências de rádio que forem necessários às suas atividades.

§ 1º - As emissoras de televisão ou de rádio da Fundação não terão finalidade comercial.

§ 2º - Além dos meios próprios de comunicação, a Fundação poderá utilizar os de terceiros, na forma da legislação em vigor, para a expansão dos seus programas de trabalho.

Art. 6º - O patrimônio da Fundação será constituído:

I - por bens móveis e imóveis que por ela forem adquiridos ou que a ela forem transferidos pelo Estado;

II - por dotações orçamentárias e subvenções de pessoas de direito público;

III - por doação de entidades estatais ou paraestatais e de pessoas físicas ou jurídicas nacional ou estrangeiras;

IV - por receitas de seus serviços.

§ 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a doar à Fundação os bens móveis e imóveis necessários às atividades por ela desenvolvidas, assim como os equipamentos e os direitos a canais ou frequências de televisão ou rádio já obtidos ou que venha a obter, para fins educacionais.

§ 2º - A Fundação poderá formar convênios de acordos com Prefeituras ou entidades públicas e particulares, para prestação de serviços e fornecimentos de material didático, mediante remuneração.

Art. 7º - São órgãos da Fundação:

I - O Conselho Diretor.

II - O Presidente.

Art. 8º - O Conselho Diretor exercerá atribuições administrativas da Fundação.

Art. 9º - O Órgão Executivo da Fundação é o Presidente do Conselho.

Art. 10º - O Conselho Diretor será constituído de seis (6) membros efetivos e dois (2) suplentes, escolhidos, uns e outros, dentre pessoas de libada reputação e competência, ligadas às atividades educacionais e técnicas.

Parágrafo Único - O Presidente do Conselho Diretor será o Secretário de Educação e Cultura.

Art. 11 - Os membros do Conselho Diretor exercerão mandato de quatro anos, podendo ser reconduzidos.

Art. 12 - A renovação do Conselho se fará de dois em dois anos, pela metade, mediante nomeação do Governador do estado, dentre os nomes propostos pelo próprio Conselho, em listas tríplexes para cada vaga.

Parágrafo Único - Os membros do primeiro Conselho Diretor serão livremente nomeados pelo Governador do Estado, sendo três para período de quatro anos e três para período de dois anos.

Art. 13 - A organização interna e a competência dos órgãos da Fundação serão definidas no respectivo Estatuto.

Art. 14 - Cabe ao Presidente a representação da Fundação em juízo e fora dêle, e em suas relações com os poderes e órgãos da administração pública.

Parágrafo Único - A delegação dos poderes do Presidente será regulada nos Estatutos da Fundação.

Art. 15 - O regime financeiro da Fundação obedecerá aos preceitos seguintes:

I - o exercício financeiro coincidirá com o ano civil;

II - a proposta orçamentária terá por fundamento o plano de trabalho de cada exercício e será encaminhada à deliberação do Conselho Diretor até 15 de agosto;

III - durante o exercício financeiro poderão ser autorizadas pelo Conselho Diretor novas despesas, desde que justificadas pelas necessidades de serviço e haja recursos disponíveis;

IV - os saldos de cada exercício serão aplicados obrigatoriamente na expansão das atividades educacionais.

Art. 16 - A prestação de contas obedecerá às normas legais de administração financeira e será publicada no Diário Oficial do estado.

Parágrafo Único - Aprovada pelo Conselho Diretor, a prestação de contas será remetida ao Tribunal de Contas do Estado.

Art. 17 - Os servidores da Fundação serão regidos pela Legislação do Trabalho

Art. 18 - Integrará a Fundação o Centro Educacional do Maranhão, com sede nesta capital, com todo o seu acervo e seu pessoal.

Art. 19 - Fica o Poder Executivo autorizado a abrir, pela Secretaria de Educação e Cultura, o crédito especial de NCR\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros novos), com recursos provenientes da receita corrente do Estado, para ocorrer às despesas de instalação e início de funcionamento da Fundação Maranhense de Televisão Educativa.

Parágrafo Único - O crédito a que se refere este artigo ficará às despesas correntes e de capital da Fundação.

Art. 20 - O Estado dotará recursos orçamentários para atender às despesas correntes e de capital da Fundação.

Art. 21 - Extinguindo-se, por qualquer motivo, a Fundação, incorporar-se-ão os seus bens ao patrimônio do Estado.

Art. 22 - Dentro de trinta dias a contar da publicação desta Lei o Poder Executivo aprovará o Estatuto da Fundação e promoverá a sua inscrição no Registro competente.

Parágrafo Único - No ato de constituição representará o Estado o Secretário de Interior e Justiça.

Art. 23 - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente Lei pertencerem que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. Os Exmos. Senhores Secretários do Interior e Justiça e de Educação e Cultura a façam publicar, imprimir e correr.

Palácio do Governo do Estado do Maranhão, em São Luís, 19 de dezembro de 1969, 147º da Independência e 80º da República.

JOSÉ SARNEY
Cícero Neiva

ANEXO F - Plano Pedagógico do CEMA/TVE/MA

Introdução ao Plano Pedagógico

Muito do que está hoje implantado no CENTRO EDUCACIONAL DO MARANHÃO, foi antes testado em outra experiência de educação renovada - o Centro Integrado de Educação de Colinas (CINEC), no interior do Estado. O presente documento situa, historicamente, as origens da filosofia pedagógica na dinâmica das centenas de telessalas do seu sistema de recepção.

I - PRELIMINARES

1. Em novembro de 1968, o Exmo. Sr. Secretário de Educação e Cultura do Maranhão dirigiu ofício ao Diretor do Centro Integrado de Educação de Colinas - CINEC - convidando-o com sua equipe de técnicos e professores, para elaborar o Plano Pedagógico de um Centro Educacional do Maranhão com circuito fechado de televisão a ser criado e instalado por aquela Secretaria no bairro do Cavaco, em São Luis capital do Estado, em princípio de 1969.
2. O convite, por demais honroso aliás, repercutiu profundamente em nós, que constituímos a equipe do CINEC, o interpretamos como uma aprovação pelas autoridades educacionais do Estado ao trabalho que realizamos em Colinas na educação da juventude do Médio-Sertão Maranhense. Mais uma prova tivemos de que o idealismo, o esforço, o sacrifício mesmo e a seriedade com que desenvolvemos a obra educacional de Colinas, segue rumo acertado e é valorizado pelos que sabem avaliar os serviços prestados ao povo, visando ao desenvolvimento.
3. A honra não nos faz esquecer a responsabilidade em que o convite implicou. Por isso, tendo aceitado mesmo, nossa primeira atitude foi aplicar-nos seriamente ao estudo, com vistas a entrosar-nos fielmente com a realidade da tarefa assumida. O corpo docente do CINEC foi posto em função de estudo e pesquisa, analisando e discutindo todas as tarefas do empreendimento e a posição que deveríamos assumir com relação ao mesmo, sem traírmos a fidelidade à nossa filosofia de trabalho. Através de reuniões sucessivas, conseguimos estabelecer as linhas mestras do Plano Pedagógico solicitado.
4. Valemo-nos, como era natural, da nossa própria experiência, realizada em Colinas, pelo CINEC, donde partimos em nossa reflexão para chegar àquele delineamento. Consciente das dimensões do empreendimento pretendido, cuidamos, desde logo, de criar fórmulas, perspectivas e técnicas, uma vez que não seria possível empregar fórmulas transplantadas para a realidade bem diferente daquela em que trabalhamos. Não só o próprio trabalho do Centro Educacional do Maranhão, será por si mesmo uma inovação, como o meio em que ele será aplicado é bem diverso da realidade colinense. Com esta visão e com esta convicção, estabelecemos os vários pressupostos, sobre que nosso trabalho de elaboração do Plano Pedagógico deveria fundamentar-se e que, em síntese, mostramos a seguir.

II - PRESSUPOSTOS

1. O primeiro elemento a ser considerado na concretização do Centro Educacional do Maranhão será o meio, que o receberá e abrigará, ou seja - o bairro do Cavaco em São Luis, capital do Maranhão. O bairro é habitado em quase sua totalidade, por famílias pobres, sem educação, mas, mesmo assim, envolvidas na onda da renovação e crescimento que a cidade atravessa, por força do dinamismo imprimindo na administração, pelo atual Governo Estadual. Obras do porto da BR -135 em asfaltamento, do Porto do Itaqui, da Barragem do Bacanga, além de outras, abalam profundamente as mentalidades e geram um clima d anseios de comunicação de massa - rádio, jornal, televisão, cinema - que multiplicam àquele anseio, transformados em angústia, quando esbarram na realidade sócio-econômica da região.

O Centro Educacional do Maranhão irá acolher crianças e adolescentes pobres, famintos, atrasados (mal iniciados nos estudos), entusiasmados pelas conquistas da realidade em que vivem inseridas. Crianças que montadas no cavalo de pau, sabem distinguir o Galáxie LTD do Corcel e do Sedan Pé-de-boi que corre pela Avenida Kennedy.

2. O Centro Educacional do Maranhão será uma escola pública com todas as vantagens (inúmeras sem dúvidas) e desvantagens das obras governamentais. A par das possibilidades financeiras dos recursos técnicos e de pessoal, não pode ser esquecido o escalonamento de decisões, os controles, às vezes por demais rígidos, administrativos e de recursos, e as implicâncias políticas. O próprio prestígio de que gozam

as obras públicas e um dado a ser considerado validamente. Seja qual for a forma que receber - autarquia, seção ou outra, o Centro Educacional do Maranhão não escapará da realidade da escola pública maranhense.

3. Dado fundamental a ser considerado na organização do Centro Educacional do Maranhão é o emprego da televisão por circuito fechado. Sob duplo aspecto a televisão deve ser pensada na nova escola: como meio técnico, poderosíssimo e como investimento financeiro vultuoso, principalmente considerando-se a realidade econômica do Estado do Maranhão, onde o uso de televisão como meio de ensino poderá até chocar os menos avisados.

Considerando no seu aspecto técnico, o circuito fechado, a par da verdadeira revolução metodológica na sistemática do ensino (quebrando tabus e destruindo mitos), exigirá mão-de-obra especializada e adaptações profundas do pessoal docente às exigências pedagógicas e técnicas da aula de televisão. Problemas que não poderão ser esquecidos são os de relacionamento professor-aluno, dentro da realidade da aula de comunicação da TV. Já quanto ao seu aspecto de investimento, no circuito fechado deverá exigir uma produtividade de elevado índice, devendo alcançar resultados cientificamente compensadores do volume da inversão financeira e da carestia de manutenção.

O Centro Educacional do Maranhão assim, não poderá ser uma escola qualquer, com trabalho rotineiro, com resultado de qualquer espécie - mas, ao contrário, terá de se constituir numa escola inovada com resultados matematicamente calculados, procurados e alcançados.

4. São Luis já conta com regular contingente de mão-de-obra especializada para trabalho docente - originário, principalmente, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Maranhão. Tal mão-de-obra deverá, ser preferida, enquanto possível, para a realização do trabalho do Centro Educacional do Maranhão, cujo êxito irá depender em grande parte, do gabarito técnico profissional de seus realizadores. Outrossim, dado o seu caráter inovador, o Centro exigirá de seu pessoal disponibilidade em tempo integral e treinamentos prévios em preparação ao trabalho que irão realizar.
5. O que já se disse a respeito do meio onde funcionará o Centro Educacional do Maranhão - a bairro do Cavaco - aplica-se em parte aos alunos, que serão acolhidos por aquela escola. Serão alunos de classe proletária, na grande maioria. Com tal procedência, esses alunos oferecerão características que não poderão ser esquecidas no planejamento de realização de trabalho: precárias condições físico-orgânicas, desnutrição, baixo índice cultural, carência de hábitos sociais, angústias, etc. Também deve-se levar em conta o número de alunos a ser recebido pelo CEMA - cerca de 6.000. Tal volume de adolescentes requer fórmulas de acompanhamento e controle muito precisas e que ponham de lado qualquer elemento de repressão e coação sob pena de transformar o Centro num amontoado de problemas e deformações. Em comunidade estudantil de tal monta, não se pode prescindir da dinâmica do grupo, única fórmula de conduzir eficientemente o adolescente.
6. O prédio onde funcionará o Centro Educacional do Maranhão é uma adaptação de antigos galpões e garagens do DER. Mais um dado a ser somado ao conjunto de elementos de previsão do plano da escola em estudo. Não se trata de um prédio construído para abrigar uma escola para televisão. Ao contrário, uma escola para televisão será implantada num prédio pré-existente, adaptando-se enquanto possível à sua funcionalidade ideal para o tipo de trabalho a ser implantado.
7. Não pode ser desmerecida ou esquecida a época dentro da qual a experiência será desenvolvida. O próprio elemento chave da experiência - a televisão - é de si produto desta época. Dominada pelas comunicações que atingiram avanços inimagináveis outrora, a decadência que estamos concluindo impõe transformações e reajustamento no método de trabalho. É a escola - que prepara líderes, que prepara técnicos, que prepara povo - mais do que qualquer outra instituição deve rever e repensar sua estrutura e sua dinâmica. Enfim, deve reformar-se para não permanecer ultrapassada, (já perdeu a corrida para a tecnologia) alienada, inoperante. Os conflitos, as conquistas científicas, os dramas do subdesenvolvimento a realidade sócio-política brasileira, as tensões universais - eis novos tons a serem harmonizados no quadro geral da concepção do Centro Educacional do Maranhão. Por ser ampla para a sociedade atual não pode esquecer a realidade da exigência, os imperativos e as conquistas desta mesma sociedade.
8. Finalmente, imposições de suas próprias características, o Centro Educacional do Maranhão deve ser uma escola de qualidade quer pelos métodos que aplica, quer pelos resultados alcançados. E, deste modo, dará respostas à crise de que se acha envolvida a escola secundária brasileira, vítima da indefinição filosófica e sociológica, vítima da superação dos métodos e técnicas e, por conseqüência, ineficaz e improdutiva.

O próprio investimento que a televisão representa é uma demanda a mais de qualidade no trabalho do Centro, que deve oferecer resultados compensadores, também quanto ao aspecto econômico. Ele deve

pagar-se pelas, levar que soltar e alunos ajustados ao meio e à época ativos autônomos, dotados de espírito crítico, solidários. Somente assim, daqui a mais alguns anos, os menos avisados irão dizer “grande coisa fez o Maranhão ao adotar EM TEMPO a televisão como meio de educação”.

III - FUNDAMENTAÇÃO

1. A reflexão que nos conduziu à elaboração do PLANO PEDAGÓGICO DO CENTRO EDUCACIONAL DO MARANHÃO - incorporado no anexo do Projeto de Regimento Interno, fundamentou-se em certas definições que formam a base de sustentação do referido Plano.

A análise dessas definições facilitará a compreensão do Plano.

2. OBJETIVOS:

Dentro das grandes linhas da filosofia da educação nacional, definida nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Entendemos que o CEMA, deverá perseguir objetivos concretos realistas e bastante funcionais, além de corretivos de distorções absurdas, existentes na educação brasileira e maranhense, a escola secundária não está formada e nunca irá formar a juventude brasileira, enquanto permanecer sobrecarregada de matérias alienadas da realidade social, servindo-se de métodos anacrônicos sem metas definidas a alcançar e até desconhecendo o tipo de aluno que possui.

Em vista disso o CEMA será uma escola “consciente” de suas condições de ambiente físico e temporal onde se acha inserida das pessoas que deverão ser objeto de seu trabalho e da tarefa que lhe caberá cumprir com eles, para que eles aprendam a cumprir as tabelas que a sociedade lhes oferecerá. Como, decorrência da própria função da escola secundária, ao CEMA não caberá instruir, mas formar. Ao invés da escola, conteúdo será ambiente de preparação para a vida, pela própria vivência de realidade de hoje. Procurará, sobretudo, dotar o adolescente dos instrumentos e das fórmulas capazes de conduzi-los à sua realização como pessoa livre, autônoma, - como cidadão participante e atuante na comunidade sócio-política de seu país.

Assim, a transformação sócio-cultural presente na sociedade maranhense, a conjuntura tecnológica da época atual, a força dos modernos meio de comunicação, a vida política brasileira, a necessidade de aprender a estudar, a demanda de vagas para a escola secundária - são pontos que o CEMA porá como balizas, na realização do seu trabalho, que deverá ser correto, produtivo e honesto.

3. PRINCÍPIOS E MÉTODOS

Conhecedores de realidades de ensino e do trabalho no Maranhão, em que nem sempre despontam exemplos de realismo, solidariedade e organização, sentimos necessidade de estabelecer para o CEMA diretrizes de ação e de trabalho. Virão assegurar um mínimo de ordem e eficiência no desenvolvimento da experiência. Preso aos princípios filosóficos e aos métodos básicos do CEMA, o professor terá que, pelo menos criar estilo novo de docência e ação educativa. Sem inovarem, os princípios sugeridos configuram a doutrina fundamental a educação nova, infelizmente ainda reconhecida em nossas escolas. Conquistas já pacíficas das ciências como a psicologia e a sociologia são, senão ignoradas, pelo menos desprezadas e não adotadas nas escolas maranhenses de modo geral. Fazia-se necessário, pois, uma fórmula para atrair essas conquistas para a realização do ensino. Vislumbramo-lo na enunciação de certos princípios e métodos fundamentais, por cujo cumprimento ou emprego os professores se comprometerão, por exigências profissionais e em decorrência da própria estrutura e dinâmica do CEMA. Num clima geral de renovação, o trabalho de cada professor só terá uma saída: renovar-se também.

4. ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

A rigidez e estática da cadeira, preferimos para o CEMA a estrutura departamental - mais maleável e dinâmica. O tipo de trabalho, que se quer realizar com aquela escola, exigirá esquemas de trabalhos mais abertos e flexíveis onde se possam operar adaptações, reformulações e ajustamentos. Outrossim, a organização departamental, de si já impõe trabalho em equipe, mais seguro, mais eficiente e mais educativo. A troca de experiência, a dialética interna, a convivência e o ambiente crítico, resultado do trabalho em equipe, garantem certamente resultados mais rendosos e duradouros na ação docente.

O Departamento subdividir-se-á em grupos que serão as unidades básicas do ensino. Os encarregados de cursos receberão orientação do respectivo chefe, com que formarão uma equipe. Haverá três Departamentos, englobando em outras tantas áreas as diferentes matérias e práticas do currículo.

5. COMUNIDADE ESTUDANTIL

A massa de aluno do CEMA, dado seu imenso volume, abrangendo entre 1.000 e 6.000 alunos, exigirá muitas habilidades da parte dos seus orientadores e condutores, para que esses números não se transformem em obstáculos para o êxito do empreendimento. Uma organização de alunos sobre suportes disciplinares rígidos, tipo militar, não teria sentido no Centro tanto por serem incompatíveis com a realidade psicológica do adolescente, como pela superação em que essas estruturas se encontram na sociedade atual.

As contrárias, a única arma válida a ser usada no controle e movimentação dos alunos, será a liberdade e só a liberdade sem esquecer-se, naturalmente, da válvula da responsabilidade que a deve cercar como garantia de equilíbrio. A dinâmica de grupo - experimentada com êxito em outras partes - é a fórmula que apontamos como capaz de, a um só tempo, dinamizar e equilibrar a ação dos discentes. A adolescência é uma idade que exige o grupo como meio de equilíbrio e desenvolvimento. Nas classes e nas outras áreas, o grupo será a unidade básica de organização. Tudo o mais no estabelecimento estará orientado no sentido de criar o ambiente ideal para que esses grupos atuem sobre seus ombros que, assim, se educarão melhor.

As práticas educativas serão realizadas através de órgãos e promoções da Comunidade Estudantil, de maneira muito maleável e bastante dinâmica. Aos Orientadores de Aprendizagem justamente com a Coordenadoria de Orientação Educativa, caberá orientar e estimular o desenvolvimento dessas atividades, o que deverá acontecer, enquanto possível, num clima de realismo e seriedade. A Educação Física, por exemplo será dada através dos esportes que todos os alunos praticarão, desprezando os clássicos e indesejadas sessões de ginástica, pela madrugada a fora.

As atividades extra-classe serão a própria Comunidade Estudantil movimentada e animada pelas diversas programações. Esta é a maneira mais certa de educar e quanto mais certo se pode educar melhor.

6. SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO EDUCATIVA

Sugerimos a existência de um Serviço de Orientação Educativa como parte integrante do CEMA, organizado porém em moldes diferentes dos adotados comumente. O fato se explica porque a dinâmica realizará com muito mais eficiência, toda uma gama de funções, que aquele Serviço poderá realizar se fosse classicamente constituído, montado e equipado. Mas isso, dentro das condições do Maranhão, é no momento impossível, faltam os técnicos e faltam também recursos. A obra em nada perderá, entretanto, dada a validade e a eficácia do sistema de grupo.

O Serviço de Orientação Educativa terá no CEMA função *sui generis*. Será como que uma assessoria, para estimular, para subsidiar. Tarefa que lhe caberá também será participar do trabalho de avaliação escolar, através do acompanhamento da aprendizagem e da estratégia de recuperação dos alunos. Este serviço será entregue a uma equipe, que se organizará funcionalmente conforme suas atividades.

7. A AÇÃO DOCENTE

Servindo-se do excelente meio de comunicação - a televisão - a ação docente do CEMA, por isso mesmo, teve de ser pensada em termos bastante concretos, dentro da realidade dos alunos que irão ser educados. Adolescentes em plena expansão, precisam de se considerados como tais, não suportarão fórmulas aplicadas mesmo com êxito, a adultos e a outros tipos de alunos. Segundo a realidade psico-social de nossos alunos, um único professor, por intermédio do monitor eletrônico, instalado na sala de aula, não iria alcançar grandes resultados, em termos de aprendizagem. Além disso não sabemos durante quanto tempo lograria manter o interesse de uma turma de adolescente imaginosos e ativos, largados sozinhos numa sala de aula sem ter quem lhes dessem respostas a uma dúvida, solução para um impasse proteção para um desequilíbrio. Até mesmo quantos problemas nasceriam dessa situação não sabemos calcular embora tenhamos certeza de que eles surgiram. A fórmula encontrada foi a inclusão de mais um elemento uma tarefa de ensinar - o Orientador de Aprendizagem - que, junto com os alunos se encarregará de encaminhar e explorar a mensagem lançada pelo professor através da televisão, acompanhando o trabalho de cada grupo e de cada aluno, oferecendo respostas, animando com sua presença prestigiando a vida da classe.

Haverá um professor para cada matéria que dará aula na televisão para todas as turmas, ao mesmo tempo e em cada turma um orientador de aprendizagem, para o trabalho especificado. Os Orientadores de Aprendizagem se fixarão em área de ensino correspondendo aos departamentos. Dentro da problemática do magistério do Maranhão, o número de três monitores para cada turma (um por Departamento) foi a fórmula mais viável e realista. A eles caberão ainda tarefas outras ligadas ao sistema de práticas educativas e ao trabalho de avaliação, associando-se nisso aos professores das matérias que lhes digam respeito e ao Serviço de Orientação Educativa.

8. CIRCUITO FECHADO DE TELEVISÃO

Sendo a principal meio de trabalho educativo no CEMA, a Televisão conservará seu caráter de meio, de instrumento mais valorizado, pelo seu elevado poder de convencer, de persuadir. Sem dúvidas a Televisão levará a resultados nunca alcançados em escolas que não a empregam. É quase mágica a sua força sugestiva e por isso mesmo calará fundo nos alunos as mensagens por ela conduzidas. Isso impõe, por outro lado, cuidados especiais por parte dos professores para evitar excessos, distorções, deslocamentos e prejuízos do equilíbrio da aprendizagem dos adolescentes. A televisão é na experiência, o elemento chave, e pedra de toque de inovação, mas sem sair de seu devido lugar.

9. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

O sistema de avaliação na escola brasileira - fundamentado na competição individual pela prova e pela nota, medindo somente a assimilação de matéria - é principal responsável por toda uma crise, que grassa na educação do nosso país. No CEMA, o sistema de avaliação será o elemento mais revolucionário da experiência. Mudando completamente as perspectivas da educação e da aprendizagem - a avaliação estruturar-se-á partindo dos objetivos da educação e da realidade bio-psíquica e espiritual do aluno. Dando a assimilação de matéria a devida proporcionalidade na montagem da aprendizagem, outras áreas da personalidade serão valorizadas e acompanhadas em seu crescimento. O resultado será desenvolvimento e equilíbrio do adolescente, consciente de sua realidade pessoal, de suas responsabilidades de suas conquistas e da sua capacidade - ou seja o adolescente é educado integralmente.

Ao invés de ser olhado apenas pelo que das matérias assimilou, toda a sua presença, a sua participação, o seu esforço, o seu relacionamento, a sua produtividade, as suas qualidades formarão um conjunto harmonioso de pontos a serem observados, acompanhados e controlados com vistas à formação de um diagnóstico de sua situação e de suas condições. Deste diagnóstico partir-se-á para a recuperação, se for o caso, ou para o aprimoramento. E os alunos, entre outras coisas, não sentirão necessidade de “colar”, o que não os levaria a nada.

10. INICIAÇÃO PROFISSIONAL

O CEMA é uma escola, mas na condição de subdesenvolvimento do Maranhão e do compromisso de fazer-se educação integral, e tendo em vista a situação econômico-financeira e sua clientela, filhos de operários dos bairros de São Luís, não pode negligenciar a educação para o trabalho? O CEMA não será uma escola profissional, mas fará a iniciação dos seus alunos para o trabalho. Valendo-se de instituições e órgãos com objetivos de ministrar educação profissional existentes em São Luís, o CEMA proporcionará a seus alunos, a maneira de prática educativa, cursos e ensinamentos profissionais, levando em conta as tendências e as necessidades de cada um e programados conforme o mercado de trabalho existente, para possível assimilação da mão-de-obra preparada.

11. DOCUMENTAÇÃO

Em virtude de caráter experimental atribuído ao CEMA impõe-se a montagem de um SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO, naturalmente segundo as condições locais. Será um instrumento de alto valor não só para a realização dos trabalhos docentes como também para a análise dos resultados da experiência.

Por ser inovação, o CEMA exigirá de seus realizadores estudos constantes e progressivamente aprofundados, com vistas a melhor realização do trabalho.

12. IMPLANTAÇÃO:

A premência de tempo entre a concepção, a organização e a realização da experiência do CEMA não permitirá a escolha e a preparação conveniente do pessoal encarregado de realizá-la. Disso poderiam resultar impasses que ameaçariam o êxito do empreendimento. Entendemos que a solução para o problema seria a participação dos criadores e organizadores na implantação da experiência. Essa participação dar-se-ia através de ação supervisora do Grupo Criador durante um período de pelo menos seis meses, de modo que houvesse uma comparação efetiva entre o fazer e a concepção da experiência, apontando-se corretivos sempre que necessários. Embora acompanhado de perto, o Grupo permaneceria de fora para ter melhor perspectiva.

São Luís, dezembro de 1968.

José Manoel de Macedo Costa
Diretor do CINEC

Antonio Luis de Macedo Costa
Vice-Diretor Pedagógico do CINEC

Funções do Orientador de Aprendizagem

O Orientador de Aprendizagem - o novo tipo de professor que a TVE maranhense criou - desenvolve atividades variadas, complexas e, até certo ponto, desconhecidas para ela. O presente documento pretende descrever e explicar os detalhes e as razões dessas atividades.

1. O nome Orientador de Aprendizagem define a função que lhe é atribuída: orientar, animar e auxiliar o aluno, na sua ação para a aprendizagem. Ele constitui a espinha dorsal do sistema de educação pela TV. È o pedagogo propriamente dito.
2. O Orientador de Aprendizagem é o responsável pela vida e funcionamento da telessala, tendo sempre em mente os objetivos que busca atingir, por isso lhe compete criar o meio (ambiente) onde o aluno encontre condições para atender sua necessidade, com vistas ao desenvolvimento integral de sua personalidade.
3. Muito importante na ação do Orientador de Aprendizagem, é a filosofia que inspira seu trabalho. Ele deve proceder como desempenhando a tarefa mais importante com compromisso de alcançar os melhores resultados. Se estes resultados não serão agora, com este trabalho e para estes alunos, não serão alcançados jamais. E aqui trabalhará com pessoa humana, que não admite sequer a menor leviandade.. Assim a responsabilidade, que se manifesta pela dedicação e disponibilidade, pela pontualidade e fiel cumprimento do dever, e uma aplicação séria ao estudo e a fidelidade aos planos e programas constituirão as virtudes características do O.A.
4. Não se diga que os objetivos são apenas desejados e não serão alcançados. O O.A. trabalhará, por todo um ano, numa turma de 49 alunos, podendo assim fazer trabalho eficiente. É diferente a situação do professor convencional que, muitas das vezes tem sob seus cuidados numerosas turmas e muitas centenas de alunos, e só dificilmente pode aplicar-se devidamente a cada um. O O.A. poderá fazer muito pela formação dos seus.
5. Sabemos que a aprendizagem se realiza por uma reflexão pessoal do aluno e será tanto melhor quanto for maior seu interesse e motivação para o estudo. Então será fundamental, para o nosso trabalho, o relacionamento Aluno - Orientador de Aprendizagem, que deve usar de toda sua criatividade para estabelecer as melhores relações com seus alunos. Verdade que o plano pedagógico de nosso sistema pelos princípios e métodos adotados, já tem compromissos com este tipo de relacionamento. Mas somente o O. A., esforçado e zeloso, será capaz de transformar a letra de regimento e dos planos em vida na classe e em educação verdadeira para o aluno.
6. É verdade que o trabalho, na telessala, será ditado pela capacidade, pela dedicação, pela criatividade e pelo entusiasmo do O. A. Entretanto os propomos sugerir algumas atividades julgadas indispensáveis para que e obtenha os resultados.
- 6.1 Planejamento: Os numerosos O. A. do sistema de educação pela TVE buscam resultados idênticos, assim devem ter unidade de procedimento, que resultará do trabalho planejado conforme e desenvolvendo normas estabelecidas pela Diretoria Pedagógica.

7. Serão atribuições principais do O. A.:

- 7.1 Elaborar Plano de Atividade Diárias, baseando-se no horário e no Plano de Emissão previamente distribuídos;
- 7.2 Estimular e coordenar as atividades de exploração das emissões lançadas no dia e das práticas educativas, bem como, desenvolver o processo de recuperação dos alunos, valendo-se sempre da dinâmica de grupo.
- 7.3 Fazer a avaliação da aprendizagem e o controle da freqüência dos alunos, preenchendo os modelos devidos.
- 7.4 Promovem as relações com a família, cumprindo planejamento da coordenação respectiva.
- 7.5 Levar os alunos de sua turma a encontrarem soluções para problemas como:
 - a) Conservação e limpeza da telessala;
 - b) Aquisição e distribuição das apostilas;

- c) Realização das Práticas Educativas e promoções escolares;
- d) Organização e funcionamento de Biblioteca de Classe, estante de Ciências, Oficinas de Serviços, Jornal de Classe, etc. "...

7.6 Fornecer relatórios e informações solicitadas.

8 As funções do O. A. serão cumpridas em 30 horas de trabalho semanais que correspondem a 28 horas, na turma e 2 horas em outro turno e num só dia, conforme programação da Diretoria Pedagógica, em reunião e atividades para estudo e seu aperfeiçoamento.

Organização das Telessalas - Núcleos Estudantis

As distâncias naturalmente decorrentes dos sistemas de teleducação dificultam o controle das unidades. No sistema maranhense de TVE, a telessala recebe organização *sui generis*, dotada de autonomia e dinamismo e funciona como verdadeira miniescola. Assim, conduz-se por si mesma, sob a direção do Orientador de Aprendizagem sem necessidade de interferência superior.

1. Cada telessala do sistema maranhense de televisão educativa, integrando o Centro Educacional do Maranhão - CEMA - constituirá um Núcleo Estudantil onde o aluno desenvolverá, de modo integrado e equilibrado sua formação.
2. O Núcleo Estudantil será o Conjunto de Equipes de Estudo e de Centro de Trabalho composto, livremente pelos alunos, conforme suas tendências, aptidões ou aspirações.
3. As equipes de Estudos assumirão os Centros de Trabalho, complementando-se ambos como meio para a aprendizagem do aluno em formação. Cada equipe de Estudos encarregar-se-á da função de um Centro de Trabalho, podendo haver rodízios periódico no exercício desta função, durante o ano.
4. Haverá, em cada Núcleo Estudantil, seis Centros de Trabalho, conforme as seis áreas seguintes: científica, artística, econômica ou prática, religiosa, social e política.
5. A ação dinamizadora e coordenadora de cada Equipe, no exercício de sua função envolverá, enquanto possível, a participação de todos os alunos da turma, como os subsídios do Orientador de Aprendizagem.
6. O Orientador de Aprendizagem será o responsável por uma permanente ação estimuladora das atividades discentes e oferecerá, ao aluno, através de sua presença a segurança de que precisa para desenvolver-se equilibradamente.
7. A estrutura da telessala será a do próprio Núcleo Estudantil sem duplicação de funções e de atividades.
8. Cada aluno, integrado numa Equipe de Estudos, poderá percorrer durante o ano, todos os Centros de Trabalho da turma exercitando assim, suas diferentes tendências sem prejuízo da dominante.
9. Haverá, no Núcleo Estudantil, uma equipe Dirigente, além das já mencionadas, constituídas pelos representantes ou líderes de todas as Equipes de Estudos, e que terá funções específicas de deliberação, direção e coordenação.
10. Será eleito pela escolha universal dos colegas um chefe ou líder da turma com a função de representar, defender e orientar a turma como tal em seus diversos interesses e compromissos. O chefe da turma atuará conforme os regulamentos estabelecidos pela própria turma.
11. Serão os seguintes os Centros de Trabalhos em cada turma:

11.1 Clube de Ciências: com atribuições de caráter científico, realizando entre outras coisas, a preparação e dinamização na turma aa Feira de Ciências do CEMA, publicação de trabalhos científicos no jornal da turma; organização e manutenção da Estante de Ciências, realização de pesquisa e demonstrações científicas diversas;

- 11.2 Clube de Artes:** com atribuições de caráter artístico, realizando entre outras coisas a decoração da sala da turma, a preparação e dinamização do Festival de Artes do CEMA, ilustração do jornal da turma, realização de exposições artísticas diversas;
- 11.3 Clube de Serviços:** com atribuições de caráter econômico e prático; realizando entre outras coisas os trabalhos de tesouraria da turma, controle de distribuição das apostilas, organização e manutenção da Oficina de Serviços, montagem e conserto de pequenos móveis e utensílios, plantação de hortas, canteiros e etc.
- 11.4 Clube Cívico-Religioso:** com atribuições de caráter religioso ou místico, realizando entre outras coisas a preparação da turma para festividades religiosas e cívicas diversas, comemoração das datas nacionais e religiosas, participação no jornal da turma com uma coluna de assuntos cívicos e religiosos;
- 11.5 Clube de Ação Social:** com atribuições de caráter social, realizando entre outras coisas a promoção de festinhas e movimentos sociais, organização e manutenção da Biblioteca de Classe, organização e animação da vida esportiva da classe, promoção do lazer da turma;
- 11.6 Clube de Ação Política:** com atribuições de caráter político, realizando entre outras coisas os trabalhos e movimentos eleitorais, estudo e discussão de problemas políticos da turma e da escola, organização e manutenção do Jornal da Turma, fiscalização dos dirigentes na administração dos interesses da turma;
- 11.7 Clube de Ação Sanitária:** com atribuições de caráter sanitário, realizando entre outras coisas as campanhas de saúde e higiene, promoções relacionadas com a nutrição dos alunos e manutenção do Pronto Socorro da Turma.
- 12 O conjunto dos Núcleos Estudantis constituirá a Comunidade Estudantil do CEMA organização superior com atribuições normativas e orientação e coordenação e que terá estrutura própria. Cada Núcleo Estudantil sem o prejuízo de sua autonomia e independência, vincular-se-á àquela organização superior de quem receberá subsídios e apoio no seu trabalho formando um todo harmônico e auto dinamizado.

O Ciclo de Aprendizagem

No sistema maranhense de ensino por televisão, a aula foi redimensionada integrando o impacto da mensagem da TV à atividade do educando, estimulada pelo ambiente de grupo e desenvolvida numa seqüência de etapas encadeadas. Esse processo chama-se Ciclo de Aprendizagem - o novo conceito de aula.

1. O processo educativo, dinâmico por sua natureza deve adaptar-se, permanentemente às necessidades biopsíquicas do educando e as mudanças culturais ocorridas no meio, em cada época.
2. Conseqüentemente a didática (ciência do ensino) deve adaptar-se às condições individuais do educando conforme o momento em que se realiza. Ela deve progredir, portanto. E nesse progresso está implícita sua adaptação crítica às conquistas da técnica, de modo a não acompanhar, passo a passo a evolução científica, mas até mesmo provocar ou apressar esse avanço, no que lhe disser respeito.
3. Tratando-se de adolescentes, principalmente de adolescentes da era espacial a didática precisa ser não só dinâmica, mas dinamizadora, provocando assim o aceleração que a escola deve receber em seus métodos para não permanecer à margem do tempo.
4. A conduta do ser humano do ser humano é de dupla natureza:
 - 4.1 **Senso-motora**, utilizando-se de reflexos, baseando-se no automatismo e tendo por resultado a aquisição de hábitos mais ou menos estereotipados;
 - 4.2 **Reflexiva**, utilizando-se do pensamento operatório, baseando-se em julgamentos e avaliações e resultando em atitudes e prontidão.
5. Cabe a maturação e à aprendizagem fazerem passar progressivamente da área dos comportamentos senso-motores para a das condutas flexivas.

6. Na experiência da Televisão Educativa no Maranhão onde se adotou como norma passiva da ação docente o método dos problemas e como norma negativa, a abolição da aula de preleção pura e simples a aprendizagem deverá processar-se segundo esquemas diferentes da aula tradicional.
7. O esquema da aprendizagem conforme os princípios e métodos pedagógicos da TVE constituir-se-á um ciclo que se desenvolverá pequenas unidades da matéria, em torno de problemas levados à classe pelo professor.
8. Com respeito ao ensino de línguas estrangeiras, o esquema se transforma, atendendo à natureza dessa aprendizagem, que se situa na área senso-motora.
9. Para as matérias as matérias que se aprendem pela reflexão o esquema ou plano seria formado pelos seguintes passos ou fases:
 - 9.1 O primeiro passo será o lançamento, pelo professor de um desafio (estímulo) à classe, depois de devidamente preparada através de incentivos diversos, atingindo mesmo a afetividade dos alunos e pela utilização de abundantes recursos de percepção e associação. Para essa preparação a TV porta-se maravilhosamente e, estaria aí, certamente, a sua principal função na experiência educativa. O desafio virá no bojo de uma situação-problema, criadora de desequilíbrio psico-emocional no educando e provocado do dinamismo no processo de aprendizagem. Mas a situação-problema deve ser entendida não como qualquer pergunta. Nem toda pergunta é didática, somente é didática a pergunta que cria problemas, que leva à reflexão e conduz à aplicação de conhecimentos ou esquemas anteriores em novas situações. Isto exige de quem emprega a situação-problema, cuidados especiais de elaboração, apresentação e condução. Antes de ser lançada, a situação-problema deve ser preparada e condicionada através de informações, recordações e associações.
 - 9.2 Uma vez lançado o desafio, acha-se deflagrado o processo de aprendizagem, que continua então com o segundo passo, que é a reflexão - caminho inevitável até chegar a resposta provocada. A reflexão no ciclo de aprendizagem é de dupla natureza: individual e coletiva, uma vez que o aluno situa-se dentro de um grupo. Enquanto estuda e pesquisa sozinho procurando uma resposta, ele está refletindo individualmente, realizando, desse modo, valioso trabalho de construção e independentização. Quando passa a discutir no grupo e compara suas hipóteses com as trazidas pelos companheiros de equipe, ele continua refletindo, mas agora já dentro de um sistema crítico, ou seja a apreciação pelo grupo. Apesar de integrado no grupo, o aluno não poderá deixar de trabalhar individualmente. Trata-se, aliás de uma necessidade. A presença do grupo na sua aprendizagem é sobretudo crítica, a par de dinamizadora, estimuladora e socializadora. Sua ação individual é indispensável para que ele ganhe a própria autonomia ou independência cultural e possa no grupo manifestar-se com firmeza, equilíbrio e independência.
A discussão no grupo coletiva é por sua vez fundamental na construção do pensamento do aluno. É lá que ele se torna lógico, ou seja científico, racional, criador. A discussão leva o aluno a corrigir-se, a ampliar suas observações e experiências a manifestar suas idéias. E, principalmente, nisso a presença do grupo é benéfica: as idéias defendidas ganham personalidade, identificando-se com seus defensores, que as assimilam. Além disso, o aluno que se desinibe dentro do grupo tornar-se autônomo em todos os ambientes, pois ele aprendeu a expressar-se, a contestar e a sugerir.
 - 9.3 Da reflexão (individual ou coletiva) concretizada através do estudo individual e da discussão, nasce a resposta do grupo ao desafio lançado à classe. Esta resposta deve refletir a média de opinião do pensamento dos membros do grupo. É como que a súmula ou a síntese opinativa do grupo. Cabe ao relatório essa demonstração. É necessário porém, que se sinta como o aluno individualmente, reagiu ao desafio, que se lhe foi oferecido.
Trata-se de observar e medir a penetração no aluno da matéria ou ensinamento. Isso será facilmente conseguido pela aplicação de um teste. Lançado logo após a discussão, onde o problema foi resolvido pelo grupo, o teste captará o novo esquema de assimilação que o aluno vem de construir e juntar ao seu acervo de outros esquemas.
 - 9.4 Fato provado, tanto psicologicamente como pelo senso comum, sempre que damos uma resposta, fica em nós a necessidade de conferir a validade da mesma. Somente após esta confirmação, alcançamos o equilíbrio ou a tranquilidade interna tão procurada através dos diferentes passos do Ciclo de Aprendizagem, este conclui-se, portanto, com o debate do problema pelo plenário da classe. Aqui, cada grupo submete sua conclusões à apreciação, à crítica, à conferencia pelos demais. É esse o fim

principal deste último passo: conferir. A própria obtenção de uma síntese final resultante das conclusões dos diversos grupos, depuradas e unificadas, é menos importante.

10. O esquema de passos a seguir num Ciclo de Aprendizagem seria o seguinte:

PASSOS OU FASES		FUNÇÃO
1	Situação-problema	Desafio (estímulo)
2	c) Pesquisa (est. individual)	c) Reflexão individual
	d) Discussão (no grupo)	d) Reflexão coletiva
3	c) Relatório	c) Resposta Coletiva
	d) Teste	d) Resposta Individual
4	Debate	Conferência da resposta

11. Tratando-se do ensino de línguas estrangeiras que se situam na área das aquisições senso-motoras, e é problema mais de treinamento do que de reflexão - o processo ou ciclo desenvolver-se-á diferentemente. O caso aqui é fixar hábitos principalmente e, por isso, a repetição é o meio mais eficiente. Os passos, então seriam os seguintes:

- 11.1 Falar, mostrar, fazer- ou seja permitir ao aluno observar e sentir a demonstração, o ato, o fato a fim de poder repetir e, por aí assimilar.
- 11.2 Repetir é a segunda fase. Repetir conforme o modelo para criar ou condicionar o novo hábito.
- 11.3 Enquanto o aluno repete, acompanhar e verificar, para assegurar a repetição e assimilação correta, realizando ou providenciando os corretivos ou modificações que se faça necessárias.
- 11.4 Confirmada a correção da repetição, repetir incessantemente até surgir o nível ideal - Resultado de tudo isso será a aprendizagem de hábitos que por sua vez, constituirão novos instrumentos para novas atitudes.

ANEXO G - Carta de Cessão de Direitos**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL
PARA A UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ / RJ**

1. Pelo presente documento, _____

brasileiro(a), _____, carteira de identidade nº _____,
emitida por _____ CPF nº _____, residente e
domiciliado na _____,
Bairro _____, _____ cede e transfere
neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à Universidade Estácio de
Sá, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral
prestado no dia ____/____/2007, às ____ horas, na cidade de
_____, perante a pesquisadora Sandra Regina de Oliveira
Marques Passinho, brasileira, casada, carteira de identidade n. 440.986, emitida por
SJSP/MA, CPF nº 194.291.423-72, residente e domiciliada à Rua V9 Bloco IV Apto.
104 Residencial Água Branca II no Bairro do Parque Shalon na cidade de São Luís/
MA.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de
que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que
trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos
morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por
ocasião de qualquer utilização.
3. Fica a Universidade Estácio de Sá, pois, plenamente autorizada a utilizar o referido
depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos
a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.
4. Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses,
assinam o presente documento em duas (02) vias de igual teor e para um só efeito.

São Luis, _____ de _____ de 2007.

DEPOENTE

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

Nome _____

Sandra Regina de Oliveira Marques Passinho

CPF: _____

CPF: 194.291.423-72

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)